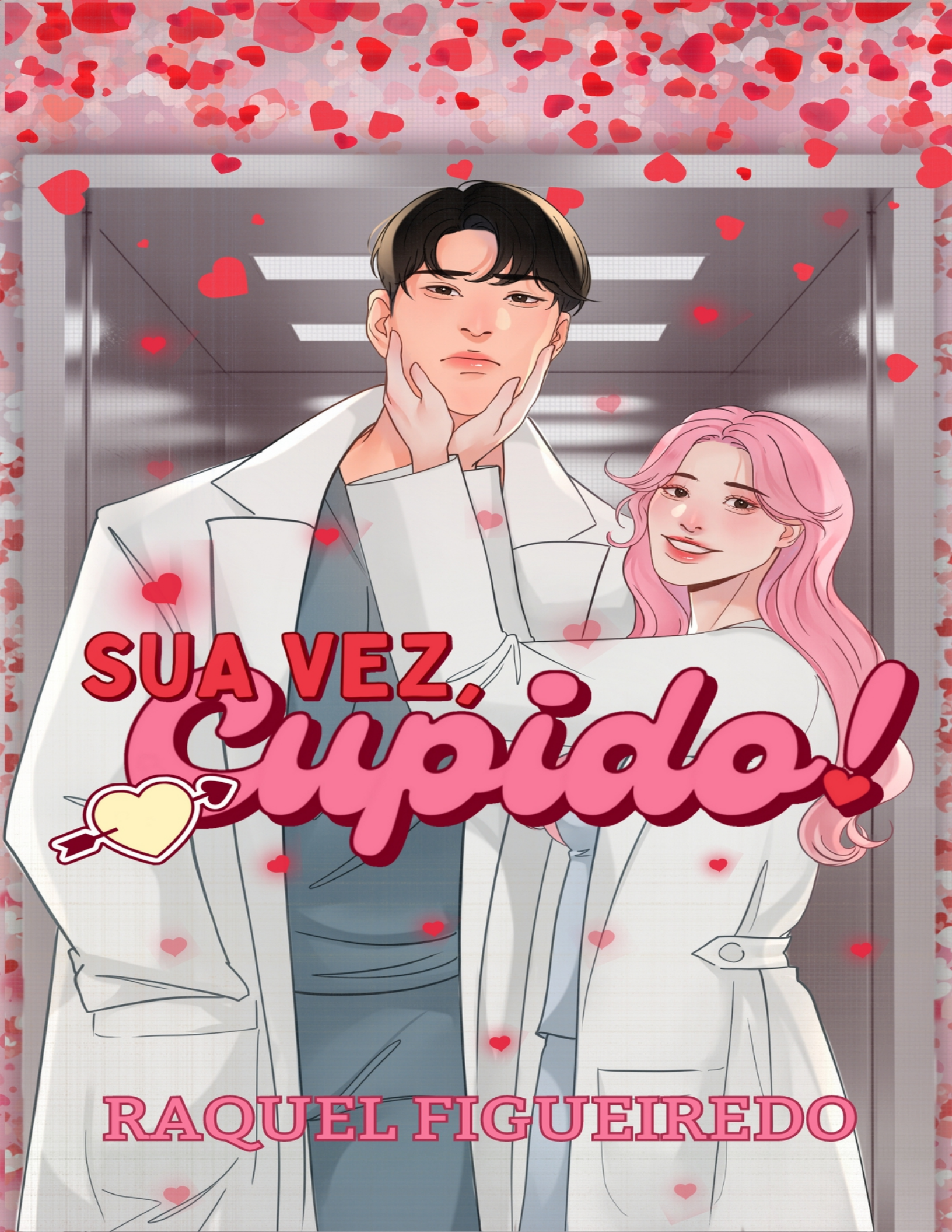

SUA VEZ,
Cupido!
RAQUEL FIGUEIREDO



SUA VEZ, CUPIDO!
1ª Edição

Raquel Cavalcanti Figueiredo

COPYRIGHT © 2024
Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução de toda ou
qualquer parte desta obra, por meio
eletrônico ou físico, sem o
consentimento da autora.
A violação dos direitos
autorais é crime estabelecido na
Lei n. 9.610/98 e punido pelo
artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança
com a realidade é
mera coincidência.

Revisão: *Amanda Lima Mont'Alverne*
Leitura Crítica e Sensível: *Amanda Turola*
Leitura Crítica: *Maria Flávia Calil - SOS Escrita*
Diagramação: *Raquel Cavalcanti Figueiredo*



QUE OS JOGOS DO AMOR COMECEM!

Emília Park tem tudo que quer, na hora que quer! Queridinha da família, queridinha na universidade, a Besourinha do Amor só coleciona sucessos em sua vida, seja em suas pesquisas científicas ou em seu *hobby* de juntar casais que têm tudo para dar certo! A única pedra em seu sapato é Gustavo Choi, sua antiga paixonite infantil e seu desafeto atual. Mas quem tem tempo para pensar no passado quando o trabalho de cupido ocupa quase toda sua agenda? Em busca de mais um sucesso, a Besourinha acaba trocando os pés pelas mãos e se vê em uma situação que só uma única pessoa pode tirá-la. O próprio Gustavo Choi!

Gustavo Choi sente que já está na hora de sossegar e levar sua vida mais a sério. Ele já é um exemplo no trabalho e na família por ser muito sério e responsável, mas por trás da personalidade certinha, Gustavo passou quase toda sua juventude curtindo e festejando. Entretanto, com 32 anos, ele acha que está na hora de virar uma nova página de sua vida. E, com certeza, o que não combina com essa nova fase é a filha do melhor amigo de seu pai, Emília Park, 10 anos mais nova e com uma certa aptidão em tirá-lo do sério. Seus caminhos vivem se cruzando, mas Gustavo está empenhado em evitá-la o máximo possível. Ele só não contava com o fato de acabar caindo em um dos esquemas da Besourinha do Amor e ter que fingir que ela é sua mais nova namorada para toda sua família e amigos.

Mais uma vez no cenário acadêmico da UFF, em Niterói - RJ, "Sua Vez, Cupido!" é o terceiro livro da série "Ciência do Amor" que traz tudo que o trope "Fake Dating" pede: duas pessoas que não se suportam tendo que fingir um namoro improvável!

Será que finalmente é a vez de uma cupido se apaixonar?



Ouça a playlist dos capítulos de Sua Vez, Cupido!



https://acesse.one/playlistsuavezcupido

Sumário

SINOPSE
NOTAS DA AUTORA
AVISO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
AGRADECIMENTOS



Olá! Tudo bem? Se você é um leitor novo, seja muito bem-vindo! Me chamo Raquel e sou autora da série Ciência do Amor e este é Sua Vez, Cupido! o terceiro livro!

Mas calma! É o terceiro livro, mas são histórias independentes! Não é necessário ter lido o primeiro, 52 Dias de Carnaval, nem o segundo, Amor em Fase de Testes. Todos os livros da série são independentes de ordem, então pode ler como quiser! Claro, os personagens podem ser citados em todos os livros, já que todos se passam no mesmo “universo”, o Instituto de Biologia da UFF, mas nada que afete sua leitura. Então leia tranquilamente e divirta-se com essa história maravilhosa que foi uma delicinha de escrever!

Mais uma coisa; Apesar de ser uma comédia romântica, Sua Vez, Cupido! contém temas que podem ser gatilhos para algumas pessoas. Aconselho interromper a leitura caso se sinta desconfortável. Os avisos estão na próxima seção. Por favor, leia com cuidado!

Sem mais delongas, desejo uma boa leitura!

Raquel Figueiredo



A leitura é recomendada para maiores de dezoito anos; contém cenas de sexo explícito, palavras de baixo calão, linguajar impróprio, consumo de drogas lícitas, discussão de temas de saúde mental e cenas descritivas de crises depressivas, de pânico e de assédio e abuso físico, psicológico e verbal.

Este livro contém temas que podem ser sensíveis para alguns públicos, porém não é intenção desta autora ofender ninguém. Os acontecimentos desta trama são fictícios e qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Se atente aos possíveis gatilhos:

Crise de pânico, crise depressiva, ideação suicida e tentativa (não por parte dos protagonistas), cyberbullying, assédio e abuso físico, verbal e psicológico (não entre os protagonistas).

Esta obra contou com a leitura sensível de uma profissional Psicóloga.

É de extrema importância que se houver algum desconforto durante a leitura deste livro, você pare. Sua saúde mental é muito importante!

Em casos de crises intensas ou de sentimentos de desesperança, procure ajuda de um profissional qualificado.

Pra você que teve que crescer rápido demais
E ficou com diversas feridas da infância
Pequeninas, mas que ainda doem
Ou cicatrizes que repuxam quando a primeira lágrima fora do lugar cai
Um abraço na sua criança interior

Raquel Figueiredo

“De fato, as verdadeiras desvantagens da situação de Emma eram o excesso de liberdade para seguir os próprios desígnios e uma tendência a pensar bem demais de si mesma”

(Emma – Jane Austen)



“Eu me recuso a ser comparada
Estou te dizendo a verdade
Se estivéssemos falando sobre meu valor
Eu valeria um bilhão de dólares, amor”
Now Playing: I AM THE BEST
2NE1

08/02/2025

Uma verdade incontestável do universo era que Emília Park era um *sucesso.*

— Discurso, discurso! — Jana, uma de suas melhores amigas, gritou enquanto estendia uma taça de espumante e balançava suas formosas tranças para todos os lados. — A Besourinha do Amor tem que fazer um discurso!

Todos riram diante da declaração. Emília estava na casa de sua outra melhor amiga, Lis, participando de sua festa de noivado. Jana pedia um discurso porque fora a própria Emília Park que juntara Lis com seu amado noivo, Dante, então era até compreensível que quisessem um discurso daquela que fora responsável por todo esse amor.

— Ai, não sei nem o que dizer! — ela brincou, jogando as madeixas do cabelo rosa-claro para trás. Tinha escolhido um vestido quase da mesma cor para comemorar a ocasião e estava simplesmente deslumbrante. — Eu não fiz nada, vocês dois que sempre foram feitos um pro outro, sabe?

Ela tentava simular uma falsa modéstia, mas todos ali sabiam que tudo que Emília tocava virava ouro. Se qualquer um tentasse listar seus feitos, só veriam um sucesso atrás do outro. Formou-se com honras na faculdade de biologia com somente 22 anos na Universidade Federal Fluminense, uma federal de elite. Engatou no mestrado em biotecnologia já com três artigos publicados e dois prêmios de excelência pelo método que criara na graduação. Tinha um Instagram com 30 mil seguidores, era marcada em blogs de moda e cada look seu era comentado por semanas. Na família, ela era a grande estrela, a primeira e única bisneta dos Park, uma das famílias mais influentes na comunidade coreana-brasileira do Rio de Janeiro. O sucesso era inegável, não havia como contestar, eram fatos.

Contudo, acima de qualquer coisa, Emília Park se orgulhava muito de seu sucesso como a melhor cupido de Niterói, a grande *Besourinha do Amor.*

Com Lis e Dante, a cena toda tinha sido quase coisa de filme, era o que Emília pensava. De início, Lis não tinha gostado nada do rapaz, eles estavam concorrendo pela mesma bolsa de mestrado no ano passado e as primeiras impressões foram péssimas. No entanto, a Besourinha viu na hora que aquele casal estava escrito nas estrelas. E depois de muitos planos mirabolantes e perguntas às vezes diretas demais, já que o casal tinha custado a aceitar que se gostava, os dois ficaram juntos para valer, estavam até noivos!

O melhor trabalho dela, com certeza.

— Vai ficar se fazendo de tímida agora? — Lis, a noiva, só torceu os lábios, fazendo uma careta. — Teve uma hora que só faltou você trancar a gente num quarto e jogar a chave fora.

— Ela me forçou a tocar guitarra na frente de um monte de gente só pra te impressionar, lembra? — Dante se pronunciou. — E todo dia me forçava a admitir que eu te achava bonita.

Emília deu uma risadinha, fingindo-se constrangida. Mas era impossível negar que Lis e Dante combinavam em tudo. Os dois eram super altos, cheio de tatuagens, com cara de poucos amigos e que gostavam das mesmas coisas. E, no fundo, dois fofos que só eram tímidos demais. Não teria rolado se não fosse pela intervenção da Besourinha, então Emília pouco se importava se a abordagem dela tivesse sido um pouco direta.

No fim, tinha dado certo. Sua melhor amiga, a mãezona do grupo que se preocupava com todo mundo e às vezes se esquecia de si própria, tinha conquistado um grande amor super dedicado. 1,98m, loiro, musculoso, tocava guitarra e era a pessoa mais gentil e atenciosa do universo.

Tinha como não se gabar daquele feito? Não tinha como, Emília ficaria falando de sua missão como cupido pelo resto da vida depois disso.

— Tudo pela felicidade dos meus mais estimados amigos! — falou, sorrindo. — Nada que esta serva do amor e da paixão não esteja acostumada!

Todos bateram palma, felizes. Contudo, Emília acabou escutando um pigarreio ao longe, uma vibração diferente de toda a alegria da festa.

Claro, nada no universo era absoluto, Emília sabia muito bem. Na própria ciência, não existiam resultados 100% positivos ou negativos, sempre haveria um ponto para contestar uma hipótese ou pesquisa. Na vida dela não era diferente, era evidente que alguém questionaria seus métodos e seu sucesso. Nada de errado com isso, Emília aceitava críticas.

O problema era que elas vinham sempre de uma pessoa só.

— Se engasgou, Gustavo? — Emília não perdeu a pose. Só se virou para o rapaz que estava um pouco afastado de todos, bebericando o espumante perto da varanda. — Foi com a bebida ou com veneno?

— Foi com uma idiotice que ouvi agora a pouco... — ele comentou, desinteressado. Deu outro gole no espumante, fitando o céu noturno de mais uma noite em Icaraí. — Mas já estou bem, pode continuar.

— Sem briga, sem briga! — Leandro, o *pós-doc* do laboratório onde Lis e Dante trabalhavam, disse enquanto girava pela sala espaçosa com um bebê no colo. — Senão a Jujuba vai chorar! E ninguém quer ver a Jujuba chorando, não é mesmo?

Ele estava falando da própria filha, Juliana, a bebezinha em seu colo. Todos do trabalho do casal foram convidados para a festa, até a orientadora estava ali, a professora Joana. Infelizmente, Gustavo Choi, aquele ser irritante que permanecia olhando para ela como se Emília fosse uma espécie de idiota, também fazia parte do laboratório de Lis e Dante e acabou sendo convidado também, quase um ponto sombrio e carrancudo no meio de tanta felicidade.

Era tipo um castigo dos deuses. Porque Emília não era só obrigada a conviver com ele quando se esbarravam na UFF. Não, na verdade, suas picuinhas com Gustavo Choi datavam de bem antes, quase uma vida inteira.

Ele era filho do melhor amigo do pai dela. As duas famílias, Park e Choi, se conheciam há décadas. Mesmo assim, Emília chegou a pensar que teria paz quando passasse para a faculdade, ainda que os dois fossem do mesmo curso, biologia. Gustavo era dez anos mais velho e já estava indo para o doutorado quando ela passou no vestibular, então qual seria a probabilidade? A paz e a distância daquele rabugento eram quase uma garantia.

Ela só não contou com sua melhor amiga entrando no laboratório dele como aluna de Iniciação Científica e querendo arrastá-la para todos os eventos que eles faziam.

E agora os dois estavam ali, obrigados a dividirem o mesmo espaço como seres humanos que não se odiavam pelo bem de Lis Duarte, grande amiga dos dois.

Emília faria qualquer coisa por Lis e Jana, era um fato. E se isso significava ter que conviver um pouco mais com o homem mais arrogante do universo, ela faria esse esforço.

Mas que era um saco, era. Chegava a ser insuportável.

— *Enfim...* — Retomou seu discurso. — Um brinde à Lis Duarte e Dante Krause, um casal escrito nas estrelas. Eu só dei um empurrãozinho.

— Um brinde à Besourinha do Amor! — Jana deu outro grito. — Ela nunca erra!

— À Besourinha do Amor! — Lis acompanhou, alegre. — Obrigada por ter me ajudado a encontrar o amor da minha vida!

Todos estenderam suas taças para o brinde, até Gustavo. Isso deixou Emília satisfeita. Por que se importar com a opinião da pessoa que menos importava no mundo? Não fazia sentido algum. No fim, todas as pessoas que amava estavam felizes com seus esforços para ajudar, o importante era isso. Ter que conviver com aquele chato era só um pontinho insignificante no meio de toda aquela felicidade. E ela tinha coisas mais sérias para se preocupar naquele momento.

2025 seria um ano de muito trabalho para ela, certamente. Não só no mestrado, Emília tinha planos para melhorar ainda mais sua empreitada de cupido. Havia Jana bem ali, presa em um relacionamento meio bosta com o primo de Dante. Eles tinham começado a ficar mais ou menos na mesma época que Dante e Lis, mas a relação dos dois não era nada boa. O cara era tão merda que não tinha se dado ao trabalho nem de aparecer na festa de noivado do próprio primo. Mas Jana ficava indo e voltando com ele, o que era um pouco preocupante. Emília tinha que tentar ajudar.

E havia seus colegas de trabalho também. Sua fama de casamenteira se espalhava pela UFF inteira e ela era sempre interpelada por alguém para criar seus planos de sucesso. Naquele momento, Emília tinha um projeto para

ajudar seu colega de mestrado a encontrar um grande amor. Ele era um cara legal e merecia ser feliz. Por isso, sua agenda estava cheia já no início do ano.

Resoluta, ela passeou pelo apartamento gigantesco de Lis e Dante – ela já tinha comentado que Dante era podre de rico? Emília tinha arranjado um milionário para sua melhor amiga. Como negar o sucesso dela? Era impossível –, verificando se a festa estava nos conformes. Parou no corredor perto dos quartos, deparando-se com um gatinho frajolinha que era simplesmente a coisa mais fofa do mundo inteiro.

— Ai, vem cá... — Ela não conseguiu se impedir de chamar o filhotinho, agachando-se. Ele correu até ela, saltitando, e Emília quase morreu de amores. — Não aguento essa fofura...

— Se você tocar nesse gato, vai estragar a festa inteira. — Escutou a voz de Gustavo logo atrás dela.

Emília nem fez questão de se virar. Só revirou os olhos, assistindo-o pegar o gatinho no colo e se afastar.

O que era aquilo? Ele estava a vigiando?

— Você é tão exagerado, Gustavo... — resmungou, colocando-se de pé. Ficou observando o rapaz acariciar o gato quase do outro lado do corredor, a expressão neutra dele de sempre deixando tudo ainda mais bizarro. — Eu tomei remédio e faço tratamento agora, tá? Consigo fazer carinho num gatinho sem morrer, ok?

Ela era bastante alérgica a gatos. O que era muito triste, pois seu sonho sempre foi ter um bichinho para chamar de seu. Mas ela quase morreu quando criança quando chegou perto de um e, desde então, chegar perto de felinos era proibitivo.

E como Gustavo Choi, seu maior desafeto da atualidade, sabia desse fato? Bem, tinha sido ele mesmo quem a socorreu quando ela teve a primeira crise alérgica. Emília tinha quatro anos e ele tinha 14. Na época, ele chegou a ficar com ela no hospital.

Aquele chato fora uma presença constante no início de sua infância, Emília não podia negar isso. Tudo acabou mudando quando ele se tornou o adulto mais insuportável do mundo. E, desde então, Emília tentava a todo custo evitá-lo o máximo possível, mas seus caminhos ficavam se cruzando o tempo todo e ela tinha que aturá-lo de vez em quando.

— Bem, só tô tentando fazer com que não estrague a festa que você mesma organizou. — Ele deu de ombros.

— Obrigada pela consideração, mas eu passo. — Emília abriu um sorrisinho falso. Deu as costas para ele, voltando para a sala.

Gustavo acabou indo atrás dela de qualquer forma. Deixou o gatinho em um canto e colocou as mãos nos bolsos.

— Quer uma carona quando acabar a festa? — ele perguntou.

Emília virou o corpo novamente, sua boca torcida em uma careta. Quando ela falava que seus caminhos ficavam se cruzando o tempo todo, ela não estava exagerando. A piada maior do universo era que aquele crápula era seu vizinho também, os dois moravam no mesmo prédio desde que o pai dela colocou na cabeça que Emília precisava de uma babá em Niterói.

— De novo, obrigada pela consideração, mas eu passo. — Mais um sorrisinho debochado. — Vou passar o fim de semana aqui, acompanhada das minhas amigas, o noivo dela e três gatinhos adoráveis. E não vou nem morrer, olha que incrível! Não precisa se preocupar.

E o deixou parado ali, caminhando de volta para o grupo que festejava. Jana a serviu com mais um pouco de espumante e elas brindaram novamente. Enquanto bebia, Emília assistiu Gustavo voltar a ficar perto da varanda, silencioso e calado, fitando o céu estrelado, seus olhos e cabelos negros quase harmonizando com a escuridão da noite.

Fez um beicinho desgostoso, bebericando o conteúdo da taça. Só Gustavo Choi para tirá-la do sério em uma noite feliz como aquela. Eles não eram nem amigos, então para que toda aquela preocupação?

Emília tentou não pensar mais no assunto. Afinal, de novo, para que se importar com alguém que não importava? Quem era Gustavo Choi diante de todo sucesso que era a vida da Besourinha do Amor?

Ninguém que valesse o esforço de ficar pensando pelo resto da noite.



“Seus batimentos cardíacos
Estão ficando mais rápidos
Não é normal seu coração acelerar
Quando você me vê”
Now Playing: (Russian Roulette)
Red Velvet

10/02/2025

Gustavo Choi não gostava da popularização dos dramas coreanos no Brasil.

Um adendo importante: ele adorava as novelas coreanas, sempre assistia com sua bisavó. E também apreciava muito que a cultura de seus antepassados tivesse se tornado tão amada em seu próprio país. O que ele não gostava eram das malucas que às vezes cismavam que ele era algum tipo de mocinho de novela só porque era asiático.

— *Oppa!*[1] — Ele sentiu um arrepio na base da coluna ao ser chamado daquele jeito. — Não pode me levar até em casa? Seu carro é tão legal...

Observou a mulher que estava parada bem no meio da sala do apartamento dele, enrolada em uma toalha e fazendo um beicinho para conquistá-lo. Depois da festa de noivado de Lis e Dante, Gustavo acabou engatando a noite em um *date* com uma garota que conversava há algumas semanas no *Tinder.* Eles finalmente tinham se encontrado e ela passou o resto do fim de semana ali, na casa dele. De

início pareceu ser uma boa ideia, ela era bonita e era boa de papo pelo chat do aplicativo.

Mas, *nossa,* como ele tinha errado. Que garota insuportável. Teve uma hora que, na cama, ela pediu que Gustavo só falasse em coreano. Aquela mulher sabia algo de coreano? Não, mas tinha pedido mesmo assim, alegando que queria encenar uma cena das novelas que mais amava, só que +18.

— Não dá, tenho que ir pro laboratório daqui a pouco. — Ele cruzou os braços, já um pouco irritado. Aquilo estava atrasando todos os planos dele. — Mas peço um Uber pra você. Se arruma.

— Ah, é mesmo. Ser médico deve ocupar todo seu tempo, né? Ser neurocirurgião e tudo mais... — A mulher não parava de tagarelar. — Um dos meus dramas favoritos é "Dr. Romântico"! Ai, acho que você se parece um pouco com o Yoo Yeon Seok, sabe?

Ele não era nada parecido com o Yoo Yeon Seok. Não era neurocirurgião e muito menos médico. Gustavo era biólogo, neurocientista formado em excelência na Universidade Federal Fluminense. Tinha ganhado prêmios por sua pesquisa, seus artigos eram publicados em revistas de alto impacto. Mas nada daquilo parecia importar para aquela maluca.

— Só vai se arrumar, pelo amor de Deus... — bufou, apertando a ponte do nariz com os dedos.

Ela finalmente obedeceu. Quando ficou pronta, Gustavo já estava com o celular aberto no aplicativo, pedindo um carro para ela. A garota teve que segui-lo quase correndo até o elevador, arrumando as coisas que deixara pela casa dele na bolsa.

— Ai, *oppa,* foi ótimo! — falou, piscando seus olhos bonitos pelo espelho do elevador. Contudo, Gustavo não estava nem olhando para ela. — Quando a gente pode repetir?

Ele inclinou as sobrancelhas, entediado.

— A gente vai se falando... — falou, quase suspirando de alívio quando o elevador chegou no térreo.

Preciso parar de fazer esse tipo de coisa, pensou. Quando ele tinha uns vinte e poucos anos, parar na cama com qualquer uma era sempre incrível. Agora, com 32, Gustavo ficava mais cansado de interagir daquela forma do que qualquer outra coisa. Talvez ele devesse seguir os conselhos de seu pai e sossegar de vez.

Afinal, era o que faltava para a vida dele entrar nos conformes. Sua carreira era mais do que satisfatória, era um sucesso sem fim. No último ano de seu doutorado, Gustavo já era um cientista completo, arranjaria trabalho onde quisesse e era relevante na comunidade acadêmica. Além disso, era um orgulho em sua família e na comunidade coreana carioca, algo que ele gostava bastante. Sua saúde estava em seu primor, seu porte físico também e ele era um rapaz muito bonito, não era difícil de admitir.

Acima de tudo, Gustavo Choi era um cara muito pragmático. E tudo lhe dizia que já estava na hora de levar aquela parte de sua vida um pouco mais a sério. E isso não aconteceria nunca se ele continuasse atrás de mulheres que o viam como um idol de *k-pop* ou protagonista de dramas coreanos.

Ele chegou até a cogitar arrumar uma namorada quando fez intercâmbio na Coreia do Sul. Gustavo ficou mais de um ano lá e pensou que, pelo menos assim, ninguém o fetichizaria.

Contudo, ele percebeu ali que era *brasileiro* demais. Havia umas diferenças culturais que Gustavo nunca conseguiria superar e que dificultariam um relacionamento. Talvez ele só não tivesse tanta paciência para fazer dar certo, mas acabou encontrando esse impedimento e voltou para o Brasil solteiro.

E por que não namorar alguém que fazia parte da própria comunidade coreana-brasileira? Era uma boa

pergunta. Se ele fizesse isso, realizaria um grande sonho de seus pais, de seus avós e de sua bisavó.

Ele só... não tinha se interessado por ninguém. A comunidade não era tão grande assim e ele conhecia a maioria das pessoas de sua idade desde pequeno. Claro, existiam várias mulheres coreanas-brasileiras que moravam no Brasil ou até mesmo no Rio de Janeiro que ele não conhecia, mas às vezes Gustavo ficava se perguntando se tudo aquilo não daria um trabalho do cão.

Lidar com as expectativas de sua família era um pouco difícil, ele tendia a evitar dar esperanças que só os deixariam frustrados depois.

O Uber já tinha chegado e estava estacionado perto da portaria do prédio. Gustavo abriu a porta para a garota, agradecido por finalmente estar se livrando dela. No entanto, antes que pudesse entrar no carro, a mulher derrubou sua bolsa no chão.

Alguns de seus pertences pararam bem próximos a um par de sapatos muito altos. Eles eram cheios de coraçõezinhos e Gustavo não precisou pensar muito para saber a quem eles pertenciam.

Emília estava parada bem diante dos dois, vasculhando com os olhos o conteúdo que tinha acabado de cair aos seus pés, os óculos escuros pendurados na ponta do nariz enquanto analisava tudo. Gustavo fez o mesmo e o que viu o deixou mortificado.

Uma calcinha, um vibrador e um par de algemas. Era isso.

— Aqui. — Emília conseguiu pegar as algemas. Eram rosa e as pulseiras eram felpudas. — Deixou cair.

— Ai, obrigada! — A mulher pegou seu item de volta, sorrindo. — Até mais, *oppa!* Eu te ligo mais tarde.

E entrou no carro, indo embora. Emília estalou a língua, suprimindo uma risada.

Gustavo sentiu suas bochechas arderem de vergonha. Não que ele devesse explicações para Emília Park, mas que

cena era ser chamado de *“oppa”* na frente de alguém que sabia o quanto era ridículo. Isso o deixava mais irritado do que Emília saber que ele gostava de usar algemas na cama.

— Bom dia, Gustavo. — No entanto, ela nem sequer se deu o trabalho de fazer qualquer tipo de comentário. Só passou por ele e entrou no prédio, arrastando uma mala de rodinhas rosa e cheia de glitter.

Ele deu um suspiro, fazendo o mesmo caminho e os dois entraram no elevador em silêncio. Emília vestia uma espécie de terninho branco, cheio de lacinhos nas mangas, saia da mesma cor, uma bolsinha rosa a tiracolo com o logotipo escrito *“miu miu”,* além dos sapatos espalhafatosos e óculos escuros gigantescos. Ele não entendia muito o senso de moda de Emília, mas concluía que o conjunto inteiro era bonito, de fato.

E aquele cabelo rosa. Por algum motivo, Gustavo não conseguia parar de olhar para o cabelo dela desde que Emília pintara daquela cor. Parecia ser cheiroso e macio, como as flores de cerejeira que seu avô tinha plantado na casa de sua bisavó. O Rio de Janeiro era quente demais para que elas florescessem direito, mas Gustavo se lembrava de ter gostado muito da cor quando viu as flores pela primeira vez.

E o cabelo de Emília era dessa exata tonalidade. Era bem bonito e às vezes ele tinha vontade de passar a mão por ele inteirinho. Depois ficava se repreendendo por um dia inteiro, porque era meio estranho querer tocar no cabelo de alguém que foi uma garotinha que, por quase toda sua vida, ele sempre achou insuportável.

Gustavo era dez anos mais velho que ela. Lembrava-se de ter que conviver de vez em quando com Emília quando ela era um bebê, já que seus pais eram melhores amigos e ela perdeu a mãe muito cedo. Depois ela se tornou uma criança que exigia a atenção de todo mundo e ele nunca teve muita paciência com aquilo, ficava fugindo de interações e se emburrava quando era obrigado a lidar com

ela. Quando Emília se tornou adolescente, eles já não eram nada próximos.

Entretanto, um período muito longo devia ter passado e ele acabou não notando o quanto ela tinha crescido. E agora ficava andando por aí com aquele cabelo rosa que às vezes arrancava alguns suspiros dele.

Era um pouco estranho.

Por sorte, Emília não gostava muito dele. Isso evitaria que Gustavo fizesse alguma besteira no futuro. Era melhor assim.

— Tá voltando da casa da Lis? — ele acabou perguntando.

— Sim. Não morri, viu? Pode dormir em paz agora — Emília comentou, um pouco ácida demais.

— Ah, ok — Gustavo murmurou. Não sabia bem o que dizer, não era sempre que tinham uma conversa amena.

O elevador chegou no andar deles. Emília saiu primeiro e Gustavo foi logo atrás, mais uma vez fitando suas madeixas. Elas chegavam quase na cintura e estavam onduladas naquele dia. O cabelo de Emília era bem liso e ele ficou se perguntando no tanto de trabalho que ela tinha para ondular cada mechinha rosa.

Pensou que ela devia ficar bonita enquanto fazia isso.

Eita, porra, repreendeu-se. Tudo bem, Emília Park tinha crescido e ficado muito bonita. Mas ainda era um pouco insuportável, sempre criando planos para chamar cada vez mais atenção.

Ele detestava aquela história de *Besourinha do Amor.* Porque, no fim, era só Emília brincando com os sentimentos de pobres coitados. Aquilo só mostrava que ela continuava sendo uma inconsequente, estivesse ela linda ou não.

Muito linda, ele não evitou de pontuar em sua cabeça.

— Quer uma carona até a UFF? Vou sair daqui a pouco — ofereceu. Não sabia exatamente o motivo de ter feito isso.

Antes de ir para o intercâmbio, a existência de Emília para ele era insignificante. Contudo, desde que voltara no ano passado, palavras e ofertas como aquela ficavam escapando de sua boca.

Por que querer se aproximar de Emília Park? Isso era o mais estranho de tudo.

Tinha sido aquele cabelo, com toda certeza do mundo. Antes do intercâmbio, Emília usava o cabelo na cor natural, castanho-escuro, no máximo usava algumas mechas coloridas de vez em quando. Era bonito, mas nada que o alarmasse tanto assim.

Mas aí ele voltou e ela estava com o cabelo todo rosa.

E Gustavo não conseguia parar de pensar nisso.

— Obrigada pela consideração, mas eu passo — ela repetiu o que dissera na festa. — Vou só de tarde. Até mais.

E entrou no próprio apartamento, deixando-o sozinho no corredor. Como uma garota dez anos mais nova conseguia fazer com que ele se sentisse um idiota? Gustavo só estava tentando ser gentil.

— Que perda de tempo... — resmungou, caminhando até sua própria casa. Eles não eram vizinhos lado a lado, mas moravam no mesmo corredor.

Ele tinha muito trabalho para fazer, de qualquer forma. E odiava se atrasar ou que algo atrapalhasse seus experimentos. Por isso, ficar dando bola para as grosserias daquele demoniozinho de cabelo rosa não o levaria a lugar nenhum.

Que perda de tempo se dar ao trabalho de sentir alguma coisa por Emília Park.



“Sempre me mantenho positiva
Tenho a síndrome
Da garota sortuda”
Now Playing: Lucky Girl Syndrome
ILLIT

A primeira coisa que Emília fez ao entrar em casa foi soltar um longo suspiro.

Não por causa de Gustavo. Por serem vizinhos, ela já tinha se acostumado com o fardo de ter que esbarrar com ele quase que diariamente. Cenas como aquela da moça derrubando itens de *sex shop* enquanto o chamava de *oppa* eram raras, mas encontrá-lo no elevador ou perto da área da lixeira era algo bem comum.

O suspiro tinha sido por causa de seu pai. Emília não tinha conseguido falar com ele durante o fim de semana inteiro. Sabia que ele estava bem pelos relatos do Sr. Choi – o pai de Gustavo e melhor amigo de seu pai –, mas era sempre preocupante quando seu pai se concentrava tanto no trabalho ao ponto de se esquecer do mundo.

Preocupante era pouco para descrever. Emília quase tinha um treco só de pensar que algo poderia acontecer com o pai, com as pessoas que mais amava. Nem todos os remédios que tomava e os anos de terapia tinham amenizado as crises de pânico provocadas por esses pensamentos.

Outra verdade incontestável do universo? Emília era a pessoa mais feliz e mais triste que existia no mundo. Não havia meio termo. Quase sempre, ela era aquela pessoa cheia de energia, otimista e que distribuía sorrisos para qualquer um. No entanto, Emília às vezes caía em buracos muito profundos. Tão profundos que era até inacreditável que ela tivesse conseguido sair de todos eles até agora.

Ela entendia muito bem como funcionava um cérebro depressivo. Afinal, era uma pesquisadora, cientista e seu pai era psiquiatra. Não era da neuro, mas sabia muito bem que tudo aquilo era mais uma questão de química, neurotransmissores e genética do que as tragédias que sua cabeça criava, mas era impressionante notar o quanto ela podia afundar dentro de si mesma com um único pensamento como gatilho, como uma pessoa que era movida pela alegria e pelo amor conseguia ficar tão mal ao ponto de entrar em um estado quase catatônico.

Soltou outro suspiro e deu um passo à frente, por fim chegando em casa de fato. Ela mal tinha tempo para pensar em tudo aquilo; tinha entrevistas para fazer com os candidatos à Iniciação Científica em seu laboratório e Lis e Jana tinham marcado um piquenique de almoço, então Emília ainda precisava comprar a comida que levaria.

— Tenho... meia-hora até precisar sair de novo. — Conferiu o relógio de pulso, calculando o tempo que tinha.

Ela tinha mentido para Gustavo que só iria de tarde para a UFF? Sim, tinha. Uma carona seria até vantajoso na situação atual dela, já que assim não teria que pedir um Uber? Sim, claro. Mas o fator de ter que conviver e conversar minimamente com ele era bem importante. E, por estar estressada com o sumiço do pai, ela acabou optando pela saída mais fácil.

Mais um suspiro. Jogou a bolsa no sofá e deixou a mala de lado enquanto retirava os óculos escuros. Depois descalçou os sapatos, colocando-os debaixo do braço. Caminhou pelo corredor do apartamento amplo, abrindo a

porta do quarto que servia como closet. O sorriso obrigatório de sempre escapou assim que ela avistou suas roupas organizadas e perfeitinhas, sua penteadeira arrumada e bonita.

Entrar ali era quase uma terapia diária.

Pensar que Emília Park era só uma patricinha desmiolada era um erro comum. Sim, ela era uma patricinha de marca maior, mas era muito organizada e metódica, além de saber automatizar muito bem todo seu processo de montagens de looks. Era uma arte e ao mesmo tempo uma técnica, algo que ela sempre gostou muito de fazer. Controle e criatividade, tudo podia dar errado, mas sempre havia ordem ali, independente do estado mental de Emília.

Alcançou o *iPad* na penteadeira, acessando sua planilha de looks. Estava cansada pela festa de noivado de Lis e com toda a preocupação pelo pai, por isso não queria pensar muito no que vestiria, além de ter pouco tempo para se decidir. Mas o piquenique pedia um look bem pensado e as fotos que tirariam seriam ótimas para seu *feed* no Instagram e para seu *daily vlog,* então a tarefa exigia que ela tivesse um pouco mais de planejamento.

— Não dá pra errar com o básico… — murmurou para si mesma, conferindo os arquivos. — E complementar com acessórios. Uma vibe *Clean Girl meets y2k...* Perfeito. Não tem como ficar ruim.

Um pouco mais feliz, buscou as peças que queria no closet: uma calça jeans cargo clara de cintura baixa e com decalques de margarida, uma *t-shirt* vintage branca e um all star rosa-claro, quase da mesma tonalidade que o cabelo dela. Ela ainda teria que trabalhar no laboratório naquele dia, então sua escolha estava satisfatória para todas suas tarefas do dia.

100% de sucesso. Ela já se sentia bem melhor só com aquilo.

Vestiu as roupas enquanto procurava por uma padaria pelo *Ifood,* algo que entregasse o que queria na velocidade da luz. Ia acabar se atrasando se a entrega demorasse demais.

E se ela reconsiderasse a carona de Gustavo? Talvez fosse uma boa. Acabou se lembrando dos dois no elevador minutos atrás, do olhar inexpressivo dele analisando cada centímetro de sua roupa, seu cabelo. Quantas críticas ele teria tecido naquela cabecinha irritante? Emília tinha chegado a um ponto que até a respiração dele a irritava.

Sem contar que ela teria que bater na porta dele, falar que tinha repensado sobre a carona. E explicar que, de certa forma, tinha mentido na cara dura só para evitá-lo.

— Melhor não... — Emília deu uma risada ao pensar na cara que ele faria quando descobrisse a mentirinha. Pelo menos seria engraçado. — Quem precisa de Gustavo Choi? Com certeza, eu não!

Achou a padaria. Fez o pedido e selecionou a opção de entrega expressa. Ao mesmo tempo, Jana lhe enviou uma mensagem com uma foto do bolo que estava confeitando.

Pelo visto, ela ficou cozinhando de madrugada. Tinha ido embora da casa de Lis no domingo à noite e agora mandava fotos de um bolo elaborado que provavelmente levou horas para ficar pronto.

Janaína Albuquerque
O que acha?
Pensei em decorar com pérolas comestíveis
Deixar uma vibe meio casamento, sabe?
Recheio de maracujá trufado
Fiz do zero
Coei tudo na mão porque não podia fazer barulho de noite, né?
Mas tá ficando lindo

Emília Park

Parece ótimo!
Bom que combina com os doces que a Lis e o Dante vão levar
Mas por que decidiu fazer isso tudo?
Você disse que ia ser só um bolinho simples

Janaína Albuquerque
Era isso ou chorar até amanhecer
Preferi confeitar um bolo

Emília Park
Deixa eu adivinhar
Seu problema começa com Hen
E termina com Rique?

Janaína Albuquerque
Sabe uma coisa que não consigo entender?
Como um homem que me come tão bem
Consegue partir meu coração tão bem também
Não dá pra entender

Emília Park
Vou confiscar seu celular
Já faz quase um ano que você tá nessa, amiga

Janaína Albuquerque
But daddy I love him![2]

Emília Park
Cite Taylor Swift falando do Henrique mais uma vez
E eu juro que nunca mais falo com você

Janaína Albuquerque
Chata
Enfim
Te vejo na hora do almoço
Te amo amiga
Até mais

— Ah, o que eu vou fazer com você, Jana? — Emília torceu a boca, preocupada.

Saiu do closet, cruzando o corredor até o quarto que usava como escritório. Ao mesmo tempo que conferia se seu pai a respondera, buscou o notebook e a agenda, colocando-os em uma ecobag que comprara em um brechó em Laranjeiras. Tinha sido um achado durante um passeio com Lis, Jana e Dante no ano passado. Lis ficou comentando por uma semana o quanto tinha sido barato e vantajoso, quase se esquecendo que agora era tão rica que poderia comprar o brechó inteiro se quisesse.

Certos hábitos eram difíceis de largar e Emília achava adorável o fato de sua amiga permanecer igual mesmo tendo mudado completamente de vida. Era isso que mais amava nela. E adorava vê-la feliz e sendo mimada pelo noivo podre de rico.

— Ai, como acertei com esses dois, nossa! — Emília se gabou, tagarelando pelo apartamento. — A melhor cupido de Niterói, sem dúvidas! Quem liga pro que o idiota do Gustavo pensa? Com certeza, eu não!

Emília ligava um pouquinho, era um fato. Gustavo em sua infância tinha sido como um Deus para ela, inalcançável e inatingível, e era difícil largar hábitos antigos, ainda que a vida adulta agora a dissesse que ele era só um chato.

Lembrou-se de Lis novamente e resolveu mandar uma mensagem para ela. A situação de Jana era preocupante, talvez elas precisassem intervir.

Emília Park

Alguma chance de conseguirmos uma medida protetiva pra Jana contra o Henrique?

Será que o Dante empresta os advogados caríssimos dele?

Pergunte pro seu noivo, por favor

Se não der

Um soco na cara do primo idiota dele resolve

Jana assou e confeitou um bolo de casamento no meio da madrugada
NÃO DÁ MAIS

Elis Duarte
Meu Deus do Céu
Tadinha
Ela saiu tão feliz daqui no domingo

Emília Park
Cancela o soco então
Vamos castrar ele
Não estou brincando

Elis Duarte
Não sei mais o que fazer sobre isso
Dante já falou com ele pra se afastar dela
Mas eles sempre voltam
Quer dizer
Ele dá um perdido nela e depois chama de novo
E se a gente arranjasse um cara legal pra ela?
Cadê a Besourinha do Amor?

Emília Park
Ai amiga
Eu queria tanto
Mas é complicado
Jana não tá bem pra ter um relacionamento
Não apaixonada pelo Henrique desse jeito
Primeiro a gente precisa se livrar dele
E não sei como
ELE SEMPRE VOLTA

Elis Duarte
E se a gente desse um bichinho pra ela?
Um pet sempre ajuda
De verdade

Emília Park
Seria uma boa mesmo
Amor incondicional né?

Elis Duarte
É
E um trabalhão pra cuidar
Ela não vai ter nem tempo pra pensar no Henrique

Emília Park
Bom plano
Vamos aprofundá-lo nessa semana
Tenho que ir amiga
Estou atrasadíssima
Preciso sair daqui a pouco
Não sou uma morceguinha como você
Que quase madruga pra ir trabalhar

Elis Duarte
Você foi embora e eu e o Dante já fomos pra UFF
Nem o Gustavo chegou ainda
Por que não pega uma carona com ele?
Ele ainda deve estar em casa

Emília Park
Vou nem te responder

Elis Duarte
Ai ai
Ah
Acho que você levou meu vestido na sua mala sem querer
Quando me fez trocar de roupa por um milhão de vezes só pra tirar foto, lembra?
Fui arrumar a bagunça que deixei e não achei aquele branco
Dá uma conferida, por favor
Tô com medo do Dante ter colocado ele na máquina sem querer e esse vestido tem que lavar à mão

Emília Park
Ai, que orgulho da minha amiga que agora até lê as etiquetas das roupas pra saber como lavar
E não usa mais poliéster
Vou dar uma olhada

Emília foi até a mala que havia deixado na sala. Abriu e achou a roupa de Lis na hora. O interfone tocou bem no exato momento em que ela respondia que havia achado o bendito vestido. Colocou o celular no bolso e pegou as chaves, correndo para descer até a portaria. Quando estava chamando o elevador, acabou esbarrando com seu nêmesis mais uma vez.

Que sina, pensou, suspirando quando Gustavo ficou ao seu lado, já arrumado e pronto para sair, pelo que parecia. Ele a analisou de cima a baixo de novo, semicerrando os olhos.

— Você se arruma pra ficar em casa? — ele perguntou. Entraram juntos no elevador.

— Não, vou sair — falou sem pensar. Depois, quando percebeu o erro, só estalou a língua, fingindo desinteresse. — De tarde. Mas gosto de me adiantar.

Ele fez uma careta, revirando os olhos. Emília abriu um sorrisinho.

— Tá atrasado hoje, Gustavo? — provocou. — A Lis disse que já está na UFF.

Gustavo só faltou rosnar para ela. Emília sabia bem o quanto ele odiava se atrasar e cometer algum erro que manchasse a imagem de perfeitinho que se esforçava tanto para manter.

— Bom dia, Emília... — ele resmungou quando o elevador chegou no térreo. Não olhou para ela, só caminhou rapidamente até a garagem.

Emília segurou uma risada com tudo que tinha. Pegou sua entrega com o motoboy e subiu de volta para casa. Se

continuasse daquele jeito, a atrasada seria ela e Emília também não gostava muito de se atrasar.

Assim que estava quase saindo de novo, já pronta e com tudo em mãos, seu celular apitou mais uma vez.

Seu pai finalmente tinha conseguido dar sinal de vida.

Lineu Park
Oi, filhinha!
Perdoa o papai, acabei não conseguindo responder
Vamos sair pra passear amanhã pra compensar meu erro?
Seu pai está bem, ok?
Não precisa se preocupar

Emília Park
Não sei se quero te perdoar
Ficou o fim de semana inteiro sem responder!
Tive que falar com o tio Murilo!

Lineu Park
Não seja assim, Mimi
Estou me preparando pra aquele congresso em Nova York na semana que vem, lembra?
Vai dar tudo certo
Que tal um presente de lá quando eu for?
O que quiser
Só me falar que compro

Emília Park
Hm
Um sapato e uma bolsa?

Lineu Park
Fechado
Te amo, Mimi
Se cuida
Terça passo aí pra te pegar
Beijos

Emília conseguiu respirar fundo pela primeira vez naquela manhã, bem mais calma do que quando chegou. Alcançou o porta-retrato que mantinha no escaninho perto da entrada antes de ir embora. Havia uma foto de sua mãe ali, bem jovem.

— Ai, mãe... O que eu faço com o papai, hein? Ele não toma jeito... — Alisou o vidro do porta-retrato, o rostinho alegre da mãe sob os dedos. Era quase alarmante notar o quanto ela mesma estava ficando parecida com Julieta Kim. O que mudava era o cabelo rosa, só. O resto era uma cópia perfeita.

A mãe dela tinha morrido com 25 anos. Emília ia fazer 23 naquele ano. Não demoraria muito para que ficasse mais velha que a mãe, que entrasse nos 30 e fosse viver tudo que Julieta não tinha vivido. Era estranho pensar nisso, Emília sempre se sentia fora do lugar ao pensar no quão jovem sua mãe falecera.

Julieta Kim tinha morrido com 25 anos no parto da primeira filha. Não aproveitara muito do casamento, da maternidade, da vida. Estava para se formar em medicina ainda. Uma pessoa alegre e jovial, cheia de planos e perspectivas. E tudo desmoronou de uma vez só. Por causa dela.

Era sempre estranhíssimo pensar sobre isso.

Colocou a foto de volta no lugar que pertencia, voltando a suspirar pesadamente. Sempre feliz demais e triste demais, não havia meio termo. Era o que Emília pensava sobre si mesma.

E por fim saiu de casa.



“Estou voando em meus sonhos agora mesmo
Todo mundo diz que isso não pode ser feito
Por quê?
Não posso perder
É impossível”
Now Playing: Impossible
RIIZE

— Ah, Gustavo. Você chegou! — Lis o cumprimentou assim que ele entrou pela porta do laboratório de neurociências em que trabalhavam na UFF. — A gente tava só te esperando pra começar a entrevista dos novos ICs. Você se atrasou um pouco.

Elis Duarte se arrependeu de ter mencionado o atraso de Gustavo assim que a frase saiu pela sua boca. Metódico, rígido e organizado, o doutorando era alguém que quase nunca se atrasava ou se enrolava com experimentos e eventos do laboratório. Contudo, mesmo a perfeição de uma agenda não era imune a imprevistos e, muito de vez em quando, Gustavo Choi chegava alguns minutos depois do combinado.

E isso já era o suficiente para transformar a vida de todos naquele laboratório em um verdadeiro *inferno.*

Ele não falou nada, só colocou sua mochila no armário e buscou o jaleco dobrado e impecável em sua gaveta. Pegou o caderno e suas canetas, guardando-as no bolso do jaleco. Foi só aí que ele teve a decência de cumprimentar a mestranda.

— Bom dia, Lis — falou, passando por ela enquanto conferia suas anotações na agenda do celular. Quatro candidatos à Iniciação Científica no laboratório. Dois da biologia, uma da biomedicina e um da farmácia. Sua orientadora tinha pedido que ele fizesse as entrevistas no lugar dela. — Todo mundo já chegou?

— Já! Estão lá perto das bancadas com o Dante.

— Ótimo. Vamos começar logo, então.

Caminhou até a área das bancadas do laboratório, onde a maioria dos experimentos eram realizados. Os quatro candidatos se enfileiraram quando ele chegou, pigarreando e se endireitando. Dante Krause, o outro mestrando do laboratório e noivo de Lis, só mexeu as sobrancelhas para cumprimentá-lo. Diferente da noiva, ele sabia bem que não devia nem cruzar o olhar com Gustavo em um dia que ele chegava atrasado. Há pouco tempo mesmo, Gustavo havia chegado de mau-humor e o fez lavar minuciosamente todos os tubinhos de ensaio que existiam no laboratório porque havia encontrado um que Dante não lavara direito.

Gustavo analisou os candidatos. Todos de jaleco pelo menos, era o mínimo. Olhou para baixo e franziu o cenho.

— Você tá de chinelo? — perguntou para o menino bem no meio.

O garoto engoliu em seco. Gustavo subiu o rosto, seu olhar fulminante quase o partindo ao meio. Leu o nome do candidato bordado no tecido. Era um da biologia.

— Sai. — Indicou a porta.

O garoto nem o contestou, foi embora quase correndo. Gustavo pegou o celular e riscou o nome dele da lista.

— Bem-vindos ao Laboratório de Neuroquímica Molecular e Comportamental — prosseguiu com a entrevista. — Ele é comandado pela Prof.ª Dr.ª Joana Ferreira. Atualmente contamos com o corpo discente constituído pelo Dr. Leandro Mendes, o pós-doc, eu, Gustavo

Choi, aluno de doutorado, e Elis Duarte e Dante Krause, alunos de mestrado. Prazer em conhecê-los.

— P-prazer… — os três que sobraram o cumprimentaram. Estavam tremendo desde que Gustavo expulsara o primeiro candidato.

— Vou mostrar o laboratório primeiro. Vamos começar pela sala de cirurgia e de coleta de amostras. Vamos lá.

Todos o seguiram até a saleta. Havia mais algumas bancadas, uma capela para perfusão e manuseio de soluções, além de um aparelho estereotáxico para as cirurgias cerebrais que realizavam no laboratório.

— Como sabem, trabalhamos com modelos animais aqui — Gustavo prosseguiu. — Seguimos estritamente o regimento do CEUA[3] e o princípio dos 3Rs[4]. Todos já fizeram a disciplina de bioética na graduação?

— Ah, eu não fiz ainda… — A menina da biomedicina murmurou. Lis e Dante prenderam a respiração ao mesmo tempo. — Tem problema?

Gustavo respirou fundo. Depois apontou para a porta de novo.

— Sai. — A expressão dele não mudou por um segundo sequer.

A garota fez um beicinho, mas foi embora. Os dois que ficaram só faltavam começar a chorar.

— Microscopia — ele bufou. Tinha perdido até o fio da meada da entrevista. E já estava de saco cheio no início do dia. Isso nunca era um bom sinal. — Vamos.

Foram todos para a sala de microscopia. Normalmente, eles faziam a maioria das análises das imagens no escuro, mas Gustavo acendeu a luz para mostrar o equipamento. Ali havia o microscópio confocal e o de deconvolução. Ele ligou o computador para mostrar algumas imagens, mas a cena que viu assim que os candidatos entraram na sala quase gelou seu sangue.

O menino da farmácia tinha acabado de mexer no ajuste de um dos microscópios.

Atentos ao silêncio dele, todos o encararam. Foi aí que o garoto percebeu a besteira que fizera.

— *Sai* — Gustavo rosnou por entre os dentes.

Lis soltou um suspiro ao assistir o garoto ir embora. Deu uma olhadela em Dante e ele só deu de ombros, segurando uma risada.

— Bem, acho que só sobrou você agora. — Gustavo analisou o candidato que sobrara de cima a baixo. — Alguma observação pertinente que possa poupar meu tempo com essa entrevista ou podemos continuar?

— Ah, nenhuma! — o garoto gaguejou. — Estou muito animado pra conhecer o resto do laboratório!

— Certo. Como só tem você agora, posso começar a explicar as linhas de pesquisa que estudamos aqui. Pega seu caderno pra anotar.

— Ah, não gosto muito de anotar as coisas... Mas minha memória é ótima, pode apostar.

Silêncio. Gustavo tentou se impedir de expulsar aquele infeliz e não ter mais ninguém para entrevistar.

— É importante que anote as informações — ponderou. — Tudo bem hoje, mas acredito que manterá um caderno de protocolos assim que começar a aprender?

— Posso tirar fotos dos protocolos que vocês já têm? Acho que assim fica mais fácil pra todo mundo. Minha letra é horrível, nem eu entendo o que eu escrevo às vezes.

Gustavo soltou o ar pela boca. Depois torceu os lábios, apertando a ponte do nariz com os dedos.

— Sai. Só sai. — Sacudiu a mão para o aluno. — Antes que eu mate você.

— E assim não sobrou nenhum... — Lis suspirou de novo, observando o último candidato ir embora com cara de poucos amigos. — Caralho, Gustavo. A gente tá sem IC no laboratório desde que eu me formei. Precisamos de gente nova, a Joana vai acabar tendo que remanejar essas bolsas.

— A gente precisa de gente nova, não de energúmenos que não sabem nem a importância de um caderno. Quem selecionou esses candidatos? Meu Deus.

— A Joana. Tirando a garota que não tinha feito bioética ainda, todos eram excelentes, tá? Não acredito que você expulsou o primeiro só porque ele tava de chinelo!

— Falha gravíssima de biossegurança, eu nunca permitiria isso e...

Olhou para Lis parada bem em frente a ele.

Ela estava de tamanco.

— Você era um exemplo quando entrou no laboratório — Gustavo grunhiu. Ele mesmo tinha a selecionado na época que ela se candidatara e só teve elogios, tanto que Lis se tornou praticamente sua pupila. — Se eu pudesse te expulsar agora, eu expulsaria.

— Mas você não pode. — Ela deu de ombros, um sorrisinho sapeca estampado no rosto. Com os tamancos, ela ficava na altura dele e Gustavo era bem alto. — Tô falando sério, Gustavo. A gente precisa atualizar nossa equipe. É o seu último ano de doutorado, o último de mestrado do Dante. As coisas daqui a pouco vão ficar caóticas.

— Consigo lidar com tudo perfeitamente. O Dante também, presumo eu. Pelo menos ele está de tênis.

— Nossa, hoje você tá impossível, hein, *Gustavo Surtado?* Vou falar pro Leandro fazer as próximas entrevistas, pelo menos ele não vai querer traumatizar mais pobres alunos de graduação!

Gustavo revirou os olhos com o apelido. Ele não se importava nem um pouco com sua fama de severo. Trabalhar e estudar em uma universidade federal já era desafiador por si só e se ele não mantivesse a ordem, todo o trabalho poderia ir por água abaixo.

E ele era um pouco surtado mesmo, ele tinha que admitir.

Lis ensaiou falar mais alguma coisa, mas seu celular começou a tocar de forma estridente. Gustavo lhe daria uma bronca por não ter deixado o aparelho no silencioso no local de trabalho, mas a conversa que se iniciou chamou a atenção dele.

— Oi, Mi! — Lis cumprimentou a amiga. — Ah, já chegou? Tudo bem, vou descer aí pra pegar, já tô indo.

Gustavo mordiscou os lábios, irritado. Ela estava conversando com Emília. Pelo que entendera, aquela garota já estava na UFF, tinha chegado um pouco depois dele.

"Obrigada pela consideração, mas eu passo. Vou só de tarde. Até mais" ela havia dito. Tinha mentido só para não ter que aceitar a carona dele.

Garota insuportável, pensou. Quem sabe assim ele aprenderia a ser menos idiota? Estava irritado também porque se atrasara por causa dela. Ficara tempo demais no chuveiro, o sorrisinho sarcástico que ela lhe lançou depois que aquela mulher o chamou de *"oppa"* passando em looping em sua cabeça.

Por que ele tinha se importado tanto com isso?

— A Mi acabou levando o meu vestido com ela sem querer — Lis explicou. — Vou lá pegar, já volto.

Gustavo só acenou com a mão, dispensando-a. Pelo menos, sem as entrevistas, ele tinha voltado ao seu cronograma original de experimentos. Ele quase conseguia relevar o papelão que acabara fazendo na frente da diabólica Emília Park.

Quase. Pelo visto, Gustavo se sentia capaz de ficar irritado com aquela cena por semanas, como se a opinião dela valesse muito.

E não valia. Ele tinha que ficar se lembrando disso o tempo todo.

— Ah — Lis falou antes de sair. — Acho que não custa perguntar: vamos fazer um piquenique mais tarde pro almoço. A Jana e a Mi vão também. Quer ir?

Gustavo só lhe lançou mais um de seus olhares avassaladores.

— Acho que custa, né? — Lis inclinou as sobrancelhas. — Deixa pra lá, não tá mais aqui quem perguntou…

E finalmente saiu do laboratório. Dante só deu uma risadinha, indo cuidar de seus próprios experimentos.

Se ele não saísse logo, era capaz de Gustavo assassiná-lo só pelo ato de respirar.



— Ai, isso que é vida — Jana murmurou, feliz. Sua cabeça estava deitada nas pernas de Emília e ela segurava dois docinhos nas mãos, ponderando qual comeria primeiro. — Quase dá pra esquecer que meu fim de semana foi uma merda. Tirando a festa, claro.

Emília, Lis e Dante soltaram um suspiro em conjunto. Naquele momento, o grupo estava sentado em uma das amendoeiras que enfeitavam a orla do Campus Gragoatá, aproveitando um piquenique de almoço. O bandejão estava fechado pelo ano letivo ainda não ter começado, então eventos assim acabavam acontecendo com frequência no período de férias.

Emília absorveu a vista, respirando fundo. Ela idolatrava aquele campus. Ele rodeava uma parte da Baía de Guanabara e era possível ver a Ponte Rio-Niterói ao fundo, o Pão de Açúcar do outro lado e o Corcovado. Uma vista inspiradora e sempre a garantia de um lindo pôr-do-sol. Além disso, ela amava aquela universidade com tudo que tinha. Amava os alunos, funcionários, professores, até os transeuntes que passeavam por ali de vez em quando. Todo dia que ela precisava ir à UFF era um dia feliz.

Era uma felicidade atrás da outra. Emília não podia se achar mais sortuda, mesmo ficando ansiosa de vez em quando.

— Quero um *match* da Besourinha do Amor, mas você só me enrola, Mi — Jana reclamou. Ela escolheu o camafeu de nozes para devorar primeiro. — Arranjou o único Krause que presta pra Lis e me deixou com o boy lixo do Henrique.

— Eu não te arranjei com o Henrique, ficou doida? — Emília fez uma careta. — Acho que me lembro de ter dito desde o início que ele não combinava contigo.

— Mas ele é tão lindo...

— Sabe o que é lindo também? Césio 137. Brilha e tem uma cor ótima, mas é radioativo pra caralho e corrói seus órgãos se tiver muito contato com ele. O Henrique é assim.

— Nossa, você é podre.

— Podre é o Henrique e você sabe disso. Mas o seu *match* ainda vai chegar, amiga. Não pode ser qualquer um. A arte do par perfeito é complicada, você sabe.

— Sei? Você só olhou pro Dante uma vez e disse: “Nossa, ele combina tanto com a Lis!” E foi isso.

Todos riram com a declaração de Jana, até Emília, apesar de ter revirado um pouco os olhos. Tudo bem, ela às vezes dizia que a arte de ser cupido envolvia muita energia, mapas astrais e um pouco de sexto sentido, mas não era tão aleatório assim, não mesmo.

Para ela, o amor tinha *linhas.* Seria meio estranho dizer que Emília conseguia vê-las, mas às vezes ela achava que conseguia sentir quando uma se esticava quando duas pessoas feitas uma para a outra se encontravam.

Lis, quando conheceu Dante, chegou dizendo que ele parecia ser a pessoa mais arrogante do universo, mas também o homem mais bonito que já vira na vida. Por algum motivo, Emília sentiu que algo naquela declaração ia além da antipatia e um pouco de tesão.

E, depois de conhecer o dito arqui-inimigo da melhor amiga, ela percebeu a linha se esticando. Eles tinham mais coisas em comum do que imaginavam, só tinham começado com o pé errado. Sendo assim, Emília desatou alguns nós,

passou cera na linha, fez um rolinho bem arrumado e os aproximou.

O resto era história. E lá estavam os dois, felizes e juntinhos, ela deitada no peitoral dele, apoiando as costas, apreciando um piquenique em pleno fevereiro e felizes até dizer chega. O amor, na maioria das vezes, era um assunto complexo e difícil de entender, mas Emília acreditava que o conhecia de cabo a rabo.

E ela levava aquilo a sério, não inventava de ser cupido porque ficava entediada ou algo assim. Realmente acreditava que poderia ajudar seus amigos a encontrarem o amor. Claro, às vezes ela ficava preocupada de tudo dar errado, mesmo que não admitisse isso para ninguém. Pessoas eram complicadas e suas linhas podiam ser um emaranhado sem fim.

Emília nunca tinha tido um fracasso, mas tinha medo de atrapalhar mais do que ajudar. Por isso, ela tomava todo o cuidado do mundo em seus conselhos amorosos. Unir pessoas que poderiam se machucar no fim seria a morte.

Ela nunca se perdoaria se isso acontecesse.

— Bem, tenho que ir. — Dante deu um beijo na bochecha de Lis antes de se levantar. — Aquele garoto da farmácia mexeu no microscópio e agora o Gustavo quer fazer um monte de testes pra ver se não estragou.

— Meu Deus, foi só uma mexidinha. — Lis deu uma risada.

— Foi o suficiente pra estragar o dia do Gustavo. E ele já chegou de mau humor, então... Mas pode ficar aí, linda. Eu resolvo tudo com ele.

Emília esticou uma das sobrancelhas quando escutou que Gustavo estava mal-humorado. Ele estava sempre assim, mas ela ficou pensando se não estava pior por causa da moça que o chamara de *“oppa”.* Tinha sido um pouco engraçado.

E as algemas. Emília também ficou se perguntando se a mulher não tinha saído da casa dele frustrada. Gustavo

não parecia ser alguém que usava aquele tipo de coisa.

Gustavo Choi tinha cara que transava de meia. Era o que ela achava.

Dante foi embora, deixando as três amigas para terminarem o piquenique sozinhas. Jana se sentou e elas começaram a devorar o pequeno bolo a garfadas.

— Sabe o que eu queria saber? — Jana comentou. — Quando vai ser a vez da cupido! Não acha que chega de ser a intermediadora de tudo? Que tal você ter alguma emoçãozinha pra variar?

Emília torceu a boca em um sorriso. Deu outra garfada no bolo, suspirando de satisfação pelo sabor doce e perfeito. Depois estendeu o garfo no ar, fazendo uma pose extravagante.

— Cupidos não se apaixonam — afirmou de boca cheia.

— Ah, sem essa. E nem falo de se apaixonar, tô falando de transar mesmo. Vibradores são ótimos, mas você devia experimentar a parada toda, sabe?

— Não sou adepta a sexo casual, você sabe. — Emília deu de ombros. — Por isso ainda não transei.

— E transar apaixonada é bom demais! — Lis riu. As outras duas amigas chegaram a revirar os olhos. — É sério! Porra, é muito bom.

— Já transei apaixonada, é bom mesmo. — Jana teve que admitir. — Estava iludida, mas mesmo assim... Foi bom pra caralho.

— Por favor, diz que não foi com o Henrique... — Emília fingiu que ia vomitar.

— Infelizmente foi. Ai, pelo menos ele tem pegada. Pelo menos isso.

— Porra, imagina se ele não tivesse. — Lis fez uma careta. — Ele não teria qualidade nenhuma.

— *Enfim...* — Jana lançou um olhar fulminante para as duas. — Voltando ao assunto *“Um amor pra Besourinha do Amor”,* quando vai ser, hein? Se não quer sexo casual, que tal começar a se aproximar de alguém?

— De quem? — Emília ergueu uma das sobrancelhas. Ela não tinha tantos amigos homens assim.

— Sabe quem eu pensei? Ando pensando nisso desde o natal, depois da festa que a gente foi na casa da sua bisavó…

— Eu te proíbo de falar o que você está prestes a dizer.

— E se você desse uma chance pro Gustavo? Vocês se conhecem desde sempre, vínculo afetivo já tem!

— O único vínculo que a gente tem é o de ranço.

— Ainda assim, um vínculo!

— Isso só mostra o quanto você seria uma péssima cupido, Jana. — Emília estalou a língua, já irritada.

Ela já devia estar acostumada com esse tipo de piadinha, mas aquilo era um ponto que sempre a pegava de um jeito ruim. Porque cupidos de fato não se apaixonavam, mas Emília Park tinha se apaixonado uma vez.

E tinha sido por Gustavo Choi.

Quer dizer, nem tinha sido uma paixão de verdade, era mais uma paixonite de criança. Ela tinha 12 anos e o via do mesmo jeito que Lis e Jana viam Edward Cullen e o Justin Bieber, uma espécie de ídolo da adolescência. A diferença era que Gustavo existia e não era famoso, mas ela o achava incrível e muito bonito, inteligente e respeitoso com sua família. Tinha acabado de entrar na faculdade e tudo que saía da boca dele era motivo para que Emília o idolatrasse.

Óbvio que nada tinha dado certo. Afinal, Gustavo era 10 anos mais velho e com certeza não olharia para uma garotinha de 12 anos, mas a forma que ele a desconsiderou tinha sido cruel demais, principalmente vindo de alguém que era quase seu modelo de vida.

Desde então, ela nutria uma antipatia intensa e crônica pelo filho do melhor amigo de seu pai.

— Então qual é seu próximo alvo, Besourinha? — Jana perguntou. — Se não é você mesma e nem eu, quero saber quem é.

— O Pedro, meu colega de mestrado no laboratório. Sinto que esse ano ele arranja um grande amor.

Lis e Jana fizeram uma careta ao mesmo tempo.

— Ai, sério? — Lis comentou. — Ele é tão... cheio de dedos com você.

— Ele é só expansivo — Emília explicou. — Eu também sou, então não entendo a crítica.

— Não, você gosta de abraçar, ficar de braços dados, é fofa com os amigos. — Foi a vez de Jana falar — Ele é... Ele quer ficar contigo, amiga. Só você não enxergou isso.

— Pode até ter sido isso de início, mas não vai rolar. Por isso, acho que consigo encontrar alguém legal pra ele. Ele ficou cheio de sorrisinhos com uma das candidatas a IC do meu laboratório. Já podemos começar a partir daí.

As outras duas se entreolharam. Era difícil fazer Emília desistir de qualquer coisa. O máximo que podiam fazer era torcer para dar certo.

— Melhor eu ir. — Lis se levantou. — Não sei se o Dante vai dar conta do Gustavo hoje. Melhor eu ajudar.

— Tenho que ir também, meus experimentos não vão se fazer sozinhos. *Infelizmente.* — Jana fez um beicinho. — Tô cansada pra caralho. Tenho que parar de dar trela pra boy lixo, é sério. Se não quer arranjar alguém pra si mesma, esquece esse Pedro e arranja alguém pra mim, Besourinha. Meu caso é sério.

Lis e Jana se despediram dela, deixando-a para arrumar os restos do piquenique. Emília esticou as pernas na toalha, aspirando o ar daquele começo de tarde quente e agradável. Nada acabaria com seu bom humor, nem mesmo as lembranças constrangedoras de que, um dia, Gustavo tinha sido o objeto de todas suas admirações.

Mais um dia feliz pela frente.



“A pequena e dançante Catallena
Estou me apaixonando por você sem perceber
A chique e arrogante Catallena
Estou enfeitiçado”
Now Playing: (Catallena)
Orange Caramel

16/02/2025

Muito tempo atrás, no século passado, duas melhores amigas vieram juntas da Coreia do Sul para o Brasil com seus maridos. Eunbi Choi e Misook Park eram amigas de infância que sempre se deram muito bem e, quando o marido de Eunbi decidiu imigrar para o Brasil, as duas fizeram de tudo para convencer o marido de Misook a ir também. Misook chegou a fazer greve de fome por uma semana até que o marido aceitasse. E foi assim que as duas famílias acabaram parando no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro.

A amizade das duas permaneceu inabalável durante todos os anos que se seguiram. Mais ainda, tudo que as duas matriarcas mais queriam era unir suas famílias pelo matrimônio e transformá-las em uma só.

Só havia um único problema: elas só tiveram filhos homens.

Tudo bem, a próxima geração poderia suprir essa necessidade. Os netos vieram e eram todos homens também. Seus maridos faleceram quase na mesma época e

as duas começaram a morar juntas na casa que seus netos construíram para elas no bairro do Alto da Boa Vista. Construíram a mansão de um jeito que lembrasse uma *hanok,* o estilo tradicional de arquitetura de casas coreanas, para que elas suprissem um pouco a saudade de seu país de origem. A partir daí, as duas ficaram esperando principalmente que Lineu, o primeiro neto da família Park, e Murilo, o primeiro neto da família Choi, tivessem seus descendentes.

O primeiro que veio foi o filho de Murilo, Gustavo. Mais um menino e Misook e Eunbi estavam quase desistindo da possibilidade de verem suas famílias unidas em vida. Dez anos se passaram e uma notícia veio para abalar as estruturas das duas matriarcas. Lineu e sua esposa Julieta teriam uma menina. A primeira e única bisneta da família Park, Emília.

E foi assim que tudo começou. Mesmo com a diferença de idade, Gustavo e Emília estavam quase que predestinados a ficarem juntos, já que Gustavo era o bisneto mais velho. Quando Emília nasceu, Gustavo tinha ficado muito grudado com a bebê, porque a mãe dela morrera no parto e Lineu tivera muitas dificuldades para cuidar da menina sozinho. Então Gustavo, um menino muito esperto e responsável de dez anos, acabou incorporando o papel de protetor da bebezinha, já que era de seu feitio obedecer sempre as ideias dos mais velhos.

Mas crianças cresciam e a diferença de idade entre eles foi ficando cada vez mais proeminente. Gustavo se tornou um adolescente que queria ter a própria vida, então mal tinha tempo para interagir com uma criança. Todos torciam para que continuassem a se dar bem apesar disso, mas uma coisa começou a ficar muito evidente à medida que o tempo passava.

Eles não se suportavam.

E foi assim que o sonho de verem suas famílias unidas terminou antes mesmo de começar. Eunbi estava com 98

anos e Misook com 96, então já não nutriam tantas esperanças assim de que os bisnetos começassem a se dar bem de uma hora para outra. Emília poderia se interessar por outro Choi também, mas nunca tinha acontecido. E o sonho perfeito era que os bisnetos mais velhos se apaixonassem, seria a união perfeita.

Mas não ia acontecer, elas tinham se conformado. Contudo, sempre incentivavam que os bisnetos interagissem, mesmo que essas interações terminassem em desastre.

— Ela parece uma bonequinha! — Eunbi comentou em coreano com Gustavo. Ele estava fazendo companhia para ela e a bisa Misook durante o bingo mensal que faziam na mansão. Então o jardim estava lotado de mesas e senhorinhas, a maioria da comunidade coreana-brasileira do Rio. — Não acha, Guto?

— Claro, vovó... — Gustavo resmungou, também em coreano. Eunbi sempre tivera dificuldade com o português, então ele tinha se tornado fluente na outra língua rapidamente para conversar direito com a bisavó. — Uma bonequinha...

Emília era a apresentadora do evento e estava girando no palco como um pontinho rosa muito enérgico, esticando o braço para mostrar as bolinhas do bingo enquanto falava ao microfone.

Uma bonequinha encapetada, só se for, pensou consigo mesmo, assistindo Emília dançar no palco. Ele tinha passado o resto da semana fazendo um ótimo trabalho em evitar esbarrar com Emília onde quer que fosse, mas foi só encontrá-la na casa das bisavós que todos aqueles anseios idiotas e fora de lugar voltaram com tudo. E ainda tinha que ficar escutando o quanto sua bisavó a achava adorável e bonita, como se ele não soubesse o peso que aquelas palavras tinham.

Se ele esboçasse qualquer reação maior do que uma mera concordância, acabaria alimentando aquele sonho

ridículo das famílias em se unirem.

— Argh, olha só pra ela... — Gustavo acabou reclamando de qualquer forma. — Pra que esse escândalo todo?

— Minha bisneta ficou tão bem com esse cabelo, não é? — Misook se gabou, mal escutando o que Gustavo falara. — Parece um anjinho.

— Sim, ficou muito bonita, certamente. Um anjinho ou uma bonequinha. Linda, linda! — Eunbi bateu palmas para Emília no palco.

Gustavo torceu os lábios, apoiando o queixo em uma das mãos para assistir ao show. Bem, ele não podia tirar o mérito de Emília de conseguir cair nas graças de *todo mundo.* Em que mundo duas senhoras de idade coreanas e tradicionais aplaudiriam uma garota que resolveu pintar o cabelo todo de rosa? Gustavo uma vez cogitou fazer uma tatuagem e sua bisavó ficou chorando por dias enquanto perguntava se ele queria entrar em uma gangue ou algo assim.

E, desde então, ele nunca teve coragem de se tatuar. Mesmo sendo um homem feito de 32 anos de idade.

Talvez fosse isso que o chocara tanto quando voltou do intercâmbio. De certa forma, Emília vivia do jeito que queria, sem se importar com o que pensavam ou com as expectativas que sua família tinha sobre ela. Aquele cabelo rosa significava muitas coisas e poder viver assim era até um pouco inspirador. Ela se vestia do jeito que queria, fazia o que queria, vivia como queria e ainda conseguia que todos aceitassem as escolhas dela. Talvez Gustavo tivesse um pouco de inveja dessa característica, talvez fosse isso.

Ou talvez ela fosse só uma patricinha que foi mimada pela família inteira e que fazia só o que lhe desse vontade. E de repente tinha pintado o cabelo de uma cor que Gustavo gostava muito e ele acabou um pouco obcecado com isso.

Era uma hipótese mais plausível, com certeza.

— Número 66! — Emília falou pelo microfone. — O próximo número é o 66!

— Ai, eu nunca acerto nada! — Todos ouviram a voz de um dos primos de Gustavo soar pelo jardim inteiro. — Me ajuda aí, Emília! Manda um 38 aqui, por favor!

Danilo, primo de segundo grau de Gustavo, era um escandaloso sem tamanho e adorava fazer um estardalhaço sempre que podia, bem diferente da imagem reservada de um Choi. Gustavo revirou os olhos, incomodado também com a presença do primo.

Por que todos naquele lugar gostavam tanto de chamar atenção? Ele entendia o lado dos Park, eram uma família um pouco mais aberta e extrovertida, mas Danilo destoava de todos os costumes dos Choi. O primo já tinha o colocado em situações constrangedoras com aquele jeito dele.

— Vou pensar no seu caso, Danilo! — Emília o respondeu, sorrindo. Gustavo sentiu seu estômago revirar com aquele sorriso. — Mas voltando... Número 66! Alguém conseguiu o número 66?

— Você fez bingo, vovó. — Gustavo ajudou a idosa com a cartelinha. Pegou papelzinho e o estendeu no ar. — Bingo aqui!

— É marmelada! — Danilo cantou em alto e bom som. Gustavo o fuzilou com o olhar. — Isso foi combinado, com certeza! O Guto sempre ganha tudo!

Todos bateram palmas, ignorando Danilo. Gustavo acabou tendo que ir até o palco para pegar o prêmio. Emília segurava uma caixa grande nas mãos e lhe lançou um sorrisinho.

Ele engoliu em seco com o gesto e desviou o olhar.

— Olha só, foi o grande e maravilhoso primeiro bisneto da família Choi que ganhou esta linda *air fryer?* — ela perguntou, ainda sorrindo.

— Foi a vovó Eunbi. Aqui, a cartela dela.

Emília conferiu os números. Depois entregou a caixa para ele. Voltou a aproximar o microfone da boca e fez um

floreio antes de falar com toda a plateia.

— Parabéns, bisa Eunbi! A senhora agora é a proprietária deste lindo eletrodoméstico! Peça pro seu estimado bisneto fazer um milhão de salgadinhos pra senhora!

Gustavo franziu o nariz, revirando os olhos. Assistiu Misook traduzir o que Emília dissera para a amiga.

Aquela garota nunca tinha se dado ao trabalho de aprender coreano. Conseguia entender algumas coisas, mas não tinha nem se alfabetizado no *hangul*[5]. Um verdadeiro disparate. Se fosse com ele, talvez o pai de Gustavo o deserdasse. As famílias eram diferentes, mas a discrepância de tratamento chegava a ser ridícula. Isso sempre o irritou um pouco.

Começou sua caminhada para sair do palco, silencioso como sempre. No entanto, Emília o segurou pelo braço de repente.

Pigarreou com o toque, incomodado e sem jeito. O que era aquilo agora? Emília não podia nem o tocar que seu coração acelerava como o de um adolescente idiota? Não fazia sentido algum.

— Ei, lê o que tá escrito aqui pra mim antes de ir, por favor — ela pediu. Estava estendendo uma lata de chá importado em sua direção.

Gustavo quase rosnou para ela, mas pegou a lata.

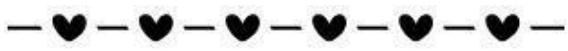
— É chá verde — resmungou, entregando o item de volta. — Não sabe nem o que é um chá verde?

— Não. — Ela deu de ombros. — Mas obrigada, pode ir agora.

E o dispensou daquele jeito, retomando a apresentação do bingo. Gustavo ficou um tempo ali parado, só observando.

Uma mimada, definitivamente uma mimada, pensou, retirando-se do palco. Voltou a se sentar com as matriarcas e cruzou os braços, aborrecido como sempre.

A mimada mais linda do universo, pelo visto. Era o que faltava para entender o que se passava em sua cabeça naquele momento.



— Você ficou o dia inteiro longe de mim, Mimi! — o pai dela, Lineu Park, exclamou assim que a viu arrumando as coisas do bingo. O evento tinha durado até de noite e ela estava exausta de tanto falar. — Como pode fazer isso com seu próprio pai? Me dá um abraço.

Emília largou tudo que estava fazendo na hora, correndo até os braços de Lineu. Era um exagero falar que ela tinha ficado o dia inteiro longe dele, mas seu pai ficava cada vez mais carente desde que ela se mudara para Niterói, mesmo que ela o visitasse quase sempre.

No entanto, Emília também vivia colada com o pai, então sempre fazia as vontades dele e ele vice-versa, as pessoas favoritas um do outro. Sendo assim, não havia nada que Lineu pedisse que ela não fosse fazer.

— Pai, você emagreceu. — Notou depois que o abraçou. — Não tá comendo as comidas congeladas que eu comprei pra você? Arrumei tudo tão direitinho!

Lineu esticou as sobrancelhas por baixo dos óculos, uma expressão de culpa adornando seu rosto fino. Ele era um homem pequeno e de feições muito amigáveis, sempre sorrindo para tudo e todos. Mas tinha o hábito de às vezes negligenciar sua saúde.

— Papai! — Emília fez um muxoxo. — Não acredito!

— Filhinha, é o trabalho…

— Será que vou ter que ir no seu consultório todos os dias na hora do almoço para verificar se está comendo? Você sabe que eu faria isso de verdade!

— Isso vai te atrapalhar tanto, Mimi. Não precisa, seu pai vai se cuidar melhor, prometo.

Ela fez uma careta, preocupada. Seu pai era psiquiatra e às vezes trabalhava demais, mesmo com o lema da vida dele sendo “Sua saúde mental vem sempre em primeiro lugar”. Mas Lineu Park mergulhava no trabalho de vez em quando e a saúde dele não era lá grandes coisas, para o total desespero de Emília. Por isso, ela fazia de tudo para mantê-lo na linha.

— Você parece tristinha, Mimi — o pai comentou, preocupado. Emília piscou os olhos, percebendo que já estava ficando ansiosa. — O que houve?

— Ah, só estou cansada. Nada demais — desconversou, abrindo um sorriso. — Fiquei falando o dia inteiro hoje, até eu canso às vezes.

— Quer jantar comigo no *L'Etoile?* Talvez eu consiga uma reserva. Você ama comer lá.

Emília deu uma risadinha. Nem ela tinha a coragem de negar que era super mimada pelo pai. Só ele para inventar um jantar casual em um dos restaurantes mais chiques do Rio de Janeiro só porque achou que a filha estava *tristinha.*

— Eu adoraria, papai. Mas tenho que estar cedo na UFF amanhã. E duvido que consiga uma reserva assim do nada.

— Tenho contatos, você sabe.

— Eu sei. Mas deixa pra próxima. Já vou pedir um Uber pra casa, não se preocupa.

— Nem pensar, Mimi! Pegar um Uber a essa hora num domingo? Perigosíssimo! O Guto ainda não foi embora, ele com certeza pode te dar uma carona.

Ela teve que se segurar para manter o sorriso ameno no rosto. Era exatamente isso que não queria, fizera de tudo para terminar mais cedo e poder pegar um carro de aplicativo em paz. Porque sair tarde de um evento na casa das bisavós sempre significava ser forçada a pegar uma carona com Gustavo.

Antigamente, antes de ele ir para a Coreia, Emília não se importava tanto com as raras caronas. Só entrava no carro dele e os dois seguiam para Niterói em silêncio. Mas

depois que Gustavo voltou, ela tinha que ficar se policiando para que sua curiosidade não aflorasse e ela quisesse conversar.

Um ano e meio poderia ser pouca coisa para alguns, mas para Gustavo Choi tinha sido um ponto de virada, era o que ela concluía. Ela não tinha se interessado por nada do que ele fizera na Coreia durante o intercâmbio e não o seguia em nenhuma rede social, então não acompanhou o processo dele fora do país. Afinal, quem se importava com o que o chato do Gustavo Choi fazia, fosse na Coreia ou no Brasil? Com certeza, ela não.

Só que, para sua surpresa, ele voltou mil vezes mais bonito.

Que não se enganassem, Gustavo sempre foi bonito. Mas a Coreia do Sul tinha feito bem a ele. Emília não saberia dizer se ele só tinha malhado e trabalhado naquele meio tempo ou se alguém lá o ajudou a se vestir melhor e a cortar o cabelo em um corte decente, mas ele tinha voltado um espetáculo. Continuava usando as cores mais tediosas do universo e sempre andava por aí com aquela cara azeda, mas ainda assim um espetáculo.

Ele tinha até aprendido a usar acessórios da forma correta, um feito e tanto. Claro, Emília faria algumas pontuações se Gustavo permitisse, mas daria nota oito pelo esforço e criatividade.

Sete, pensou. Oito era demais para alguém como Gustavo Choi.

— Me escutou, Mimi? — Lineu chamou a atenção dela. — Vou pedir pro Guto te levar em casa, tudo bem?

— Claro… — Soltou um suspiro. Tinha até se perdido no assunto da carona.

Era exatamente esse o problema. Ela não sentia atração por ele, mas às vezes se perdia olhando para Gustavo. E depois ficava se lembrando de toda a humilhação que passara quando era criança. Era infantil ficar remoendo aquilo o tempo todo e ela não gostava de se

sentir uma idiota, então era melhor ficar o mais longe possível dele.

O que parecia ser um pouco difícil. Eles se conheciam desde pequenos, eram vizinhos e trabalhavam no mesmo instituto. Um martírio sem fim, aceitar logo doeria menos.

— Guto, que bom que você ainda não foi! — Lineu o avistou arrumando as mesas de plástico no jardim, empilhando umas nas outras. — Pode levar a Mimi pra casa quando você for? Ela quer pegar um Uber, mas hoje é domingo! E se ela for assaltada? De jeito nenhum!

Gustavo deu uma olhadela nela, esticando um pouco as sobrancelhas. Depois soltou um suspiro afetado, algo que a fez torcer a boca.

Lá vem, pensou, já emburrada.

— Claro — ele falou. — Se Sua Alteza Real, a magnífica princesa Emília, aceitar a carona deste humilde súdito, claro que levo.

— Argh, que história é essa de princesa... — ela resmungou, revirando os olhos.

— Somos vizinhos, afinal. Faz sentido que ela pegue caronas comigo. Recusar ou ficar inventando historinhas só pra evitar um gesto inofensivo é quase inimaginável. Não acha, Sr. Park?

— Acho que... sim? — Lineu franziu o cenho. Não estava entendendo nada.

— Acho que vou dormir aqui — Emília sibilou.

— Mas você disse que tinha que estar cedo na UFF amanhã — Lineu argumentou. — Teria que acordar quase de madrugada pra chegar em Niterói, porque demora pra se arrumar. E você odeia acordar cedo.

Bem, era verdade. Emília virava um monstrinho de manhã.

— E seja boazinha com o Guto, tá bom? — Seu pai sorriu para ela. — Ele só quer te ajudar.

— Claro, vou ser boazinha com o Guto... — resmungou, mas falar aquilo quase a fez morder a língua.

Merda, chamei ele de Guto... repreendeu-se, aflita por seu coração ter começado a acelerar de repente com o ato. Gustavo odiava que ela o chamasse assim. Os mais velhos podiam sempre, mas ela não. Ele tinha brigado feio com ela uma vez por causa disso.

Quão escroto podia ser um homem feito se irritar porque uma criança o chamara pelo apelido de infância dele? Por isso era difícil sentir qualquer coisa que não fosse antipatia.

Emília o espiou de soslaio. Se ele tinha se incomodado em ser chamado assim, não demonstrou nada. Só voltou a empilhar as mesas em silêncio. Quando terminou, olhou para ela com o rosto mais neutro o possível.

— Então, vamos — falou. — Também tenho que estar cedo na UFF amanhã.

Os dois se despediram dos parentes e amigos e caminharam até o carro de Gustavo. Ela soltou um suspiro antes de entrar.

— Te chamei de Guto agora há pouco, foi mal — resolveu dizer. Não queria passar a viagem inteira com ele reclamando sobre isso.

— Quê?

— Te chamei de Guto quando estava conversando com o meu pai, saiu sem querer. — Deu de ombros, sentando-se no banco do carona. Colocou o cinto e conferiu a própria imagem no espelho. — Não vai acontecer de novo, pode deixar.

— Por que eu me incomodaria com isso? — Gustavo franziu o cenho enquanto dava partida no carro.

Ai, que falso! Emília nem se deu ao trabalho de responder. Era óbvio que o homem mais maduro do universo ia se fazer de desentendido naquela história. Ela que era a garotinha maluca e infantil de sempre, claro.

— Prefiro Guto do que *“oppa”* — ele falou de repente. Já estavam a caminho de Niterói, dirigindo pelas ruas vazias da Zona Sul.

Emília acabou dando uma risadinha, lembrando-se da cena da mulher o chamando assim enquanto ia embora.

— Aquilo foi... interessante — comentou.

— Aquela mulher era mais velha do que eu, então não faz sentido algum. Não consigo entender.

— Achei que já estivesse acostumado, Gustavo. Aposto que te chamaram muito assim em Seul.

— Sim, mas faz sentido, estavam falando em coreano, é um honorífico comum. Mas não entendo por que ficam me chamando assim aqui, em uma conversa totalmente em português. Sou brasileiro. Nada contra quem gosta, mas eu acho estranho.

— Você é certinho demais.

— É que não faz sentido. Seria melhor até se você me chamasse de *“oppa”.* Você é mais nova e tem ascendência.

— Mas não sei falar coreano. Então não seria estranho do mesmo jeito?

Gustavo parou para pensar por um momento. Depois pigarreou e voltou a prestar atenção na estrada.

— Não me chama de *“oppa”* — foi o que disse no fim.

— Eu não ia chamar mesmo...

Ficaram em silêncio. Emília limpou a garganta e se encolheu. O ar-condicionado estava um pouco forte e ela tinha forçado muito a voz naquele dia. Era melhor ficar quieta para não acabar doente.

Sem falar nada, Gustavo diminuiu o ar. Depois abriu o baú entre os bancos e pegou uma garrafa d'água, isso tudo sem tirar os olhos da direção. Entregou a garrafa para ela.

— Você falou muito hoje. Descansa um pouco — murmurou.

Emília aceitou o gesto, sem jeito. Tomou um gole, aliviando a dor de garganta.

— Minha jaqueta está no banco de trás, se ainda estiver com frio — ele continuou.

Ela retirou o cinto para pegar a peça. Quando voltou a se sentar, esticou a jaqueta, abrindo-a em frente ao rosto.

— Bonita. Onde comprou? — perguntou.

— Em Seul. Numa loja em Gangnam.

— Ah, legal. — Cobriu-se com a jaqueta. Estava com o cheiro dele e Emília aspirou o aroma, tentando identificá-lo. — Qual perfume você usa?

— Malbec.

Ela franziu o nariz.

— É um pouco previsível... — comentou, provocativa. — Por que todo homem usa Malbec?

— Minha avó que me deu.

— Não acho que você combina com fragrâncias amadeiradas. — Ela riu.

— E qual é a sua sugestão?

— Algo cítrico ou aromático. Conhece os perfumes da Calvin Klein?

— Não.

— Talvez um da família *Eternity for men.* Alguns até tem um toque amadeirado, mas não são tão óbvios quanto um Malbec.

— Hm, anotado. — Ele não esboçou reação alguma, só continuou dirigindo.

Emília se aconchegou com a jaqueta dele, apesar de não ter aprovado muito o cheiro. Sentia-se meio estranha por ter tido uma conversa casual e sem implicâncias com ele.

Permaneceram assim até chegarem no prédio onde moravam. Subiram ainda quietos, Emília ficou brincando com a manga da jaqueta enquanto ele chamava o elevador. Quando chegaram no andar, ela a dobrou e a devolveu.

— Obrigada — murmurou. — Pela carona e pela jaqueta.

— Pelo visto, não é tão ruim assim pegar uma carona comigo. Não é, princesa Emília?

Ela grunhiu, revirando os olhos. Digitou a senha e abriu a porta do próprio apartamento.

— Boa noite, Gustavo — gaguejou. Era realmente estranho se dar bem com ele.

E entrou em casa, fechando a porta. Mal esperou por uma resposta.

Era impressão sua ou o rosto dela estava um pouco quente e vermelho?



“Estou esperando por alguém
Que faça com que eu sinta
Algo que nunca senti antes
Estou esperando por essa pessoa”
Now Playing: Like OOH-AHH
TWICE

17/03/2025

— Finalmente o semestre começou! — Emília deu pulinhos animados. — Estava contando os dias pra isso!

Todos de seu laboratório bateram palmas, tão felizes quanto ela. Essa era a energia do Laboratório de Bioindicadores Bioluminescentes e Ecotoxicologia, local onde Emília fizera seu TCC e agora fazia seu mestrado. Ele era comandado pela Prof.ª Dr.ª Helena Menezes e contava com um extenso corpo discente. Naquele dia, todos estavam dando às boas-vindas aos novos alunos de Iniciação Científica.

A própria Emília tinha ajudado no processo seletivo. Ficou horas conversando com os candidatos, fez com que eles se sentissem em casa e mostrassem o melhor de si mesmos. No fim, terminaram com dois alunos da biologia que tinham tudo para brilhar no laboratório.

— Ayumi, Carlos, sintam-se oficialmente parte da família do LBBE agora! — ela continuou, dirigindo-se aos ICs. — Espero que estejam tão animados quanto eu!

Os dois ICs também bateram palmas. Emília tinha gostado especialmente de Ayumi Vasconcellos. Além do *lattes*[6] dela ser excelente, a menina também usava o cabelo colorido e tinha um estilo muito parecido com o de Emília. Não que isso fizesse diferença no trabalho, mas ela adorava encontrar amigas que compartilhavam de seus gostos. Lis e Jana não eram nada parecidas com ela nesse quesito e às vezes questionavam suas escolhas de looks. Seria legal ter alguém que entendesse seu senso particular de moda.

— Bem, como sabem, aqui no LBBE trabalhamos no desenvolvimento de biossensores bioluminescentes para a detecção rápida de poluentes orgânicos e metais pesados em ambientes aquáticos — explicou. — Nossa, nem eu acredito que falei tudo isso! Pra resumir, a gente cria esses marcadores que brilham para identificar poluentes e metais pesados na água. O Marcos e a Rita, nossos alunos de doutorado, estão atualmente no intercâmbio, então vocês vão acompanhar mais eu e o Pedro. Por isso acho importante explicar quais são nossos projetos de mestrado.

Ela apontou para seu colega de mestrado, Pedro Takeda, que estava apoiado em uma das bancadas. O mestrando sorriu para Ayumi e Emília teve que esconder uma risadinha triunfante.

Será que mais uma linha de amor estava sendo puxada? Ayumi e Pedro não tinham parado de conversar no período da seleção. Era um cenário favorável.

— Nosso querido Pedro aqui trabalha na quantificação de ATP[7] usando bioluminescência em amostras de água. Palavras difíceis, eu sei. Mas não hesitem em procurá-lo se tiverem alguma dúvida!

— Sou todo ouvidos. Mas o grande cérebro do laboratório é a Emília. — Pedro sorriu um pouco mais e Ayumi abriu um sorrisão com o gesto.

— Já eu, Emília Park, estou na empreitada de desenvolver um método eficiente e sustentável para monitorar a qualidade da água em ambientes marinhos utilizando a enzima luciferase. Um nome feio, mas sabiam que os vagalumes só brilham por causa dessa enzima? Um luxo! Mas eu utilizo bactérias específicas e a capacidade delas de brilharem pra saber a qualidade da água. Bem legal, né?

Ayumi e Carlos ficaram animados com a explicação e Emília teve que se segurar para não começar a tagarelar por horas sobre seu projeto. Falar que ela amava o que fazia seria modéstia de sua parte, Emília vivia por sua pesquisa e pelo trabalho que fazia na UFF.

Seu sonho era ser tão memorável quando a Dr.ª Tatiana Siqueira, da biologia marinha. Emília não conseguiu conhecê-la na época em que ela estudava na UFF, mas seguia seu trabalho de perto. Tatiana era um gênio e prodígio que tinha criado um modelo preditivo incrível para a degradação de compostos do petróleo, tudo a ver com o projeto de Emília.

Quem sabe um dia ela conseguisse uma colaboração? Sonhar alto nunca foi um problema para ela.

A orientadora de todos chegou e os ICs a seguiram para conhecer o resto do laboratório. Emília se aproximou de Pedro, seus olhos afiados de cupido sobre o colega.

— E aí, Pedrinho? — Entrelaçou um dos braços com o dele. Pedro segurou a mão dela, afetuoso. — Sua impressão final sobre os novos ICs, por favor.

— Gostei muito deles. Principalmente porque foi você quem escolheu.

— Ah, que isso! Só ajudei a Helena, a palavra final foi dela. Mas eu gostei *muito* da Ayumi! O que achou dela? Parece ser uma menina ótima! E o cabelo dela… Você gosta de meninas com cabelo colorido, né?

— Gosto, mas o dela é azul e acho que prefiro rosa…

— Ela ficaria linda de cabelo rosa também! Nossa, ótima ideia, quem sabe um dia ela me deixa pintar o cabelo dela? Sou especialista nessa cor, você sabe.

— Sei, você fica linda com ela. Muito linda mesmo.

Emília abriu um sorriso. Estava só enxergando um emaranhado de linhas entre Ayumi e Pedro, mas o interesse estava ali, ela tinha certeza. Emília só tinha que trabalhar um pouco mais, refinar interações. Daria certo, ela apostava todas suas fichas nisso.

— O que acha da gente se reunir pra ver qual IC vai acompanhar quem? — sugeriu. — Eu amei a Ayumi de paixão, mas abriria mão dela se você me desse um bom motivo. O que acha?

Pedro sorriu para ela, olhos estreitos e misteriosos em sua direção. Lis e Jana falavam sempre que ele estava a fim dela, mas Emília só o achava muito simpático e enérgico, assim como ela mesma. Gostava de abraçar e ficar perto das pessoas que gostava, por isso os dois tinham se dado bem desde que ele entrou no laboratório no semestre passado. Ele tinha vindo de São Paulo para estudar na UFF e às vezes se sentia sozinho em Niterói, era compreensível que ele e Emília ficassem um pouco grudados já que trabalhavam juntos.

Pedro era gente boa e ela queria vê-lo feliz. Era isso que amigos faziam.

— Quer fazer essa reunião na minha casa? — ele sugeriu. — Eu moro aqui em São Domingos mesmo.

— Ah. — Emília girou os olhos, encabulada.

Eles não eram tão amigos assim. Não para ir sozinha na casa dele.

— Que tal se a gente conversasse na hora do jantar, no bandejão? — falou. — Tem lugar mais perto do que o bandejão? É logo ali embaixo!

— Quer que eu te leve pra jantar? Talvez em Icaraí ou no shopping?

Emília forçou um sorriso. Era um emaranhado de linhas e ela mesma estava embolada ali no meio. Talvez sua proximidade com Pedro atrapalhasse um pouco o processo de cupido.

— Eu tô de boa — desconversou. — Amo a comida do bandejão! O que acha, vamos?

No fim, depois de muita insistência, Pedro acabou aceitando. Emília seguiu para seu trabalho na bancada contando os minutos para começar a colocar seu plano em ação.

Mais um trabalho para a melhor cupido de Niterói: juntar Pedro Takeda e Ayumi Vasconcellos.

Seria mamão com açúcar.



Talvez não fosse ser tão fácil assim, era o que Emília concluía enquanto saía do bandejão acompanhada por Pedro. Eles ficaram meia hora lá dentro e o papo não a levou para lugar nenhum. De alguma forma, o assunto sempre retornava para ela mesma e no quanto Pedro a admirava.

— Que tal estender essa conversa na minha casa? — Pedro a convidou de novo. — A gente pode pedir uma pizza.

— Acabamos de comer! Eu não conseguiria colocar mais nada na boca, de verdade!

— Ah, pode ser mais tarde. O nosso papo flui tão bem, a hora vai passar voando. Se quiser, pode até dormir lá em casa. Aí a gente vem junto pro laboratório amanhã de manhã. Eu moro bem pertinho mesmo.

— Infelizmente, não vai dar… — Emília abriu um sorriso amarelo. Já estava ficando um pouco cansada e isso era surpreendente para alguém como ela. — Deixa pra próxima, amanhã a gente conversa mais.

— Que tal um cineminha, então? E depois um jantar de verdade.

— Eu realmente... — Ela já estava suando frio. Precisava de alguma desculpa para ir embora rápido.

Foi quando ela o viu. Gustavo caminhava pelo campus com as chaves do carro na mão, segurando uma das alças da mochila sobre o ombro. Talvez fosse um milagre, mas ele estava saindo relativamente cedo do laboratório naquele dia. Uma cena daquelas não se repetia com frequência. Gustavo costumava sair do Instituto de Biologia tarde da noite, quase de madrugada, ainda mais no último ano de doutorado.

— Eu quase esqueci que ia pegar carona com o Gustavo hoje! — Ela deu um grito. — Olha ele ali, deve estar me procurando!

— Gustavo não é aquele cara que você vive falando mal? Por que vai pegar uma carona com ele?

Nossa, eu preciso parar de falar mal do Gustavo pra qualquer pessoa que me escuta, pensou. Eles estavam até se dando bem ultimamente e ela quase se sentia culpada por fazer a caveira dele por todo o Instituto. Mas hábitos antigos eram difíceis de largar.

— Você está exagerando! Ele é meu amigo de infância, sabe? É normal que a gente se implique um pouco. Ei, Gustavo! Aqui!

Gustavo ouviu o chamado e olhou para ela, um pouco confuso.

— Eu já tô indo! Só vou me despedir do meu amigo aqui! Me espera! — Emília gritou, acenando para ele.

Ele ficou parado no lugar, seu cenho franzido indicando que ele entendia cada vez menos da situação. Mas ficou esperando pelo que quer que fosse, assistindo à cena dela se despedindo de Pedro.

Pedro lhe deu o abraço mais demorado do mundo. Chegou a enfiar o nariz no cabelo dela, aspirando o perfume. Emília conseguiu se soltar como pôde e correu até Gustavo, já pensando em alguma desculpa. Quando se

aproximou o suficiente, percebeu que ele ainda observava a movimentação de Pedro.

Gustavo não era muito bom em expressar suas emoções, mas Emília conseguiu notar um toque de irritação no olhar dele, uma ruga minúscula na testa. Mas passou assim que ela o cumprimentou.

— Oi, Gustavo — murmurou. — É que...

— Quer que eu te leve pra casa? — ele a interrompeu. Assistiu o outro ir embora, seguindo o caminho até a entrada do campus.

— Ah, sim. Uma carona hoje seria ótimo. Espero que não te incomode.

— Por que eu me incomodaria? Moro literalmente no mesmo lugar que você.

Emília soltou um suspiro. Era a saída que encontrara naquele momento, não tinha para onde fugir. Teria que aturar as estranhezas e grosserias de Gustavo por um momento.

Foram juntos até o carro dele. Emília entrou em silêncio, na tentativa de evitar qualquer conflito. Quando saíram do campus, passaram por Pedro na calçada e ela se encolheu no banco, escondendo-se.

— O que você tá aprontando? — Gustavo perguntou, analisando as ações dela.

— Não estou aprontando nada. — Ela deu de ombros, mas já estava na defensiva.

— Por que não foi embora com seu amigo, então?

— Ah, bem... Ele é meu próximo projeto de cupido. Só que o trabalho ainda está no início, é isso. Então as coisas ainda estão um pouco confusas.

Olhou para Gustavo através do espelho retrovisor. Como esperava, lá estava o olhar que a fazia voltar alguns anos no passado, até ser uma garotinha idiota novamente.

— Emília... — ele começou.

— Ai, não quero discutir isso contigo. Porque você acha que tudo que faço não presta.

— Não *tudo.* Só essa idiotice de cupido.

— É idiota só pra você, tá legal? Olha a Lis e o Dante, eles estão super felizes, não estão?

— Mas não foi por sua causa. Eles ficaram juntos porque tinham que ficar, porque se gostaram. Não precisa fazer sua vida inteira girar ao redor disso.

— É um crime querer ajudar as pessoas a serem felizes? Por que isso te incomoda tanto?

— É um crime se você ficar brincando com os sentimentos dos outros, Emília.

— Eu não...! — Ela engoliu em seco e depois soltou um suspiro. Não adiantava querer conversar, Gustavo nunca entenderia. — Tá bom, Gustavo. Não precisa tentar me entender, não se dê ao trabalho. Eu continuo sendo a mimada que só te irrita e causa problemas. Tudo que eu faço é pra aparecer.

— Não foi isso... Argh, é muito difícil conversar com você.

Ela não respondeu. Só cruzou os braços e fitou a vista do lado de fora, a noite quente de fim de verão. Permaneceram assim até chegarem no prédio em que moravam no Ingá.

Mais uma vez, os dois entraram e saíram do elevador em silêncio, mas com a mente entupida de pensamentos ensurdecedores. Emília alcançou a maçaneta da porta da frente de casa e digitou a senha. Pensou em entrar sem nem se despedir, mas ainda havia palavras presas em sua garganta.

— Eu não faço isso tudo porque quero aparecer — falou de súbito.

— Hein?

— Sei que parece inacreditável pra você, mas não criei essa história de cupido pra me fazer de salvadora dos outros ou a maior entendida em amor do mundo. Só acho que consigo ajudar. Por que isso é tão ruim assim pra você?

Gustavo parou de andar pelo corredor. Pareceu refletir por um momento, seus olhos presos no chão enquanto pensava.

Por um segundo, Emília desejou que ele finalmente a entendesse, que a compreendesse só um pouco.

— Pode até ser nas melhores das intenções — ele disse —, mas ainda assim é irresponsável. O que vai fazer quando magoar alguém?

— Eu nunca errei. De verdade, eu nunca errei.

— Mas um dia vai — ele afirmou. — E falar que nunca errou só mostra o quanto você é imatura sobre esse assunto. Não é um jogo pra você errar. É a vida das outras pessoas. Pessoas que são caras a você, que você gosta. Mesmo que seja por uma boa causa, não consegue enxergar isso? Não é tão difícil assim de ver.

Novamente imersos no silêncio, Emília respirou fundo, fez um meneio com a cabeça, concordando, e abriu a porta de casa. Entendia o ponto dele, mas por que Gustavo sempre agia como se fosse muito superior a ela? Como se ela realmente fosse uma garota sem nada na cabeça?

Por que ele nunca conseguia vê-la de outra forma? Não era por causa da idade. Lis era só dois anos mais velha que ela e os dois se davam muito bem, Gustavo nunca a viu inferior por ser mais nova.

Era difícil de entender, Emília nunca entendia. Talvez ela fosse mesmo uma garotinha mimada e burra, porque ela nunca conseguia entendê-lo.

— Boa noite, Gustavo… — sussurrou, entrando em casa sem olhar para trás.



“Em um instante, BAAM
Você me faz perder a cabeça, querido
De repente, BAAM
Você me abala sem intenção”
Now Playing: BAAM
MOMOLAND

18/03/2025

A sensação que Emília tinha era de que mal pregara os olhos à noite.

Ela ficou se revirando na cama à noite inteira, as palavras de Gustavo rodando em sua cabeça incessantemente. A forma como ele falou aquilo foi um pouco grosseira, mas Gustavo tinha razão quando disse que ela poderia magoar alguém com toda aquela brincadeira de cupido.

Não era uma brincadeira, não para ela, Emília fazia tudo com seriedade e dedicação, mas agora sentia-se insegura ao ponto de questionar seus métodos. A insistência de Pedro no dia anterior também não ajudara em nada, então uma vozinha da razão insistia que era melhor parar antes que algo ruim acontecesse.

— Meu Deus, minha voz da razão tem a voz do Gustavo. Que horror! — reclamou consigo mesma, ainda deitada esparramada na cama.

Será que ela só estava insegura porque ligava muito para o que aquele idiota dizia? Tudo que ele falava parecia

ter um peso enorme e talvez Emília só tivesse ficado impressionada demais. Talvez fosse só isso.

Eram questionamentos muito complexos para aquela hora da manhã. Para os parâmetros de Emília Park, acordar às 6h30 era quase madrugada.

— Que horror, que horror! Acordei cedo por causa daquele crápula, que pesadelo, meu Deus... — resmungou, levantando-se da cama quase se arrastando.

Bem, era melhor fazer valer a perda de sono. Emília preferia chegar tarde na faculdade e sair tarde, mas ela poderia ir mais cedo e sair antes de escurecer. Poderia jantar no shopping ou visitar seu pai, qualquer coisa que trouxesse a sensação de que o dia seria bem aproveitado.

Tomou banho e escolheu um look simples, xingando Gustavo de novo por acabar até com sua criatividade. Mal teve vontade de preparar algo elaborado para tomar café, então só comeu uma fatia de um bolo que Jana lhe dera.

Jana andava assando bolos demais. Quem sabe ela devesse se concentrar no plano de afastar Henrique da amiga em vez de ser cupido? Jana em breve abriria uma confeitaria se continuasse fazendo doces a cada decepção amorosa.

Com tudo pronto, ela saiu de casa. E, claro, acabou encontrando Gustavo esperando o elevador, pronto para sair também.

Ai, daqui a pouco eu vou chorar, pensou, desgostosa. Por que o universo a obrigava a conviver com ele? Não dava para entender.

— Bom dia, Gustavo... — murmurou, colocando-se ao seu lado para esperar o elevador. Não conseguiu evitar de suspirar.

Sentiu o olhar dele a analisando de cima a baixo. Mais um pouco e ela ia começar a chorar de verdade.

— Tá indo pra UFF? — ele perguntou.

— Tô...

Ele ficou em silêncio. Emília quase conseguia ouvir os pensamentos maquinando dentro daquele cérebro irritante.

— Você quer…

— Você foi muito ruim comigo ontem! — ela o interrompeu. — Entendo que não goste do que eu faço, mas precisava ser um grosso?

— Fui? — Ele inclinou as sobrancelhas, surpreso.

Seus olhares se cruzaram. Emília nem sabia mais se ele tinha sido super grosso de verdade, talvez fossem suas inseguranças novamente. Mas ela tinha se magoado e era péssimo se sentir assim.

Por isso ela o evitava sempre que podia. Lidar com Gustavo era confuso demais.

O elevador chegou. Os dois entraram juntos e em silêncio. Emília tentou não encará-lo pelo espelho.

— Desculpa, então. — Ele deu de ombros. — Não era minha intenção. Só queria que entendesse que…

— Eu entendi! Não precisa falar mais nada.

Mais silêncio. Emília teve coragem de espiá-lo e o encontrou com as sobrancelhas franzidas a encarando de volta, como se não tivesse entendido uma única vírgula do que Emília tinha acabado de falar.

— Você tá bem? — Ele voltou com as perguntas. — Parece que está prestes a chorar.

— Ah, você bem que ia gostar disso, né? — Emília gaguejou, a voz esganiçada. — Aí ia poder ser o Sr. Mais Maduro do Universo e me colocar no meu lugar, né? Você ia adorar, não é mesmo?

— Quê?

Emília se arrependeu de falar aquilo no momento em que as palavras saíram de sua boca. Só estava piorando a situação. Como Gustavo a veria como qualquer coisa além de uma chiliquenta se ela continuasse desse jeito?

— Ai, me desculpa… — murmurou. — Eu nem sei… Deixa pra lá, eu só…

O elevador chegou no térreo. Ela deu um pulo para sair, correndo pela portaria.

— Vamos juntos, a gente tá indo pro mesmo lugar — Gustavo tentou dizer.

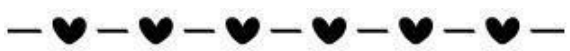
— Vou andando, acho que uma caminhada vai me fazer bem! Mas obrigada, você é muito gentil! — Emília virou a cabeça para respondê-lo. — O dia tá lindo, não é tão longe e...

Ela bateu com tudo na porta de vidro. O barulho ecoou por todo o espaço, chegou a chamar a atenção do porteiro e do zelador que passava ali.

— Emília, você tá legal? — Gustavo correu até ela, preocupado. — Se machucou? O que aconteceu com você? Me diz.

Ele a segurou pelo rosto, as mãos grandes tocando suas bochechas. Quando seus olhos se encontraram, Emília sentiu seu corpo inteiro tremer. Ela só não sabia se era por nervosismo, vergonha ou ansiedade. Provavelmente uma mistura dos três, não importava naquele momento.

Porque ela enfim começou a chorar.



— Certeza de que está bem? — Gustavo perguntou. Ela acabou aceitando sua carona e os dois agora estavam no estacionamento da UFF, ainda no carro.

Emília limpou o rosto como pôde, infeliz e envergonhada por ter chorado na frente dele. Pior, sua maquiagem tinha borrado um pouquinho e ela se encontrava em um estado já deplorável às 7h50 da manhã, horário que normalmente nem ousaria se levantar da cama.

Tinha como piorar? Era difícil pensar num cenário mais desastroso do que aquele. Seu psicólogo ouviria horrores na sessão daquela semana, Emília nunca mais calaria a boca depois de tanta humilhação.

— Tô — falou, respirando fundo. — Desculpa, eu não dormi direito e odeio acordar cedo. Viro uma besta selvagem de manhã, não precisa se preocupar.

Ele ficou em silêncio enquanto a encarava, não esboçou sequer um sorrisinho com a piadinha depreciativa dela.

Plateia difícil, Emília suspirou, derrotada.

— Não dormiu direito por quê? — Mais uma das infinitas perguntas dele, Emília já estava exausta.

Saíram do carro e caminharam em direção ao Instituto de Biologia. O campus ainda estava vazio, mesmo que o semestre já tivesse começado. Normalmente, Emília comentaria o quanto o dia estava bonito e fresco, apesar de estarem no verão. Mas era Gustavo ali e, mesmo sem toda aquela cena patética de antes, ela nunca se sentia à vontade de jogar papo fora com ele.

— Coisas da vida, às vezes acontece — desconversou. — Com certeza já aconteceu contigo.

— Minha rotina de sono é ótima.

Outro suspiro. Ela não duvidava que tudo que Gustavo se dispunha a fazer saísse perfeito. Até o ato de dormir, pelo visto.

— Ah…

— Não dormiu direito por minha causa? Pelo que eu te disse ontem?

— Aí também não é pra tanto… — mentiu. Foi exatamente isso, mas era difícil dar o braço a torcer.

Quando já estavam quase na entrada do Instituto, depararam-se com Lis e Dante chegando no mesmo momento. Emília quase deu um pulinho de alegria. Assim, ao menos, aquela conversa esquisita e constrangedora com Gustavo terminaria.

— Oi! — Correu até os amigos. — Não acredito que encontrei os amorzinhos da minha vida tão cedo na UFF! Que alegria!

Abraçou os dois, tentando esconder os rastros do choro. No entanto, Lis a segurou pelos ombros para analisá-la, surpresa ao ver a amiga.

— Meu Deus, Mi! — exclamou. — Caiu da cama? Nunca te vi tão cedo assim por aqui.

— Ah... — Emília girou os olhos, pensando em uma desculpa.

— Vocês vieram juntos? Pensando agora, quase nunca te vejo chegando tão tarde, Gustavo.

— Ah. — Foi a vez dele tentar arrumar uma desculpa. — Acabei me atrasando.

O silêncio que se alastrou era impactante. Lis e Dante se entreolharam, curiosos. Emília espremeu os lábios, já farta de toda aquela confusão.

— Nossa, olha só a hora! — disse. — Quem vai acabar atrasada sou eu! Até mais, a gente se vê por aí...

E foi correndo até o elevador. Dessa vez, ninguém a impediu e ela não bateu em nada, então conseguiu subir sozinha até o terceiro andar, onde ficava seu laboratório.

— Gente do Céu, que mico... — murmurou para si mesma. Resolveu ir até o banheiro para se aprumar.

Para sua surpresa, assim que entrou, deparou-se com Ayumi saindo de uma das cabines. A IC sorriu para ela, alegre e jovial.

— Emília! — falou. — Nossa, você não morre mais! Tava pensando em você agorinha mesmo!

— É? — Seu instinto inicial era ficar feliz em encontrar seu alvo como cupido daquele jeito. Mas a vozinha racional dentro de sua cabeça ainda a dizia que era melhor esquecer.

— Ai, sim! Fico até com vergonha de perguntar isso, mas... Sabe, minhas veteranas falaram muito da sua fama! Aí eu fiquei pensando...

— Fama? Que fama? — Emília prendeu a respiração. Fama de ser infantil, insegura, dramática?

Aquela conversa doida com Gustavo certamente tinha desalinhado os chacras dela.

— Não se faça de desentendida! A melhor cupido de Niterói, a Besourinha do Amor! Meu Deus, a biologia inteira fala de você, que você junta casais incríveis desde caloura!

— Ah, também não é assim... — Todos aqueles elogios começaram a animá-la. — Eu só tento ajudar.

— Me falaram que você juntou uma menina da neuro com aquele deus grego loiro e gigante todo tatuado que fica desfilando por aí! Dante, né? Nossa, incrível!

— Ai, foi meu melhor trabalho! — Emília jogou o cabelo para trás. Assim como ela, ele não tinha acordado muito bem e estava escorrido e sem vida, mas nada que a impedisse de jogá-lo para todos os lados como sempre fazia. — A Lis é minha melhor amiga, me esforcei muito pra juntar aqueles dois!

“Mas não foi por sua causa” a voz de Gustavo soou em sua cabeça. *“Eles ficaram juntos porque tinham que ficar, porque se gostaram. Não precisa fazer sua vida inteira girar ao redor disso.”*

— Mas era pra ser, com certeza — resolveu dizer. Talvez assim a voz dele sumisse de uma vez por todas. — Ia acontecer de um jeito ou de outro! Mas me fala: por que está tão curiosa com a Besourinha do Amor?

Ayumi ajeitou o cabelo azul, seu rosto corando de repente. Emília fez de tudo para não ver, mas era óbvio que a IC queria que ela a juntasse com alguém.

E Emília sabia bem com quem seria. Não era um jogo, mas ela nunca errava. Estava tão na cara que era até difícil não enxergar as linhas de amor se esticando.

— Eu tô super com vergonha, a gente nem se conhece tanto assim! — Ayumi deu uma risada. — Mas eu só ando pensando nisso desde que fiz as entrevistas pro LBBE! Sei que parece estranho, mas... Nossa, eu tô muito a fim do Pedro Takeda, Emília. Achei ele um gatinho desde a primeira vez que o vi.

Chupa essa, Gustavo! Emília comemorou, mordendo os lábios para mascarar um sorrisinho.

— Não precisa ficar com vergonha, você veio falar com a pessoa certa! — afirmou. — E eu já tinha notado, hein? Aqueles sorrisinhos que vocês trocaram nas entrevistas não enganaram ninguém!

— Meu Deus! — Ayumi gargalhou. — Então você vai me ajudar? Sei que parece loucura, acabei de entrar no estágio, mas parece um sinal isso ter acontecido no mesmo laboratório que a Besourinha do Amor trabalha, não acha? Eu sou meio maluca, fico vendo sinais em tudo…

Emília sorriu de volta, sua confiança voltando pelas palavras da IC. Assim como Ayumi, ela também via sinais em tudo.

E tudo lhe dizia que aquele seria mais um caso de puro sucesso.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Como sempre, Gustavo estava de mau humor. O motivo de ele estar assim que era novidade.

Assim como Emília, ele também não tinha dormido muito bem, mesmo tendo uma rotina de sono impecável, como havia dito. As razões pelas quais o sono lhe faltou naquela noite ainda eram difíceis de entender e era exatamente isso que o deixava para morrer.

Ele tinha se sentido *mal* pela expressão de Emília na noite anterior? Tinha se sentido culpado por não ter conseguido conversar com ela direito? Que idiotice era aquela? Gustavo conhecia bem o poder das palavras e, por isso, tentava falar tudo da forma mais clara e eficiente o possível. Ele era um pouco seco e rude de vez em quando, mas ser assim nunca o incomodou. A verdade tinha que ser dita de um jeito ou de outro, fosse ela doer ou não. Sendo assim, Gustavo não era uma pessoa que costumava se

importar se magoava alguém com o que dizia, porque sempre falava verdade.

Para que fazer rodeios se a verdade era uma só? Era o que ele pensava.

Mas aqueles olhinhos insuportáveis de Emília Park tinham mexido com ele e Gustavo ficou pensando se poderia ter respondido à pergunta de outra forma, se havia outro jeito de fazê-la entender sem a machucar. E foi assim que ele se atrasou mais uma vez por causa dela.

Porra, que imbecilidade! Pensou, tamborilando os dedos em uma das bancadas do laboratório. E ter tido a confirmação de que tinha sido meio grosso com ela naquela manhã não amenizou sua situação. *Aquela garota gritou comigo, saiu correndo, bateu a cara na porta e começou a chorar do nada. E quem se sentiu um merda fui eu. Que porra é essa?* Pensou de novo, mordiscando o lábio inferior.

Isso tudo tinha o atrasado e ele teve que ouvir mais piadas de Lis. Ela andava cada vez mais engraçadinha com esse assunto, Gustavo tinha dado corda demais naquela relação e agora estava pagando o preço.

A culpa não é da Lis, é... Tentou dar ordem aos pensamentos de novo. Não chegou à conclusão nenhuma e isso o deixou ainda mais irritado.

— Gustavo... — A voz da mestranda o arrancou das reflexões. — Tá tudo bem? Você parece meio distraído.

— E você parece que precisa de óculos. — Endireitou-se, arrumando a gola do jaleco. — O que quer?

Lis deu uma risada, mordendo os lábios. Diferente de quase todo mundo, ela se divertia quando o percebia mais emburrado do que normalmente e gostava de perturbá-lo. Talvez fosse por isso que os dois se dessem tão bem, ela nunca se importava com suas grosserias.

As amigas de Emília eram meio loucas. Ele fez uma nota mental de se afastar de todas elas, a pestinha de cabelo rosa inclusa. Seria melhor para sua sanidade.

— Tô só perguntando porque os novos candidatos à Iniciação Científica vão chegar daqui a pouco e seria muito legal se você não expulsasse ninguém hoje, né? — Lis sugeriu, sorridente. — O Leandro só vai conseguir chegar de tarde e a Joana aparentemente gosta de sofrer e coloca todas essas entrevistas como sua responsabilidade. Se estiver se sentindo mal, posso fazer tudo no seu lugar.

Ele franziu as sobrancelhas e torceu a boca. Lis fez de tudo para não começar a rir.

— Ai, qual é, Gustavo! — exclamou. — Você chegou atrasado e com a Mi. E agora tá com cara de que quer cometer um genocídio em massa. Vocês dois caíram da cama hoje? Juntos? O que aconteceu?

— Não aconteceu nada — resmungou. — A gente se encontrou saindo de casa e eu dei uma carona pra ela. O que tem de tão errado nisso?

— Nada. É só que tenho quase certeza de que a Mi arquiteta um plano elaboradíssimo todas as noites só pra evitar de vir contigo pra UFF.

Gustavo respirou fundo. O comportamento de Emília era uma incógnita para ele.

— Aconteceu alguma coisa com ela? — resolveu perguntar. Quem sabe Lis conseguiria esclarecer a situação.

— Não que eu saiba. Por quê? Achou ela estranha hoje?

— Ela saiu correndo e bateu a cara na porta do prédio. E depois começou a chorar na minha frente.

Lis fez uma careta de confusão. Gustavo bufou e estalou a língua.

— Ontem, ela me perguntou o que eu achava dessa história de cupido e eu só falei a verdade, que é uma irresponsabilidade — explicou. — Talvez tenha sido isso, ainda não entendi muito bem.

— *Talvez?* Gustavo, você é podre.

— Quê? — Foi a vez dele de fazer uma careta.

— Por que você pega tanto no pé da Mi com isso?

— Porque é uma imaturidade sem tamanho. Não tem como levar a sério alguém que se autointitula *Besourinha do Amor.*

— O título é uma brincadeira e não foi ela que inventou isso. Começaram a chamá-la assim depois de uma aula de zoologia que a gente estudou o besouro-do-amor[8].

— Que seja. Ainda assim, é idiota.

— Não é idiota! Ela ajudou muita gente, tá? Eu, inclusive!

— Realmente acha que ela te ajudou a ficar com o Dante?

Lis fez que sim com a cabeça, resoluta.

— Você só diz isso porque ela é sua amiga — Gustavo falou.

— Não. Falo com propriedade. Talvez eu não tivesse ficado com o Dante se ela não tivesse insistido tanto.

— Qual é.

— É sério! — Lis chamou o noivo com um aceno de braço. Ele estava lavando a vidraria que deixara de molho no dia anterior. — Dante, fala pra ele: a Emília não ajudou a gente a ficar juntos?

— Ajudou. — Dante só juntou as sobrancelhas com a declaração. Ele era bem quieto e pouco se pronunciava, então acabou não dando muita força ao relato.

— Você não viu tudo que aconteceu porque estava no intercâmbio, então não pode opinar em nada, Gustavo! — Lis afirmou. — E independente de qualquer coisa, para de ser um grosso com a Emília, ela leva tudo que você diz muito a sério!

— Leva? — Era a segunda vez que uma afirmação o deixava completamente desnorteado.

Emília ligava para o que ele dizia? Ao ponto de ficar magoada com isso? Era de fato surpreendente. Pelo que entendia dela, Emília não parecia ser uma pessoa que se importava com o que os outros pensavam dela. Ainda mais

ele, alguém que Emília mal se dispunha a manter contato visual por mais de dois segundos.

— Argh, chega dessa conversa — reclamou. — Se estou atrasado, quero começar logo a trabalhar e essa idiotice não está ajudando em nada.

Lis e Dante obedeceram, dispersando-se pelo laboratório. Gustavo voltou a tamborilar os dedos na bancada, procurando uma resposta para toda aquela confusão que praticamente explodira em seu colo. Contudo, por mais que pensasse, ele continuava sem entender nada.

Nada sobre Emília Park fazia sentido.



“Posso ser seu herói
Posso ser seu homem”
Now Playing: HERO
MONSTA X

— Não se preocupa, Ayumi. Pode deixar comigo! — Emília cochichou para a colega. — Vou sondar o Pedro quando ele for embora, vai dar tudo certo.

A ansiedade dela tinha melhorado um pouco e a Besourinha passou o resto do dia conversando com a IC durante o trabalho. Acabou percebendo que tinha adorado a personalidade de Ayumi e que as duas tinham muito em comum, o começo de uma amizade genuína se construindo ali. Sendo assim, Emília se esforçaria ao máximo para ajudar na felicidade da nova amiga, custasse o que custasse. Aquela cena de manhã só tinha sido um desvio em seu caminho.

— Realmente acha que não estou sendo afobada demais? — Ayumi mordiscou os lábios, envergonhada. — Às vezes sinto que acabo exagerando...

— Que isso, é bom ser decidida de vez em quando, sabe? Muita enrolação só atrapalha, é o que eu acho.

Ayumi concordou com um aceno de cabeça. Ela e Carlos estavam indo para uma reunião com a Prof.ª Helena naquele momento, então as duas teriam que se despedir ali. E, para sorte de Emília, ter chegado cedo lhe dera a oportunidade de terminar tudo quase na mesma hora que

Pedro. Agora com a confirmação de que Ayumi também gostava dele, Emília tinha mais espaço de manobra e conseguiria fazê-lo enxergar que a IC era seu par perfeito. Ela só precisava de um pouco mais de paciência e flexibilidade.

E isso era algo que não lhe faltava. Emília era um primor em relações sociais, tiraria aquilo de letra como sempre fizera. Era só parar de dar toda aquela atenção desnecessária ao crápula que era seu vizinho que tudo daria certo.

Ayumi se despediu dela, deixando-a sozinha com Pedro. O mestrando estava terminando seu último experimento, então Emília se aproximou cautelosamente. Apoiou-se na bancada ao lado dele, assistindo-o terminar de fixar sua corrida de proteínas na membrana.

— Pedro, tudo bem com você hoje? — perguntou, sua voz cantarolada e alegre.

— Não muito, Mi... — ele choramingou. — Você ficou longe de mim o dia inteiro hoje, não gostei.

— Ah, é que eu fiquei conversando com a Ayumi, pra conhecê-la melhor. E eu tô amando, hein? Acho que vou bater o pé ficar com ela pra mim.

— O que for melhor pra você, Mi. Só quero te ver feliz.

Ela se segurou para não estalar a língua. Paciência e flexibilidade, era isso.

— Não acredito que vai desistir tão fácil assim! — falou. — Acho que a Ayumi ia adicionar muito no seu projeto, apesar de eu ter amado ela, como disse. Sério, ela é tão inteligente e perspicaz. Aprendeu tudo com uma rapidez incrível! Não desista tão fácil assim.

Pedro a fitou e Emília abriu um sorriso amigável, encorajando o colega a falar mais sobre a nova aluna. Contudo, ele só soltou um suspiro triste.

— A Ayumi... — ele começou. — Ela é bem legal. Ela me adicionou no Instagram ontem e a gente tem conversado bem.

— Sério? Você não tinha me contado sobre isso.

— É... ela gosta de animes, videogame e tudo mais... Acho que falou que o anime favorito dela é *Attack on Titan.*

— Nossa! Você também gosta?

— Gosto, é meu favorito também. Não conhece?

— Não. Não sei nadinha de nada de animes em geral. Sou uma patricinha sem nada na cabeça, acho que eu e você não temos nada em comum, pelo visto!

Pedro franziu o rosto.

— Sério? — ele a questionou. — Sempre achei que gostasse.

— *Sailor Moon* conta? Acho que só gosto desse e... Ah, curto *k-pop* pra caramba.

— Sério? — A careta dele se aprofundou.

— Seríssimo. Sinto muito ter te decepcionado. Mas a Ayumi é...

— Eu poderia te mostrar alguns animes legais, tenho certeza de que vai gostar de algum. O que acha?

Emília suspirou. Todas suas interações com Pedro a deixavam exausta.

Ainda havia um caminho *muito* longo pela frente.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Danilo Choi
Ei, primo!
Tô pelas suas bandas em Niterói
Você vai na casa das bisas hoje, não vai?
Tem como me dar uma carona?
Pô, Uber tá caríssimo
Ajuda o pai aí, faz favor
Tô quase chegando no campus

Gustavo fez cara feia com as mensagens que tinha acabado de receber de Danilo. Ele não era seu primo de primeiro grau, já que o pai de Gustavo não tinha irmãos, então ele era filho do filho de seu tio-avô. Uma árvore

genealógica complexa que só lhe dizia que eles não eram tão próximos assim, mas Danilo adorava pedir favores sempre que podia e Gustavo não conseguia encontrar uma razão plausível para recusá-los. Ele iria mesmo para a casa das bisavós naquele dia, então não custava nada. Danilo falava demais e isso o aborrecia um pouco, mas nada que ele não pudesse suportar pelos 40 minutos de viagem.

Gustavo mandou um emoji de polegar para cima para o primo. Depois, guardou o celular no bolso para retirar o jaleco. Apesar de tudo, ele tinha conseguido terminar o trabalho na hora certa para sair. Conseguiu até selecionar dois ICs satisfatórios, ainda que tivessem o irritado com perguntas idiotas ao ponto de ele querer expulsar todo mundo.

Dois de seis era um número muito bom, dadas as circunstâncias.

— Nem acredito que a gente conseguiu! — Lis comemorou. Ela também estava arrumando suas coisas para ir embora. — Teve uma hora que eu achei que você ia expulsar os candidatos, a gente e qualquer alma que ousasse cruzar o seu caminho. Obrigada, Deus!

— Você tirou o dia hoje pra me irritar, Lis. Só pode… — ele grunhiu.

Respirou fundo, planejando seus próximos passos. Era melhor ir logo para o carro e esperar o primo lá, já que Danilo sempre tendia a falar abobrinhas quando encontrava os amigos de Gustavo. Sendo assim, para evitar estresses desnecessários, seria bom ir embora antes dos colegas de trabalho.

Será que Emília também estava saindo naquela hora? Será que também iria para a casa das bisavós? Não havia nada combinado com o lado dos Park, mas talvez ela quisesse ir.

Gustavo devia perguntar? Devia sugerir? Devia convidá-la para ir caso ela não tivesse planos?

Para de oferecer coisas pra ela. Para de querer interagir com ela. Você só se irrita e... Só para, Gustavo. Que caralho, pensou, aborrecido consigo mesmo pela montanha de sentimentos conflitantes. Forçar-se a entender tudo aquilo era perda de tempo.

— Bem, vou indo — falou, colocando a mochila nas costas. — Vejo vocês amanhã?

— Claro, só tenta não se atrasar de novo, é um pouco inconveniente... — Lis implicou com ele.

Gustavo a fuzilou com o olhar. Fez um aceno com a cabeça para Dante e Leandro e saiu do laboratório. Mandou mais uma mensagem para o primo, dizendo para encontrá-lo em frente ao Instituto, já que o carro dele estava estacionado ali perto. Desceu de elevador ainda pensando em Emília e em tudo que Lis dissera, angustiado por estar tão confuso.

E assim que saiu pelas portas do Instituto, encontrou Emília conversando com o mesmo rapaz do dia anterior, o que causara toda aquela bagunça.

— ♥ — ♥ — ♥ — ♥ — ♥ — ♥ —

— Tudo é questão de conexão, entende? — Emília ainda estava tagarelando para o colega de laboratório. Tinham parado em frente ao Instituto para conversarem mais um pouco e ela continuava tentando convencer Pedro a olhar do jeito certo para Ayumi. — Não acha? Tem pessoas que a gente se conecta na hora.

Pedro lhe lançou mais um olhar profundo e Emília estremeceu. Desde que começou a conversar com ele, a voz de Gustavo tinha voltado com tudo em sua cabeça e ela já não se sentia mais tão confiante assim, por mais que tivesse se animado com a abordagem de Ayumi.

Contudo, não tinha como voltar atrás agora, a nova amiga contava com ela. Emília não poderia decepcioná-la

daquele jeito, não de uma forma tão ruim. Ela nunca se perdoaria.

— Senti isso no momento em que te vi pela primeira vez. — Pedro segurou a mão dela. — Você sorriu pra mim e eu fiquei… Você é tão bonita, Emília.

— Ah… obrigada! Mas a Ayumi…

— Pode ficar com ela como sua IC, não me importo. Não é sobre isso que quero falar agora.

— Não? — Emília gaguejou. — E sobre o que quer falar?

— Sobre a gente. Sobre o que vai ser da gente.

— E o que vai ser da gente? Não tô te entendendo…

— Mi, porra, eu… Acho que a gente foi feito pra ficar junto.

Ai, meu pai do céu, pensou, quase caindo para trás diante daquela declaração. Do que ele estava falando? Os dois mal se conheciam!

— Ah, Pedro! Já sei o que aconteceu! — exclamou, um pouco nervosa. — Você também teve uma péssima noite de sono hoje, né? Ai, te entendo. Eu também falo um monte de bobagem quando durmo mal e acordo cedo!

— Não é bobagem, eu realmente…

— Vou fingir que você não confundiu eu e a Ayumi. — Deu uma risada desconfortável. — Daltonismo é um problema sério, de verdade. Mas entendo que tenha nos confundido, as duas de cabelo colorido, né? Mas o dela é azul e o meu é rosa, então…

— Não te confundi com a Ayumi. Ela é ok, mas… acho que eu te amo, Mi.

— Você enlouqueceu.

— E acho que você também gosta muito de mim. Tá sempre puxando papo, me abraçando e…

— É o meu jeito! Do que você tá falando?

— Até parece que você age assim com todos os homens, Emília. Se for verdade, eu ficaria decepcionado, mas sei que não é.

— Você tá *muito* errado! Eu nunca fiz nada que te incentivasse a pensar que…

— Você acabou de falar sobre conexão, que tem pessoas que a gente se conecta na hora!

— Eu tava falando de você e da Ayumi!

— E eu tô falando de você e eu. Esquece a Ayumi, ela é legal, mas a gente…

— Não tem a gente, não tem como ter a gente, não gosto de você desse jeito!

— Impossível, Mi. Você nunca falaria as coisas que fala pra um cara que não estivesse a fim. É impossível.

Emília engoliu em seco, nervosa e preocupada. Aquilo era uma reviravolta que ela não contava e a insistência de Pedro a deixava ultrajada e ansiosa. Como sair daquela situação? Ela teria que sair correndo para fugir dele?

Mas e no dia seguinte, como faria? E o que diria para Ayumi, como explicaria que Pedro tinha entendido tudo errado e que se dizia apaixonada pela cupido? Era o pior cenário possível. Ela tinha que cortar aquele mal pela raiz.

— Você entendeu tudo errado, Pedro. Sinto te dizer. Não tem como eu estar a fim de você porque…

O que ela devia dizer? Como sair daquilo? Emília olhou ao redor, procurando por um milagre, uma solução mágica que fizesse apagar toda aquela confusão.

E foi nesse momento que ela viu Gustavo saindo do Instituto de Biologia.

— Não tem como eu estar a fim de você porque eu tenho namorado — disse de uma vez só, mal conseguiu respirar quando falou tudo. — E ele tá bem ali, olha.

Apontou para Gustavo saindo. Pedro inclinou a cabeça, sem entender. Ao mesmo tempo, Gustavo já os olhava com uma expressão ininteligível.

— Seu namorado? — Pedro perguntou.

— É, o Gustavo! Eu te mostrei quem era ontem, lembra? Até fui embora com ele!

Gustavo se aproximou dos dois. Franziu o cenho como sempre ao encará-la, analisando a expressão dela. Emília engoliu em seco.

— Oi, amor! — Ela quase se engasgou quando disse isso. — Já chegou? A gente vai embora junto hoje de novo, né?

Emília se soltou de Pedro e segurou a mão dele, espremendo os lábios. Apertou seus dedos e a careta de Gustavo se intensificou ainda mais.

— Você tá namorando o cara que vive xingando? — Pedro também não estava com uma cara muito boa. — Hoje mesmo acho que falou mal dele.

Gustavo estava com a cara toda torcida agora. Emília inclinou as sobrancelhas, ainda sem parar de olhar para ele, sentindo seus olhos se encherem de lágrimas. Tudo ia piorar ainda mais se ela chorasse, então Emília se segurou com tudo que tinha.

Seu suposto namorado suavizou o rosto assim que notou as lágrimas que estavam para vir. Depois semicerrou os olhos para Pedro, impaciente.

— O que você tá fazendo com ela? — murmurou a pergunta entredentes.

— Nada, a gente só tá conversando! — Pedro resmungou, acuado. — Só acho que é inacreditável ela estar te namorando assim do nada.

— Por que é tão inacreditável assim?

— Porque ela te odeia, cara. Ele tá te ameaçando ou algo assim, Mi? Não consigo entender, você é tão doce comigo e…

— Ele é meu namorado, sim! — Emília quase deu um berro. — A gente só se implica um pouco. Agora, se me dá licença…

— Não terminamos de conversar, Emília! Se você tá fazendo isso tudo só porque está confusa, podemos fazer as coisas devagar!

Ele a segurou pela mão de novo. Emília ia chorar mais uma vez naquele dia, que humilhação. E na frente de Gustavo Choi, *de novo*.

Pior, ela tinha dado a desculpa de que ele era seu namorado e ela não tinha colado. Emília teria que largar o mestrado e nunca mais colocar os pés na UFF. Teria que se mudar do país, nunca mais ver sua família e amigos de novo. Tudo porque ela não escutou aquela mesma pessoa que agora assistia ao seu desastre pessoal de camarote.

Como se nada daquilo bastasse, Emília teve um vislumbre de Lis, Dante e Leandro deixando o prédio naquele momento. *Ótimo, mais plateia pra minha total derrocada, acho que vou infartar.*

Gustavo franziu as sobrancelhas de novo ao assistir Pedro segurando a mão dela. Como sempre, ele entendia cada vez menos a situação e isso era insuportável. Mas lá estava aquela garota louca quase chorando de novo, contando uma mentira para se livrar de um idiota inconveniente, pelo visto.

Bem, acho que lidar com esse imbecil vai ser a tarefa mais fácil do dia, foi o que pensou de imediato. Se Emília estava com problemas, só cabia a ele resolvê-los.

— Primeiro, solta a mão dela. — Ele mesmo os separou ao dizer isso. Colocou as duas mãos em cima dos ombros de Emília, virando-a para si. — Pelo visto, você é tão burro quanto patético pra questionar um namoro perfeitamente plausível.

Olhou para ela, depois utilizou uma das mãos para inclinar seu queixo, como se quisesse averiguá-la.

— Você tá bem? — Fez o questionamento. Ainda não havia uma sombra sequer de emoção no rosto dele.

— Ahn… Sim?

— Ótimo. — Ele abaixou um pouco o tom de voz em seguida, de modo que só ela escutasse. — Agora, licença.

— Quê? — Emília só teve tempo de perguntar isso.

Porque ele abaixou o tronco para alcançá-la e colou os lábios nos dela, fechando os olhos.

Gustavo Choi tinha acabado de beijá-la na frente de todo mundo.



Então é verdade que tudo fica em câmera lenta quando você está prestes a morrer, o pensamento atravessou a mente de Emília.

Primeiro, ela só sentiu a textura dos lábios de Gustavo. Eles eram bem macios e quentes, o suficiente para que ela perdesse o ar por alguns segundos. O ato não passou de um selinho, mas ela acreditou de verdade que fosse morrer naquele momento.

Segundo, conseguiu escutar Lis gritando alguma coisa, a voz da melhor amiga em tons elevados de surpresa. Talvez tenha até escutado Leandro soltando um palavrão diante da cena e Dante exclamando um “quê?” bem alto, um gesto surpreendente vindo de alguém que quase não elevava a voz.

Terceiro, ela também escutou Pedro prender o ar e xingar baixinho. Gustavo quebrou o beijo e se esticou, olhando para o mestrando. Emília continuava parada no mesmo lugar, talvez tivesse desaprendido a respirar.

— Agora vai embora — Gustavo o dispensou. Sem querer dar mais chances de ele retrucar, só puxou Emília pela mão, por fim indo embora.

Ela o seguiu sem oferecer resistência, mesmo que Lis estivesse a chamando a todo custo. Mal conseguiu processar a informação de que Gustavo a levou até o carro, abrindo a porta para ela. De algum jeito, conseguiu se sentar no banco de carona e esperou que ele entrasse também e fechasse a porta.

Foi aí que tudo voltou a passar na velocidade normal. Quem sabe até estivesse duas vezes mais rápido, como nos

vídeos tutoriais de DIY que ela às vezes assistia no Youtube.

— Ai, meu Deus! — Deu um berro. — *Ai, meu Deus!*

— Emília.

— O que foi que eu fiz, meu Deus? Meu Deus, meu Deus, *meu Deus!*

Começou a respirar com dificuldade. Uma crise de pânico se iniciava ali e aquilo não seria uma cena bonita de se ver. Como ela tinha conseguido chorar, mentir e surtar na frente de Gustavo Choi, tudo no mesmo dia? Não era possível.

Certo, ela sabia o que fazer. Seu pai tinha ensinado os passos para se acalmar em uma crise iminente. Abraçou o próprio corpo, prestou atenção na contração de alguns grupos musculares e prendeu a respiração. Depois relaxou, sempre atenta às sensações de seus músculos contraindo e relaxando, e soltou o ar profundamente. Fez isso até que seu coração desacelerasse um pouquinho.

No entanto, era impossível conter as lágrimas. Tentou não soluçar demais, sem conseguir encarar Gustavo bem ao seu lado. Como em todas as outras vezes, ele só ficou quieto, observando as ações dela, atento e ininteligível.

— Aquele cara fez alguma coisa com você? — ele perguntou.

— Não! — Emília explicou rapidamente, gaguejando. — Fui eu quem… Ai, eu estraguei tudo! Fiz tudo errado!

Ficaram em silêncio de novo. Gustavo esperou que ela se acalmasse mais antes de voltar com suas perguntas.

— Foi aquela história de cupido? — Ele tentou ser o mais gentil possível. Teria adicionado a palavra “idiota” normalmente, mas se conteve.

Emília fez que sim com a cabeça. Gustavo teve que se segurar para não suspirar. Só espremeu os lábios, esticando as sobrancelhas.

— Essas coisas acontecem. Não foi nada demais — falou. Coisas assim nunca aconteciam e aqueles atos teriam

consequências, mas Emília estava fragilizada demais para ter que escutar um “eu avisei” dele naquele momento.

— Por que me beijou? — Ela espalmou as mãos no rosto, puxando a pele. — Que porra foi aquela?!

— Ele não tinha acreditado que a gente namorava.

— A gente não namora!

— Mas você mentiu por algum motivo e eu só quis corroborar sua afirmação. — Deu de ombros.

Emília soltou um grunhido. Ouvir Gustavo falando “corroborar” naquela bagunça absurda deixava tudo ainda mais bizarro.

— Não precisava ter me beijado! Não precisava ter dito nada, era só a gente ter ido embora!

— Acho que não teria sido tão eficiente. Ele não vai mais te incomodar, tenho certeza.

— A Lis viu tudo! O Dante, o Leandro! O que vou falar pra eles?

— Que você teve que mentir pra fugir daquele chato?

— Gustavo!

— Não tô te entendendo, Emília. — Ele franziu o nariz. — Pensei que quisesse que eu te ajudasse.

— Eu…

O que ela tinha feito? Admitir que tinha feito merda para Lis e os outros não seria nada fácil, ainda mais por Emília viver se gabando de ser uma cupido que nunca errava. Ter que admitir que Gustavo estava certo desde o início e que ela tinha insistido naquela história por despeito seria pior ainda.

Gustavo esteve sempre certo sobre ela. Emília era uma imatura que brincava com a vida dos outros. Tinha incentivado Ayumi a correr atrás de Pedro sem ter notado o que o colega sentia por ela. Um erro rude, grosseiro. Emília tinha estragado tudo.

— Me desculpa… — choramingou.

— Não precisa pedir desculpas. Não é nada tão difícil de resolver, só vão ser necessárias algumas explicações e…

Gustavo foi interrompido pelo barulho do próprio celular apitando sem parar. Eram tantas mensagens chegando que até Emília achou estranho. Ficou o observando alcançar o aparelho e franzir o cenho quando abriu o aplicativo de mensagens.

Depois o viu arregalar os olhos, uma expressão de puro choque.

— Meu Deus — foi a vez dele de exclamar. — Meu Deus.

— O que houve?

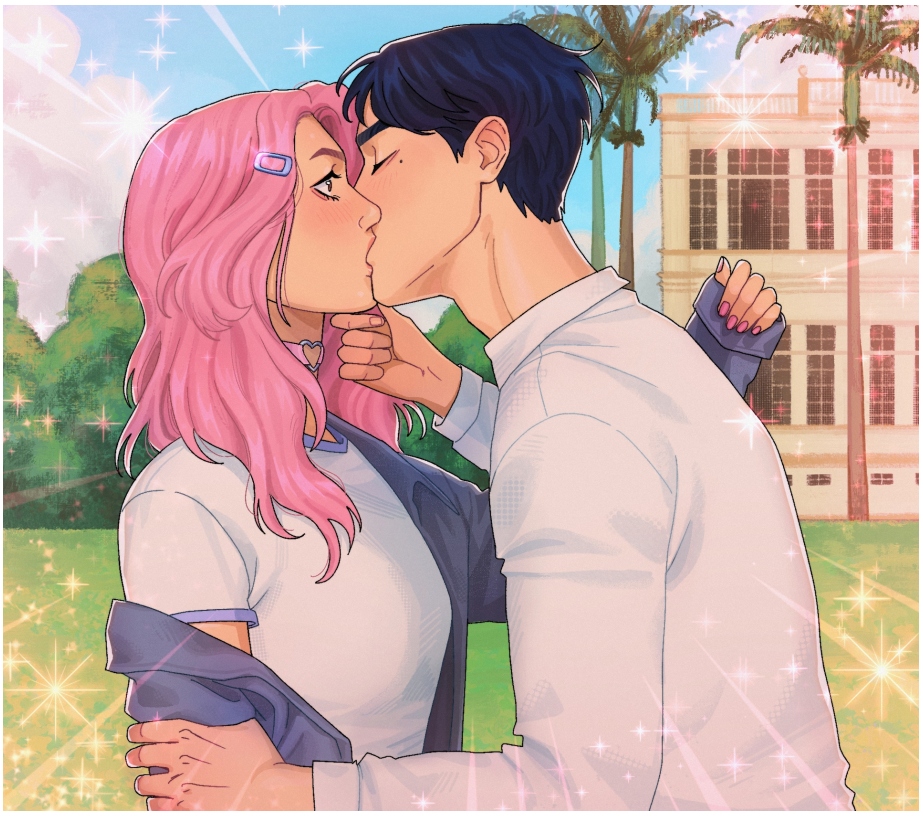
Ele nem conseguiu responder, ficou parado assistindo as mensagens chegarem. Aflita, ela se esticou para ler também. Era o grupo da família Choi. Ela ficou toda arrepiada quando percebeu a mensagem que o congelara.

Uma foto dos dois se beijando estampava a tela inteira, tirada por Danilo, o primo dele.

E, como se tivesse sido invocado ali, Danilo Choi bateu no vidro da janela dela. Tanto Emília quanto Gustavo deram um pulo de susto.

— Ei, que babado, hein? — Danilo falou do outro lado, sorridente. — Finalmente aconteceu! As famílias vão se juntar, é a fofoca do século e eu fui o primeiro a saber! Caralho!

— *Meu Deus do Céu* — Emília e Gustavo murmuraram ao mesmo tempo.





“Apareceu de repente
Seu primeiro amor eletrizante”
Now Playing: Rum Pum Pum Pum
f(x)

Murilo Choi
GUSTAVO ALMEIDA CHOI
EXPLIQUE-SE IMEDIATAMENTE

Gustavo piscou várias vezes, como se esse ato fosse capaz de apagar aquelas duas mensagens que seu pai tinha acabado de mandar. Mensagens simples, mas que continham bastante significado: seu nome inteiro em caixa alta e a palavra “imediatamente”. Isso já era o suficiente para que a alma dele quisesse escapar do corpo.

Ele mal conseguia se mexer. Estava mole e pálido com o celular em mãos, recostado no banco enquanto ouvia Emília berrar com Danilo. Sua vida inteira passava diante de seus olhos. Seu nascimento, infância, o brilhantismo na faculdade, o intercâmbio na Coreia do Sul.

E, claro, sua morte iminente porque seu primo era a porra de um fofoqueiro.

— Eu vou te matar! Danilo, eu vou acabar com a tua raça! — Emília gritou. Estava tentando puxar o cabelo dele pela janela do carro.

— Que isso, Mimi! Não tô a fim de virar camiseta de saudade agora não! — Danilo deu uma risada, esquivando-se. — Que raiva toda é essa? Era segredo que vocês tão se

pegando? Mas estavam se beijando na frente de todo mundo...

Gustavo choramingou, seu corpo pesado escorregando pelo banco. A mensagem de Danilo tinha sido enviada há pouco tempo, mas ele não duvidava nem um pouco que a notícia já tivesse chegado aos ouvidos de sua bisavó.

Sua bisavó Eunbi de 98 anos, com uma saúde frágil e que só tinha um desejo: juntar sua família com a da melhor amiga. Talvez aquele fosse seu último grande desejo em vida. Ele não tinha nem coragem de respirar perto de Emília para não criar expectativas ridículas sobre aquilo.

E agora uma foto dele a beijando estava circulando pela família inteira.

O que seria escrito na lápide dele? *“Gustavo Almeida Choi, 1992-2025, um imbecil que só quis ajudar uma doida”?* Parecia condizente com sua realidade.

Meu Deus, acho que estou ouvindo os anjos cantando... ele pensou, já quase delirante, pálido como um fantasma. Emília olhou para ele a tempo de vê-lo derrubando o celular no chão do carro.

— Gustavo, você tá bem?! — Ela sacudiu seu ombro.

— Não muito... — Foi o que conseguiu dizer. Seu cérebro tinha pifado e era incapaz de formular frases mais elaboradas.

— Eita, peguei o casal no flagra? — Danilo entrou no carro e se sentou no banco de trás. — Porra, foi mal. É que foi muito emocionante, sério.

— Danilo! — Emília voltou a gritar.

— Vocês tão namorando? Só se pegando? Porra, pensando agora, se estiverem só de brincadeira vai ser péssimo pro Gutão aqui, hein? Acho que o tio Murilo come o fígado dele.

— Só pensou nisso agora?! Danilo, tem noção do que acabou de fazer? E se contarem pras bisas, como a gente vai desfazer isso tudo?!

— É pra desfazer? Não estão namorando? Sério?

Emília nem conseguiu responder. O celular de Gustavo voltou a apitar incessantemente. Ele conseguiu resgatá-lo do chão, espremendo os lábios quando viu que eram mais mensagens de seu pai, uma atrás da outra.

Murilo Choi
GUSTAVO
NÃO VAI ME RESPONDER?
VENHAM PRA CASA DAS BISAS AGORA MESMO
SE EU DESCOBRIR QUE VOCÊ ANDA SE ENGRAÇANDO COM A FILHA DO LINEU
GUSTAVO
NÃO QUEIRA ME VER BRAVO

Ele soltou outro grunhido, tapando a boca com uma das mãos. Emília pegou o celular e também leu as mensagens. Conhecia bem a ira de Murilo Choi, ele certamente não estava brincando.

— Eita, quem vai virar saudade é o Guto mesmo, então. — Danilo também leu as mensagens. — Que barra, primo. Foi mal aí.

— *“Foi mal aí”?* — Aquela desculpa ridícula o fez voltar à realidade.

— Porra, como é que eu ia saber que você só tava comendo a sua prometida? Pensei que quando visse uma cena assim, seria quase um pedido de casamento entre vocês dois.

Gustavo cerrou os dentes. Arregalou os olhos e soltou o ar pelo nariz.

— Sai do meu carro — rosnou.

— Que isso, primo! Também não é pra tanto…

— Sai do meu carro. *Agora.*

Incrivelmente, Danilo obedeceu. Todos ali sabiam que um Gustavo ensandecido era capaz de qualquer coisa, até esmurrar a cara do primo no meio do campus da UFF. Assim que Danilo fechou a porta, ele arrancou com o carro, saindo

do Gragoatá. Sem ter outra escolha, seguiu o trajeto até a casa das bisavós, seu corpo dirigindo no automático. Sua mente, por outro lado, estava *bem* longe.

— Gustavo, não se preocupa, tá bom? — Emília gaguejava ao lado dele, sacudindo os braços. — Eu vou resolver isso, ok? Vou falar com o tio Murilo e… Vou explicar a situação, dizer que o Pedro tava me enchendo o saco e eu te pedi pra me ajudar. Vai dar certo e…

Ele parou de escutar. Não adiantava. Mesmo sendo o caso, seu pai nunca o perdoaria. Perguntaria porque diabos Gustavo decidira que a melhor solução para ajudar aquela louca tinha sido com um beijo. Depois diria que ele estava brincando com os sentimentos dela, que Gustavo era o mais velho e devia saber melhor, que nunca levava nada a sério. Gustavo levava muitas coisas a sério, mas seu histórico amoroso realmente não era tão bom assim e seu pai às vezes ficava de cabelo em pé quando descobria parte do que ele fazia. Então o ceticismo era até compreensível.

O pior não era nem isso. Não importavam as desculpas, a vovó Eunbi ficaria decepcionada. E Gustavo preferia perder um braço a ter que decepcionar a senhora que praticamente o criou.

— Vou ter que me matar. — A frase acabou escapando de sua boca.

— Gustavo!

Ele só choramingou, ainda sem forças para dizer qualquer outra coisa. A viagem pareceu curta demais e logo eles estavam estacionando na mansão das bisavós. A casa estava sempre cheia de parentes e amigos, então já havia pessoas assistindo a chegada dos dois.

— Gustavo, é sério. Deixa comigo. — Emília tentou chamar a atenção dele de novo. — Nada disso é culpa sua e eu vou resolver, ok? Vou falar que tudo foi coisa da minha cabeça e que te forcei a me ajudar! Todo mundo já me acha meio louca, com certeza vão acreditar! Não desanima e respira fundo, tudo bem? Por favor.

Ele fez que sim com a cabeça. Estava em uma situação tão deplorável que Emília teve que ajudá-lo a sair do carro. Ela o segurou pela mão, entrelaçando seus dedos para guiá-lo e apoiá-lo.

Seu coração acelerou na hora. Aquela só podia ser a última pá de cal em sua cova. Tanta coisa acontecendo e ele estava suando porque Emília Park tinha segurado sua mão.

É por causa de uma idiotice como essa que você vai morrer, Gustavo, pensou, deixando-se ser levado até a casa. Avistou seu pai na varanda, de braços cruzados, olhos afiados por baixo dos óculos.

Gustavo era uma cópia exata do pai. Os Choi eram homens de grande porte, com ombros amplos e rosto intimidador. Murilo era mais baixo que ele, mas era mais largo e troncudo, lhe dando uma aparência bruta e zangada.

Agora ele entendia por que todos tremiam quando Gustavo entrava em modo surtado total. Ter que se deparar com aquele olhar que o partiria ao meio era realmente assustador. Se ele sobrevivesse a tudo aquilo, teria que se lembrar de ser mais cordial com as pessoas, era o mínimo.

Mas ele não sobreviveria, já tinha até se conformado.

— Oi, tio Murilo! Que bom ver o senhor! — Emília cumprimentou o pai dele, tentando sorrir como sempre fazia.

O pai só espremeu os lábios. Olhou para as mãos dadas dos dois e franziu o cenho. Foi aí que Gustavo percebeu que o gesto de Emília talvez tivesse dificultado ainda mais a situação.

O que devia se passar pela cabeça de Murilo Choi naquele momento? Formas de torturar o filho inconsequente? Talvez fosse isso.

— Então, o que aconteceu foi o seguinte… — ela começou a se explicar. Gustavo era uma estátua assustada ao seu lado, sem conseguir pronunciar uma palavra sequer. — Eu e o Gustavo…

Ela não conseguiu terminar de falar. Uma comoção do lado de dentro da casa chamou a atenção de todos e os dois avistaram as matriarcas saindo para a varanda. A vovó Eunbi caminhava a passos lentos com seu andador e a bisa Misook a acompanhava devagar, escorada em sua cuidadora.

Gustavo tinha errado há pouco tempo, foi o que concluiu naquele momento. Ele tinha pensado que a última pá de cal para seu enterro tinha sido Emília segurando sua mão e ele ficando nervoso. Contudo, evidentemente que o ato final era sua bisavó prestes a chorar ao vê-los de mãos dadas.

— Guto, meu querido! É mesmo verdade? — ela perguntou em sua língua natal, o que fez Gustavo estremecer. — Está mesmo namorando a Mimi?

Todos ficaram em silêncio. Emília não tinha entendido o que Eunbi falara, então ficou olhando para ele, esperando que Gustavo traduzisse. Entretanto, ele só engoliu em seco.

— É verdade, Guto? Estou tão feliz! — Eunbi continuou. Lágrimas de felicidade começaram a despontar do canto de seus olhos. Misook estava tão eufórica quanto ela, apertando o braço da cuidadora.

— Eu… — ele gaguejou, também em coreano.

Olhou para o pai, depois espiou Emília ao seu lado. Ela apertou sua mão, como mais um gesto de apoio, mesmo sem saber o que diziam. O fato de que tudo estava nas mãos dele o deixava ao ponto de desmaiar.

— Eu… É verdade. É, sim — falou de uma vez só. — Eu e a Emília… A gente tá namorando.

Uma exclamação conjunta varreu a varanda da mansão. Só Emília ficou sem saber o que estava acontecendo. Mas ela franziu o cenho quando viu Murilo arregalar os olhos, parecendo confuso.

— Não queríamos que descobrissem assim, mas… É bem recente, a gente tá só… — ele tentou continuar.

— Você não está inventando desculpas só porque te pegaram no flagra, não é, Gustavo? — seu pai o questionou, bravo. Também estava falando em coreano para que Eunbi entendesse.

— Não, de jeito nenhum! Eu… É recente, mas é sério. É *muito* sério. A gente… Eu gosto muito da Emília e planejo… Planejo fazer tudo da forma correta e… com muita seriedade.

Mais exclamações. Emília já estava ficando aflita por não entender nada.

— Pode me dizer o que está acontecendo? — murmurou para ele. — Do que estão falando?

— Seu namorado está dizendo o quanto gosta de você e o quanto o relacionamento de vocês é sério — Murilo interveio. Ainda parecia desconfiado.

— Quê?

— É, foi o que eu disse… — Gustavo titubeou. Virou o rosto para encará-la, um desejo crescente de desenvolver telepatia o tomando por completo. — Né, *amor?*

Emília estremeceu com aquela palavra. O tempo em que ficaram se olhando pareceu uma eternidade. E o rosto dele… Talvez fosse o máximo de emoção que ela o vira expressando em toda sua vida.

Mordiscou os lábios, sem saber muito bem o que fazer. Toda aquela confusão era culpa só sua e Gustavo só quis ajudar. E ela sabia o quanto ele se importava com a bisavó e que sempre queria agradá-la. Falar que tudo era uma mentira naquele momento seria a morte para ele.

Sacrifícios teriam que ser feitos.

— É, a gente tá namorando! — exclamou. — Surpresa! Não era pra vocês terem descoberto assim, a gente ia contar… Íamos contar muito em breve, né, amor? *Muito* em breve.

— É, muito em breve. Estava nos nossos planos — Gustavo a acompanhou.

Todos bateram palmas. O próprio pai dele suavizou o rosto e agora parecia mais surpreso do que qualquer outra coisa.

Por certo, era mesmo a fofoca do século, como Danilo havia dito. Afinal, eram quatro gerações, décadas de espera e muitas orações, mas o maior desejo de Eunbi Choi e Misook Park finalmente tinha se concretizado.

O grande problema? Era a mentira mais cabeluda do mundo.



— Ah, olha que fofo! — Danilo falou assim que chegou na casa das bisavós. Ele encontrou Emília e Gustavo sentados no sofá da espaçosa sala de visitas, ainda de mãos dadas e com cara de que morreriam se um vento mais forte batesse neles. — Fala sério, me diz se valeu ou não valeu a pena explanar o segredo? Que dia feliz!

Emília soltou o ar pela boca, sem saber se voltava a querer assassinar o primo de Gustavo ou se começava os planejamentos do próprio cortejo fúnebre. Ela e Gustavo estavam sentados há meia hora naquele sofá recebendo congratulações e deixando que tirassem fotos do casal explosivo.

O que havia de errado com aquelas famílias? Não era nem mais só os Choi agora. Boa parte dos parentes dos Park já tinha chegado e comemorava o fato de que as famílias finalmente estavam unidas.

— Até te desculpo por ter me deixado plantado lá em Niterói, primo! — Danilo ainda falava. Desde que dera a notícia de que estava namorando Emília, Gustavo não tinha tido a coragem de pronunciar mais uma palavra sequer. — Porra, tio, você tinha que ver! Parecia que o Guto ia dessa pra melhor quando o senhor começou a mandar mensagens!

Murilo arqueou as sobrancelhas, irritado. De todos ali, ele era o único que não estava com uma cara tão boa assim. Mas também não era conhecido por ser muito expressivo, então era difícil saber exatamente o que se passava em sua cabeça.

— Pare de falar palavrão, Danilo — ele pediu. — E você não devia ter feito isso. Os dois tinham o direito de dar a notícia no tempo deles.

— Mas aí nunca ia acontecer, né? O Guto é do tipo que come quieto.

Gustavo soltou um gemido exaltado. Agora seu pai ia achar que ele estava transando com Emília Park.

— Pare de falar essas coisas perto da sua bisavó, Danilo! — Murilo rugiu.

— Mas ela não tá nem entendendo…

— Não seja tão duro com o Danilo, Murilo! — Carla, esposa de um dos primos dos Choi, falou, abanando as mãos como se tudo aquilo não fosse nada. — Ele fez certo. O Guto é reservado demais e não há tempo pra tanta demora. Quanto mais cedo eles ficarem juntos, mais cedo vem os herdeiros! Não quer um neto, Murilo? Imagina, você e Lineu sendo os primeiros avós da união entre os Choi e Park?

Herdeiros? Emília e Gustavo pensaram ao mesmo tempo. Não era possível que já estavam pensando nos filhos que teriam. Pior ainda, pelo andar da carruagem, daqui a pouco pediriam que Emília engravidasse no próximo mês.

— Mas qual vai ser o sobrenome do bebê? — alguém dos Park perguntou. — Tem que ver logo isso aí!

— Obviamente Choi. — Murilo franziu o cenho. — A criança pega o sobrenome do pai.

— Estamos no Brasil, Murilo! O mínimo seria colocar um hífen entre os sobrenomes, é mais justo. Park-Choi será, então.

— Choi-Park — mais alguém se pronunciou. — Fica em ordem alfabética e o nome do pai vem primeiro, isso que é

justo.

— Por acaso querem apagar os Park da história? Park-Choi é melhor, porque se não fosse pela Emília, ainda estaríamos sofrendo com a falta de mulheres nas famílias!

— Isso, não sejam um bando de machistas! — alguma das esposas dos Park berrou. — A união entre Emília e Gustavo é Park-Choi, não Choi-Park!

— Não sei por que estão discutindo isso — Murilo interferiu. — Afinal, essa decisão é minha e do Lineu.

— Não seria da Emília e do Gustavo?

— Antes do casamento, quem decide o futuro das famílias são os primeiros netos. Conversarei com o Lineu sobre isso e...

— Ah, cheguei na hora certa! — Lineu Park entrou na sala, todo sorridente. Emília se encolheu ao ver o pai ali. — Caramba, que reunião enorme, hein? O que eu perdi? Não deu tempo de ver todas as mensagens e o Murilo só me convocou a vir.

— Estamos decidindo qual vai ser o sobrenome do filho da Mimi e do Guto! — Danilo explicou.

Lineu fez uma careta de surpresa. Olhou para a filha e para o suposto genro, sentados e silenciosos como fantasmas.

— Você tá grávida, Mimi? — ele gaguejou.

— Não! — Aquilo a fez voltar à vida. — Pelo amor de Deus, vocês são um bando de malucos? Herdeiros, sobrenome, *casamento?* Que porra é essa?!

— Olha a boca, filha. — Lineu deu uma risadinha. — Você e o Guto estão namorando, é isso?

Emília ficou em silêncio. Estremeceu e mordiscou os lábios, apertando sem querer a mão de Gustavo. Mentir para todos já era terrível, mas ter que fazer isso com o próprio pai era horroroso.

O quanto ele se decepcionaria quando soubesse que era tudo uma farsa? Emília não seria capaz de suportar isso.

— Ah... — murmurou.

— Eu que descobri, tio! — Danilo falou. — Estavam se beijando no meio da UFF! Quer ver a foto? Acho que vou imprimir e emoldurar.

— Se beijando no meio da UFF?

— Um disparate, Lineu — Murilo resmungou. — Peço perdão pelo comportamento do meu filho. Mas ele me garantiu que o relacionamento deles é sério.

— Há quanto tempo estão namorando? — o pai dela perguntou. Diferente do amigo, não parecia nada zangado, só muito surpreso.

— Ah... — Emília gaguejou. — Estamos namorando há... há um mês. Né, amor?

Gustavo arregalou os olhos ao ser chamado assim de novo. Mas só fez um aceno com a cabeça, concordando.

— A gente quer os detalhes! — Danilo pediu. — Quando exatamente começou? Alguém pega um papel, tem que entrar nos Anais da família: o dia que o Guto finalmente mandou uma pelo time.

— Eu juro que vou te assassinar enquanto dorme — Gustavo sussurrou para o primo.

— Foi... foi depois do bingo das bisas, no mês passado! — Emília inventou a história na hora. — Ele me deu uma carona, a gente conversou e... Foi até engraçado! Eu falei pra ele mudar o perfume dele e uma conversa engatou na outra e... É isso, estamos namorando!

— No bingo! — A avó de Emília, Ágata, deu um grito, batendo palmas. — Por certo o Guto se encantou pela apresentação da Mimi no palco e deu o primeiro passo! Com toda a família em volta, que emoção!

— Ah, então eu ajudei vocês! — Lineu abriu um sorriso. — Fui eu que sugeri que pegasse uma carona com o Guto, lembra, Mimi? Não acredito!

— É... Você ajudou, papai. Ajudou... muito.

— Não acredito que o Guto conseguiu conquistar a Emília — alguém falou. — Ela tem cara de boazinha, mas é osso duro de roer.

— Gustavo também não é tão fácil assim de lidar — outra pessoa comentou. — De todos os Choi que ela poderia se interessar, sempre achei que o Guto seria o último. Custava sorrir um pouco mais? Como ele esperava chamar a atenção dela desse jeito?

— Mas chamou, o que importa é isso! — Vitória, a avó de Gustavo, concluiu. — Temos que fazer uma festa pra comemorar, tirar fotos oficiais com as bisavós, temos... Meu Deus, a festa de noivado!

— Não tem festa de noivado nenhuma! — Emília gritou.

— Vocês não esperam que esse namoro demore demais, não é? — Ágata perguntou. — Suas bisavós precisam ver esse matrimônio acontecendo e...

— Vamos com calma! — Lineu tentou colocar panos quentes na conversa. — Desse jeito vão minar a relação recente dos dois e ninguém quer que isso aconteça. Sei que estamos todos animados com o acontecimento, mas Guto e Mimi precisam de privacidade e um pouco de tempo pra esse relacionamento florescer, não acham?

Todos concordaram, um pouco a contragosto. Gustavo e Emília conseguiram respirar fundo pela primeira vez. Pelo menos alguém ali tinha bom senso.

Mais uma volta na conversa sobre herdeiros e casamento e certamente Gustavo teria um infarto.

— Sendo assim, vamos dispersar e deixar o casal em paz por enquanto, ok? — Lineu pediu. — Gustavo, você precisa de uma água, pegar um ar? Temo que esteja um pouco pálido...

— Eu... Eu vou ficar bem — ele murmurou. Ainda estava de mãos dadas com Emília, mas seu aperto já era mínimo.

— Que bom! Não fique assustado demais, Guto! Seu pai está com essa cara de que chupou limão, mas no fundo está prestes a abrir o berreiro de tanta felicidade. Todas as noites ele rezava pra ter minha filha como nora e esse dia finalmente chegou.

— Lineu! — Murilo exclamou, a voz um pouco esganiçada.

— É verdade, não adianta tentar esconder. Sei que vai chorar no colo da sua esposa assim que chegar em casa.

Murilo resmungou alto, cruzando os braços.

— Bem, não vou mentir que a união das famílias é algo muito esperado por mim e por todos — admitiu. — Então espero extrema seriedade de vocês dois. Não é algo para se brincar ou encarar levianamente. As matriarcas estão muito velhinhas e... É algo para se comemorar, mas também se levar muito a sério.

Gustavo e Emília se entreolharam, nervosos e preocupados.

— Por isso, saibam que vou ficar de olho — Murilo continuou. — Principalmente em você, *Gustavo Almeida Choi.* Espero um comportamento exemplar vindo de você.

— Sim, senhor… — ele choramingou um pouco mais.

— Dito isso, estou feliz por vocês! — Lineu afirmou. — Acho que o futuro só traz coisas boas, com certeza!

Mais uma troca de olhares, a realidade se assentando ao redor dos dois como uma pedra pesada.

O futuro certamente traria algo. Eles só não sabiam se seria algo bom.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Mais tarde, quando o céu já estava escuro e todos finalmente os deixaram em paz, Gustavo e Emília estavam em uma área reservada do jardim, escondidos. Qualquer um que passasse ali pensaria que estavam trocando juras de amor, mas a verdade não podia ser mais diferente.

Gustavo e Emília estavam *surtando.*

— Por que você falou que a gente tá namorando? — Emília perguntou, a voz mais fina pelo nervosismo. — Como a gente vai sair dessa confusão?!

— Eu... Não tinha como... Minha bisavó nunca ia me perdoar.

— Gustavo, estão planejando o nosso casamento!

— O que você queria que eu fizesse? Isso tudo é culpa sua, eu só queria te ajudar!

— Eu sei, mas... O que a gente vai fazer? Não podemos continuar com isso pra sempre, uma hora supostamente teremos que terminar!

— Eu... — Passou a mão pela boca, nervoso. Pensou em todas as alternativas que tinha.

Havia alguma chance de Emília entrar em um casamento de conveniência com ele? Só enquanto as bisavós estivessem vivas, talvez até seu pai se tornar senil e se esquecer da existência dele? Quem sabe até que um buraco se formasse ali e engolisse a mansão, os Choi e os Park de uma vez só?

— Gustavo! Fala alguma coisa, pelo amor de Deus! — Emília berrou. Estava se sacudindo de novo, rodando para todos os lados.

Que dia longo ela tivera. Sabia que não devia ter se levantado da cama naquele dia. Tudo tinha lhe dito isso, mas ela não escutou.

— Argh, eu... — ele resmungou. — Não tem como... Não tem como a gente terminar agora, vai ser terrível pra todo mundo.

— Tá, ok. A gente "namora" por um tempo. Mas quanto tempo, Gustavo? Não dá pra ficar assim pra sempre!

— Até... Até o *Chuseok.* — A ideia o acometeu de repente. Foi a data mais longe que conseguiu pensar na hora. — Até lá a gente pensa em uma solução pra sair dessa.

— Até... — Emília fez as contas. O *Chuseok* era um dos ferianos coreanos mais tradicionais, celebrava a colheita do ano e era muito comemorado pela comunidade e pelas famílias. — *Outubro?!* Estamos em março!

— Não é tanto tempo assim e...

Ele soltou um grunhido alto. Segurou Emília pelos ombros, o rosto cheio de irritação.

— Escuta aqui — rosnou. — Se tem uma ideia melhor pra nos poupar desse desastre, sinta-se livre para opinar, *princesa Emília.* Caso contrário, vai ter que esperar bem quietinha até outubro pra nós dois darmos a notícia de que os maiores sonhos das nossas famílias escorreram pelo ralo! Quer matar nossas bisavós de desgosto, Emília?

— Não, eu só... — Ela voltou a chorar. Ele diminuiu o aperto em seus ombros ao notá-la daquele jeito. — Me desculpa, me desculpa...

Gustavo respirou fundo, sentindo-se culpado. A confusão tinha sido iniciada por ela, mas aquele beijo foi o catalisador de tudo. E o primo fofoqueiro era dele e Gustavo devia ter previsto que Danilo estaria por perto durante a cena com Pedro.

Boa parte daquilo era sua culpa também. Ele não podia se fazer de inocente.

— Tá tudo bem — falou. — É só por um tempo, vai passar bem rápido e a gente vai conseguir... É só até outubro, só isso.

— É que... — Emília sussurrou. — Vou aceitar, é só... E a Lis, o pessoal da UFF? Como a gente vai fazer?

— O que tem eles?

— Não posso falar que menti pra todo mundo, Gustavo! — soluçou. — Eles viram a gente se beijando, eu criei uma confusão e... A Lis e o Dante vão pensar que eu brinquei com eles também. Vão pensar que eu só brinco com essa história de cupido...

— E não é o que você faz? Brinca e depois não sabe como reverter as burradas que causa?

— Ah, me desculpa... eu realmente não queria e...

Gustavo ficou a observando chorar por um tempo. De novo, não adiantava colocar a culpa toda nela.

E aquilo era importante para Emília. Ele ainda achava a maior idiotice do universo, mas aquela história de cupido

era importante na vida dela a níveis bem acima de só uma brincadeira, ele entendia isso agora. Gustavo não podia ser tão insensível ao ponto de não enxergar isso. Emília tinha chorado o dia inteiro por causa da bronca que ele lhe dera.

— E o que quer fazer? Mentir pra eles também? — perguntou.

Ela ficou em silêncio. Foi a vez de Gustavo choramingar.

— Tudo bem — aceitou. — Se isso te fizer continuar até outubro… A gente finge que namora pra todo mundo da UFF também. E tudo acaba no *Chuseok.*

Emília limpou o rosto, um pouco mais calma.

— E… e tudo acaba no *Chuseok.* Tá, eu aceito. A gente namora até outubro, então.

Estendeu a mão para ele. Gustavo revirou os olhos e bufou, farto e exausto daquilo tudo. Mas acabou permitindo o gesto.

E assim começou o namoro falso de Emília Park e Gustavo Choi.



“Não iremos para casa hoje
Ficaremos nessa festa
Que não estava nos seus planos”
Now Playing: SPOT!
ZICO feat. JENNIE

19/03/2025
200 dias para o Chuseok!

— Caramba, tive um sonho tão louco hoje! — Emília exclamou para si mesma. Estava deitada no tapete felpudo de seu closet com seu cobertor e seu travesseiro enorme. Não tinha conseguido dormir na própria cama quando chegara em casa. — Sonhei que tinha começado um namoro com a porra do Gustavo Choi! Que loucura, né? Ainda bem que foi só um sonho!

Só o silêncio a respondeu. Isso foi o suficiente para que ela começasse a choramingar. Talvez, se ficasse repetindo que tinha sido só um sonho, o universo teria misericórdia dela e revertesse toda a cagada que cometera no dia anterior.

Um namoro até o dia 5 de outubro, início do feriado do *Chuseok.* Seis meses, 28 semanas, 200 dias de um namoro idiota com uma pessoa que ela mal conseguia ficar cinco minutos perto. Um teatrinho que teria que apresentar para sua família e amigos.

Meu Deus, a Jana e a Lis. Emília ainda não tinha respondido as amigas. O grupo delas estava lotado de mensagens e as duas tinham ligado umas quinhentas vezes. No entanto, tudo que ela fizera quando chegou em casa foi colocar o celular no silencioso, tomar um banho, vestir seu pijama mais confortável e se deitar no closet. E estava assim desde então.

Mais uma vez, eram 6h30 da madrugada e tudo que Emília queria fazer era se enfiar em um buraco e sumir.

Não era mentira. Desde que se vira sozinha, Emília tentava a todo custo criar uma barreira mental que a impedisse de pensar em todos seus erros, em como sua infantilidade tinha destruído tudo e arrastado Gustavo junto. Se aquela barreira ruísse só um pouquinho, Emília entraria em mais uma de suas crises depressivas e seria muito difícil de sair daquela, ela sentia.

Mas era difícil, era muito difícil. Talvez ela só devesse fechar os olhos de novo. Talvez ela só…

O gesto foi interrompido pelo barulho da campainha. Era um absurdo pensar que alguém ousaria atormentá-la naquela hora da manhã, ainda mais com toda aquela aura pesada de derrota que devia estar tomando seu apartamento. Emília já estava delirando pela culpa e ansiedade, com certeza. Era melhor ignorar.

Contudo, a campainha tocou de novo. Ao mesmo tempo, ela percebeu seu celular se acendendo, apesar de ainda estar no silencioso. Sem conseguir pensar muita coisa, só se sentou no chão para alcançar o aparelho e atender a ligação. Era de um número que não conhecia.

— Alô? — murmurou, receosa.

— *Tô batendo na sua porta. Não vai atender?*

— Gustavo?

— *Abre logo, Emília. Não tenho tempo pra nada disso.*

Ela fez uma careta de irritação, esquecendo-se por um segundo o quanto estava triste. Só aquele grosso para a arrancar do fundo do poço pelos cabelos.

— A senha é 4537 — resmungou, deitando-se no chão novamente. E desligou na cara dele.

Escutou a porta da frente ser aberta e grunhiu, puxando o travesseiro para colocá-lo por cima do rosto. Ele não a atormentaria se ela sufocasse primeiro, era um bom plano.

— Cadê você? — Ouviu a voz dele vinda da sala.

Ela bufou, seus resmungos abafados pelo travesseiro.

— No closet. Segunda porta à direita — respondeu.

O som dos passos dele se aproximou e parou bem perto da porta.

— Posso entrar? — perguntou.

— Pode…

— Por que você tá deitada no chão? — Fez outra pergunta quando a viu ali, jogada com o travesseiro no rosto.

— Quando tudo dá errado na minha vida, eu venho pra cá, porque pelo menos aqui tudo é planejado, perfeito e organizado. Não tenho uma rotina de sono ótima que nem você, então tive que apelar.

— Acha que consegui dormir? Não preguei o olho a noite inteira.

— Uau, nosso namoro deve ter mexido muito contigo. Que emoção, você deve estar *muito* apaixonado.

Ele soltou um grunhido e Emília suspirou, retirando o travesseiro de cima do rosto. Como esperado, Gustavo estava bem ao lado dela, de braços cruzados, suas sobrancelhas franzidas de sempre pesando seu olhar vindo de cima.

— O que você quer, Gustavo? — perguntou.

— Não é óbvio? A gente precisa ir junto pra UFF e eu tenho que ir logo pra lá. Já estou atrasado.

— Por que, diabos, a gente teria que ir junto…?

Ele grunhiu de novo, já zangado. Emília choramingou e gemeu, aborrecida.

— Porque a gente namora agora... — ela mesma respondeu à própria pergunta. — Tá muito cedo, realmente não dá...

— Levanta logo daí — Gustavo praticamente rosnou. — E se arruma. Vou fazer seu café da manhã. Quem sabe assim a gente consegue sair ainda hoje.

Gustavo saiu do closet após as ordens, deixando-a sozinha novamente. Não demorou muito para que ela escutasse sons vindo da cozinha, como se ele estivesse abrindo a geladeira e seus armários. *Que folgado!* ela pensou, torcendo os lábios em uma careta. Ele nunca tinha entrado em sua casa e agora estava mexendo em suas coisas, mandando em tudo, exigindo que ela fosse cedo para a faculdade.

Ainda assim, Emília acabou se levantando. Resolveu ignorar a movimentação na cozinha e seguiu para o banheiro para tomar banho e escovar os dentes. Em seguida, voltou para o closet enrolada no roupão e fitou suas inúmeras peças de roupa e sapatos, além dos acessórios e bolsas. Nem a beleza de seu closet lhe trazia paz naquele momento.

E, pela primeira vez desde sabe-se lá quando, Emília Park não abriu sua planilha de looks. Só pegou a calça jeans mais comum que tinha, um adidas branco e uma camiseta branca. Sem brincos, sem pulseiras e bolsas extravagantes, estava até cogitando pegar a ecobag que ganhara em um congresso que fora no ano passado, feia e de poliéster.

Aquela era sua versão de look fúnebre. Ela tinha virado uma mera mortal, sua criatividade não existia mais. Tudo porque estava acorrentada a um chato por longos 200 dias.

Arrastou-se até a cozinha, onde Gustavo já tinha preparado um misto quente e agora mexia ovos na frigideira. Tinha até colocado a cafeteira em uso, item que ela quase não usava, já que sempre acordava tarde. O cheiro de café preenchia o ambiente inteiro, trazendo um pouco de conforto naquela manhã caótica.

Ela ficou parada perto da bancada, sem saber como agir. Gustavo levantou a cabeça e a analisou de cima a baixo. Depois fez uma careta de irritação.

— Emília — falou, respirando fundo.

— Oi? O que foi?

Ele espremeu os lábios, como se estivesse ponderando consigo mesmo se devia falar o que queria ou não.

— Falei pra se arrumar — foi o que disse no fim.

— Eu me arrumei…?

Gustavo revirou os olhos. Colocou os ovos mexidos no prato e deixou a frigideira na pia. Depois, só cruzou os braços.

— Pensei que quisesse que suas amigas acreditassem na mentira — falou.

— É o que eu quero. Senão não estaria acordando quase de madrugada só pra isso.

— Então por que parece que está saindo forçada de casa?

Ficaram em silêncio. Emília demorou para entender onde ele queria chegar.

— Você tá falando da minha roupa?! — deu um grito. — A mesma pessoa que está com uma camisa polo *marrom* e tênis preto? E essa calça jeans que parece que veio direto do armário de um cantor sertanejo?!

— Não pedi seus conselhos de moda, só estou dizendo que parece que fui eu que escolhi a sua roupa e tenho certeza de que você não me deixaria fazer isso mesmo se a gente namorasse de verdade!

— Ai, me desculpa se estou triste demais pra usar cores vibrantes, talvez seja porque comecei a namorar um idiota!

— Essa que é a questão, sua maluca! Você não pode chegar lá e falar que está triste! Se é uma mentira, temos que fingir que estamos felizes, esse é o ponto de toda essa merda!

Emília fechou a boca no meio do argumento que ia dar. Franziu o nariz enquanto pensava.

Infelizmente, o idiota em questão tinha um ponto.

— Bem, vai demorar pra ficar pronta do jeito de sempre — argumentou. — Preciso ondular meu cabelo, passar maquiagem, escolher os acessórios. E todo esse estresse deixou meu rosto horroroso, vou precisar de uma esfoliação.

— Quanto tempo?

— Umas duas horas? Três?

— Você só pode estar brincando.

— É o que tem pra hoje. Você escolhe: quer a minha versão original ou a patética que você mesmo não gostou? É só escolher. O que achar melhor.

Gustavo só faltava começar a espumar pela boca. Verdade fosse dita, ele não queria versão nenhuma dela, queria Emília o mais longe possível se pudesse. Contudo, essa opção não estava disponível.

— Te dou uma hora e meia — resmungou. — Come, se arruma e eu volto daqui a pouco pra te buscar. Tá bom pra você?

— Uma hora e meia é muito pouco…

— É o que tem pra hoje. Para de testar a minha paciência, Emília. Tô falando sério.

E caminhou até a porta, deixando o apartamento. Emília ficou parada na cozinha, olhando para o café da manhã que ele tinha preparado. Depois analisou as próprias roupas.

Era só o que faltava, Gustavo Choi criticou um look meu, pensou, horrorizada.

Era realmente o fim do mundo.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Emília tinha dado tudo de si no look depois que Gustavo foi embora. Em sua planilha não tinha nada sobre *“looks para apresentar seu namorado falso que é um*

babaca para suas melhores amigas”, mas nada que uma consulta ao Pinterest, mexidas na planilha e uma pitada de ódio não resolvessem. Sendo assim, lá estava ela com o cabelo quase encaracolado, vestindo um *cropped* de coração roxo, uma calça jeans *wide leg* com recortes de coração e brincos de pompom, sentada ao lado dele enquanto sorria. Sua melhor versão de *“Estou muito feliz por estar namorando a pessoa que sempre disse que odiava”.*

Gustavo tinha só mudado de camisa. A que usava agora era preta.

Lis, Jana e Dante estavam sentados na frente deles na mesa do restaurante que combinaram para darem a notícia. Como um velório seria mórbido demais e uma festa muito trabalhosa, Emília optou em convidar seus amigos para um almoço. Só Leandro não pôde ir, mas parabenizou o novo casal enquanto lutava para respirar ao mesmo tempo que gargalhava.

Os amigos os observaram. O novo casal estava separado por uma distância de uns 50cm. Se reparassem bem, o sorriso de Emília parecia pregado na boca e Gustavo estava mais mal-humorado do que nunca estivera antes, o vinco entre as sobrancelhas quase se abrindo de tanta força que fazia para juntá-las.

— Cara, isso foi dívida de jogo? Não tô entendendo nada — Jana deixou escapar. Lis e Dante seguraram uma gargalhada com tudo que tinham.

— Que deselegante, Janaína. — Emília estalou a língua. — Ninguém te julga quando você fica correndo atrás do Henrique.

— O quê? Tudo que vocês fazem é me julgar!

— Porque ele é um lixo! Mas o Gustavo é um cara super razoável, então não sei por que está agindo dessa forma!

— “Razoável” é uma forma tão apaixonada de se falar do novo namorado…

— Há quanto tempo estão namorando? — Lis perguntou. — É bem recente, né?

— Há… Há um mês… — Emília desviou o olhar.

Essa era uma falha muito grande na mentira dos dois. Como explicar todos os xingamentos e implicâncias que trocaram durante o mês passado?

— Ah — Lis exclamou, confusa. Por certo, estava relembrando de todas as vezes que Emília ficou fugindo do dito namorado.

— Não é possível que não tenham percebido nada! — Ela deu uma risada forçada. — Ontem mesmo, a gente chegou junto…

— O Gustavo disse que você tinha batido a cara na porta de casa e chorado. Por isso ele te deu carona — Lis explicou. — E que vocês tinham discutido e tudo mais…

— Isso só mostra o quanto ele se preocupa comigo! Muito fofo, né?

— Você não falou mal dela pra caramba por causa da história de cupido…? — Ela semicerrou os olhos para Gustavo, desconfiada.

Emília fez uma careta para ele, um pouco ofendida. Não sabia que ele ficava fofocando sobre ela para suas amigas.

— Bem, é óbvio que temos nossas divergências, principalmente nisso de… cupido. — Gustavo pigarreou. Não importava a forma como falasse, sempre parecia ridículo. — Mas eu e Emília estamos unidos em um propósito em conjunto agora e… Estamos muito satisfeitos.

Silêncio. Emília mordiscou os lábios, prendendo a respiração. Só soltou quando os outros três começaram a rir, Jana até lacrimejou de tanto gargalhar.

— Puta que pariu — falou, ainda tentando recuperar o ar. — Isso é uma entrevista de emprego?

— Foi tão formal que eu fiquei com a impressão de que estou mal vestida pra ocasião! — Foi a vez de Lis dizer.

— Peguem leve com eles, os dois estão muito... *satisfeitos.* — Dante tentou ajudar, mas sua voz tremia pelo riso. Ele chegou a tapar a boca para se esconder.

— Nossa, agora que a gente vê quem são os amigos de verdade, hein? — Emília resmungou. — Quando era você xingando o Dante por ele parecer arrogante, ninguém te dizia nada, não é, dona Elis? E nem vou comentar nada sobre você, Janaína!

— Ai, desculpa! — Jana limpou o canto dos olhos. — É que... É só muito surpreendente. Você nunca se interessa por ninguém e o Gustavo... Bem, é o Gustavo.

— Mas estamos muito felizes por vocês, de verdade — Lis complementou. — A Jana vivia comentando mesmo que você devia dar uma chance pro Gustavo! Que bom que a escutou!

— É, e ela dizia que a única coisa que sentia por ele era ranço... Ah, vocês demoraram pra contar pra gente porque ficaram com vergonha, entendi. Faz sentido. Eles viviam na garganta um do outro.

— É isso que tenho mais curiosidade, como rolou? — Lis perguntou. — Como saíram das picuinhas e começaram a se ver com outros olhos?

Gustavo e Emília se entreolharam. Ela tinha dado a desculpa que tinha sido no bingo da família no mês passado, talvez fosse melhor continuar com isso.

— Ele me deu uma carona depois do bingo na casa das bisas — contou. — A gente começou a conversar e... foi isso.

— Nossa, elabora um pouco mais — Jana reclamou. — Logo você vai deixar o romantismo de lado?

— Ahn... romantismo?

— Ela criticou meu perfume — Gustavo interveio. — Eu emprestei minha jaqueta porque ela estava com frio. Uma coisa levou a outra e estamos namorando há um mês.

Jana fez uma careta. Emília inclinou as sobrancelhas, fazendo um beicinho. Sabia que aquele era o máximo de

emoção que Gustavo se proporia a mostrar, o que era bastante decepcionante.

— E o que te fez mudar de ideia sobre ela? — Jana ainda tentava arrancar algo dele. — Sei lá, algo deve ter mudado na sua cabeça pra você começar a vê-la diferente. O que foi? O que chamou sua atenção?

Emília espremeu os lábios, apreensiva. Agora Gustavo teria que inventar que gostava de algo sobre ela, uma mentira maior do que o namoro falso. Provavelmente seria humilhante e embaraçoso.

— O cabelo rosa dela. — Em vez de uma grosseria disfarçada de elogio, Gustavo só fez aquela afirmação. — Gosto muito do cabelo dela. Chamou muito a minha atenção.

— Mas a Mi mudou de cor de cabelo há um tempo já — Lis se lembrou.

— Ele ainda estava no intercâmbio, não estava? — Jana tocou o queixo com a ponta do dedo, reflexiva.

— Mesmo assim, ele voltou ano passado e ela já estava com o cabelo rosa.

Lis e Jana se olharam e abriram a boca ao mesmo tempo. Começaram a sacudir os braços e a dar gritinhos histéricos.

— Você tava a fim dela desde o ano passado?! — Lis quase guinchou de emoção.

— Ai, que fofo! Agora sim, porra! — Jana ainda estava pulando na cadeira do restaurante. — Porra, porra, que fofo!

— Então toda vez que você lançava aqueles olhares feios pra ela, na verdade era de admiração?

— Meu Deus, meu Deus, vou infartar de emoção! Isso parece coisa de livro! Quase um ano admirando secretamente, puta que pariu!

— Dá pra parar? — Emília pediu, mal-humorada. — Não é bem assim, ele só…

Olhou para Gustavo. Por mais incrível que parecesse, o vinco entre as sobrancelhas tinha aumentado e ele parecia

quase ultrajado com todas aquelas teorias.

— Admirando secretamente é um pouco… — ele tentou dizer.

— Porra, senti muita firmeza agora, aprovo 100%! — Jana começou a bater palmas. — Que casal, senhora e senhores! Não tava dando nada pelo Gustavo, mas caralho! Entregou tudo.

— Ai, o cara mais rabugento e sóbrio do universo se apaixonar por causa do cabelo rosa da namorada é lindo demais. Não tô me aguentando. — Lis a acompanhou.

— E você, Mi? O que te fez mudar de ideia? — Jana esticou o braço para sacudi-la, quase explodindo de tanta animação.

Todos a encararam. Emília quis se encolher na cadeira até desaparecer. Até Gustavo estava olhando para ela, esperando sua resposta.

— Bem, ele é… — começou. — Ele é muito sério.

Nenhuma reação. Emília limpou a garganta antes de continuar.

— Passa credibilidade, né? — gaguejou. — Eu… gosto de caras muito… sérios?

— Ah, a firmeza enfraqueceu um pouco agora… — Jana torceu os lábios. — Que isso, amiga? Ficou tímida? Pensei que já ia tirar um artigo de 30 páginas dissertando sobre os motivos de agora gostar dele.

Emília sentiu o olhar de Gustavo querer atravessá-la ao seu lado. De certa forma, ele tinha se esforçado para responder às perguntas malucas das duas. Por outro lado, ela mal conseguia formular uma frase para elogiá-lo.

Ela tinha que se esforçar mais.

— O Gustavo… Pode não parecer, mas ele é muito atencioso. Está sempre de olho se preciso de algo e… Na carona em que tudo começou, ele notou que eu estava com dor de garganta por ter falado demais e me ofereceu água na hora, depois a jaqueta. E ele sempre me oferecia caronas

pra ir pra UFF e... Ele é muito atencioso, apesar de não parecer. Apesar de não parecer *mesmo.*

— Ah, é verdade. O Gustavo pode fazer tudo de cara fechada, mas está sempre pronto para ajudar no que for — Lis pontuou.

— Viu? É por isso que... Por isso estamos namorando!

Emília se aproximou para entrelaçar seu braço com o dele na mesa. Mas o movimento o pegou de surpresa e ele arregalou os olhos, fazendo uma careta. Afastou-se instintivamente, virando a cabeça para desviar o olhar enquanto limpava a garganta.

Demonstrações de afeto físico eram demais, talvez?

— Ai, eu tô zoando vocês, mas fiquei muito feliz em saber que estão namorando! — Jana admitiu. — Finalmente é a sua vez, cupido!

— É... — Emília abriu um sorriso amarelo. Apesar da mentira ter colado, ainda era uma situação desconfortável. — É a minha vez...

Era a vez da cupido se apaixonar, mas sua flecha tinha acertado a pessoa que menos combinava com ela.

Quase um aviso de desastre iminente.



— Acho que a gente tem que ajustar nossa... dinâmica — Emília sugeriu no carro, depois de se despedirem dos amigos. O dia tinha sido intenso demais, então Gustavo achou melhor encerrar tudo ali.

Ele estava *exausto.* Mentir daquele jeito era muito trabalhoso e ele se viu obrigado a ter que adiar os experimentos que tinha agendado para aquele dia. E ainda teve que ouvir risinhos e piadinhas das amigas de Emília, as duas dizendo que os dois estavam indo “descansar” em casa. Até Dante riu da cara dele, Gustavo tinha chegado ao fundo do poço mesmo.

E toda aquela ladainha de que ele admirava Emília desde o ano passado o abalara por algum motivo. Ele ficou com isso entalado na garganta, ultrajado ao perceber que estava mesmo um pouco obcecado pelo cabelo dela há quase um ano, uma incoerência sem tamanho.

— Acho que nossa dinâmica está ótima — murmurou, atento à estrada. Não queria perder mais tempo pensando naquilo.

— Sério? Porque eu acho que foi péssimo. Elas ainda vão pegar muito no meu pé. Sem contar que isso é só uma amostrinha do que vai acontecer quando começarmos a interagir perto das nossas famílias.

— E o que sugere?

— Bem, hm... Não fica zangado comigo, mas você vai ter que me deixar te abraçar. Minha linguagem de amor é contato físico e vai ser difícil convencer qualquer pessoa de que a gente tá namorando sem isso.

— Pelo amor de Deus... — ele resmungou. — Emília, isso é ridículo.

Ela tinha um ponto, Gustavo sabia bem. Emília costumava ficar agarrada com o pai, com a avó e as amigas, adorava abraçar e distribuir carinhos para quem gostava. Seria mesmo estranho não fazer isso com o próprio namorado, mas ele não ia aguentar.

Seu coração acelerava de uma forma quase descomunal quando Emília o tocava. E ele não sabia lidar com todo aquele descontrole, com o suor que brotava em suas mãos ou na respiração que ameaçava falhar. Isso sim era ridículo, mas difícil de admitir da mesma forma.

Gustavo não aguentaria seis meses tendo que ser forçado a ficar abraçado com ela, recebendo carinhos e ficando perto demais da pessoa que devia se manter o mais longe possível. Ele não era de ferro e faria alguma besteira uma hora ou outra, era evidente.

E seu pai arrancaria seus órgãos com as unhas quando terminassem.

— Escuta, pensei bem sobre isso e a única maneira de você sair ileso é fingindo estar muito apaixonado por mim. — Emília o tirou dos pensamentos conflitantes.

— Quê?

— A gente termina no *Chuseok,* né? Mas se for um namoro meio merda, seu pai vai brigar contigo, tenho certeza. Todos vão ficar decepcionados e sei que não é isso que você quer.

— Hm. — Gustavo torceu a boca. De novo, ela tinha um ponto. Ficar afastado dela enquanto supostamente namoravam só traria mais problemas.

— Percebi isso depois do que a Jana e a Lis falaram. Ninguém espera que você morra de amores por mim, então todos vão comprar o mínimo de paixão que demonstrar. Por isso, pensei que se você fingisse que está muito apaixonado, eu poderia dizer que terminei contigo e a culpada fica sendo só eu. E tudo bem colocar a culpa em mim, todo mundo já me acha doida mesmo! Uma hora vão me perdoar.

Ele não sabia bem o que pensar sobre essa ideia. Por um lado, talvez desse certo. Mas Emília levaria toda a culpa e certamente não seria fácil, sendo a queridinha da família ou não. E deixá-la encarar tudo sozinha seria irresponsável de sua parte.

Contudo, o que Gustavo podia fazer para ajudar? Foi tentando ajudá-la que ele se meteu em todos aqueles problemas. Por certo, seria melhor deixá-la tomar as rédeas da situação por um momento.

— Isso é conveniente pra você? — perguntou.

— Bem, não. Mas se fui eu que causei isso tudo, nada mais justo que seja eu a levar o dano maior.

— Hm…

— E o amor às vezes não é tão conveniente. Mas mesmo sendo falso, vou me esforçar por esse amor improvável! — Ela deu uma risadinha constrangida.

— Pra mim tem que ser conveniente. Por que me daria ao trabalho de me sujeitar a algo que só me atrapalha?

— Porque é o amor...? Não vale a pena lutar por um amor?

Ele a encarou e inclinou as sobrancelhas, uma expressão cínica estampando seu rosto sério. Emília revirou os olhos e cruzou os braços.

— Claro, esqueci que estava conversando contigo... Enfim, acho que vai ser conveniente pra você se começar a fingir que está muito apaixonado. Então para de fazer cara de que vai vomitar toda vez que eu te tocar, por favor.

— Eu não... — Gustavo respirou fundo. Seria complexo demais explicar. — Tudo bem. Se não é tão ruim assim pra você e é conveniente pra mim, vou me esforçar pra... fingir que estou *muito* apaixonado.

— Certo, estamos combinados. Outra coisa... Realmente gosta do meu cabelo?

Ele pigarreou, espremendo os lábios. Sem saber o que responder, acabou ficando só calado.

Emília, ao notar que não teria resposta alguma, só soltou um longo suspiro.

— De novo, esqueci que estava conversando contigo...

E virou o rosto para fitar a paisagem, perdida em pensamentos.



“Pois eu sou muito picante
Para seu coração
Você tem que pisar em ovos
Para me conquistar”
Now Playing: Spicy
aespa

29/03/2025
190 dias para o Chuseok!

Danilo Choi criou o grupo “A união Choi-Park”
Danilo Choi adicionou Gustavo Choi
Danilo Choi adicionou Emília Park
Danilo Choi adicionou Murilo Choi
Danilo Choi adicionou Lineu Park

Emília Park
Que porra é essa, Danilo?

Lineu Park
Olha a boca, filha :D

Gustavo Choi
Danilo...

Danilo Choi adicionou Sofia Almeida-Choi
Danilo Choi adicionou Arthur Park
Danilo Choi adicionou Felipe Park
Danilo Choi adicionou Soraia Ferreira-Park

Emília Park
DANILO!
PORRA
CARALHO

Danilo Choi
As bisas tem Whatsapp?
São as mais interessadas
Mas falta gente pra adicionar ainda
É gente pra caralho

Murilo Choi
Danilo.
Por favor, explique qual é o intuito da criação deste grupo.

Danilo Choi
Eu ia adicionar todo mundo primeiro

Soraia Ferreira-Park
Eu faço isso pra você, Danilo!
Vai falando sua ideia
Que por sinal já amei

Danilo Choi
Perfeito, Soraia!

Danilo Choi colocou Soraia Ferreira-Park como administradora do grupo
Soraia Ferreira-Park adicionou Vitória Choi
Soraia Ferreira-Park adicionou Ágata Park
Soraia Ferreira-Park adicionou Vitório Choi

Danilo Choi
Beleza!
Enquanto a Soraia adiciona o resto do pessoal
Vou explicar melhor a finalidade do grupo
Bem, como todos sabem, a união Choi-Park finalmente está acontecendo

Felipe Park
Park-Choi

Danilo Choi
Isso é uma coisa que podemos discutir também
Mas enfim
Criei esse grupo pra monitorar os portadores das boas novas
Já se passou mais de uma semana e não temos notícias
Parece até que não namoram de verdade
A Mimi posta a vida inteira no Instagram e nunca vi uma fotinho do Guto
Nem a sombra dele
Que isso, Mimi? E os seus fãs?

Emília Park saiu
Soraia Ferreira-Park adicionou Emília Park

Danilo Choi
O Guto é outro
Nunca vi isso, parece que o cara tá morto
Cadê as migalhas?
Cadê o afeto?

Gustavo Choi saiu
Emília Park saiu
Soraia Ferreira-Park adicionou Emília Park
Soraia Ferreira-Park adicionou Gustavo Choi

Emília Park
EU VOU BLOQUEAR TODOS VOCÊS!

Soraia Ferreira-Park
Mimi, por favor, entenda
São quatro gerações
É natural que a gente queira saber como o namoro de vocês está

Emília Park

É natural pensar que vocês são quase stalkers!

Danilo Choi
Agradeceria se parassem de sair do grupo
Todos nós sabemos que vocês não vão bloquear ninguém
Então me deixem terminar, ok?
Enfim, o grupo é só pra gente ficar de olho
Sem pressão
Uma fotinho por dia e pronto
Ninguém chora
Todo mundo fica feliz

Lineu Park
Bem, as bisas iam gostar muito de fotos

Murilo Choi
Se o Lineu concorda, eu também concordo.

Emília mal teve tempo de pensar em uma resposta. Conseguiu ouvir os passos dele no corredor mesmo estando na própria casa, para em seguida escutar a campainha tocando. Também não teve tempo para se levantar do sofá e abrir a porta, Gustavo acabou se lembrando da senha dela e digitou a combinação rapidamente.

Ele abriu com um estrondo. Normalmente pedia permissão para entrar na casa dela, então o caos em sua cabeça devia ser o maior possível. Pela primeira vez, Emília o viu com o cabelo desgrenhado, as roupas amarrotadas e uma expressão que misturava fúria, desespero e irritação, a epítome do mau humor.

E o celular em mãos, a tela acesa no grupo absurdo que o primo criara estendida para ela.

— A gente vai tirar uma foto *agora* — ele estava quase rangendo os dentes de raiva.

— Pelo amor de Deus, para de surtar! — Emília fez uma careta. — Se cair no papo deles, daqui a um mês a gente tá

casando!

— Parar de surtar... Você criou essa merda e agora tá se fazendo de desentendida? Emília, eu vou te matar!

Ela soltou um suspiro. Bem, Gustavo tinha um ponto. O plano de ele parecer muito apaixonado tinha sido sua ideia, mas depois do almoço com os amigos, ela pouco se empenhou na empreitada. E ele não conseguiria lidar com aquela persona sozinho, Emília sabia bem.

Mas, *nossa,* ela realmente não queria lidar com isso. Se houvesse um jeito de fazer Gustavo Choi desaparecer pelos ares, Emília gastaria todos seus recursos para fazer acontecer.

Danilo também tinha um ponto, *infelizmente.* Emília era uma pessoa cronicamente online, então era evidente que mostraria seu namorado para todos os quatro cantos do planeta se fosse um namoro real.

E Gustavo não parecia nada apaixonado, nada mesmo. No máximo parecia também querer fazer com que ela sumisse do mapa.

— Vamos tirar uma foto então. — Suspirou.

Ele fechou a porta e caminhou até ela, já abrindo o aplicativo do celular. Emília estalou a língua.

— Assim não! Com a gente todo desarrumado? Pelo amor de Deus!

— É só a porra de uma foto!

— Nunca é só uma foto, Gustavo! Principalmente pra mim! Você acha mesmo que se a gente namorasse de verdade eu mandaria uma foto de pijama contigo pro grupo da família?

Foi aí que Gustavo se deu conta do que estava fazendo. Franziu o cenho, como se estivesse a enxergando de verdade pela primeira vez naquele dia, e notou o pijama de Emília.

Não era um pijama. Era uma camisola de cetim bem curta e decotada. Muito bonita por sinal.

— Porra — xingou, virando o rosto. — Foi mal, entrei na sua casa sem nem… *Porra.*

Porra, porra, porra, porra, porra, porra, a palavra rodava em sua mente ao mesmo tempo que seu coração acelerava. Não era possível que ele fosse tão idiota assim.

Emília só soltou mais um suspiro.

— Se arruma, a gente vai sair — afirmou. — Uma roupa decente, tá bom? Bom que hoje é sábado, dá pra pensar em algo que preste.

— Pra tirar fotos? — ele perguntou enquanto esticava uma das sobrancelhas.

— Óbvio. Acha que quero sair em um encontro com você de verdade? Me poupe.

E abanou a mão para ele, dispensando-o. Gustavo teve a vontade de xingá-la de todos os palavrões que conhecia.

— Em quanto tempo passo aqui pra te buscar? — Em vez disso, ele só se limitou a seguir as ordens dela.

— Duas horas. E sem reclamar. Não vou sacrificar minha imagem porque você não consegue esperar nada.

Gustavo bufou e grunhiu, revirando os olhos. Mas depois só fez um aceno com a cabeça, concordando, e deu as costas para ela, saindo do apartamento. Caminhou até a própria casa refletindo que talvez duas horas fosse um tempo razoável. Principalmente porque a imagem dela com aquela camisola ainda não tinha saído de sua mente.

Ele demoraria para se esquecer.

— ♥ — ♥ — ♥ — ♥ — ♥ — ♥ —

— Sério, por que gosta tanto de marrom? — Emília choramingou assim que o viu. Duas horas em ponto e ele já estava parado em sua porta, esperando a saída dos dois. — E não é nem um marrom bonito.

— Existem diferenças em marrons? — Ele franziu o nariz.

— Óbvio.

— Marrom é uma cor fácil de combinar.

— É? Olha bem pra minha roupa. Acha que combina?

Por mais incrível que parecesse, Gustavo obedeceu ao comando, conferindo a roupa dela. Era um vestidinho lilás fluído, cheio de babados e pontinhos brilhantes.

Emília estava bem bonita, então ele não entendia muito bem o intuito daquele questionamento.

— Não sei a resposta certa pra essa pergunta — admitiu, o que era difícil para ele. Gustavo não gostava de parecer um ignorante sobre qualquer coisa.

— Não combina. — Emília só soltou um suspiro. Fechou a porta de casa, pronta para segui-lo até a garagem. — Mas é o que tem pra hoje.

Caminhou sozinha na frente dele, o que o fez analisá-la de novo. Além da bolsinha minúscula que ela carregava no ombro, havia uma mochila no outro, grande e bastante carregada.

Gustavo apressou o passo. Só pegou a mochila das mãos dela.

— O que tá levando aqui? — reclamou. Estava bem pesada. — Pedras?

— Coisas que a gente pode precisar pra tirar as fotos. Melhor pecar pelo excesso do que faltar algo e as fotos ficarem ruins. Não quer impressionar sua família?

— Hm. — Ficou sem ter o que dizer. Ela tinha razão e Gustavo gostava de coisas organizadas e planos bem feitos. Mas ainda era difícil dar o braço a torcer.

— Vou te dar três opções de encontro hoje — ela explicou enquanto desciam de elevador. — Pense bem, você está super apaixonado, então acho que me levaria em coisas bem românticas.

— Entendi… — Ele franziu o cenho. — Quais são as três opções?

— A roda gigante do Rio, Jardim Botânico ou o Parque Lage.

— A roda gigante. As cabines são silenciosas, não vamos precisar ficar andando e dá pra sentar.

— Dá pra sentar... Não tem vergonha, não?

— De quê?

— De agir como um idoso.

— Ser um idoso é prezar pelo meu conforto?

— Num encontro, sim. Você tinha que se esforçar.

— Estou me esforçando.

Emília soltou um grunhido. Chegaram no carro e Gustavo tratou de colocar o trajeto no GPS, concentrado. Depois, ela ficou o observando dirigir em silêncio. Só voltou a falar quando estavam atravessando a Ponte Rio-Niterói.

— Você já namorou antes, Gustavo? — perguntou.

Ele não esboçou emoção alguma, só continuou dirigindo.

— Já.

— Sério? Você nunca apresentou ninguém, pelo que sei.

— Daria muito trabalho.

— Quantas pessoas namorou?

— Umas cinco? Não tenho certeza.

Emília arregalou os olhos.

— Meu Deus, sério? E não quis apresentar ninguém pra sua família?

— Você deve ter alguma noção da burocracia que é fazer esse tipo de anúncio na minha família, não é?

— Acho que sim. Seu pai ia querer todos os antecedentes da sua suposta namorada.

— Por aí. Prefiro não me estressar com algo assim se não é pra ser sério. Acima de tudo, minha bisavó se importa muito com esse assunto, não quero sobrecarregá-la.

— Nenhum dos seus namoros foi sério ao ponto de você querer apresentar pros seus pais?

— Não.

Emília se calou de novo. Saber o quanto ele era cuidadoso com essa questão lhe trazia um sentimento de

culpa ainda maior. Porque agora era fácil mensurar o tamanho da expectativa dos Choi em cima dele, alguém que fugia de compromissos assim com tudo que tinha para não decepcionar os outros. E agora ele estava preso em um namoro falso com a pessoa que elevaria essas expectativas a níveis estratosféricos.

Emília tinha que se lembrar de pegar leve com Gustavo de vez em quando.

— E você? — ele perguntou de súbito. — Já namorou?

— Não. Você é meu primeiro namorado. — Brincou com uma mecha de cabelo, distraída.

Isso chamou a atenção dele.

— Sério? Mas já ficou com outras pessoas, né?

Emília olhou para ele através do espelho retrovisor. Falar que tinha dado o primeiro beijo com 19 anos talvez fosse um pouco humilhante, mas ela realmente não gostava de se envolver com pessoas que não tinha vínculo emocional.

Ele riria da cara dela quando descobrisse que Emília era virgem. O tão experiente e vivido Gustavo Choi acharia aquilo um absurdo.

— Óbvio, né? — Pigarreou. Era mentira, mas não queria que ele soubesse. — Acha que aquele beijo idiota que você me deu foi o meu primeiro? Já fiquei com *várias* pessoas.

— Hm. — Gustavo fez um meneio com a cabeça, satisfeito com a resposta dela.

Atravessaram a Ponte, seguindo o caminho até a *Yup Star,* a roda gigante do Rio de Janeiro. Estacionaram e foram direto para a fila, ainda silenciosos e inadequados. Emília analisou o local e pensou que era mesmo uma boa escolha, já que as cabines tinham um ar muito intimista, além da vista maravilhosa. Um casal super apaixonado adoraria ficar sentado lá, tendo conversas profundas e reveladoras, abrindo seu coração em meio àquela aura de inspiração. Emília não duvidava de que muitas confissões emocionantes haviam sido feitas ali.

Se Gustavo não tivesse mencionado que só queria ficar sentado, ela teria batido palmas para ele. Infelizmente, nada era perfeito.

Ele a ajudou a entrar em uma das cabines. Quando tudo se fechou e os dois começaram a subir, Emília abriu a mochila que trouxera. Havia itens de maquiagem ali, algumas luzes portáteis e um mini tripé, além de adereços que pudessem precisar. No entanto, tendo em vista que Gustavo prezava pela praticidade acima de tudo, era melhor se manter no básico.

— Ok, vamos começar! — exclamou, muito animada. — Me deixa tirar fotos de você sozinho antes? Acho que é uma boa pra eu postar nos stories, sei lá. Infelizmente, o Danilo estava certo e é estranho eu nem te mencionar no meu Instagram.

Gustavo fez uma careta.

— Uma fotinha só, não precisa ficar aparecendo toda hora, nem eu quero isso. Mas quero que todos pensem que é um namoro de verdade.

— Tudo bem…

— Então sorria! A vista com a Baía tá ótima, vai ficar incrível!

Ela apontou o celular em sua direção. Gustavo estava de braços cruzados, sentado bem em frente a ela, a expressão de tédio de sempre contrastando com a beleza daquele dia ensolarado. E, apesar do pedido dela, ele só se endireitou no assento, mas não sorriu.

— Você é incapaz de sorrir? Meu Deus — ela reclamou. — Pensa que é uma foto pra bisa Eunbi. Vai mesmo ficar de cara feia pra sua amada e querida bisavó?

Seu namorado falso soltou um grunhido. Depois pigarreou, extremamente desconfortável com a perspectiva de ter que sorrir para nada. Não sabia o motivo, mas sorrir sem ter razão sempre foi um grande incômodo para ele, porque não fazia sentido. Ser simpático à toa não era mesmo de seu feitio.

No entanto, era para sua bisavó. *Sua amada bisavó,* como Emília havia dito. Sendo assim, ele abriu um sorriso microscópico, mas que suavizou seu rosto, deixou seus olhos mais brilhantes.

Emília gostou daquela visão. Tirou a foto e a fitou por um momento, seu coração se sobressaltando um pouco pelo fato de Gustavo ter ficado muito bonito naquela foto.

— Agora tira uma minha — pediu. — Faça parecer que você se importa com nosso namoro.

— Eu me importo. — Ele deu de ombros. — Quero que tudo corra bem até o *Chuseok.*

— Vou reformular: faça parecer que você se importa com nosso namoro como se ele fosse de verdade. Um namorado dedicado e apaixonado.

— Eu ainda não entendi por que é tão importante que eu pareça tão apaixonado assim.

— Porque, quando terminarmos, a culpa vai ser só minha. Você vai ser só um pobre coitado que me amou demais e que teve o coração partido em um dos maiores feriados coreanos.

Gustavo semicerrou os olhos, um tanto ultrajado com a ideia.

— Não consigo enxergar isso — falou. — Você espera o quê? Que eu comece a chorar ou algo assim?

— Seria ótimo! Acha que consegue?

— Óbvio que não.

— Hm. Ficar um pouco triste já vai ser bom. Você não é muito expressivo, então acredito que se deixar escorrer uma única lagrimazinha já é o suficiente pra acreditar que você me amou de verdade.

— E você vai fingir que é impiedosa e cruel? Não consigo te ver fazendo isso também.

— Talvez não cruel, não quero ser deserdada também. — Ela soltou uma risada. — Que tal uma versão super mimada? Consegue me ver assim? Você já me vê assim mesmo.

— Mimada ao ponto de desconsiderar os sentimentos dos outros?

— É.

— Não te vejo assim. Você é bastante atenciosa.

Emília se engasgou com o ar. Que absurdo era aquele agora?

— Mimada ao ponto de brincar com a vida das pessoas então? — arriscou. — Você me disse isso antes.

— Hm, pode ser.

Emília ficou um pouco ofendida por ele ter aceitado aquela versão tão facilmente.

— E você vai terminar do nada? — ele voltou com as perguntas. — Ou vai me tratar mal por seis meses e eu vou ter que fingir que sou seu cachorrinho?

— Tratar mal meu namorado não seria do meu feitio mesmo. — Suspirou. — Pensei em começar sendo uma namorada muito boa, muito boa mesmo! Aí, depois, talvez meu interesse por você caia aos poucos e eu queira te trocar como um brinquedinho, sei lá.

— Você vai se cansar de mim, é isso?

— Acho que sim. Combina com o perfil “patricinha mimada que não liga pros outros”, não acha?

— Hm. Ainda acho que você não agiria assim mesmo se cansando de mim.

— Qual é, Gustavo. Você disse há pouco tempo que eu adoro brincar com a vida das pessoas.

— Com essa história de cupido. — Revirou os olhos. — Mas depois de toda essa confusão, fiquei sem entender suas verdadeiras intenções. Acho que você é só maluca mesmo.

Emília quase concordou com ele. Diante de toda aquela bagunça, nem ela entendia mais o que tinha pretendido na história confusa de Pedro e Ayumi.

A roda gigante já estava quase dando a volta completa e ela ainda não tinha tirado todas as fotos que queria tirar. Entregou o próprio celular para ele, já nas configurações certas.

— Uma fotinha só — pediu de novo. — Como se eu fosse a pessoa mais bonita que já tivesse visto na vida e que não pode deixar de registrar.

Gustavo subiu seu olhar até encontrar o dela. Acabou desviando rapidamente, porque tinha ficado um pouco nervoso.

A pessoa mais bonita que já vira na vida? Ela estava mesmo bem na frente dele. E era difícil admitir isso até para si mesmo.

Emília fez várias poses e ele se empenhou em tirar as melhores que conseguiria, mesmo não entendendo muito do assunto e sem saber o que ela realmente queria. No fim, devolveu o aparelho e prendeu a respiração enquanto a assistia verificar as fotos.

— Ficaram boas — ela afirmou. Gustavo soltou o ar de uma vez só. — Algumas você colocou o dedo na lente, mas a maioria dá pra usar. Parabéns!

— Hm.

— Por último, a nossa selfie! Pensa que é uma que vai calar aquele bando de fofoqueiros por um tempo. Então tem que ser bombástica!

— Ok…

— Vem pra cá do meu lado. A luz tá melhor aqui.

Gustavo obedeceu. Levantou-se e se sentou ao lado dela, meio constrangido por estar tão perto de novo e por ter que participar de todo aquele teatrinho absurdo. Por isso, mesmo bem próximos, ele só esticou a coluna, ficando bem reto, e esperou mais alguma orientação de sua namorada de mentira.

— Espera, seu cabelo… — Emília estendeu a mão para arrumar as madeixas que estavam um pouco desordenadas.

Os dedos dela passearam por sua testa, um toque leve, gentil. Seu coração acelerou um pouquinho, mas nada drástico como antes, talvez estivesse se acostumando.

No entanto, quando ela se afastou, pareceu que ele tinha perdido algo muito importante.

Estranho, muito estranho.

Emília se colou nele, entrelaçou seus braços, e o que Gustavo supostamente tinha perdido retornou. Ainda imóvel, prendeu a respiração de novo quando ela o cutucou para pegar o celular novamente.

— Seu braço é mais comprido, tira você — Emília pediu. — Lembra, tem que ser bombástico.

— Tá bom… — Gustavo rosnou, cerrando os dentes. Estendeu o braço para cima.

— Meu Deus, não tanto. Há quanto tempo não tira uma selfie? A gente voltou pra 2010, por acaso?

Ajustou o ângulo. Gustavo ficou observando a imagem dos dois na câmera frontal enquanto Emília os enquadrava.

Eles não combinavam em nada, isso era um fato. Aquele namoro tinha tudo para dar errado.

— Ficou boa. — No fim, Emília só suspirou pela milésima vez. Talvez já estivesse um pouco cansada. — É o que tem pra hoje. Ainda temos tempo pra melhorar.

Ela mesma foi para o outro banco depois da sessão de fotos. Ficou mexendo no celular até a volta completa, quase como se a presença de Gustavo tivesse sido apagada dali. Por algum motivo, ele ficou um pouco irritado com o descaso dela.

Quem sabe não fosse tão absurdo assim ela o chutar no *Chuseok?* Todas as ações dela eram caóticas.

Era muito difícil compreender Emília Park.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Grupo União Choi-Park/Park-Choi

Emília Park
Vocês não merecem
Mas aqui está
(ANEXO)

Danilo Choi

Porra
Aí sim!
Ai, que lindo
Sou fã do casal
Afinal, eu que explanei

Soraia Ferreira-Park
Tão lindos!
Estou na casa das bisas
Vou mostrar pra elas agora mesmo!

Vitória Choi
Que lindo o meu neto
Que linda a Mimi
Tão lindos
Vovó ama vocês

Vitório Choi
FICARAM MUITO BONITOS.

Lineu Park
Vai virar meu fundo de tela!

Murilo Choi
Fico feliz que estejam se dando bem.

Sofia Almeida-Choi
Guto, filhinho!
Você ficou tão bem nessa foto!
Olha a sua carinha!
Dá pra ver o quanto gosta da Mimi
Estou tão feliz!

— Viu, não falei? — Emília se gabou assim que chegaram no prédio em que moravam. — Molezinha!

Gustavo estava lendo as mensagens naquele momento, surpreso com tantas reações positivas. Não entendeu por que sua mãe tinha enfatizado tanto a

expressão do rosto dele na foto, não tinha mudado muita coisa de seu jeito normal.

Até seu pai parecia feliz com aquela foto. De alguma forma, Emília deu exatamente o que eles queriam, as mensagens não paravam de chegar.

— Eu… — Ainda estava um pouco atordoado. — Acho que deu certo?

— Claro que deu certo. Não confia em mim?

— Não.

— Pois devia. Sou especialista no amor.

Ele a fuzilou com o olhar. Emília sacudiu a cabeça, resignada.

— Bem, é isso. Meu trabalho aqui acabou — falou. — Agora é só aguentar firme e esperar pelo dia que vou partir seu coração em milhares de pedacinhos, tudo bem? Espero que esteja ansioso por isso.

— Muito. Nossa, mal posso esperar… — resmungou enquanto cruzava os braços.

Emília soltou o ar pela boca, irritada. Abriu a porta de casa e lhe lançou um adeus com a mão antes de se trancar lá dentro, deixando-o parado no meio do corredor. Todo aquele dia caótico acabara com a energia dele e ainda não tinha nem escurecido.

Seriam longos seis meses.



“Batendo
Estou batendo
Na porta do seu coração”
Now Playing: KNOCK
LEE CHAE YEON

Pequenas considerações que Gustavo Choi teve sobre Emília Park durante toda sua vida:

Gustavo se lembrava bem do rosto da mãe dela. Lembrava-se até de quando o Sr. Park – na época ele o chamava de tio Lineu – a trouxera pela primeira vez na casa das bisavós, três anos antes do nascimento de Emília. Ela era muito simpática e sempre trazia doces para ele, então Gustavo gostou muito dela.

Além disso, lembrava-se do dia em que a bolsa da tia Julieta se rompeu. Ela estava na casa das bisas e aconteceu de repente, foi um alvoroço. Ela fez um carinho na cabeça de Gustavo e sorriu, falando alguma coisa. Ele não conseguia se lembrar do que tinha sido, mas sabia que era algo bom, feliz.

E depois nunca mais a viu. Julieta nunca voltou do hospital.

Dias depois, sua própria avó, Vitória, trouxe Emília para a casa das bisas. A avó dela tinha ficado com o pai. Pelo que Gustavo entendera, o tio Lineu não estava nada bem. Tanto que seu próprio pai também estava cuidando dele, sua mãe ficava indo e voltando de sabe-se lá onde. Por isso, Gustavo

também estava ficando na casa das bisas, agarrado como sempre na vovó Eunbi. Ninguém contava nada para ele, mas Gustavo sempre foi uma criança esperta e sabia muito bem que algo muito ruim tinha acontecido.

Emília ficou sendo cuidada pelas bisas até a comemoração de seus 100 primeiros dias, uma tradição de famílias coreanas. Foi a primeira vez que Gustavo viu o tio Lineu depois do parto da filha. Ele tinha emagrecido consideravelmente e parecia uma caveira, foi o que Gustavo pensou.

A recordação era de Emília bebê sentadinha em uma cadeirinha, vestida com um *hanbok* [9]cor de rosa e todo mundo fazendo de tudo para que ela risse nas fotos. Gustavo se achava *muito* esperto na época, mesmo tendo só dez anos, e saiu dando pequenas cotoveladas em todo mundo, até chegar perto da bebê. Ele sabia bem como fazê-la rir.

— Uma bolinha, uma bolinha bem gordinha rolando atrás da bebezinha... Cuidado, bebezinha! — cantou a música que ele mesmo criara para ela. Emília sempre ria com a dança idiota que ele fazia enquanto cantava. — Cuidado, bebezinha!

Ela riu e todos bateram palmas. Gustavo abriu um sorrisinho convencido. Ele era demais mesmo e gostava dos aplausos.

Chamaram o tio Lineu para tirar foto com Emília. Ele não quis. Saiu correndo da festa quando viu a bebê rindo. Um silêncio se alastrou. Pediram que Gustavo tirasse fotos com Emília e ele obedeceu de bom grado, um pouco preocupado.

Depois disso, Lineu começou a morar na casa das bisas também. Mas Gustavo quase não o via. Um dia, o encontrou sentado na borda da piscina, com as canelas na água. Gustavo foi até ele, curioso, porque era o início da

primavera e estava bem frio para os parâmetros do Rio de Janeiro.

— Ei, tio Lineu — Gustavo o chamou. — Tá fazendo o que na piscina?

Lineu não respondeu. Estava pálido e com os lábios arroxeados, encarando o vazio. Gustavo parou bem ao lado dele.

— Tio, a Mimi é tão fofinha — resolveu dizer. — Outro dia eu caí e ela não parou de rir.

— É...? — o tio murmurou. Sua voz era um sussurro vazio.

— É!

— Você gosta muito dela, né, Guto?

— Gosto! Gosto muito!

— Que bom... Então... Cuida dela pra mim, tá? Cuida dela e...

E caiu na piscina. Gustavo congelou por um momento, vendo-o afundar na água gelada. O momento passou e ele se jogou, mergulhando para alcançá-lo. Por sorte, ele era o capitão do time de natação e sempre nadou muito bem, era uma criança alta e bem forte para a idade, além de Lineu ser um homem consideravelmente pequeno. Mas ele nunca se esqueceria da dificuldade que foi tirar o Sr. Park da água. Quando o puxou até a borda, percebeu que o tio tinha desmaiado. Talvez não estivesse nem respirando.

Outra lembrança muito vívida foi de ter corrido até a casa, gritando e chorando. Depois veio uma ambulância e levaram Lineu para a emergência. Um dia depois, seus pais o levaram para visitá-lo. Gustavo nunca tinha visto seu pai tão zangado.

— Lineu, tem noção do que fez? — Ouviu o pai gritar. Seu pai quase nunca gritava, quanto mais com o tio Lineu. Gustavo ficou assustado na época, não queria muito assistir aquilo, mas agora entendia que seu pai tinha o levado até ali para que isso impactasse o amigo. — O Gustavo podia ter se afogado! Você podia ter morrido!

Lineu olhou para ele. E foi a primeira vez que Gustavo o viu chorar.

— Me desculpa, me desculpa, me desculpa... — Lineu gaguejou, escondendo o rosto com as mãos.

— Lineu, amigo, *irmão.* — A voz de seu pai ficou mil vezes mais doce. — Sei que é difícil, sei que é terrível, mas você precisa se recompor. Por você, pela Julieta, pela Emília... Sua filha precisa de você, Lineu. A gente precisa de você. Não faz isso, fica aqui com a gente. *Por favor.*

O Sr. Park permaneceu no hospital por mais alguns dias, mas a partir dali, as coisas mudaram bastante. Ele continuou morando com as bisavós por um tempo, mas interagia cada vez mais com Emília. Gustavo também tinha a recordação de passar tardes inteiras com ele e a bebê, o tio Lineu o observando brincar com a filha. O tempo passou mais um pouco e o próprio Sr. Park começou a brincar com ela, ficavam os três pulando pela sala e criando teatrinhos para as bisavós. Era uma das memórias que Gustavo mais gostava: o som da gargalhada de bebê de Emília enquanto Lineu dançava com ela e Gustavo corria ao redor deles. Tinha sido um período divertido.

Depois, o pai e a filha foram finalmente morar na própria casa e tudo começou a ficar bem. O Sr. Park se tornou fã número um da filha e eles viviam colados agora. Mas se Emília não estava com o pai, ela estava com Gustavo. Assim que aprendeu a andar e a falar, a neném o seguia como um pintinho atrás da mãe.

As coisas começaram a mudar em seus 17, 18 anos. Gustavo tinha crescido e a diferença de idade entre eles foi se tornando cada vez mais gritante, então ter uma garotinha atrás dele o tempo todo era um pouco chato. Estava na época do vestibular e ele não sabia exatamente o que queria fazer. Com 17 passou para Direito e com 18 passou para Medicina, mas detestou os dois. Seus pais cobravam uma decisão logo, o peso de ter que suprir as expectativas da família já o sobrecarregando. E ele queria

sair com os amigos, beijar na boca, transar. Não tinha tempo para ficar de babá de uma criança que fazia de tudo o palco dela.

Emília sempre foi *muito.* O centro das atenções, cheia de amigos e com muito espaço vazio na cabeça, essa passou a ser a opinião dele depois de adolescente. Era bonitinho de assistir, mas um pouco insuportável quando ele passava muito tempo na companhia de Emília Park. Por isso, ele ia cada vez menos na casa das bisavós e saía quando Lineu e ela iam visitar a casa de seus pais. Era difícil até se lembrar da existência dela, de que um dia tinha se importado com o destino de um bebê. Os Park não eram seus parentes, apesar das famílias serem bem próximas e seus pais serem muito amigos, então Emília não era problema seu. Gustavo tinha colocado na cabeça que precisava se focar em tudo que queria viver na faculdade e em como suprir as expectativas dos pais. Só isso.

Seus caminhos voltaram a se cruzar quando Emília passou para a faculdade. Para a surpresa dele, ela tinha escolhido ser bióloga também, tinha passado para a UFF com 17 anos. O Sr. Park inventou de comprar um apartamento para ela no mesmo prédio que Gustavo morava, no mesmo andar e corredor. De início, ele se incomodou com essa história, mas depois pensou que não seria nada demais, ele já estava entrando no doutorado.

Mas Emília nunca o procurou para nada. Andava pela UFF inteira como uma borboletinha social, mas eles quase nunca se esbarravam, mesmo que uma das melhores amigas dela, Elis Duarte, fosse a IC do laboratório de Gustavo. Ele não se importou com isso, provavelmente era melhor assim.

Depois, Gustavo foi para o intercâmbio e se esqueceu mais uma vez de Emília Park, concentrado em usufruir o máximo da experiência na Coreia do Sul. Mas aí ele voltou e se deparou com aquele cabelo rosa, razão de seus pensamentos mais estranhos e invasivos. E, desde então,

ele ficava de mau humor sempre que se pegava olhando demais para ela.

Emília Park tinha se tornado uma adulta. Era a primeira vez que Gustavo tinha notado aquilo. Ela era uma mulher de sorriso solto, olhos afiados de raposa que queriam captar tudo. Chamava uma atenção danada, era quase impossível desviar o olhar.

E essas eram as considerações que Gustavo Choi teve sobre Emília Park durante toda sua vida. A bebezinha fofa, a criança extravagante, adolescente irritante. De repente, uma bela mulher.

E, agora, sua namorada falsa.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

18/04/2025
168 dias para o Chuseok!

— É óbvio que o Guto e a Mimi vão ficar no mesmo quarto! — Uma das tias de Emília, Soraia, estava exclamando no corredor da casa das bisas para todos ouvirem. — Se são um casal, é natural…

— Quer transformar a casa da minha avó num cabaré? — Arthur Park, tio de Emília e marido de Soraia, só estalou a língua, aborrecido. — Os dois ainda não são casados.

— Eu concordaria com você se fosse outro caso, mas estou pensando nos herdeiros! — Soraia argumentou, cruzando os braços. — Sacrifícios tem que ser feitos pelos futuros herdeiros Park-Choi!

— Choi-Park — Danilo provocou. Como o fofoqueiro que era, estava só observando o caos se instalar no corredor.

Gustavo respirou fundo pela milésima vez, contando até o infinito para resistir ao impulso de começar a gritar com todos eles. Um mês tinha se passado desde o início do namoro falso e momentos como aquele tinham se tornado frequentes na rotina dos dois namorados. E ele sentia que

aquele momento seria mil vezes pior, já que ficariam três dias inteiros na casa das bisavós, por causa do feriado de Páscoa.

Eles tinham se ajustado bem à dinâmica do namoro falso. Gustavo agora conseguia até tolerar algumas sessões de contato físico, ainda que seu coração não tivesse aprendido a ficar quieto nesses momentos. Contudo, ele tinha resolvido deixar essa parte nas mãos de Emília e ela estava fazendo um trabalho exemplar na farsa do namoro mais perfeito e deslumbrante da história.

Não era exagero. Emília era mais comedida com as amigas na UFF, mas quando estava no meio familiar, ela personificava o papel da namorada super dedicada. Ligava todos os dias para a mãe dele, tinha arranjado a mania de chamar Murilo de “sogrinho” sempre que se encontravam. Sua mãe adorava cada segundo que podia ter com Emília e até seu pai parecia um pouco amolecido, apesar de querer parecer indiferente.

E, acima de tudo, sempre que visitavam a casa das bisas, Emília passava horas conversando com Eunbi. Ficava escutando todas as histórias da infância dele, mesmo que já conhecesse a maioria, pedia para ver fotos e comentava sobre o cotidiano dele na UFF. Gustavo tinha que traduzir quase tudo, então às vezes gaguejava quando ela ficava tagarelando sobre o quanto ele ficava bonito de jaleco e trabalhando no laboratório.

De certa forma, era… *fofo?* Gustavo não sabia bem o que pensar de tudo aquilo.

Tinha se transformado em um namoro um pouco conveniente para ele? Talvez. O caos era certo quando chegasse o *Chuseok,* mas Gustavo aproveitaria aquela maré de calmaria enquanto pudesse. Pelo bem ou pelo mal, adorava ver sua bisavó feliz. E ele nunca tinha visto Eunbi tão feliz quanto naquele momento.

— Vamos dormir separados — Emília decretou. Estava de mãos dadas com ele, puxando uma das malas que

trouxera para o feriado. Ainda havia mais três no carro de Gustavo. — Sou uma moça de família.

— Mas é a sua família mesmo que quer que vocês transem — Danilo falou.

— Estou ignorando sua existência ainda, Danilo. Não me testa. — Ela estendeu a palma da mão para ele, cerrando as sobrancelhas.

— Caramba, ainda tá brava? Quando vão me perdoar? No casamento?

— Nunca. Eu nunca vou te perdoar. E você não será convidado pro casamento.

— O quê? Como assim?! Que isso, que maldade!

Gustavo pigarreou, chamando a atenção dela. O namoro estava satisfatório, mas nunca era bom falar de casamento perto da família deles.

— Vou ficar no quarto no fim do corredor, vejo vocês mais tarde. — Emília deu de ombros. — Leva minha mala até lá, Gustavo? Está pesada.

Ela o puxou pela mão ao falar isso, deixando todos para trás. Gustavo só a seguiu de bom grado, puxando a mala até o quarto. Quando entrou, Emília fechou a porta e finalmente o soltou, afastando-se como sempre fazia quando ficavam sozinhos.

Era estranho, mas toda vez que Emília soltava a mão dele daquele jeito, Gustavo ficava incomodado. Ela não tinha feito nada de errado, mas mesmo assim... era estranho.

Muito estranho.

— Vou trazer suas outras malas — resolveu dizer. — Depois quer ir nadar na piscina? Tá sol.

Emília girou os olhos, mexendo os lábios. Era uma expressão difícil de identificar.

— Quem sabe mais tarde? — falou. — A gente se encontra lá? Acho que fiquei um pouco cansada.

— Ah, tudo bem. Vou te deixar descansar, então.

Ficaram em silêncio após isso e Gustavo mordiscou o lábio inferior, apreensivo. Tudo estava indo bem nas aparências, mas ele às vezes se perguntava sobre o que Emília realmente achava daquilo tudo, se estava sobrecarregada. Eles não conversavam muito quando ficavam a sós.

Na verdade, assim que se viam sozinhos, Emília tratava de ficar o mais longe possível dele. E isso o incomodava também, por outro motivo obscuro e desconhecido.

Muito estranho mesmo.

Fez um meneio tímido com a cabeça, saindo do quarto em seguida. Fechou a porta e soltou um suspiro mais longo do que deveria. Estava realmente incomodado, isso era um fato.

Por que isso o incomodava tanto?

— Ei, Guto! — Danilo chamou a atenção dele. — Se não vai dormir com a Mimi, que tal se a gente dividisse o quarto? Acho que todos os outros já estão ocupados. Só sobrou esse aí da frente.

Gustavo olhou para a porta bem em frente. Mesmo que fossem dormir separados, seria melhor ficarem próximos.

Sendo assim, ele só franziu as sobrancelhas para o primo e abriu a porta do cômodo.

— Durma no sofá — disse.

E deixou o primo sozinho no corredor.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Quase no fim da tarde, Gustavo já estava um pouco cansado e irritado por ter ficado esperando sua namorada na piscina. Ele nem tinha conseguido nadar, ficou sentado em uma das espreguiçadeiras enquanto esperava, mas Emília nunca apareceu. Portanto, quando todos já se aprontavam para a janta, ele resolveu bater na porta do quarto dela, já que teriam que ficar juntos daquela vez.

Gustavo não aguentaria mais uma rodada de conversas sobre o namoro estando completamente sozinho.

Deu-se conta ali que estava dependente demais da ação de Emília. Isso o deixava ainda mais aborrecido, porque ele não era uma pessoa que costumava deixar problemas nas mãos dos outros. Normalmente, era ele quem resolvia tudo, que trazia soluções e deixava todos satisfeitos. Mas o namoro falso era um problema a longo prazo e, *nossa,* como era difícil lidar com tudo aquilo sozinho, ainda mais tendo que fingir que estava morrendo de amores por Emília.

O problema não era nem a diabinha de cabelo rosa ser a dita fonte de todo esse amor, mas sim a intensidade de tudo. Intenso não era um adjetivo que descrevia Gustavo Choi, por isso era complexo ter que fingir uma coisa que não era de sua natureza. Ele não era um robô sem sentimentos, tinha gostado e se interessado por diversas mulheres, mas poderia descrever seus relacionamentos como medianos.

E não via problema algum naquilo. Nesses casos, a média era boa, satisfatória, *conveniente.* A curva padrão da vida, não havia tantos espaços assim para um romantismo exagerado ou extremos de sentimentos. Seria uma trabalheira sem tamanho e Gustavo não tinha tempo para nada daquilo.

Estava com 32 anos. Tinha vivido tudo que tinha para viver de sua juventude, então o próximo passo era se estabilizar, criar uma família, se tornar um profissional bem-sucedido. Era o que esperavam dele e o que ele esperava de si mesmo, e gostava desse prognóstico de seu futuro. Uma linha reta bonita e calma, sem muitos percalços.

Mas agora ele estava preso em um namoro com a pessoa mais caótica do universo e tendo que fingir que às vezes ele perdia o sono pensando nela, que ficava nervoso quando se tocavam, que seu coração já não sabia mais como bater direito por causa de Emília Park. Ele estava sentindo tudo isso de verdade? Estava, mas era horrível

colocar em palavras, porque, no fundo, era a realidade mais pura e absoluta e Gustavo não gostava de se sentir daquele jeito, como se não tivesse o controle de nada, como se fosse um adolescente idiota.

Parou em frente à porta. Estava prestes a bater quando ouviu risadinhas vindas do lado de dentro. Conseguiu identificar a voz de Emília e outra tão animada quanto. Não demorou nem um segundo para ele reconhecer quem era.

Abriu a porta devagar e se deparou com sua namorada e a própria mãe, Sofia, sentadas na cama. Estavam com máscaras de hidratação nos rostos e faixas no cabelo, no melhor estilo de spa caseiro. Gustavo soltou o ar pela boca, resignado.

Então esse tinha sido o motivo do sumiço de Emília.

— Filhinho, que bom que chegou! — Sofia exclamou. — Eu e a Mimi estamos nos divertindo à beça, só falta você! Onde estava?

— Na piscina. — Ele encarou Emília quando disse isso. Ela só deu de ombros, inabalável. — Por que não me chamaram?

— Acho que me distraí — Emília desconversou. — Eu e a sogrinha ficamos fofocando e o tempo passou tão rápido! Foi mal.

— Recebi uma consultoria completíssima de *skincare* da Mimi, Guto. Sabe quanto isso custaria se eu contratasse alguém? Uma fortuna, Mimi caiu do céu pra me ajudar.

— Sempre ao seu dispor, sogrinha. Sou testemunha da palavra de uma *skincare* impecável, estou sempre disponível pra conquistar mais fiéis.

— Já fez uma consultoria pro Gustavo? Ele é igual ao pai dele, se deixar lava o rosto com o detergente da pia.

Emília deu uma risada e borboletas bateram as asas no estômago de Gustavo. Ele limpou a garganta e cruzou os braços, desconfortável.

— Ainda não. O Gustavo não liga muito pra essas coisas e...

— Pode fazer — ele a interrompeu. — Certeza de que vou gostar muito. Tudo que você faz eu gosto.

Ele disse isso com sua expressão de sempre, sem sorrisos ou olhares mais calorosos. Emília suspirou, levantando-se da cama.

— Ah, que lindo! Você é adorável! — Abriu um sorriso cheio de dentes, tão falso quanto uma joia barata. — Então vamos lavar seu rosto, vai ser incrível!

Emília correu para segurar a mão dele, aos pulinhos e alegre como sempre. No entanto, assim que entrou no banheiro, ela o soltou bruscamente, o sorriso se desfazendo na hora. Depois, só alcançou um frasco que estava sobre a pia do banheiro.

— Toma, lava o rosto com isso. — Ela nem olhou para ele enquanto falava, só entregou o produto. — Movimentos circulares e sem esfregar com força. Te espero lá fora.

E saiu do banheiro da suíte. As risadas voltaram com tudo assim que a conversa com a mãe dele recomeçou. Gustavo fez um bico de insatisfação, segurando-se para não começar a resmungar.

Quando retornou ao quarto com o rosto lavado, Emília voltou a pular ao lado dele, animada e receptiva. Fez com que se sentasse na cama e colocou uma das faixas felpudas em sua cabeça para afastar o cabelo. Sofia começou a gargalhar com a cena.

— Ai, Guto! — Riu. — O amor é lindo mesmo, nunca pensei que te veria usando uma coisa dessas!

— Eu também acho, sogrinha! — Emília bateu palmas. Pegou um frasquinho da necessaire e o exibiu para todos antes de abri-lo. — Olha só, vou usar meu hidratante de rosas negras da *Sisley* no seu filho que lava o rosto com sabão de coco. Meu pai trouxe direto da França e é caríssimo. Só o amor explica um sacrifício desses.

— Meu Deus, preciso tirar uma foto disso! Cadê meu celular? — Sofia vasculhou o cômodo em busca do aparelho.

— Acho que deixei no meu quarto. Esperem só um pouquinho, já volto.

Ela saiu do quarto. Emília estava bem próxima dele antes para passar o hidratante, mas assim que se viu sozinha, deu as costas e buscou o próprio celular, mais interessada no *feed* do Instagram do que em qualquer outra coisa. Gustavo só ficou ali parado, sentado na cama com uma faixa ridícula na cabeça e fazendo papel de bobo.

Emília não gostava muito dele, isso era um fato. Mas por que o comportamento dela mudava tanto assim? Era difícil de entender. Tudo bem, suas personalidades eram opostas, mas só uma antipatia natural não explicava todo aquele afastamento. Ela tratava até Danilo melhor. E seu primo era um porre, ela mesma já tinha admitido isso.

A mãe dele voltou e os sorrisos de Emília também. Sua namorada falsa era aquele tipo de pessoa que transformava uma conversa casual em uma verdadeira festa, todos gostavam de tê-la por perto, o centro das atenções, a estrela de qualquer lugar.

Sempre era uma festa com ela, mas Gustavo nunca era convidado.



“Se isso é amor
Não quero provar, tenho medo
O amor é azedo
O amor é como uvas azedas”
Now Playing: Sour Grapes
LE SSERAFIM

Mais do que um amigo protetor ou filho do melhor amigo de seu pai, Gustavo Choi, por muito tempo, tinha sido o universo inteiro e absoluto de Emília.

Um príncipe, um anjo, um cavaleiro de armadura pronto para salvá-la de qualquer mal que quisesse prejudicá-la, foi assim durante sua infância inteira.

Gustavo desempenhou bem o papel de seu protetor até o início da adolescência. Com 14 anos, foi ele quem a socorreu quando Emília teve uma crise alérgica depois de brincar com um gato. Ela foi parar no hospital e estava muito assustada, seu pai não parava de chorar ao vê-la deitadinha na cama hospitalar. Uma hora, o tio Murilo levou Lineu para fora do quarto, deixando Emília aos cuidados do filho e da esposa. Enquanto a mãe dele conversava com os enfermeiros, Gustavo estava debruçado na beirada da cama, segurando a mãozinha dela. Emília tinha quatro anos na época.

— Uma bolinha, uma bolinha bem gordinha rolando atrás da bebezinha... Cuidado, bebezinha! — cantou a musiquinha de sempre. Emília amava aquela música. — Cuidado, bebezinha!

Ela estava com uma máscara de oxigênio enorme no rosto, mas ainda assim riu. Lembrava-se de estar com urticária e com os olhos inchados, mas a lembrança de Gustavo ali, ao seu lado, nunca se apagava. Ele ficou a entretendo até que melhorasse. E, sempre que se encontravam, Gustavo cuidava dela com paciência e adorava brincar com ela. Todas as memórias de Emília dessa época eram doces e preciosas.

Quando ela completou 10 anos, as coisas já tinham mudado um pouco. Afinal, Gustavo tinha 20 anos e ficava cada vez mais entediado de ter que ficar brincando com uma criança. Ainda assim, ele era o mundo inteirinho de Emília Park, quase uma celebridade, e ela fazia questão de deixar isso muito claro toda vez que o via. Ficava pedindo que ele a assistisse dançar, cantar, que a levasse para andar de bicicleta. Às vezes Gustavo aceitava, às vezes não. Mas não fazia mais nada com o entusiasmo de antes. Ele era um adulto agora e só falava coisas de adulto, Emília ficava escutando as conversas dele com os outros e não entendia nada. E ele aparecia cada vez menos na casa das bisas, seu pai lhe dizia que ele estava sempre ocupado com a faculdade. Mas Emília ficava perguntando por ele toda hora e um dia lhe disseram que ele só cuidava dela de vez em quando por achar que era sua obrigação.

Foi a primeira vez que contaram a história da piscina para Emília. Seu pai tinha feito um trabalho cuidadoso para que não contassem levianamente sobre a morte de sua mãe, mas a família era grande e algum primo ou tia inconveniente acabou contando que Gustavo teve que salvar o pai dela, que Lineu tinha tentado se matar depois que ela nasceu. Contaram até que Gustavo começou a fazer terapia depois do incidente. Muitas coisas para uma criança de 10 anos processar.

Aquilo a marcou muito. Emília, quando visitava a casa das bisavós, às vezes parava perto da piscina e imaginava seu pai caindo ali, afundando. Depois imaginava Gustavo

saltando na água para salvá-lo, uma criança de quase sua idade na época. Emília chegou a pensar que não conseguiria salvar o pai se fosse ela na mesma situação, já que era uma criança bem pequena e magricela.

Foi assim que começou a ter medo da piscina. Até nos dias atuais, Emília não gostava muito dela, ficava no máximo sentada na borda.

O início da adolescência de Emília foi um período conturbado. Ela tinha crescido como uma garotinha bonita e muito sociável, cheia de amigos e muita história para contar. Mas tinha crises de pânico sempre que achava que alguma coisa poderia acontecer com seu pai, ficava achando que tudo era culpa dela. Contudo, evitava demonstrar isso para qualquer um. Para o mundo exterior, ela era a estrela brilhante e tagarela, que encantava todo mundo.

Foi mais ou menos nessa época também que ela começou a ficar obcecada com a ideia do *amor.* O sentimento era a coisa mais linda do mundo, algo que movia pessoas, povos, continentes e planetas. Era lindo ver duas pessoas se apaixonando, ler livros românticos, assistir novelas e dramas coreanos com suas avós. Emília amava o amor e mal podia esperar para se apaixonar também.

E, em seus delírios mais loucos de adolescente, ela obviamente teve sua primeira paixonite pela pessoa que ainda era seu universo inteiro, Gustavo Choi. Com 12 anos, Emília sentia seu coração acelerar toda vez que o via na casa das bisavós. Ele já tinha se mudado para Niterói e ela o encontrava ainda menos, então toda vez que se deparava com ele suas bochechas coravam e ela sentia vontade de sair correndo na direção contrária. No entanto, ao mesmo tempo, Emília também sentia vontade de ficar colada nele o máximo que pudesse.

O que não era muito tempo, já que Gustavo parecia detestar cada vez mais a ideia de passar um tempo com ela.

Foi em uma dessas abordagens dela que a corda se rompeu de vez. Gustavo tinha levado alguns amigos da faculdade para a casa das bisavós para passarem o feriado juntos. Emília queria participar de tudo e ficava correndo atrás deles como o pintinho que era. Uma hora, ele se cansou daquilo e acabou gritando com Emília.

— Porra, dá pra parar? — rugiu. Estava zangado porque queria conversar com os amigos. — Tem como você sair daqui? Caralho. Garota insuportável.

Emília ficou parada na frente dele, assimilando todos os palavrões que sua paixonite despejara em cima dela. Seus olhos começaram a lacrimejar e ela fez um beicinho.

— Mas Guto... — choramingou. Gustavo bufou enquanto se levantava e mandou que ela o seguisse para longe de seus amigos.

— Já falei pra parar de me chamar de Guto — falou enquanto a conduzia pela casa. — Emília, vai brincar com alguém da sua idade. Você tá atrapalhando, não sou sua babá, caralho!

— Para de falar palavrão! Não gosto quando você fala palavrão!

— Foda-se — ele disse e Emília abriu o berreiro. Isso só o deixou mais zangado. — A gente tá tendo uma conversa de adulto lá, Emília. E você é a porra de uma criança. Então some daqui.

E a deixou parada ali, chorando. Nem olhou para trás enquanto ia embora.

E Emília teve seu coração partido pela primeira e única vez aos 12 anos. O Guto se transformou em Gustavo e eles se afastaram de vez, ela nunca mais teve coragem de correr atrás dele de novo. À medida em que crescia, a figura dele se tornava cada vez mais irritante. Tudo bem, era óbvio que uma pessoa de 22 anos nunca se interessaria por uma criança de 12, Emília tinha a perfeita noção de que aquilo era só uma paixonite idiota que tivera, uma hora ela ia quebrar a cara mais cedo ou mais tarde. Mas como um

homem feito teve a coragem de gritar com uma garotinha? *Ele se acha tão maduro, mas é só um mimado que finge ser adulto,* pensava. Sua admiração se misturava com o despeito por ter sido rejeitada.

Porque Gustavo ainda era um príncipe, só não com ela. Deslumbrava tudo e todos quando começava a falar de suas pesquisas na faculdade, era respeitado pela comunidade inteira por ser fluente em três línguas, pelo cuidado com a família, principalmente com a bisavó. Ela mesma acabou sendo influenciada a fazer biologia por causa dele, por mais que nunca quisesse admitir aquilo em voz alta.

Acabou na UFF também. Ela tinha passado no vestibular com 17 anos e seu pai só a deixaria estudar na UFF, já que era onde Gustavo estava e poderia cuidar dela. Por um lado, ter que ser vizinha dele parecia ser um porre. Mas por outro, Emília poderia morar sozinha pela primeira vez, já que seu pai tinha medo da ideia de ela ir e voltar para o Rio de Janeiro todo dia. Então, pelo bem de sua vida universitária, Emília aceitou ser vizinha do ser mais arrogante da face da Terra. Mas fez de tudo para não esbarrar com ele.

E mesmo sendo do mesmo laboratório que Lis, uma de suas melhores amigas, Gustavo e Emília não se encontravam com muita frequência. No entanto, ela tinha um pouco de ciúmes da boa relação que Lis tinha com ele, mas era mais por não entender por que Gustavo era bonzinho com a amiga e não com ela, já que as duas tinham quase a mesma idade.

É porque ele te odeia, ela sempre concluía.

E essa era sua relação com Gustavo Choi. De início, seu universo. Depois, um cometa que iluminava a escuridão, Emília era a lua que orbitava seu planeta. Com a primeira desilusão, eles se afastaram como polos iguais de um ímã.

E agora estavam em rota de colisão.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

20/04/2025
166 dias para o Chuseok!

— Então Vossa Alteza Real finalmente se dignou a acompanhar seus súditos na piscina — Gustavo comentou enquanto a encarava da água, uma das sobrancelhas levantadas. — Pensei que não seria agraciado pela vossa presença neste humilde feriado.

Emília revirou os olhos. Depois do primeiro convite ignorado, ele ficou insistindo pelo resto do tempo para que fossem na piscina, já que estava sol e ele queria passar um tempo lá. Ela conseguiu evitar até o domingo, dia que iriam embora. Contudo, Gustavo a encurralou e quase a obrigou a vestir as roupas de banho. Não havia mais o que fazer, ela teria que aceitar seu infortúnio.

Como ela odiava aquela piscina. E ter que nadar com Gustavo seria um martírio sem fim. Tanto pela inconveniência de ter que interagir com ele, como pelo fato de que era difícil de desviar o olhar.

Ali estava sua comprovação de que Gustavo Choi só tinha malhado e trabalhado durante o intercâmbio. Pior, tinha mantido o hábito desde que voltara para o Brasil, porque Emília nunca o tinha visto tão musculoso quanto naquele momento. Por que os ombros dele pareciam ter uns três metros de envergadura? Chegava a ser bizarro.

E Gustavo era do tipo de homem que usava sunga. Nada de bermudas ou shorts, ele estava usando uma sunga preta que…

Melhor não pensar nesse tipo de coisa, Emília, pensou.

— Não vai entrar? — ele perguntou, aproximando-se da borda. Apoiou os braços molhados no chão e ela tentou não ficar encarando cada músculo que se contraiu naquele momento, muito menos a pele bronzeada de sol e as gotas de água escorrendo.

— De jeito nenhum — decretou.

— Por que não?

— Meu cabelo vai desbotar.

— É só não molhar o cabelo.

— Não sei nadar.

— Tem uma foto sua em uma competição de natação infantil no corredor da sala.

— Desaprendi.

— Impossível.

— Tenho medo dessa piscina em específico, tá legal? — resmungou. — Tá bom pra você ou quer mais?

— Por que teria medo só dessa piscina? Não faz sentido algum.

— Ai, por que tudo tem que fazer sentido pra você? Algumas coisas não fazem sentido.

— Emília.

— Porque meu pai caiu nessa piscina, Gustavo — murmurou. Sem ter muita escolha, sentou-se na borda ao lado dele, molhando só as canelas.

Ele ficou em silêncio, absorvendo suas palavras. Depois só franziu o cenho, parecendo ainda mais confuso.

— Mas você nem tava lá — falou. — Se fosse assim, quem devia ter medo da piscina sou eu. Ou seu pai, acho.

— Você não tem medo?

— Evidentemente que não.

— Nem um pouquinho?

— Não. Adoro essa piscina, aliás.

Emília mordiscou os lábios, desconfortável.

— Ela é funda demais — disse. — Tenho medo.

— Ela é... — Gustavo franziu o cenho de novo. Afastou o corpo da borda. — A água bate abaixo dos meus ombros.

— Você é alto.

— Tenho 1,89m. Você bate no meu ombro. Quanto tem de altura?

— 1,59m.

— Então a coluna de água deve ter no máximo 1,50m. Acho que você conseguiria ficar na ponta do pé.

Emília tentou calcular a altura. Ela já tinha reparado que batia bem na linha dos ombros dele, que conseguia alcançar o pescoço de Gustavo se usasse saltos. Então não era mais só uma hipótese, era praticamente uma certeza, Emília conseguiria ficar de pé na água se quisesse.

— N-não sei... — gaguejou. Quando parava de olhar para ele e fitava só a água, voltava a parecer profundo demais. Ela só conseguia imaginar o pai afundando ali, tocando os azulejos do chão.

— Posso te levar no colo — ele sugeriu. — Pra você ver que a água não vai te morder.

— Isso tudo só pra me fazer entrar?

— Você me enrolou o feriado inteiro.

— Porque tenho medo da piscina.

— Entendi isso agora.

— Então...

— Isso é um trauma seu?

— Não sei se é um trauma, é só... algo que me impressionou muito quando criança.

— Por que nunca soube disso? Você nunca me contou.

— Por que eu contaria? Você nem ligava pra mim quando eu era pequena.

— Não? Tenho lembranças vívidas de cuidar bastante de você.

Ela torceu os lábios, um pouco irritada. Aquela conversa estava tomando um rumo esquisito.

— Quando eu era bebê. Depois eu cresci e você começou a me odiar.

Gustavo arregalou os olhos, surpreso.

— Te odiar? Por que eu odiaria uma criança?

— Você que tem que me dizer. Porque tenho lembranças vívidas de você gritando comigo e me fazendo chorar. E você já era adulto.

Ele ficou em silêncio. Não estava zangado, irritado ou ultrajado como sempre ficava. Só muito surpreso. E confuso. A expressão dele era de total confusão.

— Não lembro disso, não — disse. — Certeza que não entendeu errado?

Foi a vez dela de franzir o cenho.

— Eu tinha 12 anos. Era um feriado como esse e você tinha trazido todos os seus amigos da faculdade. Entendo que eu era uma criança chata, mas você gritou comigo, me xingou e me proibiu de te chamar de Guto. E depois me deixou chorando sozinha.

Mais silêncio. Emília estava prestes a esbofeteá-lo. Tudo que faltava era ele se fazer de sonso e fingir que tinha se esquecido.

— Realmente não me lembro disso — ele argumentou. — Sei que às vezes sou grosso com as pessoas, mas nunca destratei uma criança.

— Qual é! Não se lembra? Logo você e sua memória impecável?

— Bem, em minha defesa, eu provavelmente estava bêbado. Ou de ressaca. Mas grande chance de estar bêbado.

— Quê?

— Você falou que tinha 12 anos, né? Então eu tinha 22, tinha acabado de entrar na faculdade e... eu vivia bêbado naquela época, não lembro de muita coisa. Num feriado então, eu devia estar bem louco.

O queixo de Emília caiu. Ela nem sabia que Gustavo bebia ao ponto de ficar bêbado, quanto mais usar a expressão “bem louco”. Não justificava a grosseria, mas explicava muita coisa. Gustavo não era mesmo o tipo de pessoa que gritaria com uma criança à toa. Ele tinha ficado bêbado demais e Emília sempre foi muito expansiva.

Mas isso tinha sido a fonte de toda sua antipatia desde então. E o fato de ele não lembrar trazia um gosto amargo na boca de Emília. Tinha sido só uma infelicidade, não era motivo para destratá-lo como ela fazia.

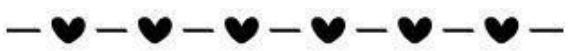
No entanto, por que ainda doía? E agora parecia uma ferida aberta, como se Gustavo tivesse arrancado as

casquinhas do machucado e jogado sal, aprofundando a dor. Porque agora ela só conseguia enxergar sua infantilidade e imaturidade, a criancice que era não perdoá-lo por algo que acontecera há dez anos quando ela era uma criança idiota.

— Eu… eu tenho que ir. — Levantou-se aos tropeços, sentindo-se cada vez mais ridícula por sentir as lágrimas quererem vir. — A gente se vê… Eu tenho que ir.

E saiu correndo. Gustavo a assistiu se afastar, silencioso e um pouco preocupado.

Como sempre, ele não tinha entendido nada.



Gustavo a encontrou sozinha na arquibancada da quadra de futebol da mansão depois que foi se vestir e procurá-la. Emília estava encolhida no degrau mais baixo, o rosto escondido e apoiado nos joelhos.

E chorando de soluçar.

Ela o escutou se aproximando, mas não conseguiu fazer nada para afastá-lo ou fugir de novo. Tinha perdido as forças, transformando-se em sua verdadeira imagem: a mimada que só sabia chorar. Sempre imatura, infantil ao ponto de não querer aceitar que ela tinha aumentado demais uma memória dolorosa. Agora forçaria Gustavo a consolá-la, mais uma vez ela estava chorando na frente dele.

Gustavo não a odiara quando criança, mas devia odiar agora. Era impossível que ele sentisse qualquer coisa além de desprezo depois de tudo aquilo.

Ele se sentou no degrau acima, ficando bem atrás dela, circundando seu corpo pequeno com os joelhos. Depois, só passou os dedos pelo cabelo dela, penteando-os.

— P-por que tá fazendo isso? — ela conseguiu perguntar, levantando a cabeça para limpar os olhos.

— Achei que não ia querer me olhar diretamente agora — explicou. Separou mechas do cabelo dela e começou a

trançá-las, calmo e silencioso.

Os dois ficaram em silêncio até que ele terminasse a trança. Contudo, Gustavo estalou a língua, insatisfeito com o resultado, e desfez tudo, recomeçando do zero. Emília engoliu em seco.

— Parecia mais fácil nos vídeos do YouTube que vi — ele disse.

— Por que... Por que tá vendo vídeos sobre tranças no YouTube?

— Achei que seria uma boa adição pro ato “fingir que estou muito apaixonado”. — Ele só deu de ombros.

Emília fungou um pouco. Estava gostando do carinho, mas ainda se sentia patética perto dele.

— Me explica o que aconteceu, Emília. Não entendi muita coisa, mas você parece muito magoada.

— Eu... é idiota.

— Se te fez chorar, não é idiota.

— É, sim — soluçou. — Tudo que faço é idiota, impulsivo e impensado. Eu... Não sei por que sou assim, eu só...

— Mas você não fez nada. Pelo visto, quem fez fui eu.

— Mas... quem entendeu errado fui eu.

Ele terminou a segunda trança. Desfez e começou de novo.

— Eu ter gritado com você foi uma alucinação? — perguntou.

— Não...

— Então você não entendeu errado. E mesmo que tivesse sido assim, você era uma criança, deve ter sido assustador.

Ela fungou alto, as lágrimas escorrendo pelo rosto sem piedade alguma.

— Mas não sou mais criança — gaguejou. — Mas vivo agindo como uma, principalmente na sua frente. E... eu odeio isso, odeio me sentir uma garotinha idiota perto de

você, a bebê que faz tudo errado, que... Odeio que você me veja assim.

— Não te vejo como uma criança — ele afirmou.

— Para de mentir, Gustavo. Você me acha o ser mais infantil do universo.

— Infantil, sim. Às vezes. Mas não te vejo como uma criança. Tenho a completa noção de que você é uma adulta. Nunca namoraria contigo se te visse como uma criança.

— É um namoro falso.

— Mesmo assim. Não faria sentido algum.

Lá ia ele de novo com as coisas que faziam sentido ou não. Aquela conversa que não fazia sentido, Gustavo só não tinha percebido isso ainda.

— Tá tudo bem, Gustavo, eu só... — Suspirou. — Eu vou ficar bem. Não precisa se preocupar. É só uma memória de criança que eu levei muito a sério.

— Memórias infantis são importantes, sabe? São a base da nossa personalidade. A infância nos molda quase por inteiro e eventos traumáticos tem um peso mil vezes maior em uma criança.

— Hein?

— É a minha tese de doutorado — ele explicou. Só Gustavo para citar o próprio projeto naquela conversa doida. — O impacto de fatores ambientais na infância de modelos animais. Pensei que soubesse.

— Eu sei, mas... — Emília fez uma careta. Ela tinha virado um dos ratinhos de laboratório dele? Ficava cada vez mais bizarro.

— E tudo bem ser infantil e impulsiva de vez em quando. Você tem 22 anos, seu córtex pré-frontal nem amadureceu todo ainda.[10]

— Eu não sei se você tá me consolando ou me criticando...

— Consolando. Achei que tinha ficado claro.

— Não ficou.

— Eu também tinha 22 anos na época em que gritei com você. Talvez não justifique, mas... eu era um babaca nessa época, provavelmente era impulsivo também. Por isso, hm... me desculpa.

Novamente imersos no silêncio, Gustavo por fim terminou a trança do jeito que queria. Pediu o elástico que Emília levava no braço e amarrou. Ela ainda não tinha coragem de encará-lo, então só continuou parada, ouvindo a movimentação dele. Pensou em se levantar e dar um fim àquilo, mas Gustavo a segurou pelos ombros, puxando-a para trás.

E a abraçou, o rosto afundado perto de seu pescoço. Emília perdeu o ar por um momento.

— O que você tá fazendo?! — perguntou com a voz esganiçada.

— É um carinho, Emília. Pra pedir desculpas. Sei que é estranho, mas aguenta firme, ok?

De início, era mesmo estranho. Mas ele a apertou mais, um enlace cheio de segurança e afeto, tão diferente do comportamento habitual dele, que Emília se sentiu um pouquinho melhor. O gesto a amoleceu e ela voltou a chorar, suas lágrimas escorrendo junto com o ressentimento que sentia.

— Me desculpa — ele murmurou. — Me desculpa por ter te magoado, não foi a minha intenção. De verdade, me desculpa.

Ficaram assim até que ela se acalmasse. Os dois se levantaram e Gustavo averiguou o estado dela, ainda um pouco preocupado.

— Você disse que eu te proibi de me chamar de Guto? — perguntou. — Realmente fiz isso?

Ela fez que sim com a cabeça, limpando o rosto. Gustavo estalou a língua, insatisfeito consigo mesmo.

— Por isso você pediu desculpas daquela vez, no dia da carona do bingo?

Outro aceno positivo.

— Por que eu fiz isso? — ele mesmo se questionou. — Todo mundo me chama assim aqui, é só um apelido.

— Também nunca fez sentido na minha cabeça... — Ela tentou rir.

Gustavo a espiou de soslaio, o rosto ininteligível de sempre a analisando de cima a baixo.

— Volta a me chamar de Guto. É estranho que só você não me chame assim.

— Você só me chama de Emília.

— Quer que eu te chame de Mimi também?

Ela parou para pensar por um instante.

— Não — concluiu.

— “Mi” então? O pessoal da UFF te chama assim.

— A gente precisa mesmo se chamar por apelidos?

— Penso que é uma boa adição à farsa de super apaixonados.

— Argh...

— Vou te chamar de Mi, então — decretou.

— Pode me chamar assim, mas é impessoal demais. — Emília fez um muxoxo. — Me chamar como minhas amigas me chamam não mostra que você está super apaixonado.

— Princesa, então. Porque você tem ares de realeza. Princesa, princesinha e variados.

Emília fez uma careta com o apelido. Ela nem sabia o que pensar sobre isso.

— E volta a me chamar de Guto — Gustavo pediu de novo. — É sério, é estranho que não me chame assim.

— Não sei...

Ela nem teve tempo de retrucar. Sua sogra, Danilo e suas tias iam até eles, acenando com muita animação.

— Vocês sumiram! — A mãe dele afirmou. — Mimi, tá chorando? O que aconteceu?

— Meu Deus, vocês estão terminando? — Soraia deu um grito assustado. — Ai, meu Deus! Precisamos de uma intervenção, a gente...

— Não estamos terminando — Gustavo grunhiu.

— Eu... eu caí de cara agora a pouco. Acabei chorando porque foi muito humilhante! — Emília inventou a desculpa na hora. Já estava toda cheia de sorrisos de novo. — Mas o Gustavo...

Ele pigarreou. Emília o espiou de soslaio e ele só inclinou as sobrancelhas, esperando.

— Ele me resgatou e estou bem agora. De verdade, não precisam se preocupar — garantiu.

— Graças a Deus! — Soraia estendeu as mãos para o céu, aliviada. — Que bom que estão bem e... Que trança bonita, Mimi! Foi você que fez? Amo tranças embutidas.

Emília passou a mão pelo cabelo, finalmente se dando conta da trança elaborada que Gustavo fez nela. Por isso ele refizera tantas vezes, parecia um trabalho intrincado de várias mechinhas.

— Ah, não. Foi... — Sentiu seu rosto corar pelo que estava prestes a dizer. — Foi... foi o Guto.

Olhou para ele depois de chamá-lo daquele jeito. A visão a deixou ainda mais vermelha.

Porque ele tinha acabado de abrir um sorrisinho.



“Você é meu futuro
O tempo todo
Quero atravessar esses seus tempos difíceis
E segurar sua mão”
Now Playing: (Future)
Red Velvet

30/05/2025
128 dias para o Chuseok!

Thiago Giménez
Ei, Choi!
Thiago aqui!
Adivinha só, tô pelo Brasil de novo
Vou ficar por uns três dias
Porra, saudades de curtir contigo, cara
Topa um rolê nesse feriado?
Fiquei sabendo de um lugar novo na Lapa
E L I T E
Topa, parceiro? Saudades de ti, moleque!

Gustavo leu a mensagem de um de seus grandes amigos da faculdade com um tom de surpresa. Já fazia um tempo desde a última vez que ele vira o amigo, já que, desde que se formara, Thiago rodava o mundo inteiro com a fortuna que tinha ganhado por uma patente que criara. Era

difícil encontrá-lo no mesmo país, quanto mais no mesmo Estado. A última vez que se encontraram, Gustavo estava no intercâmbio na Coreia do Sul e Thiago simplesmente apareceu em Seul, mandando mensagens parecidas com aquelas.

Contudo, sair com Thiago significava passar um fim de semana inteiro pulando de boate em boate. E Gustavo não podia mais fazer coisas assim.

Afinal, ele era um homem comprometido agora.

Gustavo Choi
Bom te ver, cara
Mas vou ter que passar dessa vez

Thiago Giménez
Nossa, por quê?
Você nunca recusa um rolêzinho sincero
Eu pago tudo, bora

Gustavo Choi
Não vai dar mesmo
Tô namorando agora
É bem sério

Thiago Giménez
NÃO CREIO
Choizão tá namorando????
Quem?
Finalmente apresentou pra família e tal?

Gustavo Choi
Não precisei apresentar
Todo mundo já conhecia ela
Não lembro se você conheceu a Emília

Thiago Giménez
A filha do amigo do teu pai????
Rapaz! Não creio

Gustavo Choi
Ela mesma

Thiago Giménez
Caralho!!!
Porra, me mostra uma foto dela
Deve estar diferente pra caramba
Caralho, que mundo louco

Gustavo inclinou as sobrancelhas com o pedido. Estava debruçado na bancada da cozinha de Emília, assistindo as amigas fazerem uma bagunça na sala por causa dos preparativos do aniversário de sua namorada, que seria daqui a dois dias. Então vários tipos de decorações estavam espalhados pela sala, desde balões de vários formatos e cores até enfeites de mesa cor de rosa. Era tão colorido que chegava a doer os olhos.

Saiu do aplicativo de mensagens e abriu o Instagram, entrando no perfil de Emília para buscar uma foto dela para mostrar ao amigo. Rolou o feed por um tempo, mordiscando os lábios.

Era um pouco absurdo, mas ela estava bonita demais em todas as fotos. Seu amigo nunca pensaria em fazer nada sabendo que era sua namorada, mas uma sensação estranha brotou na boca de seu estômago.

Ele não queria mostrar a foto de Emília para Thiago.

Gustavo Choi
Vou ficar te devendo a foto

Thiago Giménez
Me manda o Insta dela então
Só pra eu ver a menina que te convenceu a explanar um namoro pra tua família
Um feito e tanto

Gustavo Choi
Não

Thiago Giménez
Que isso, Choizão?
Me deixa ver
Na moralzinha

Gustavo Choi
Não

Thiago Giménez
Vou ter que te stalkear até achar o perfil dela
É a vida
Vou seguir ela
Será que ela me segue de volta?

Gustavo Choi
POR QUE VOCÊ QUER UMA FOTO DA MINHA NAMORADA?
PRA QUE IA QUERER VER?
SEU ARROMBADO
PORRA
JÁ PEDI ALGUMA FOTO DE ALGUMA GAROTA QUE TU FICOU?
SEU ARROMBADO
NÃO OUSE SEGUIR ELA NO INSTAGRAM
NÃO OUSE

Thiago Giménez
Eita porra
É sério mesmo
Gustavo Choi tendo uma crise de ciúmes
Fiquei mais curioso ainda
Mas te respeito, cara
Quero ser padrinho do teu casamento
Por favor

Gustavo Choi
Ah
Foi mal

Thiago Giménez

De boa
Tudo bem, então
Me avisa quando tiver o casório
Que eu voo pro Brasil só pra testemunhar esse milagre
Gustavo Choi apaixonado ao ponto de ser ciumento
Senti firmeza, cara
Se ela tiver uma amiga gatinha pode me apresentar
É o mínimo pela grosseria
Vou nessa
Felicidades aí pro casal

Porra, o que eu tô fazendo? Gustavo pensou, passando os dedos pelos olhos. Crise de ciúmes? Isso era novo. Mais um mês havia se passado e a cada dia ele sofria por mais algum sentimento inadequado por causa dela.

O que aconteceria quando os seis meses de namoro terminassem? No andar da carruagem, ele não se surpreenderia se a pedisse em casamento por impulso. Pior, se realmente ficasse feliz com o pedido.

— Guto, tá tudo bem? — Emília chamou a atenção dele, puxando a manga de sua camiseta. — Tá com uma cara…

Ele suavizou o rosto assim que ela o chamou daquele jeito. Tinha vontade de sorrir toda vez que o apelido escapava dos lábios de Emília, aquela forma doce de pronunciar as sílabas. Todo o resto de sua família o chamava assim também, mas era diferente com ela, por algum motivo.

Ele sabia bem o motivo, na verdade. Só não tinha se permitido aceitá-lo ainda. Pensar nisso o deixava desorientado. E ele tinha um rumo a seguir, continuar o namoro da melhor forma até o *Chuseok.* Mais que isso estragaria tudo.

— Tá, sim — afirmou, passando um braço pela cintura dela para aproximá-la. — Tava só falando com um amigo meu. Ele vai ficar no Brasil por alguns dias e tá me chamando pra sair.

— Ah, pode ir se quiser. Você já deve estar super entediado com toda essa história de festa e tudo mais. O Dante não pôde vir, então deve estar sendo um saco pra você.

— Tá me falando pra ir em boates e te trair? — Ele franziu a cara inteira.

— Ah. — Emília ficou um pouco vermelha. — É esse tipo de saída? Então não.

Ficaram em silêncio. Ela fez um carinho em sua nuca enquanto observava Jana e Lis discutirem sobre o melhor tom de rosa dos balões em formato de estrela.

— Acho que você pode ficar com outras pessoas no sigilo, se quiser — falou de súbito. — Você também deve estar entediado com todo esse teatrinho e deve querer um pouco de ação de verdade.

Gustavo fez outra careta. Claro, ele tinha um histórico extenso de ficadas casuais e realmente sentia um pouco de falta de transar, mas parecia um absurdo se envolver com outra pessoa. E nem era por causa do perigo de ser pego, isso nem se passava pela cabeça dele no momento.

— *Você* quer ficar com outras pessoas? — fez a pergunta um pouco receoso. Não fazia ideia do que ela responderia.

— Ah, não. Não gosto dessa história de sexo casual. Eu teria que gostar muito da pessoa.

— Hm. — Gustavo se viu satisfeito com a resposta.

De certa forma, era até bom Emília agir assim. Evitaria que os dois caíssem em uma espiral de desejo que só se arrependeriam depois. Ele já não tinha mais certeza se não cederia aos impulsos que cresciam dentro de si mesmo, então era bom que houvesse aquela barreira entre eles. Gustavo não instigaria Emília e ela nunca o veria daquela forma. Estavam se dando bem, mas não passava disso.

Bom, bom. Consigo lidar com isso, pensou por fim. Ele ficava pensando nela em quase todos os momentos que ficava sozinho, tinha um anseio gigantesco de saber mais

sobre Emília, sobre o que pensava, seus sentimentos mais ocultos. Sua vida praticamente girava ao redor dela agora, mas Gustavo acreditava piamente que conseguiria lidar com o término no *Chuseok,* contanto que não ultrapassassem aquela linha de desejo.

Ele com certeza conseguiria. *Com certeza.*

— Guto — Emília chamou a atenção dele de novo. — Posso requisitar seus serviços de namorado e de motorista amanhã? Não vai demorar muito, acho que só a parte da manhã mesmo.

— Claro. O que é?

Ela mordiscou os lábios, esticando as sobrancelhas. Depois se pôs a murmurar para que Lis e Jana não escutassem.

— Amanhã te conto. Não quero falar sobre isso com as meninas aqui. Mas o código de vestimenta é preto.

Gustavo torceu o nariz. Ela nunca se vestia com cores escuras.

— O que é isso? Um funeral? — perguntou.

— Quase. — Afastou-se para voltar ao preparo da decoração da festa. — Mas obrigada, amanhã te passo os detalhes.

Quase? Gustavo ficou se perguntando sobre o que seria enquanto assistia às amigas interagindo. Era algo que Emília não queria falar na frente de Jana e Lis, as melhores amigas com quem ela dividia tudo.

O que poderia ser? Aquilo ficou preso em sua mente pelo resto do dia.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

31/05/2025
127 dias para o Chuseok!

— Qual endereço devo colocar no GPS? — Gustavo perguntou já no carro, sempre atento às movimentações de

Emília. Ainda mais por causa da roupa dela naquele dia.

Um vestido preto, meia-calça preta, um chapéu com uma renda tapando o rosto.

— Cemitério da Saudade, em Sulacap — ela respondeu enquanto brincava com uma mecha do cabelo. Era a única coisa colorida nela.

Hein?

— Guto, hoje é o aniversário de morte da minha mãe — explicou, suspirando. — Achei que o código de vestimenta tivesse deixado isso claro.

Ele franziu as sobrancelhas, confuso.

— Mas… — Teve receio de falar o que queria falar, mas acabou prosseguindo. — Seu aniversário é amanhã.

— Na verdade, é hoje.

— Quê?

— Não tem como comemorar meu aniversário hoje. Acho que minha família comemora assim desde sempre e acabei pegando o hábito de dizer que nasci no dia primeiro de junho, mas meu aniversário é dia 31 de maio.

— Ah… Por que nunca soube disso?

— Quase ninguém sabe. Acho que nem era pra eu saber, mas obviamente tenho acesso à minha certidão de nascimento. Provavelmente é coisa da minha avó, deve ser mau agouro e… Bem, não é uma data fácil pro meu pai. Tanto que ele não participa desse evento.

— Você sempre vem sozinha?

— Eu vinha com a minha avó quando era menor, mas… O problema são meus outros avós, os maternos.

— Ah…

— Eles vêm todo ano e não são as pessoas mais simpáticas do mundo, sabe? Nunca é muito agradável, por isso pedi pra você vir comigo. Ter um namorado serve pra essas coisas, né? Mesmo que seja falso.

— Entendi… — Gustavo sentiu um gosto amargo na boca. Não sabia como interpretar aquele sentimento.

Ele não se lembrava de ter tido interações significativas com os avós maternos de Emília quando Julieta estava viva. Depois da morte dela e do nascimento da neta, a sensação que Gustavo tinha era que eles haviam desaparecido da face da Terra. Não apareciam nos aniversários de Emília ou qualquer outro evento. E ninguém os mencionava também, era como se tivessem sido apagados da história.

Gustavo nunca tinha pensado nesse ponto; nos avós maternos de Emília. Qual era a relação entre eles? Mesmo sem aparecer, será que mantinham contato? Pelo que ela dissera, não parecia ser um relacionamento muito agradável.

Sem dizer mais nada, os dois seguiram para Sulacap, onde ficava o cemitério que Julieta Kim jazia. Assim que chegaram, Emília tratou de comprar flores para levar. Gustavo estava um pouco tenso com a situação, tinha sido pego de surpresa e ainda não tinha bolado uma estratégia para ajudá-la caso ela ficasse triste demais ou passasse mal. Também não sabia como agir com os avós dela. Teria que observar e analisar a situação para chegar à conclusão mais adequada.

No entanto, saber que Emília mentia sobre a data do próprio aniversário e que vinha sozinha para um cemitério lhe dava um nó na garganta.

Deixou-se ser conduzido por ela pelo caminho, até avistarem duas pessoas paradas em frente a uma lápide. Todas eram paralelas ao chão, então a vista era de um gramado muito bonito e verde, quase um parque.

Emília parou em frente aos dois idosos. Curvou-se em respeito e colocou as flores no chão, perto da lápide. Depois ergueu-se com um sorriso.

— Vovô, vovó, bom ver vocês! — disse. — Como estão?

A avó torceu a boca. Limpou o rosto com um lenço e desviou o olhar. Já o avô cumprimentou Emília de longe, inexpressivo.

— Mais um ano — ele falou.

— É... 23 anos.

— Você... Você está cada vez mais parecida com ela.

— Ah, obrigada! É o melhor elogio que poderia receber! — Emília sorriu para o avô.

Ele não esboçou reação alguma. Gustavo teve a sensação de que não tinha sido um elogio. Era mais uma constatação amarga.

— É seu namorado? — Ele apontou para Gustavo.

— Sim! — Ela o puxou pelo braço. — Não sei se lembram do Gustavo, ele é filho do Sr. Choi, melhor amigo do meu pai!

O casal de idosos o analisou de cima a baixo. A avó franziu o nariz.

— Choi e Park, essa... *gente* — murmurou.

— Presumo que seja sério — o avô comentou. — Suas bisavós devem estar muito felizes. Pelo que sei, o maior desejo delas era unir as famílias.

— Ah, claro! Fizeram uma festa danada, é... é sério, sim. Estamos muito bem.

Emília segurou a mão dele ao falar isso. Por algum motivo, queria manter a farsa para os avós também, inclusive o ponto de ser sério.

— Hm. — O avô voltou a fitar a lápide da filha.

O silêncio tomou o lugar.

— Presumo também que o casamento seja em breve — ele prosseguiu.

— Ah, é meio cedo pra falar sobre isso... — Emília gaguejou.

— Assim que se casar, Emília, peço que pare de vir. Terá uma nova família, então já está na hora de cortar laços com a nossa. Você nunca fez parte dela, para ser sincero.

— Minha mãe continua sendo a minha mãe... — gaguejou de novo.

— Não. Julieta é só... — O avô pigarreou. — Julieta é nossa filha. Você é o infortúnio dela. Por favor, permita que

nossa filha volte a ser só nossa filha pelo tempo que nos resta. Sua existência nos machuca.

— Ei. — Gustavo sentiu seu sangue gelar. Estava prestes a intervir na situação, mas Emília apertou sua mão para impedi-lo.

— Bem, se querem que eu pare de vir depois do casamento, ainda tenho tempo, né? — ela argumentou. — Não tenho planos pra casar ainda, por isso... Até ano que vem.

Os idosos resmungaram algo inteligível e foram embora sem se despedirem. Assim que sumiram de vista, Emília só suspirou.

— Ufa, achei que ia ser pior — falou.

— Quê? — Gustavo estava mortificado. — Mi, você tá bem?

— Ah, sim. — Deu de ombros. — Juro, já foi cada drama. Minha avó cuspiu na minha cara no meu aniversário de 15 anos. Minha vó Ágata ficou uma fera, ela tinha ficado mais longe e... Sério, esse ano foi tranquilo. Meu medo são os 25, porque foi a idade que a minha mãe morreu. É incrível, a gente nunca combina horário, mas sempre aparecemos na mesma hora aqui. Talvez eles fiquem me esperando chegar só pra me xingar.

Ficaram em silêncio. O nó na garganta de Gustavo quase o sufocava. Queria abraçar e consolar Emília, mas ela permanecia sorridente e calma, era difícil saber como agir diante disso.

— Meu plano sempre foi fazer um *Gije* [11] pra ela — Emília comentou. — Mas não sei coreano e... Sinceramente, não sei nem o que dizer. Meus avós fazem, mas não sou convidada.

— Seu pai não pode te ajudar?

— Nossa, não. É muito doloroso pra ele. Fiquei encarregada por isso, só queria fazer direito. Vou colocar como objetivo principal do ano que vem.

— Também é doloroso pra você.

— Nem tanto, eu... Vai parecer horrível o que vou dizer agora, mas não sinto nada pela minha mãe. Meu psicólogo sugeriu há muito tempo que eu tentasse conversar com ela por fotos e coisas assim e eu faço isso. Mas não sinto nada, não a conheci, ela não me conheceu. Eu sou só... o infortúnio da vida dela.

— Emília...

— É péssimo, eu sei. Mas não pensa que tenho traumas com isso, é só uma coisa que tenho que fazer todo ano. Hoje não é sobre mim, é sobre a minha mãe. Celebrar a vida dela, quem ela foi e... Sabe, entendo meus avós. Eles tratavam a minha mãe como meu pai me trata, então nem consigo imaginar como meu pai ficaria se eu morresse no parto do meu filho ou algo assim e...

— Seu pai nunca colocaria a culpa no neto. *Nunca.*

— Sim, mas meus avós não tiveram essa paz de espírito. E tudo bem, é direito deles. Nada os obriga a ter laços comigo. Não é fácil querer ficar perto de alguém que só arruína a vida das pessoas.

— Quê? Quem disse que você arruína a vida das pessoas?

— Ninguém precisa me dizer. Minha mãe morreu, meu pai tentou se matar, você mesmo podia ter morrido na piscina quando foi salvar meu pai.

— Mas... — Gustavo engoliu em seco. Estava desolado com todo aquele diálogo. — Emília, nada disso foi sua culpa.

— Não? Porque só aconteceu porque eu nasci.

— Mas não é algo que você pudesse controlar, foi só um...

Ele se calou. Espremeu os lábios, inconsolável.

— Um infortúnio — ela completou a frase.

— Emília, você não é um infortúnio na vida do seu pai nem na minha. Seus avós que são um bando de babacas por falarem isso pra você.

— Você tá levando isso tudo muito a sério... — ela tentou desconversar. — Já disse, não tenho traumas com isso, são só fatos. Não precisa ficar tão chateado.

Gustavo se perguntou se aquilo tudo realmente não era um trauma para ela. Por mais que Emília tivesse racionalizado a situação, achar que tinha arruinado a vida do pai e a dele... Achar que era a culpada pela morte da mãe só por ter nascido, não comemorar seu aniversário no dia certo. Ela comemorava no dia seguinte, mas isso não era mais um prêmio de consolação?

Não poder celebrar a própria vida, como Emília não ligava para tudo aquilo?

— Não faz essa cara! — Ela deu uma risadinha. — Você tá deixando o clima estranho.

— Eu...

— Quer ver uma coisa muito fofa pra levantar seu astral? — Emília abriu a bolsa para tirar a carteira. Retirou uma foto de lá de dentro e mostrou para ele. — Olha o que sua mãe me deu! É a gente!

Gustavo pegou a foto nas mãos, inclinando as sobrancelhas. Era a foto que tirara com ela bebezinha na comemoração dos 100 dias de vida. Gustavo se lembrava bem daquele dia. Por isso, sabia que seu sorriso naquela foto era um pouco forçado. Ele tinha ficado preocupado porque Lineu havia saído correndo da festa.

Emília não tinha uma foto parecida com o pai.

— Mi... — murmurou. Ainda parecia muito triste.

— Bem, melhor a gente ir. — Ela não deu ouvidos a ele. Curvou-se diante da lápide da mãe mais uma vez. — Mãe, bom te ver em mais um ano. Até ano que vem.

E o puxou pela mão. Gustavo permaneceu em silêncio até chegarem no carro. Deixou que ela entrasse primeiro, ainda perdido em pensamentos.

Antes de entrar, teve o impulso de pegar o celular para mandar uma mensagem.

Gustavo Choi
Jana
Posso te pedir um favor?



“Escute as batidas do meu coração
Ele está te chamando por vontade própria
Nessa escuridão
Você está brilhando tanto”
Now Playing: Save Me
BTS

— E se eu maratonasse *Bridgerton* pela quinta vez? — Emília se perguntou, sentada encolhida no sofá da própria sala. — Já que não consigo dormir?

Abraçou os joelhos, sacudindo os pés enquanto pensava. Tinha passado o resto daquele dia infernal sozinha, enfurnada em casa. Ela precisava dormir logo para acordar cedo no dia seguinte, já que a própria festa tomaria muito de seu tempo e ela não queria ficar com olheiras. No entanto, era sempre difícil dormir ou descansar no dia de seu aniversário de verdade. Emília já devia ter se acostumado.

E, para piorar, tinha envolvido Gustavo naquela história toda. Eles estavam se dando bem há um tempo, então, por um instante, Emília se sentiu confiante o suficiente para pedir que ele a acompanhasse. Contudo, a expressão triste dele lhe trouxe arrependimentos.

— Você não se acerta, hein, Emília? — repreendeu-se. — Sempre fazendo merda, logo agora que tá tudo bem… Só porque ele te deixou chamá-lo de Guto de novo, não significa que você pode voltar a ser a criancinha que precisava dele pra tudo.

“Julieta é nossa filha. Você é o infortúnio dela” o que seu avô lhe dissera mais cedo ressoou em seus ouvidos. Aquilo não a afetava realmente, mas eram palavras bem duras para se dizer, ela ficava se lembrando o tempo todo. *“Sua existência nos machuca.”* Não era fácil escutar aquilo sobre si mesma.

— Talvez eles sejam um pouco babacas mesmo… — refletiu. Pensou que, se fizesse esse questionamento a Gustavo, ele só soltaria um grunhido e responderia com um *“Você acha?”* cheio de sarcasmo.

Depois descobriria formas de amaldiçoar os dois sem desrespeitá-los, porque maltratar idosos realmente era algo que ele não faria.

“Emília, você não é um infortúnio na vida do seu pai nem na minha” ele havia dito. Era mesmo verdade? Gustavo não tinha ressentimentos sobre o que aconteceu na piscina, nem dela nem de seu pai? Ele poderia ter morrido.

Emília tinha ressentimentos contra si mesma. Se o incidente tivesse terminado da pior forma, todos olhariam para aquela bebezinha e só veriam uma coisa que matara três pessoas. Ela se tornaria o infortúnio de três famílias.

Sentiu uma vontade imensa de se deitar. Não para dormir, mas para afundar em si mesma mais uma vez, a piscina que residia dentro dela. Suas águas eram profundas, infinitas, nunca dava pé. Era difícil sair dela, mas Emília de vez em quando mergulhava.

Era difícil não mergulhar.

A campainha tocou de repente e ela estranhou o ocorrido, já que eram 22h. Levantou-se para abrir sem pensar muito. Será que tinha pedido uma pizza sem querer e o porteiro não interfonou para avisar? Só isso explicaria.

Abriu a porta e deparou-se com Gustavo parado bem ali, olhando para ela. Diferente de todas as outras vezes, havia sombras de sentimento na expressão dele, algo que suavizava o seu olhar, o deixava mais doce.

Ele estava um pouco vermelho e segurava um pequeno bolo confeitado nas mãos. Emília reconheceu a decoração de Jana, delicada e bonita, os bicos de chantilly harmonizando com as pequenas flores de cerejeira de enfeite. Havia lacinhos e glitter também, tudo que Emília mais gostava, como se cada pedacinho daquele bolo tivesse sido bem pensado e elaborado. O número 23 estava desenhado bem em cima e várias velas o rodeavam.

— Ah... — Ela franziu as sobrancelhas. — A festa é só amanhã. Teve que pegar o bolo hoje?

— Não, eu... — Gustavo limpou a garganta, nervoso. — Esse aqui é pra hoje.

Silêncio. Mais uma vez, Emília fitou o bolo nas mãos dele, sem entender.

— Eu... — ele murmurou. — Hm, posso entrar?

— Ah, claro! — Emília sacudiu a cabeça, como se quisesse voltar à realidade. — Entra e... o bolo é pra que mesmo?

Gustavo adentrou o apartamento, já se sentindo um pouco inadequado. A ideia tinha parecido boa quando o impulso surgiu no cemitério, mas o fato de Emília mal conseguir processar a informação direito o deixava questionando se tinha feito a escolha certa.

Ele ainda estava se sentindo mal, muito mal. Queria fazer algo por ela, nem que fosse um bolo simples, qualquer coisa. Não queria fazer um alarde, tinha dado a desculpa de que queria ser o primeiro a parabenizá-la no dia seguinte para Jana, por isso implorou por um bolo no mesmo dia. A amiga aceitou o pedido de bom grado, sem fazer muitas perguntas. Ele ficou se perguntando se Lis e Jana realmente não sabiam que comemoravam a data errada do aniversário da amiga. Talvez elas soubessem e só não queriam deixar Emília mal.

E lá estava ele, com um bolo surpresa, prestes a deixá-la sobrecarregada, porque não conseguira pensar em outra

maneira de consolá-la. Gustavo era tão inteligente, por que estava sendo tão estúpido em uma situação como aquela?

— O bolo... — Limpou a garganta de novo. Colocou o doce na bancada, mas se arrependeu do ato. Agora suas mãos estavam vazias e ele não sabia mais onde colocá-las. — Seu aniversário é hoje.

— Mas eu só comemoro amanhã — Emília disse, suas sobrancelhas inclinadas indicando que ela não estava entendendo muita coisa.

— Eu sei, mas... Não faz sentido, Mi. Não poder comemorar seu aniversário na data certa não faz sentido.

— Não é que eu não possa, eu só... — ela tentou explicar, mas se calou.

"Sua existência nos machuca" era isso que queria repetir para ele. Mas seria pesado demais e ela não queria que Gustavo se sentisse ainda pior naquela situação. Tinha sido mesmo um erro levá-lo até o cemitério.

— Escuta, tá tudo bem, de verdade — murmurou. Sua voz já não parecia mais tão firme, mas ela fez de tudo para mantê-la estável. — Não precisa me consolar, eu realmente não...

— Não é bem consolar. Quero que entenda que não faz sentido. Quero que tire da sua cabeça essa história de infortúnios, de arruinar a vida das pessoas. Isso não existe, não é verdade. Não importa quantas vezes seus avós repitam isso, não é verdade.

— Eu só não quero machucar as pessoas com isso, não é nada demais...

— É aí que está, Emília, você não machuca, nunca machucou. Sua existência não machuca ninguém, muito pelo contrário. Sua existência é celebrada por muita gente. Por mim, pelo seu pai, pelas nossas famílias e amigos. Sei que é um dia doloroso pra muita gente também, mas não é por sua causa, nunca foi. Só quero que entenda isso.

— Eu entendo, eu...

Sentiu seus joelhos bambearem. Em sua cabeça, duas falas se digladiavam. *“Sua existência nos machuca”, “Sua existência não machuca ninguém, muito pelo contrário. Sua existência é celebrada por muita gente.”* Qual acreditar?

De início, Emília pensou que seria utópico acreditar na que mais queria, que Gustavo estava certo. Sua existência também tinha sido marcada por aniversários comemorados na data errada e em seu pai chorando escondido no dia anterior, nos Park transformando Julieta Kim quase em tabu familiar. Então, como acreditar que ela nunca tinha machucado ninguém por isso? Seu avô mesmo havia dito, ela ficava mais parecida com a mãe à medida que o tempo passava. Quão doloroso devia ser para todos que amaram Julieta terem que olhar para ela, o buraco que a mãe deixara, o espelho falso que só refletia dor?

Mas por que Gustavo mentiria? Ele não era de mentir, apesar de estar em um namoro falso com ela. Gustavo Choi era a pessoa mais sincera que ela conhecia, nunca foi de medir palavras ou colocar panos quentes para esconder uma verdade dolorosa, por certo não faria aquilo só com ela. Então por que não acreditar?

Por que não se deixar acreditar em uma realidade onde havia um espacinho para ela naquele dia infernal? Um espacinho onde ela poderia sorrir e ficar feliz por ser ela mesma, alegre por existir?

Por que não acreditar nisso?

As lágrimas vieram com tudo. Estava chorando na frente dele de novo, que patético. Talvez ela devesse correr até o banheiro e se trancar lá.

Mas Gustavo encurtou a distância entre eles, enlaçando-a em um abraço. Emília não hesitou em abraçá-lo de volta, escondendo o rosto em seu peito ao mesmo tempo que soluçava.

— Não vou ver, pode chorar à vontade — ele falou. — Te solto quando você ficar mais calma, ok?

Ela fungou alto, esfregando o rosto no peito dele. Era tão quentinho e confortável…

— Tá… — conseguiu dizer.

Quanto tempo ia demorar? A sensação que Emília tinha era que suas lágrimas eram infinitas.



— Ahn… O que a gente tem que fazer mesmo? — ela perguntou, olhando mais uma vez para o bolo. Tinha conseguido parar de chorar, mas ainda estava um pouco fora do ar.

Gustavo buscou os fósforos na cozinha. Sacudiu a caixinha para ela.

— Acender as velas. Cantar parabéns — explicou. Não pareceu se incomodar com a pergunta idiota.

— Ah, ok. Hm… qual é o sabor do bolo?

— Morango e chocolate branco trufado.

— Uau, é meu favorito.

— A Jana me contou. Eu escolhi as flores e ela os lacinhos. Fiquei na dúvida quanto ao glitter, mas ela disse que você ia gostar.

— Tudo que brilha é melhor, é um fato. Pode acender, eu… Eu tenho que cantar também? É estranho só nós dois.

Gustavo acendeu o fósforo. Encarou a chama por um momento.

— Eu canto pra você — falou. Acendeu tudo rapidamente. — Só bate palma, vou me sentir esquisito cantando sozinho.

— Ok. Tá bom, eu…

Ficaram em silêncio, os dois sem saber direito como agir diante da cena. Mas as velas começaram a soltar faíscas de repente, assustando-os. Gustavo pigarreou e começou a cantar.

— *Parabéns pra você, nessa data querida...* — cantou. Sua voz estava quase sumindo. — Bate palma, pelo amor de

Deus.

— Ah, sim! Claro! — Emília fez o que ele pediu e Gustavo a acompanhou no gesto.

— *Muitas felicidades, muitos anos de vida...* — Ele terminou de cantar.

Emília estava chorando de novo.

— Você vai ter que pagar por todas as sessões extras de terapia que vou ter que fazer por sua causa. — Riu, limpando o rosto.

— A gente pode fazer isso todos os anos — Gustavo sugeriu. — Posso ir contigo visitar sua mãe e comemorar seu aniversário na data certa. Dá pra fazer as duas coisas, não é problema nenhum.

— Tá bom…

— Apaga as velas, faz um pedido.

Ela obedeceu, assoprando. O silêncio tomou o apartamento novamente. Gustavo retirou as velas para cortar o bolo.

— O que desejou? — perguntou.

— Que você vá comigo enfrentar meus avós no ano que vem também.

— Não acabei de falar que vou fazer isso? Não consigo te entender às vezes…

Emília riu de novo, semicerrando os olhos. Sim, ele havia dito, mas era uma promessa longa demais e depois que o namoro falso terminasse, Gustavo seguiria seu caminho e não teria tanto tempo assim para ela. Por isso, Emília desejou que ele a acompanhasse por só mais um ano, era suficiente. Pedir mais do que isso seria mesquinho de sua parte.

Querer tê-lo daquele jeito para sempre… Seria um desejo jogado fora. Era melhor pedir coisas que poderiam se realizar de verdade.

— Caralho, a Jana nunca erra nos bolos — exclamou quando provou um pedaço. — E pensar que ela começou

essa história porque disse que ia transformar os bolos que o Henrique dava nela em bolos de verdade.

— Não entendi ainda muito bem o que acontece entre eles. Esse Henrique é um ex dela?

— Esse Henrique é a pedra no sapato da minha amiga. Chorume ambulante, pior pessoa no universo.

— Nossa.

— O amor ainda vai chegar pra Jana, tenho certeza. Aí ela vai esquecer daquela podridão humana de uma vez por todas. Palavra da Besourinha do Amor.

— Argh…

— Ah, esqueci que você odeia essa história.

— Não é que eu odeie, é só idiota. E você já causou confusões demais com isso.

— Nossa, pensei que estivesse gostando do nosso namoro mais falso do que uma nota de três reais.

Ele se engasgou com o bolo. Deu um tapinha no peito e desviou os olhos.

— Da última vez que mirou essa sua flecha de cupido enlouquecido pra algum lugar, ela parou na sua própria bunda — provocou, um pouco ácido demais.

— Uma flechinha só, nada demais. E já recalculei minha rota. O Pedro largou de mim desde que disse que eu namorava e acho que vai começar a investir na Ayumi de verdade.

— Mi…

— É que você não entende.

— Realmente, não entendo.

— Guto, o amor tem linhas. Um fiozinho ligando as pessoas. E às vezes dá pra sentir, sabe?

— Sentir o quê?

— Elas puxando, se esticando. Talvez seja subjetivo e romântico demais pra você entender, mas… É isso. Sou boa em perceber linhas de amor sendo puxadas.

— Sei. O que vai fazer na próxima vez que errar? Me pedir em casamento?

— E você aceitaria só pra me ajudar. É até fofo da sua parte.

Ele grunhiu pelo comentário, fazendo uma careta de irritação. Emília riu com a cena, achando graça.

Ela o entendia melhor agora. Gustavo era direto e às vezes incisivo demais, sua empatia falhava de vez em quando, mas ele estava sempre pronto para ajudá-la no que fosse.

— Sobre isso — falou de repente. — Não precisa ficar me ajudando toda hora. Pode me deixar quebrar a cara de vez em quando. Não quero que se machuque ou se prejudique por minha causa.

— Não me importo em ajudar. — Ele deu de ombros.

— É só que... O que estou dizendo é que não precisa pular em piscinas metafóricas só pra me salvar.

Gustavo parou para pensar por um instante. Depois, semicerrou os olhos em sua direção, pequenas rachaduras na máscara indecifrável.

— Se precisar que eu pule, vou pular. Não precisa nem pedir.

Nenhum dos dois conseguiu sustentar o olhar depois dessa fala. Foi a vez de Emília pigarrear para se recompor. Depois, com todos aqueles sentimentos estranhos de volta ao lugar profundo que pertenciam, ela esticou o braço para fazer um carinho no topo da cabeça de Gustavo. Ele fez cara feia diante do gesto.

— Você é um bom garoto — ela murmurou, passando os dedos pelas madeixas macias do cabelo dele.

— Por que tá me tratando feito criança?

— É pra variar um pouco. — Emília deu uma gargalhada. — Você é um bom garoto e muito bonzinho, apesar de não parecer. Apesar de não parecer *mesmo.*

— Argh...

Ela riu mais um pouco, afastando-se para terminar de comer seu pedaço de bolo. Quando terminaram, o silêncio voltou a reinar, dessa vez mais pacífico e agradável.

— Hm, melhor eu ir — Gustavo disse, levantando-se. — Você vai ter um dia cheio amanhã.

Emília também se levantou, incerta sobre o que fazer. Assistiu Gustavo caminhar até a porta, pensando que não queria que ele fosse embora naquele momento. Ainda seria difícil adormecer, mesmo depois do gesto bonito dele.

— Guto — chamou.

— Hm? — Ele se virou para fitá-la, os olhos ainda doces e sinceros.

A melhor imagem dele, com certeza. Gustavo era bonito de qualquer forma, mas quando olhava para ela daquele jeito…

Parecia que ele era *seu.* Que aquele olhar era só para ela. Mais uma vez, eram seus desejos e anseios tomando suas vontades de repente. Ainda assim, era bom se imaginar sendo dona daquele olhar bonito de Gustavo Choi.

— Quer assistir *Bridgerton* comigo? — perguntou.

Ele virou o corpo totalmente em sua direção, ficando de costas para a porta, como se não quisesse ir embora também.

— Quero — foi o que ele respondeu.



“Todas as células do meu corpo
Gritam que é você”
Now Playing: (The Chance of Love)
TVXQ!

01/06/2025
126 dias para o Chuseok!

— *“Você é a ruína da minha existência...”*— Gustavo acordou com o som da TV. — “...*e o objeto de todos os meus desejos.”*[12]

Espremeu os olhos, incomodado com a claridade da manhã entrando pela janela da sala. E estava um pouco dolorido. Pelo visto, tinha dormido em uma posição ruim.

Foi aí que ele notou que estava deitado no sofá de Emília. Estava bem atrás dela, parte do cabelo rosa tapava seu rosto. Afastou as mechas com cuidado, um pouco confuso ainda.

Ah, acabei apagando enquanto assistíamos à série, concluiu. O dia anterior tinha sido bastante intenso, até mesmo para ele. Tinham conseguido assistir a primeira temporada mas, pelo visto, a segunda acabou se perdendo na madrugada.

Conseguiu sair do sofá sem acordá-la, esticando-se para se espreguiçar. Conferiu as horas e ainda eram 7h da manhã. Emília odiava acordar cedo, então era melhor deixá-la dormir mais um pouco. Só arrumaria a bagunça que fizeram com o bolo e a maratona e iria embora.

Reuniu os pratos com pedaços pela metade e a vasilha com a pipoca que tinham preparado, além dos copos de refrigerante. Juntou tudo na pia, pronto para lavar a louça. No entanto, um dos pratos com bolo escorregou de sua mão quando ele ia jogar os restos fora e o doce atingiu sua camisa em cheio, jogando chantilly para todos os lados.

— Merda... — resmungou. Colocou o prato de lado e retirou a camisa rapidamente. — Vou lavar quando chegar em casa...

Deixou a camisa na bancada e começou a lavar os pratos. Perdeu-se em pensamentos, nas cenas que ocorreram no dia anterior, nas lágrimas dela. Pelo menos Emília conseguira sorrir um pouco no fim, ficou feliz com o gesto. Ele ainda se sentia um pouco inadequado, nada daquilo era de seu feitio, mas queria criar boas memórias para ela naquele dia, Gustavo achou que conseguiria fazer ao menos isso.

Por estar distraído, mal escutou a senha da fechadura eletrônica sendo digitada e a porta da frente sendo aberta. Só se deu conta de que alguém estava entrando quando ouviu uma exclamação alta.

O pai de Emília, Lineu, estava com a boca toda aberta, segurando um monte de balões coloridos, além de potes de comida e presentes. Quase deixou tudo cair ao vê-lo ali. Foi aí que Gustavo percebeu o que seu sogro devia estar vendo.

Ele sem camisa na casa da filha dele, Emília dormindo no sofá, parecendo exausta e descabelada, a TV passando algo sem sentido, como um pretexto.

Parecia que Gustavo e Emília tinham transado a noite inteira ali.

— Eu... — ele gaguejou. Seu rosto começou a pegar fogo. — Eu posso explicar!

7h da manhã e ele já estava prestes a ter um treco por causa de Emília Park.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

— Peço perdão, Guto — Lineu pediu desculpas sinceramente, sentado na sala do apartamento de Gustavo enquanto ajeitava os óculos. Ele levou o sogro para lá para que pudessem conversar melhor e não acordassem Emília. Naquele momento, estava servindo um café para ele. — Tenho que parar com essa mania de aparecer de repente na casa da Mimi. Devia ter imaginado que te encontraria lá.

— Eu quase não fico lá, não se preocupa, por favor! — Gustavo estremeceu com a perspectiva de Lineu Park achar que ele tinha passe livre na casa de Emília, que os dois estavam em uma rotina de lascívia pura. A verdade não podia ser mais diferente.

— Ah, você está constrangido. — Lineu também estava um pouco vermelho. Não parava de engolir em seco e a impressão que Gustavo tinha era que ele queria jogar soda cáustica nos próprios olhos. — Desculpa mesmo, de verdade. Preciso entender que a Mimi é uma adulta agora, é óbvio que já faz essas coisas e…

Ele choramingou com a ideia. Gustavo estava prestes a chorar na frente do sogro.

— É sério, ainda não… A gente não… — ele gaguejou. Que conversa péssima para se ter tão cedo de manhã. — Não chegamos nessa fase, pode ficar tranquilo. Respeito muito a sua filha e… É que ontem foi um dia difícil pra ela e eu só quis ajudar.

O rosto de Lineu mudou de expressão com o comentário.

— Ah — murmurou. — Você… você foi com ela em Sulacap ontem?

Gustavo fez que sim com a cabeça. Também era um assunto delicado para Lineu.

— Hm… como foi lá? A Mimi não me conta nada sobre isso.

— Sr. Park, talvez não seja uma boa ideia…

— Estou te constrangendo de novo, perdão. — Lineu desviou o olhar. — De todas as pessoas, acho que você deve

ser uma das que fica mais desconfortável com toda essa história.

— Por quê?

Encaram-se de novo. Gustavo finalmente entendeu.

— Ah. Por causa da… piscina — falou. — O senhor e a Emília insistem na ideia de que fiquei traumatizado. Não tenho problema nenhum com isso, só não quero sobrecarregar o senhor.

— Você era uma criança, Guto.

— Sim, mas não fico pensando nisso o tempo todo. É passado, não precisa se preocupar. Só fico feliz em ter ajudado.

Lineu abriu um minúsculo sorriso. Gustavo sentiu-se um pouco tolo por afirmar aquilo para alguém que era um psiquiatra renomado e que sabia muito bem que não era bem assim, ele mesmo reconhecia o fato. Podia não ser um trauma, mas foi um evento que moldou sua personalidade, para o bem ou para o mal.

“O que estou dizendo é que não precisa pular em piscinas metafóricas só pra me salvar” foi o que Emília dissera. Ele nunca tinha enxergado daquela forma. Não queria que as pessoas que gostava se machucassem, então acabava se colocando em situações que poderiam prejudicá-lo. Foi assim com o namoro falso, era assim em todos os conflitos e problemas que surgiam em sua família.

Por que ele nunca tinha notado aquilo antes?

— Eu falhei muito com a Mimi nesse aspecto — Lineu confessou, pesaroso. — Por mais que seja difícil pra mim, ainda sou o pai dela, devia protegê-la de tudo isso.

— Também é difícil para o senhor.

— Sim, mas sinto que, por causa disso, a Emília começou a carregar um peso enorme que nunca mais consegui tirar das mãos dela. Às vezes acho que todos os problemas que ela tem são por minha causa. Você lembra daquela vez que bati com o carro? Acho que ela tinha uns 15, 16 anos.

— Lembro — Gustavo respondeu. Ele tinha 25 anos na época. Lineu bateu o carro enquanto levava Emília para a escola e ficou internado por alguns dias.

— Seu pai que me ajudou na época. Ela teve crises de pânico contínuas por achar que era culpa dela e... É muito triste ser o estorvo na vida da minha própria filha, muito mesmo.

— Crises de pânico?

— É. Ela tem sempre que acha que algo de ruim pode acontecer comigo ou com as pessoas que gosta, sempre que algo sai do controle dela. Mesmo com a terapia e os remédios... É muito difícil pra ela. Tudo porque fui um pai insuficiente.

Gustavo ficou quieto, imaginando Emília adolescente sofrendo com tudo aquilo. E ele não tinha tido nem a decência de se importar com ela durante todos aqueles anos, ninguém nunca contou nada para ele. O máximo que soube foi que Emília tinha alguns problemas de ansiedade.

— Por isso, agradeço de coração por estar cuidando tão bem da Mimi, Guto — Lineu continuou. — Peço perdão por colocar esse peso sobre seus ombros também, mas fico tão feliz por ela estar se abrindo com você, eu... Eu não podia ter pedido por um genro melhor.

Lineu se curvou um pouco, ato que deixou Gustavo sem jeito e mortificado. De alguma forma, em sua cabeça, uma pessoa mais velha se curvar para ele era algo inadmissível. E por ser Lineu ali, alguém que admirava muito e seu sogro, sendo o namoro falso ou não, a situação era ainda pior.

— Sr. Park! — Segurou o sogro pelos ombros, implorando que se levantasse. — Por favor, eu não...

Lineu deu uma risada diante do desespero do genro. Fez o mesmo gesto que Emília fizera na noite anterior, um carinho no topo de sua cabeça.

— Não se preocupa. Tá tudo bem — garantiu. — Obrigado de verdade, Guto. E fico mais feliz ainda por você

estar feliz também. De início, pensei que tinham feito alguma besteira e que você se viu obrigado a inventar um namoro só pra não decepcionar sua bisavó. Você tem o hábito de mergulhar de cabeça nas coisas só pra deixar alguém satisfeito.

— Ah… — Gustavo não sabia o que dizer, porque era a mais pura verdade.

— Mas você está feliz de verdade, não está? Consigo ver no seu rosto.

— Sério? Todo mundo diz que sou inexpressivo demais.

— Você é igualzinho ao seu pai, aí me tornei especialista em notar microexpressões. Você olha pra Emília do mesmo jeito que seu pai olhava pra sua mãe no início.

— É? — Gustavo franziu o rosto. Se ele era conhecido por ser pouco expressivo, seu pai era mil vezes pior. Ele mal conseguia imaginar Murilo Choi apaixonado.

— Seu pai nunca te contou que demorou pra aceitar que gostava da sua mãe? Por algum motivo, olhar pra ela o deixava ainda mais emburrado, Sofia ficou meses pensando que ele a detestava. Mas é o jeito dele, ele demorou pra aceitar o que sentia. Murilo é osso duro de roer, deve ser por isso que é cirurgião ortopedista.

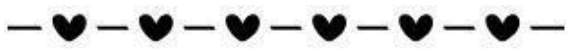
Havia similaridades ali, não tinha como negar. Gustavo chegou a se engasgar com o ar com a ideia de que seu pai uma vez tinha sentido tudo que ele sentia naquele momento.

— Bem, que tal acordarmos a dona da festa? — Lineu se levantou. — O dia vai ser cheio hoje, melhor começarmos logo.

Gustavo concordou, seguindo Lineu de volta para o apartamento de Emília, sua mente entupida de pensamentos e na imagem de seu próprio pai, alguém tão austero e rígido, apaixonado ao ponto de não saber o que fazer na maior parte do tempo.

Por que era uma imagem engraçada de se imaginar? Ele teve que se segurar para não começar a rir.

Era tão surpreendente quanto ele estar quase admitindo que o que sentia por Emília era muito mais do que pensava.



— E aí? — Jana cochichou para Emília. Ela, Jana e Lis estavam conversando em uma das mesas arrumadas na casa das bisavós, na enorme comemoração de aniversário que haviam montado para ela. — Como foi ontem?

— Ontem? — Emília começou a suar frio. Suas amigas tinham descoberto que ela mentia sobre sua data de nascimento?

— O bolo que fiz a mando do Gustavo — Jana explicou. — Eu quase caí pra trás quando ele me mandou mensagem, nem sabia que ele tinha meu número! E ele falou que queria ser o primeiro a te dar parabéns! Eu fiquei dando gritinhos o tempo todo enquanto ele me esperava terminar de confeitar.

— Meu Deus... — Ela deu uma risada, aliviada. Gustavo tinha explicado a desculpa que dera para a amiga mais tarde naquela noite. — Foi ótimo. Obrigada pelo bolo, estava maravilhoso!

— Valeu, mas o que quero saber não é isso.

— O que quer saber?

— Detalhes da melhor transa da sua vida. Porque não é possível que você não tenha dado pra aquele gostoso quando ele apareceu com um bolo na sua porta.

— Jesus amado! — Lis soltou uma gargalhada esganiçada. — Jana!

— Sem essa, ela vive perguntando esses detalhes pra gente e a gente sempre conta tudo. Tanto que sabemos que o Dante te faz gozar umas quinhentas vezes antes de te comer de verdade e vocês sabem que o Henrique ama me foder na banheira. Chegou a vez da Besourinha. Por isso

não esconda nada, quero saber tudo. Quantas vezes, quais posições? Doeu? Conseguiu gozar?

— Intimidade é uma merda — Emília resmungou. Seu rosto tinha virado um tomate.

— Bem, é óbvio que queremos saber sobre sua primeira vez — Lis argumentou. — Sinceramente, tenho uma curiosidade enorme sobre uma coisa do Gustavo desde que entrei no laboratório.

— Se ele transa de meia? — Emília falou sem querer. Às vezes era difícil perder o hábito de falar mal dele.

— Não. Ele transa de meia?

— Não! Quer dizer… Bem, qual é a sua curiosidade? Talvez eu possa responder.

— Quando eu entrei no laboratório, fui em um congresso em Búzios com toda a galera da neuro. Eu não era nada próxima do Gustavo, então não fiquei andando com ele, mas as histórias que contam sobre esse congresso… Nossa, preciso saber se as lendas são verdadeiras ou não.

— Desembucha logo, Lis.

— Dizem que ele e uns amigos ficaram tão loucos uma noite no congresso que foram direto pra um estúdio de tatuagem e que cada um deles colocou um piercing em um lugar diferente.

Emília inclinou as sobrancelhas. Pelo que sabia, Gustavo não tinha piercing algum.

— Ahn… Acho que são falsas — falou.

— Sério? Bem que eu achei que seria meio impossível o Gustavo Choi ter um piercing no pau e…

— Espera, o quê? — Emília quase perdeu a capacidade de respirar.

— “Espera” digo eu. Você ainda não… viu?

— Vi o quê?

— O pau dele, Mi! — Jana começou a rir enlouquecidamente.

O rosto dela virou uma verdadeira brasa-viva. Emília arregalou os olhos e começou a gaguejar na tentativa de articular alguma frase que prestasse.

— Eu… Olha, não me sinto confortável em dar detalhes sobre… Sobre a anatomia do meu namorado! — Deu um grito.

— Ah, agora você vem com essa pra gente! — Jana riu mais. — Você é capaz de pedir uma foto do pau dos nossos boys só pra saber como eles são!

— Como se eu quisesse ver o pau do Henrique!

— Não queremos ver o pau do Gustavo. — Lis tentou acalmar os ânimos. — A gente só quer saber se o Gustavo é certinho só por fora. Uma curiosidade, só isso.

— Ele… — Acabou se lembrando de quando Gustavo dissera que passara a maior parte dos 20 anos dele curtindo e ficando “bem louco”. E se fosse verdade?

Se estivesse namorando de verdade, Emília não hesitaria em contar. Era a dinâmica de sua amizade com elas e um círculo onde discutiam tudo. O problema era que o namoro era falso e Emília nunca saberia se as lendas sobre Gustavo eram verdadeiras ou não, não teria coragem de perguntar.

— Eu… — titubeou. Por quanto tempo conseguiria manter a mentira de que eles não faziam nada? Emília era virgem, mas não era nenhuma ingênua, sabia que sentiria um tesão infinito se realmente estivesse gostando dele.

E agora ela não conseguiria parar de pensar na possibilidade de Gustavo Choi ter um piercing em um local inusitado.

— Princesa, estão te chamando pra cantar os parabéns. — Gustavo surgiu do nada, o que fez com que ela levasse um susto. — Tá tudo bem?

— Tá tudo ótimo! — falou um pouco alto demais. Puxou o namorado pela mão antes que suas amigas falassem mais alguma besteira. — Vamos!

Ela quase correu até a mesa do bolo. Respirou fundo e se recompôs, assistindo todos seus parentes e amigos se aproximarem para a comemoração. Seu pai acendeu as velas do bolo e todos começaram a cantar com muita animação, desafinados, mas harmônicos. Foi aí que ela se lembrou do que Gustavo dissera na noite anterior.

"Sua existência não machuca ninguém, muito pelo contrário. Sua existência é celebrada por muita gente." Ao enxergar aquela cena, de todos que a amavam bem ali ao seu lado, Emília acreditou mais uma vez que Gustavo estava certo, que poderia celebrar quem ela era pelo menos um pouquinho. E, mesmo que não fosse seu aniversário de fato, era bom se sentir assim naquele dia.

Amada, querida, *especial.*

Fitou Gustavo ao lado da mesa, batendo palmas e cantando para ela. A mesma cena da noite anterior, aqueles milésimos de segundos que ele permitia que seus olhos ficassem doces, o momento que Gustavo ficava mais bonito.

Seu. Aquele momento minúsculo e quase inexistente que Gustavo era só seu.

— *Com quem será, com quem será...* — começaram a cantar. Emília teve quase certeza de que fora Jana a iniciar o coro. — *Com quem será que a Emília vai casar?*

— Argh... — resmungou baixo. Agora teria que passar por mais aquele constrangimento.

— A união Choi-Park! — Danilo deu um grito no meio da cantoria.

— Park-Choi! — mais alguém gritou.

— *Vai depender, vai depender se o Gustavo vai querer!*

— É claro que ele aceitou! — A tia de Emília começou a gritar também.

— Queremos um beijo! Por favor, um beijo! — Ela nem sabia mais quem estava gritando naquele momento, tinha se tornado uma confusão sem fim.

— Sem essa, pelo amor de Deus... — reclamou.

— Sem essa o caramba, queremos uma foto melhor do que aquela do Danilo! — falaram.

Empurraram Gustavo até onde ela estava. A expressão doce já tinha ido embora e ele estava irritado de novo, como sempre. Mas ficou ali parado, bem ao lado dela, sem saber muito como agir. Espiou Emília de soslaio, esperando alguma ação sua.

Ela só deu de ombros.

— Pelos nossos fãs, um selinho? — perguntou para ele. Já tinham se beijado antes para se livrarem de Pedro, quem sabe assim finalmente os deixariam em paz?

Gustavo revirou os olhos, mas se virou para ficar de frente. Soltou um suspiro, como se estivesse resignado, e a enlaçou pela cintura. O coração de Emília disparou na hora.

O que é isso?

— Pelos nossos fãs, tudo bem — ele aceitou. Os dois murmuravam para não serem ouvidos pelos outros. — Me segura direito, vai parecer falso se você ficar dura desse jeito.

— Ah, tudo bem... — Emília passou os braços pelo pescoço dele. Gustavo os aproximou até que ficassem quase de testas coladas.

Todos começaram a gritar, mas Emília não estava mais ouvindo. Gustavo pareceu finalmente ter se dado conta do que estava prestes a fazer e seu olhar mudou de novo. Dessa vez, suas pupilas se dilataram e seu olhar ficou ainda mais escuro, como um céu sem estrelas. Quebrou o contato visual quando mirou na boca dela, um momento que Emília não perceberia se não estivesse tão perto.

Ela prendeu o ar e fechou os olhos. Gustavo inclinou a cabeça para alcançar seus lábios. Diferente da primeira vez, aquele beijo prático, rápido e um pouco inconveniente, dessa vez ele se demorou, o bastante para que Emília quisesse decorar cada nuance e sensação quente, cada segundo que desacelerava ao redor dos dois. Sentiu uma vontade imensa de mergulhar naquilo, sumir e renascer ali

milhares de vezes, como se universos se criassem a cada instante que passava nos braços dele.

Gustavo estremeceu e seus lábios se apertaram um pouco mais, um arrepio e um calor crescente em todas as partes do corpo dela: pontas dos dedos, nuca, o centro que residia entre suas coxas. Calor por toda parte, fogo, ardência, eletricidade correndo solta em seu coração.

Finalmente se separaram. Todos ainda gritavam e faziam festa ao seu redor, mas era impossível prestar atenção. Emília só conseguia olhar nos olhos dele, identificar o que acontecia bem ali na sua frente. Ela era especialista, não tinha como errar.

Uma linha do amor tinha acabado de ser puxada.



“Você está me matando
De um jeito tão gostoso”
Now Playing: Killin’ Me Good
JIHYO

06/06/2025
121 dias para o Chuseok!

— Helena, posso te fazer uma pergunta? — Emília bateu na porta da orientadora. A professora tirou os olhos do notebook, prestando atenção. — Você tem alguma notícia da Ayumi? Ela não apareceu na semana inteira.

Helena inclinou as sobrancelhas para ela, parecendo triste, e Emília ficou sem entender. Na semana anterior, Ayumi estava super feliz porque, finalmente, Pedro havia a convidado para sair, depois de muita insistência da parte dela. Emília ficara um pouco afastada da situação por causa de toda a confusão que causou, mas tinha apoiado a amiga depois de perceber que o colega se interessou um pouco mais pela IC, os dois até foram embora da festa de aniversário da Besourinha juntos.

Mas agora Ayumi tinha sumido pela semana inteira, sem dar explicações. As duas tinham marcado um monte de experimentos juntas e a IC não apareceu para nenhum. E não parecia ser do feitio dela desaparecer daquele jeito.

— Ah, a Ayumi... — Helena soltou um suspiro. — Ela pediu pra sair do laboratório. Disse que não gostou muito do

projeto que ia se inserir e... Uma pena, ela era muito promissora.

— Quê? — Emília levou um susto. — Assim do nada?

— É... Também não entendi muita coisa. Ela não falou nada com você?

— Não...

— Bem, é uma pena. E um trabalhão também, terei que remanejar a bolsa dela o quanto antes. Precisaremos de novas entrevistas.

— Claro, vou planejar isso... Obrigada, eu não sabia...

Deixou a orientadora em paz, caminhando pelo laboratório sem saber o que fazer. Resolveu mandar uma mensagem para Ayumi, a fim de esclarecer o que acontecera.

Emília Park
Oi, Ayumi!
Acabei de falar com a Helena e ela disse que você saiu do lab?
Aconteceu alguma coisa?
Por favor, me conta

Ayumi demorou para responder. Emília prendeu a respiração, preocupada, enquanto esperava pela resposta. Soltou um suspiro longo quando a IC finalmente deu sinal de vida.

Ayumi Vasconcellos
Oi, Mi
Então
Tive que sair
Mas tá tudo bem
Só achei que seria melhor assim

Emília Park
Por quê?
De novo, aconteceu alguma coisa?

E o Pedro?

Ayumi Vasconcellos
Então, é por causa dele
Não deu muito certo
Achei que seria melhor não misturar as coisas
A gente se vê por aí? Tenho aula daqui a pouco
Até mais

— Nossa, o que será que aconteceu? — Emília se perguntou. Ayumi era uma pessoa intensa assim como ela, talvez lidasse mal com decepções também?

Pedro ainda estava no laboratório. Será que ela devia perguntar? Ele não comentou nada e já estavam na sexta-feira, quase uma semana depois do primeiro encontro deles.

Ah, que seja. Preciso saber o que aconteceu, concluiu, indo até o mestrando. Como sempre, ele só lhe lançou um olhar triste quando percebeu que a atenção de Emília estava sobre ele.

Ela já estava ficando um pouco cansada disso.

— Oi, Pedro! — exclamou com um sorriso. — Tudo bem? Escuta, ficou sabendo que a Ayumi saiu do laboratório? Foi do nada, sabe de alguma coisa? Vocês estavam tão bem…

— Ela saiu? — Pedro só torceu as sobrancelhas, confuso.

— É, a Helena acabou de me contar. Ela ficou a semana inteira sem aparecer também. Não tinha notado?

— Eu tinha, mas… Que pena, ela era bem legal.

Ficaram em silêncio. Emília estava com um pressentimento ruim.

— Escuta, aconteceu alguma coisa entre vocês dois? Falei com Ayumi e ela me disse que não deu muito certo… Me conta, sou toda ouvidos!

Mais um olhar triste. Emília lutou para não fazer cara feia.

— Ah, bem... — Ele suspirou. — Como falei, a Ayumi é bem legal, mas... Ela não é você.

— Ah, puta que pariu. — Espremeu a ponte do nariz com os dedos.

— Me desculpa, Mi. É que não consigo aceitar... A gente se dava tão bem.

— Eu tenho namorado, já te disse mil vezes. Você inclusive o viu de novo na minha festa de aniversário. O que mais posso te dizer? Não gosto de você dessa forma.

— É que não faz sentido...

— Certo, mas supera, tá bom? E olha só você perdendo oportunidades boas da vida por estar preso em algo que nunca aconteceria de verdade! Como vai encontrar o amor verdadeiro assim?

— Eu já encontrei. Ela só não se deu conta disso ainda. Ou talvez tenha se dado conta e só esteja um pouco confusa...

— Meu Deus. — Emília estava mortificada. Como ele tinha a cara de pau de falar tudo aquilo para ela?

— Sobre isso, a gente pode conversar um pouco? Apesar de tudo, adorava nossas conversas, você sempre colocou minha cabeça no lugar.

Emília sentiu um pouco de pena dele. Talvez fosse culpa dela por ser aberta demais com as pessoas, mas Pedro tinha desenvolvido um apego emocional muito grande e se tornara extremamente dependente de sua presença. Também não tinha muitos amigos fora do laboratório por ser de outro Estado, então Emília conseguia compreender parte de todo aquele grude.

Mas era muito inconveniente. E a deixava desconfortável. Era melhor não dar espaço demais para isso.

— Deixa pra próxima — falou, ainda sorrindo. — Tenho um compromisso agorinha mesmo. Vou tirar fotos com a família do meu namorado pro aniversário da bisavó dele.

Nosso namoro é muito sério e estamos muito felizes. Muito mesmo, acho que ele é minha alma gêmea!

— Ah. — Pedro fez um biquinho de insatisfação. — Mas...

— Nossa, olha a hora! Daqui a pouco ele aparece pra me buscar! Até segunda, vejo você depois!

E correu para ir embora, arrumando suas coisas na velocidade da luz. Ela não tinha mentido sobre o compromisso, era mesmo verdade que os Choi tirariam fotos para o aniversário de Eunbi naquele dia. Emília costumava ajudar com a maquiagem de todos, mas dessa vez ela participaria ativamente do evento.

Por ser namorada de Gustavo, por quase ser uma Choi por tabela. De início, ela ficou com medo de registrar aquele namoro falso, de deixar marcas que seriam difíceis de apagar depois. Contudo, seria impossível despistá-los, tanto ela quanto Gustavo sabiam o quanto as duas famílias eram insistentes.

Não havia mais para onde correr. No coração de Emília havia uma sensação ruim de que o *Chuseok* seria péssimo para todos. Não só para as famílias, mas para Gustavo, até para ela mesma. Ninguém sairia ileso.

Ela seria a mais afetada. Não pela culpa que carregaria, mas por outra coisa.

Emília estava apaixonada por Gustavo Choi. Agora como adulta, o sentimento mais confuso e intenso que já sentira na vida. Antes, ela o via como algo místico, um personagem de ficção incrível, mas inalcançável, alguém que habitava seu mundo de sonhos quando criança. Agora, Gustavo era mais real do que nunca, um homem de carne e osso, músculos, perfume, toques que só a realidade era capaz de proporcionar. Aquela semana tinha sido um tormento sem fim e aquele beijo... Aquele beijo tinha despertado coisas dentro dela que eram impossíveis de domar.

Ela nunca tinha se masturbado tanto na vida. Era só pensar na cena, nas sensações, que Emília se via acometida por um fogo que nunca se apagava. Um dia, na quinta-feira, ela não tinha dormido direito por causa dele e acordou toda suada, latejando de desejo. Fez o natural e começou a se aliviar bem ali, os dedos querendo trazer uma sensação que ela não conhecia, só imaginava. Refletiu em como seria o tamanho de Gustavo, em como a tocaria. No maldito piercing que Lis havia dito que ele poderia ter.

Como seria transar daquele jeito? Será que ia doer? Emília achou que não doeria nada se tudo ocorresse como imaginava, se ele ocupasse o espaço da mesma forma que ela fazia com os dedos, tudo deslizando pelo fato de estar molhada demais, excitada ao ponto de que um sopro de Gustavo a faria gozar.

Ela ficou tão perdida em si mesma que mal escutou a fechadura apitando e ele mesmo entrando no apartamento. Ele tinha combinado de fazer o café da manhã dela quando os dois tinham que ir cedo para a UFF, então Emília só escutou a voz dele quando estava prestes a gozar. Rolou pela cama, caindo no chão, seu coração disparado. Por sorte, ele nunca iria até o quarto sem ser convidado.

Mas que vergonha! Emília quase deu uma desculpa de que não estava se sentindo bem. No entanto, sabia que Gustavo a inundaria com suas infinitas perguntas, então era melhor fingir que nada tinha acontecido, ele não notou nada.

E aquela tinha sido parte de sua semana depois do beijo que era para ser falso.

Seu rosto ficou vermelho com a lembrança. Emília respirou fundo, buscando a bolsa. Ele já tinha mandado mensagem dizendo que a esperava na frente do Instituto. Os dois ainda tinham que se arrumar, tinham que chegar juntos e continuar com aquela farsa que estava ficando real demais.

Suspirou, resignada. E saiu do laboratório.

Aquele dia ainda seria longo demais.



— Guto, com que roupa você vai? A gente tinha que combinar e... — A frase morreu em seus lábios assim que ela entrou no quarto dele. — Porra, coloca uma camisa! Veste alguma coisa!

Emília estava com dois looks diferentes nas mãos, pendurados em cabides de veludo, pronta para mostrar para Gustavo. Queria que ele a ajudasse a escolher o que mais combinaria com a roupa que ele vestiria, já que tirariam fotos juntos e teriam que parecer coordenados.

Mas por que ela não tinha o bom senso que ele mesmo tinha de não entrar em quartos? Porque Emília entrou ali e se deparou com ele sem camisa, úmido do banho recém-tomado, o cabelo molhado todo jogado para trás enquanto escovava os dentes.

Todos aqueles músculos. Por que um cara precisava ter tantos músculos assim? Parecia quase um exagero.

Tinha como piorar? Claro que tinha, porque ele só vestia uma toalha naquele momento, uma toalha branca amarrada na cintura.

A morte de Emília Park era uma certeza agora.

— Eu tô na minha casa? — ele tentou falar, a boca cheia de pasta de dente.

— Ah, desculpa, eu... — gaguejou, escondendo o rosto com as roupas que carregava. — Vou sair, foi mal.

Gustavo olhou para ela daquele jeito, inclinando uma das sobrancelhas.

— Fica aí, vou só cuspir... — murmurou, dirigindo-se até o banheiro da suíte, o coração um pouco acelerado. Conseguiu levar pelo menos a calça e a cueca junto com ele.

Tudo andava muito estranho entre os dois desde aquele beijo. Gustavo já tinha aceitado que Emília mexia

demais com ele, então só esperou que as sensações que o acometiam se acalmassem, o jeito que sempre agia desde que a história de namoro falso começou. O problema não era esse.

O problema era Emília. Algo tinha mudado nela e Gustavo não era nenhum idiota. Ela agora tremia quando precisavam se tocar, perdia a fala de vez em quando, não sustentava olhares. Bem diferente da Besourinha do Amor, aquela que distribuía abraços e confiança para todos dispostos a aceitar.

E, na última quinta-feira, ele ouviu algo que não deveria, assim que entrou no apartamento dela. Estava distraído com algo no celular e acabou demorando para entrar ou falar qualquer coisa para dizer que tinha chegado. Foi aí que ele escutou o som que não sairia de sua cabeça nem se ele se esforçasse muito.

Os gemidos.

Ele conseguiu escutar mesmo da sala. Emília estava sozinha e não precisava ser comedida com a voz, estava confortável. Então aquele som melódico, espaçado, ofegante tomou seus ouvidos como música, como um feitiço que despertava cada célula de seu corpo.

Ele devia sair. Emília não tinha escutado a porta se abrindo, então poderia ir embora sem constrangê-la. Ela choramingou no quarto, manhosa, e a cabeça de Gustavo ficou leve, ao ponto de flutuar, como se estivesse sonhando. Como ela estava fazendo aquilo? Com os dedos, usava brinquedos? Qual era a posição, a expressão em seu rosto? No que estava pensando? Nele, no beijo que deram? Gustavo pensava naquele beijo o tempo todo, andava fazendo as mesmas coisas que ela desde que se viu sozinho em casa naquele dia.

Era aquele limite. Aquele limite que estava perto demais e que ele não devia ultrapassar nunca. Mas, *nossa,* como ele queria ultrapassar, queria encontrá-la do outro lado, passar os dedos pelo cabelo dela enquanto a fazia sua.

O que aconteceria quando Emília deixasse aquela barreira entre eles ruir?

Com certeza nada de bom.

— Emília, eu cheguei! — gritou, a voz afinada pelo nervosismo. Era melhor acabar com aquilo de uma vez por todas.

E esse foi seu ponto alto da semana. Ou baixo, ele ainda não tinha chegado a uma conclusão.

Isso tinha sido no dia anterior. Gustavo mal conseguiu se manter alerta e operante pelo resto do tempo. A sexta-feira tinha chegado e agora ela estava ali, toda vermelha, se escondendo ao olhar para ele sem camisa.

Porra, eu vou surtar, pensou, cuspindo a pasta de dente e lavando a boca. Teve que respirar fundo diversas vezes para se acalmar enquanto se vestia, ficou apoiado na pia do banheiro encarando a própria imagem até que tudo se escondesse dentro dele mais uma vez.

— Hm, posso escolher sua camisa? — ela perguntou do quarto. — Trouxe dois looks, posso escolher a que combina melhor…

— Claro… — Jogou água no rosto. Era melhor voltar logo para aquele namoro de mentirinha e inofensivo. — Pode abrir o armário, fica à vontade.

Escutou a movimentação dela no quarto, ainda sem coragem para sair. Ouviu os cabides serem jogados de um lado para o outro, o som rápido e frenético.

— Você não tem uma corzinha no seu guarda-roupa! — ela reclamou. — Pra que tanto bege, marrom, preto? Porra, impossível combinar algo assim.

Gustavo revirou os olhos. Pelo menos assim ele se acalmaria mais rápido.

— Tá, consigo trabalhar com esse tom de bege e… Cadê seus relógios, vou escolher um também — ela demandou.

— Em cima, numa caixa.

Respirou fundo, esticando as costas para ficar ereto. Tudo bem, faltava pouco. Só mais quatro meses e tudo acabaria. Ele só precisava colocar a cabeça no lugar e…

Um barulho de algo caindo interrompeu sua reflexão. Emília deu um gritinho e ele ficou preocupado, com medo de que tivesse se machucado. Por isso, saiu do banheiro rapidamente, encontrando-a olhando para o chão, uma expressão surpresa no rosto.

E, bem ali, perto do tapete do quarto, uma caixa tinha caído e todo seu conteúdo se espalhou pelo chão.

Algemas, mordaças, vendas, géis íntimos, cordas e braçadeiras. Meu Deus, havia grampos de mamilos jogados bem ao lado dos pés de Emília.

O silêncio tomou o ambiente. Emília pegou uma das cordas e Gustavo prendeu a respiração. Aquilo a afastaria, ele tinha certeza. Não combinava com a personalidade dele e ela ficaria decepcionada.

Seria melhor assim, sem dúvidas. Um buraco estava se formando no coração dele, mas era melhor assim. Qualquer coisa que Emília sentisse sumiria naquele momento, poderiam voltar ao normal. Ele só teria que dar uma desculpa, uma bronca, qualquer coisa que finalizasse o assunto de uma vez por todas.

Abriu a boca para falar, prestes a começar um discurso de que ela estava invadindo o espaço pessoal dele. Mas Emília mordeu os lábios, um sorrisinho minúsculo levantando o canto de sua boca. Apertou a perna uma na outra e ficou vermelha, hipnotizada pela corda, pelos itens espalhados no chão.

— Você… gosta dessas coisas? — perguntou. Não havia um pingo de julgamento em sua voz, só curiosidade.

Ele esticou as sobrancelhas, surpreso.

— Às vezes — foi o que respondeu. Ainda precisava estudar mais a reação dela.

— Você… Você sabe dar aqueles nós elaborados e tudo mais?

Ficaram se encarando por alguns segundos. Gustavo estava com a expressão neutra, analisando.

— Sei — afirmou.

— Então aquela moça que deixou as coisas caírem quando estava saindo da sua casa não foi embora frustrada. Realmente usaram aquelas algemas.

— Você lembra disso?

— Lembro. Foi… foi surpreendente. Achei que ela tinha saído sem conseguir usar.

Ela fitou a corda de novo. O sorrisinho escapou de vez e ela soltou uma risada. O estômago de Gustavo deu voltas de excitação.

— Pode me mostrar como faz? Sempre tive curiosidade — ela pediu de súbito.

— Quê?

— O nó. Pra amarrar os pulsos.

Ele deu um passo para frente. Emília permaneceu no lugar, calma, seus olhos fixos nos dele. Desde o beijo, era a primeira vez que o encarava por tanto tempo.

— Não devia brincar com isso — ele advertiu, mas pegou a corda das mãos dela.

— Não estou brincando. Só queria… saber como é.

— Hm… — Gustavo abriu e dobrou a corda ao meio. Pegou uma das pontas e deu uma volta pelos pulsos dela, depois mais outra, medindo o aperto com um dos indicadores.

Quando se viu satisfeito, cruzou a corda por cima, dando o nó para apertar e fechar tudo. Emília forçou os pulsos para testar sua mobilidade.

— Não pode ficar muito apertado — ele explicou. Passou o dedo indicador e o médio por dentro das cordas para demonstrar o que dizia. — Senão machuca.

— N-não tá machucando…

Ele ficou com os dedos ali por um momento, as pontas acariciando a pele de seus pulsos. Sentiu Emília estremecer e respirou fundo.

E, na mesma rapidez que fizera, ele desatou o nó e a libertou.

— Aquele ali — disse de repente.

Emília piscou algumas vezes, voltando à realidade. Mal percebeu que ele apontava para um dos looks que ela havia deixado em sua cama.

— O-o quê? — gaguejou.

— Usa aquele ali, gostei mais dele.

— Ah, ok…

— A blusa que escolheu é aquela?

— Sim, eu…

— Ótimo. Vai se vestir logo, senão a gente vai se atrasar.

Ela fez um aceno com a cabeça, concordando enquanto mordia os lábios. Pegou as roupas e saiu do quarto dele, sem nem se despedir. Gustavo olhou para a corda que ainda estava em suas mãos, seu coração aos pulos.

O limite tinha sido ultrapassado.



— Você ficou linda, bisa Eunbi! — Emília tentou dizer com seu coreano capenga. Mesmo sem entender, a idosa sorriu para ela. — Vai ficar ótima nas fotos!

Juntou seus itens de maquiagem, fazendo de tudo para manter as mãos ocupadas. Desde a cena no quarto de Gustavo, seus dedos tremiam e ela sentia sede mesmo tendo bebido litros de água.

Porra, tô quase subindo pelas paredes… resmungou para si mesma, mordiscando os lábios. Por que tinha pedido para ver como se fazia o nó? Que ideia maluca foi aquela? Agora ela estava com vontade de perguntar se ele tinha mesmo o piercing que combinava com toda aquela aura que Gustavo escondia. Emília queria muito saber, muito mesmo.

Será que devia perguntar? Só para matar sua curiosidade de uma vez por todas?

— Você só pode ter ficado louca, Emília Park! — Deu tapinhas nas bochechas para voltar à realidade.

Ajeitou a saia do conjuntinho que Gustavo escolhera, admirando o *tweed* bonito em tons de bege e branco. A blusa branca de botão com a gola peter pan lhe dava um ar sofisticado, que combinava com o mocassim claro e as meias delicadas. Gustavo estava combinando com ela também, a blusa no mesmo tom de bege da saia e a calça clara. Um casal harmonioso e em paz, essa era a imagem que passavam.

Nada mais diferente da realidade.

— Bem, acho que terminei de maquiar todo mundo! — falou para quem quisesse ouvir. — Vou ficar no cantinho, só me chamarem caso precisem!

— Faltou eu. — Gustavo surgiu bem atrás dela.

Teve vontade de chorar. Ficar perto dele naquele momento era impraticável, Emília mal conseguia respirar quando ficavam próximos demais.

— Você não precisa de maquiagem — sussurrou.

— Você passou aquele pó na cara de todo mundo.

— Ah, pra tirar o brilho?

— Deve ser. Não vai passar em mim?

Ele só podia estar tirando uma com a cara dela. Desde quando Gustavo se importava com algo assim? No ano passado, ele recusou e sua testa ficou brilhando igual a um holofote em todas as fotos. Se tivessem intimidade na época, ela nunca deixaria passar.

— Não sabia que se importava tanto assim com maquiagem... — tentou provocá-lo.

Gustavo não falou nada, só ficou olhando para ela. E essa era a pior parte, porque o olhar dele tinha mudado. Permanecia silencioso como sempre, inexpressivo para quem o observasse de longe. Mas Emília estava focada naquilo, então notava perfeitamente a mudança.

Olhos escuros e afiados, atentos a cada movimento, espreitando, esperando. Olhos de predador prestes a dar o

bote, só esperando o momento certo. Um olhar de alguém que queria devorá-la por inteiro, cada pedacinho de seu corpo até não sobrar nada, um aviso de perigo iminente se ela se aproximasse demais.

— Senta ali, vou passar o pó em você... — Suspirou. Era quase como se estivesse caminhando pelo corredor da morte.

Gustavo obedeceu. Sentou-se e abriu um pouco as pernas para que ela se aproximasse o bastante de seu rosto. Emília estendeu o pincel, suas mãos tremendo tanto que o pó se espalhava para todo canto.

— Vai sujar minha roupa assim, princesinha — ele falou.

— É da Laura Mercier, não vai manchar e...

— Tá nervosa com alguma coisa?

— Não! Só quero passar direito, não pode marcar as linhas finas...

Passou o pincel macio por seu rosto. De novo aquele olhar e ela estava perto demais. Sua mão tremeu mais ainda.

— Emília — ele pronunciou seu nome como se fosse um aviso.

Acabou acertando o olho dele em cheio com o pincel.

— Ai, *porra.* — Gustavo passou a mão para coçar o olho. — Quer me deixar cego?

— Você vai sobreviver. Terminei, tô indo nessa. Me chama caso precise.

Ela já tinha virado as costas para correr, mas Gustavo a segurou pelo braço.

— Me deixa fazer uma trança no seu cabelo — pediu. — Vai ficar bem nas fotos e vão comentar o quanto estou *apaixonado* por você por isso.

— Precisa mesmo? Acho que você já deixou bem claro pra todo mundo.

— Precisa. — Esticou uma das sobrancelhas. — Essa ideia foi sua, lembra? Só estou seguindo sua liderança.

— Argh… — Emília acabou cedendo.

Ele se levantou e ficou atrás dela. Começou a separar as mechas do cabelo dela, calmo. Emília, por outro lado, estremecia a cada roçada dos dedos dele em sua nuca, novamente perto demais.

É hoje que não durmo de novo... Pensou, suspirando. Tentou se lembrar se tinha carregado todos seus vibradores.

— Gosta que eu faça tranças no seu cabelo? — ele perguntou subitamente.

— Hm, gosto…

— A princesa Emília gosta de coisas brilhantes, tranças e nós. Do que mais gosta? Fiquei curioso.

— Em que sentido?

— No sentido que quiser dar. É só uma pergunta.

Engoliu em seco. Gustavo manuseava seu cabelo da mesma forma que fizera com o nó que dera em seu pulso. Ofegou com o pensamento, seu centro já palpitando e aquecendo.

— Eu… — Pigarreou. — Não sei do que gosto. Não tenho muita… experiência.

— Mas tem curiosidade?

— Sobre o quê?

— Sobre o que quiser. As palavras são suas, você que vai ter que me dizer.

Ele finalizou a trança, amarrando a ponta. Emília se virou de volta, fitando o rosto dele.

Um predador prestes a dar o bote, era isso. E ela era a presa, só precisava dizer que queria ser caçada.

— Sou uma pessoa curiosa — murmurou enquanto apertava os dedos das mãos para dissipar o nervosismo. — Às vezes até demais.

— É? E o que faz pra suprir essa curiosidade?

— Eu… Normalmente fico com a questão na cabeça até resolver. Não consigo parar de pensar no assunto até descobrir o que é.

— Hm…

Gustavo olhou em volta, assistindo à movimentação de sua família. Depois a segurou pelo pulso de novo.

— Vem comigo — disse, puxando-a para um lugar mais reservado.

Entraram na mansão. Pararam em um dos inúmeros corredores da casa, o mais afastado que conseguiram para não serem interrompidos. Gustavo só a soltou quando percebeu que ninguém os atrapalharia.

— Guto... — Emília estremeceu de novo com o olhar dele.

— Preciso que me responda, princesa — ele afirmou, decidido. — Sobre o que tem curiosidade? Do que gosta? Preciso muito saber.

— Eu... — gaguejou, seu coração querendo sair pela boca. Ele chamá-lo de princesa naquela hora a deixava toda arrepiada.

Ficaram se olhando por um período que pareceu infinito. Gustavo não mexeu um músculo sequer. Estava tudo nas mãos dela, tudo dependia da resposta que daria.

— Sobre você — respondeu, enfim. — Gosto de você.

Ele sorriu de lado. Emília ficou sem acreditar.

Gustavo Choi estava sorrindo. E era o sorriso mais lindo e diabólico da face da Terra.

— Ótimo — foi o que ele disse antes de encurtar a distância entre eles para quase nada. — Então a gente precisa resolver isso agora, não acha?

E tomou os lábios dela de uma vez só. O impulso foi tão forte que as costas de Emília bateram com tudo na parede. No entanto, ela não pareceu se importar, só conseguiu segurá-lo pela camisa para aprofundar o beijo, seus lábios e língua ansiando por mais.

Os dedos de Gustavo passaram por seu cabelo, bagunçando a trança que ele tinha acabado de fazer. A outra mão estava ocupada trazendo-a para ainda mais perto, enlaçando-a pela cintura em um abraço possessivo e

selvagem. Emília perdeu o ar, soltando um gemido longo para recuperar o fôlego. Foi mais alto do que ela pretendia.

Isso o fez parar por um instante. Afastou o rosto e olhou para ela. Emília acabou pensando que ele se arrependeria bem ali, que se daria conta de que estavam se beijando no corredor da casa das bisavós, para qualquer pessoa que passasse ali ver. Todavia, ele só passou o polegar por sua bochecha, um carinho inofensivo.

— Tudo bem? — perguntou.

— Ah… tudo? — Emília nem sabia o que responder.

— Ótimo. Então vem. — Puxou sua mão novamente para desencostá-la da parede.

E abriu a porta do banheiro mais próximo. Os dois entraram e ele fechou a porta

Trancou e o turbilhão recomeçou de uma vez só.



“Você me faz sentir tão

Mmmh...”

Now Playing: (Mmmh)

KAI

Gustavo teve duas certezas quando Emília voltou para seus braços, os dois trancados em um dos banheiros da mansão das bisavós.

A primeira: ele estava ferrado, porque não conseguiria parar. Não demoraria muito para que alguém começasse a procurá-los.

A segunda: ele não *queria* parar. Não havia como parar. Se Emília quisesse, eles iriam até o fim e Gustavo não se arrependeria de um segundo sequer. Mesmo sendo um namoro falso, as consequências ali eram reais, mas nada o faria parar naquele momento, só ela.

Por isso, quando o beijo recomeçou, dessa vez mais feroz e sedento, Gustavo só conseguiu se sentar na borda da banheira chique do cômodo, colocando Emília entre suas pernas, e pensou que devia deixar claro o quanto estava se perdendo naqueles poucos minutos em que estavam ali.

— Emília, me diz pra parar — implorou, suas mãos percorrendo o corpo inteiro dela. Passaram pelas coxas, barriga, a camisa elegante ficando toda desarrumada com as carícias. Gustavo só hesitou quando a ponta dos dedos chegou perto demais da linha dos seios. — *Por favor.*

Ela se afastou um pouco, ofegante, e o encarou com aqueles olhos enormes e escuros, puro desejo transbordando de suas órbitas. Depois, só abriu um sorrisinho e puxou a mão dele até seu seio esquerdo, fazendo com que ele o apertasse.

— Pode fazer o que quiser comigo — falou, deixando que ele apertasse o outro enquanto desabotoava a camisa.

— *Porra...* — ele arfou. Emília retirou a camisa e o sutiã, expondo a pele macia para Gustavo.

Sem hesitar, apertou os bicos dos mamilos, beliscando de leve, extasiado com o calor que emanava dali, o fato de que os seios dela cabiam perfeitamente em suas mãos. Ela gemeu com o toque, reagindo, aproximando-se um pouco mais. Esse gesto foi o suficiente para que Gustavo a segurasse pela cintura e abocanhasse um deles de uma vez só. Mordiscou com força, provocando um gemido longo de Emília.

— O que eu quiser? — ele perguntou, as mãos subindo por dentro de sua saia, os dedos enganchando nas laterais da calcinha para retirá-la. — É sua última chance, me diz pra parar.

Emília subiu o tecido da saia, suas mãos encontrando as dele e o ajudando a retirar a peça íntima. Escorregou a calcinha pelas pernas e a jogou longe. Gustavo apertou sua bunda, as unhas curtas se fincando na pele com força.

— O que quiser — repetiu, sorrindo.

Em um movimento brusco, ele se levantou. Deu passos com ela até chegarem na bancada da pia. Gustavo a segurou pela cintura para subi-la e sentá-la no mármore. Dessa vez, ele que ficou entre as pernas dela, abrindo-as de uma vez só.

— Eu... — Emília mordiscou os lábios para suprimir o sorriso de satisfação que surgiu assim que ele a tocou. Rebolou com o quadril, deixando que seus dedos deslizassem pelo clitóris e fenda. — Eu sonhei com você ontem, acordei toda... Você me escutou, Guto?

— Era pra eu escutar? — ele murmurou, sua voz tremendo ao senti-la molhada daquele jeito. — Fez aquilo pra que eu escutasse?

— Eu nem me lembrei que você vinha e... *Ah...* Mas eu tava pensando em você.

— Tava? No que ficou pensando?

— Em como seria... Em como seria quando você me tocasse.

Gustavo respirou fundo, a mão direita ocupada com as carícias enquanto a outra erguia uma das pernas de Emília pela coxa para abri-la ainda mais. Ela gemeu alto, enlaçando seu pescoço.

— Quando? — Ele riu. — Não *"se"?* Já era uma certeza pra você? Que eu ia ficar louco o suficiente pra me trancar contigo em um banheiro?

Emília também riu, o sorriso provocador fazendo o pau dele latejar.

— Ficou me imaginando te fodendo? — murmurou no ouvido dela, aumentando a velocidade e a pressão. — E como imaginou depois que viu tudo aquilo no meu quarto? Hein, princesa Emília? Se imaginou amarrada enquanto eu te como, meu pau enterrado em você? Essa é a sua curiosidade, é disso que gosta?

Gustavo usou o dedo indicador e o médio para alisar sua fenda, circundando a entrada, fazendo uma pequena pressão. Emília jogou a cabeça para trás, seu corpo inteiro estremecendo. Nunca tinha feito nada do que ele lhe dizia, mas a perspectiva daquilo parecia ser maravilhosa, de fato. Tomou seus lábios antes de falar, a respiração falhada por já estar próxima demais do ápice. Depois afastou o tronco, apoiando as mãos na bancada, sem tirar os olhos dele.

— Quer saber outra curiosidade que eu tenho? — ela perguntou. — E que anda tirando meu sono?

— O quê?

— Me disseram que você tem um *piercing* — falou. — E eu queria muito ver.

Ele ficou em silêncio. Inseriu dois dedos em sua boceta, fazendo movimentos de vai e vem suaves. Em seguida, voltou com as carícias circulares em seu clitóris.

— Você tem um *piercing*, Guto? — perguntou. — Hm? Me diz.

— Você vai se arrepender depois se ficar me provocando desse jeito, Mi.

— Não tô te provocando, tô só… *curiosa.*

Ele recolocou os dedos, deslizando por ela, exatamente como Emília imaginara que seria. Choramingou, já fora de controle.

— *Ah* … Não para… — pediu.

No entanto, ele acabou parando. Emília ficou confusa por um instante, assistindo-o se afastar um pouco. Mordeu os lábios, a cabeça leve, sem entender o que acontecia.

— Quer muito ver, é? — ele a indagou. Abriu o botão da calça clara. — Tanto que sonhou com isso?

Abaixou o cós da calça, libertando seu membro da cueca em seguida. E lá estava.

O famigerado *piercing*, uma haste que seguia a extensão da cabeça do pênis na vertical, com duas bolinhas metálicas em cada extremidade.

Nossa, foi o que conseguiu pensar. Nem em seus melhores sonhos ela teria aquela imagem.

— Se é assim, também pode fazer o que quiser comigo — ele declarou. Enganchou as duas mãos nas dobras dos joelhos dela, subindo-os até que os pés de Emília quase encostassem na bancada. Depois abriu totalmente suas pernas, colocando-se entre elas mais uma vez. — Já que está tão curiosa.

Afoita, Emília se apoiou na bancada para se equilibrar. Com uma das mãos, segurou com leveza o membro, encostando a glande no clitóris. Movimentou o quadril para cima e para baixo, de forma que a bolinha se arrastasse por ela, criando atrito. Gemeu alto, rebolando para encontrar o ponto mais sensível.

— Foi com isso que sonhou? — Gustavo murmurou para ela, sua voz cada vez mais calma ao observá-la se desfazendo. — Me usar como seu brinquedo?

Ela não conseguiu responder, acelerando o próprio corpo para chegar onde mais queria. Gustavo grunhiu com a movimentação, seu pau já viscoso entre os dedos dela. Conseguiu senti-la gozando, a boceta pulsando, quente e úmida, deslumbrado com seus gemidos.

— Tão linda e tão barulhenta… — falou.

Soltou suas pernas e a tirou da bancada, virando-a de costas para ele. Deixou que apoiasse o tronco no mármore para ficar empinada, levantando a saia até sua cintura para ter mais acesso.

— Mas você tem que aprender a ficar quietinha — disse, apertando a bunda macia. Voltou a masturbá-la, seus dedos entrando e saindo dela com força. — Ou quer que todo mundo saiba que estou te fodendo num banheiro?

Era impossível conter a voz. Ele afundou mais os dedos, curvando as pontas, e Emília teve que abafar o rosto com os braços, arrepiada pelo calor que emanava de seu centro e com o gelado do mármore em contato com seus seios, uma mistura que já a deixava no limite.

— O que eu te falei? — Gustavo estalou a língua. A mão livre percorreu a trança já bagunçada. Fechou o punho e puxou, fazendo com que ela levantasse a cabeça. — Será que vou ter que te punir? Gosta de ser punida quando é desobediente, princesa?

Aumentou a velocidade e Emília mais uma vez se viu incapaz de conter os gemidos. Fechou os olhos, tentando se firmar na posição, mas seu corpo já tremia por completo.

— Abre os olhos e me responde — mandou, puxando mais a trança. — Olha pra você no espelho e me responde, Emília.

Ela olhou. A imagem ali espelhada a atingiu em cheio: seu rosto corado, a boca vermelha e inchada, os seios balançando. A mão dele com sua trança enrolada, puxando.

A outra a tocando, provocando barulhos tão altos quanto seus gemidos.

E Gustavo a encarando, seus olhos mais uma vez escuros como a noite, as sobrancelhas levemente franzidas, suor escorrendo por suas têmporas. Selvagem, dominador, lindo de morrer.

Ela gozou de novo só de olhar. Girou o quadril ao redor dos dedos dele, como se aquilo fosse sua resposta. Queria ser tocada, punida, o que quer que ele quisesse fazer com ela. Aceitaria tudo e mais um pouco, via-se capaz de atingir as estrelas naquele momento.

— Quem disse que você podia gozar de novo? — Foi a ameaça mais doce que ela já ouvira na vida. Gustavo puxou ainda mais seu cabelo, uma dor leve, gostosa e eletrizante. Emília voltou a gemer só com o movimento. — Me responde logo, princesinha. Gosta de ser punida? Porque você tá precisando.

— Gosto... — A palavra escapou de seus lábios de forma rápida e melodiosa. Sentiu Gustavo estremecer com a resposta.

— Claro que gosta, olha só pra você... — Ele a fez se encarar no espelho novamente. Depois curvou mais os dedos, indo para cima e para baixo, tão forte que Emília teve que morder os lábios para não gritar. — Tão safada... Você estava louca pra ser fodida assim pelo seu namorado de mentira.

Emília gozou de novo. Gustavo estalou a língua mais uma vez. A mão que a masturbava parou e a abandonou abruptamente. Com os dedos encharcados, Gustavo lhe deu um tapa, o estalo ecoou pelo cômodo inteiro.

— Ai... — ela gemeu, uma mistura de manha com uma risadinha.

— Quantas vezes vai ter que ser punida pra aprender que sou eu que mando aqui e que você só goza quando eu quiser? Hm? Me diz. Vou ter que ficar te fodendo aqui a noite inteira até você aprender?

— Uma hora eu aprendo, prometo… — Emília argumentou. Oscilou o quadril até ele, próxima o suficiente para que sua boceta se arrastasse pelo pau ereto. — Mas um tapa faz mais barulho do que meus gemidos, Guto…

Gustavo soltou um grunhido alto, preso naquela sensação. Soltou a trança e segurou os quadris dela, fazendo ele mesmo os movimentos de vai e vem, deslizando mais uma vez por suas dobras.

Merda, não tem mesmo… Não tem mesmo como parar, refletiu, já no fim de seu autocontrole. Emília virou a cabeça para olhá-lo nos olhos, uma expressão de puro êxtase, sobrancelhas inclinadas e respiração ofegante.

— Coloca em mim, por favor… — implorou. — Por favor, hm?

Um silêncio tomou o ambiente. Gustavo só ouvia o som de suas respirações entrecortadas, os pequenos gemidos que ela ainda soltava pelo contato.

— Mi, não tenho camisinha — conseguiu murmurar. — Você… Você toma alguma coisa? Senão vamos ter problemas.

— Não, eu… Nunca fiz nada assim, então nunca precisei tomar.

Mais silêncio. Dessa vez, contudo, o raciocínio de Gustavo começava a voltar a operar com força total.

— Ahn… Quê? — Ainda assim, era difícil compreender aquela situação.

Afastou-se um pouco. O banheiro estava abafado, mas ele sentiu seu sangue gelar.

— Você… — gaguejou. — Emília, você é virgem?

Emília se levantou e se virou. Seu cenho estava franzido e ela tinha uma expressão quase de “fui pega” estampada no rosto.

— Emília — ele a chamou. Já estava ficando um pouco desesperado.

— Sim, sou virgem — ela falou como se aquilo não fosse nada. — Isso não é um problema, é? Não tenho medo

de que doa ou algo assim, tá bem bom, podemos continuar perfeitamente e...

— *Emília* — Gustavo estava com os olhos arregalados agora.

"Quer que todo mundo saiba que estou te fodendo num banheiro?", "Me responde logo, princesinha. Gosta de ser punida? Porque você tá precisando", "Claro que gosta, olha só pra você... Tão safada... Você estava louca pra ser fodida assim pelo seu namorado de mentira" todas as frases que ele dissera estavam rodando sua cabeça sem piedade.

Ele estava prestes a tirar a virgindade de Emília falando todas aquelas coisas? De Emília Park, a filha do melhor amigo de seu pai? Alguém que ele devia tomar o maior cuidado? A mulher que estava obcecado por meses e que certamente não merecia ter a primeira vez daquele jeito tão...

Gustavo quase fez isso no banheiro da casa da bisavó dele. Com todos seus parentes por perto.

— Puta que pariu... — xingou.

— Gustavo, pelo amor de Deus, não mete essa. — Emília fez um bico de insatisfação.

— Eu...

— Guto, Mimi! — Ouviram a voz da mãe dele soar pelos corredores. O coração de Gustavo ameaçou parar. — Cadê vocês? Já vamos tirar as fotos!

Meu Deus do céu, ele pensou, olhando para Emília toda desarrumada, sem a blusa bonita que havia escolhido a dedo, sem sutiã, a saia toda torta, sem calcinha, a maquiagem borrada. Ele mesmo estava amarrotado, suado, bagunçado, o pau de fora como se fosse uma espécie de maníaco tarado.

— Ai, meu Deus — ele sibilou, horrorizado consigo mesmo.

— Qual é, Gustavo! Não é possível que o cara que tem um *piercing* no pinto ligue pra uma coisa tão banal como...

— Eu vou te matar, Emília! — Quase deu um grito. — Eu juro que...!

— Guto, Mimi! Cadê vocês? — sua mãe chamou de novo.

— Eu... eu vou sair primeiro — ele disse. — Depois você... *Ai, meu Deus.*

E saiu aos tropeços do banheiro, tentando se aprumar no caminho, o gesto patético de esconder a ereção para dentro da calça. Emília deu um suspiro ao se ver sozinha ali, decepcionada e irritada.

— O cara gosta de amarrar, tem a porra de um *piercing* no pau e quer dar uma de puritano pra cima de mim — resmungou. Começou a buscar as peças de roupa jogadas por todo canto. — Era só o que faltava.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Apesar de tudo, os dois conseguiram tirar as fotos para o aniversário da bisa Eunbi. Uma hora, Gustavo estava encolhido no canto da sala da sessão de fotos, ainda vermelho e ofegante, e só viu Emília entrando no cômodo, linda, arrumada e perfeita como sempre, sem um único fio fora do lugar ou um risquinho sequer de maquiagem borrada. A única diferença de seu comportamento habitual tinha sido o olhar fulminante que ela lhe lançou assim que o viu. Esse olhar era novo.

Ela ficou o encarando daquele jeito até a sessão terminar. Mesmo nas fotos que tiraram juntos, Emília manteve uma distância respeitosa, quase fria.

Quase como se ela quisesse arrancar cada fio de cabelo dele assim que se vissem sozinhos. E ele não teria para onde correr, já que iriam embora juntos.

— *Gustavo Choi* — ela o chamou no caminho para o carro. Ele estava praticamente fugindo, correndo para chegar o mais rápido o possível.

Não que isso fizesse diferença. Emília ia acabar com ele de qualquer jeito.

— Vai me deixar falando sozinha? — Emília puxou seu braço..

— Eu acho que... — gaguejou. Aquilo era tão diferente de seu comportamento habitual. — Acho que a gente não devia conversar sobre isso agora...

— O caralho que a gente não vai conversar sobre isso agora — grunhiu. Colocou os dois braços em volta dele, apoiando-os no veículo, numa tentativa patética de imprensá-lo contra o carro. — Vai mesmo jogar esse papinho de "você é virgem, ai meu Deus!" pra cima de mim?

— Emília...!

— Todo aquele papinho de "Ai, o que você gosta, sobre o que tem curiosidade?" só pra me deixar *literalmente* na mão? Você é melhor do que isso.

— Por favor, leva isso a sério — choramingou. — Eu não posso... Emília, a gente nem namora de verdade.

— E daí?

— Você me odeia.

— É só despeito. Você é muito arrogante. Um gostoso, mas muito arrogante.

Gustavo se engasgou com o ar.

— Mas... Mi, você... Você tinha que fazer isso com alguém que gosta muito. É a sua primeira vez, não pode levar isso como uma brincadeira e...

— Não estou levando.

— Mesmo assim, eu... Você tinha que fazer isso com um namorado de verdade, não comigo.

— A gente não teria feito se eu tivesse dito que não era virgem?

— Mas...

— E tenho certeza de que falei que gosto de você antes da gente se trancar no banheiro. Já te disse, não sou dessas que faz sexo casual.

— Você nunca fez sexo nenhum, Emília.

— É, porque não gosto de nada casual.

— Então…

— Quero fazer isso contigo. Gosto de você. Só não faria caso não gostasse de mim de volta. E você gosta, não é? Não mente pra mim.

— Eu… — Mesmo no escuro, Emília conseguiu perceber que ele tinha ficado todo vermelho. Teve que se segurar para não começar a sorrir, porque era a cena mais fofa que já vira na vida. — Eu gosto de você.

Porra, Gustavo se xingou mentalmente. O que era aquilo? Quantos anos ele tinha? Quinze?

— Escuta — ela começou. — Você falou que eu tenho que levar isso a sério, mas acho que você é quem está colocando muita importância em um detalhe inofensivo. Tudo bem, nosso namoro é de mentira, mas a gente se gosta e… Fazer de um limão uma limonada, é isso.

— Transar durante essa farsa só vai complicar tudo, Mi.

Não dava mais para negar, ele já estava mexido demais por causa dela, colocar sexo naquilo tudo só pioraria as coisas. Gustavo tinha que ter se dado conta disso mais cedo.

— Por quê? — ela perguntou.

— Porque vai misturar tudo. E não quero brincar com seus sentimentos.

Pensou sem querer que era mais fácil Emília brincar com os dele. Porque se ela falasse que queria transformar o namoro falso em um verdadeiro, ele aceitaria.

Ele aceitaria na hora. Era isso que mais o atormentava. Ficar vulnerável daquele jeito o assustava.

— Eu duvido muito que você vá brincar com meus sentimentos, Guto — Emília o assegurou. — Você é certinho demais pra isso. Apesar de ter um *piercing* no pau e ser adepto ao BDSM. Você é a pessoa mais correta que conheço.

— Eu… Eu só acho que tinha que ser especial pra você.

— E vai ser. Já foi. Porra, você me fez gozar três vezes!

— Num banheiro… — Gustavo choramingou. Todos os neurônios dele tinham entrado em curto-circuito, não era possível. — Falei coisas horríveis pra você…

— Mas eu amei!

Ele soltou um grunhido. Saber que Emília tinha amado todas as sacanagens que sairam de sua boca o deixava no limite.

Ela deu uma risada e o abraçou pela cintura. Apesar de ainda estar um pouco relutante, Gustavo a abraçou de volta. Colou-se nela, aspirando o perfume de seu cabelo, o aroma o deixando mais calmo.

— A gente… A gente pode ir devagar, então? — pediu. — Se é pra ser, me deixa fazer do jeito certo.

Emília riu de novo, aconchegando-se nele. A interrupção foi inconveniente, mas era incrível ficar daquele jeito com ele.

— Pode — garantiu. — O que quiser. Prometo que cuido do seu coraçãozinho pra você não infartar no processo, tudo bem? Você tá velho mesmo, é melhor tomar cuidado…

Gustavo acabou rindo também. Era um riso minúsculo e tímido, mas ainda assim, Gustavo Choi estava sorrindo para ela, por causa dela.

O mundo dava voltas muito estranhas mesmo.

Ele a segurou pelo rosto, inclinando sua cabeça para cima. Emília teve vontade de rir como uma garotinha idiota, amolecida e quente por aquele olhar amoroso. O olhar que era dela, só dela. Estava se tornando cada vez mais frequente.

— Gosto de você, Guto — murmurou, feliz. Passou os braços por seu pescoço. — Você também gosta de mim?

Gustavo sorriu um pouco mais. Não revirou os olhos ou bufou. Só abriu um sorrisinho.

— Gosto… — Um beijo. Doce e cheio de afeto. — Eu gosto de você, princesa.



“Garoto, se eu te tocar, te beijar
Cuidado, seu olhar muda instantaneamente
Você verá
Eu tenho o toque de Midas”
Now Playing: Midas Touch
KISS OF LIFE

11/07/2025
86 dias para o Chuseok!

Grupo Biólogas Apocalípticas

Emília Park
Gente
Gustavo já saiu da UFF?

Elis Duarte
Faz uns 40 minutos
Terminou tudo super cedo
Acho que adiou experimentos
Você conseguiu o impossível, Mi

Janaína Albuquerque
E aí?
Qual é o bolão de hoje?

Elis Duarte
Tenho fé de que vai ser essa noite

A Mi vai conseguir
Aposto 20 reais

Janaína Albuquerque
Só 20? Você é rica pra caralho, Lis

Elis Duarte
O dinheiro não é meu, é do meu noivo

Janaína Albuquerque
Pois eu aposto 100 reais que essa noite minha amiga vai conseguir seduzir o namorado
E ir pros finalmentes

Elis Duarte
Mas se eu e você estamos apostando na mesma coisa
Quem vai ganhar?

Janaína Albuquerque
Não vou apostar contra minha amiga
Já se passou um tempão
A bichinha tá subindo pelas paredes já

Emília Park
Obrigada, meninas
Tenho fé de que hoje vai!!!

Janaína Albuquerque
Mas aí
Tenho que bater palmas pro Gustavo
Que força de vontade de aço
Quase um século só na brincadeira
As bolas dele já devem ter necrosado

Emília Park
(_)

Elis Duarte
Eu achei isso muito fofo!

Só mostra o quanto ele respeita a Mi

Janaína Albuquerque
Verdade
Quem dera que todos os caras fossem assim
Minha primeira vez foi uma merda
E durou dez minutos

Elis Duarte
A minha também foi horrorosa

Emília Park
Ele é muito fofo mesmo!
Mas
Sendo bem sincera
Não aguento mais esperar
Daqui a pouco quem vai amarrar aquele homem sou eu

Elis Duarte
Meu Deus
Ainda não consigo acreditar que o Gustavo gosta de BDSM e tem um piercing no pau

Janaína Albuquerque
A Mi ganhou na loteria
E ela já tem dinheiro e tudo mais
Sortuda da porra

Emília Park
Ai, ele chegou
Me desejem sorte!!!

Emília se levantou do sofá correndo, dando pulinhos enquanto Gustavo abria a porta do apartamento dela. Ele estava com uma sacola de plástico em uma das mãos, carregando um pote que parecia conter algum tipo de sopa.

— Olá, estimadíssimo namorado de mentirinha! — ela o cumprimentou, animada. — Como foi na UFF?

— Foi tudo bem. Passei na casa da minha avó, ela fez *samgyetang*[13] pra te ajudar com a gripe e... Mi.

Gustavo franziu o cenho e torceu a boca depois de analisá-la. Emília abriu um sorrisinho atrevido.

— O que foi, querido e maravilhoso namorado de mentira? — cantarolou.

— Me diz que você não inventou que estava gripada só pra me fazer entrar na sua casa.

— Nosso namoro é de mentira, mas não gosto de mentir pra você. — Ela girou o corpo de um lado para o outro, brincando com uma mecha do cabelo.

— Acabou de admitir que mentiu estar doente.

— Como você sabe? Posso ter melhorado durante o tempo que esteve fora. Agora entra, não fica aí parado feito um tonto na porta. Se já veio, pra que ir embora? Fica um pouco.

Ela o puxou pelo braço. Gustavo bufou alto, revirando os olhos, mas deixou-se ser levado até a sala.

Emília não gostava mesmo de enganá-lo, mas a situação pedia por medidas drásticas.

Gustavo dissera que faria as coisas devagar, mas ela não tinha se dado conta de que demoraria tanto. 35 dias já haviam se passado e tudo que rolou foram uns beijos muito quentes, mãos bem posicionadas e orgasmos que a deixaram de perna bamba, a maioria no carro dele ou em algum canto bem escondido da casa das bisavós. Tudo maravilhoso, ela não podia negar, mas Emília queria a ação completa.

No entanto, ele agora se recusava a entrar na casa dela. Também não deixava que ela fosse até o apartamento dele. Jana estava certa quando falou que Gustavo tinha uma força de vontade de aço, mas ambos sabiam que assim que se vissem em um lugar onde ninguém os interromperia, tudo iria para os ares.

— Mi… — Gustavo choramingou enquanto a assistia colocar a sacola com a sopa no balcão da cozinha. Ele não era de ficar choramingando por aí, mas isso tinha virado quase um costume seu quando se via encurralado por ela.

— Não menti pra você, Guto. Tô mesmo me sentindo mal — ela falou, inocente.

— Sério? O que tá sentindo?

— Acho que tô com febre… Toca a minha testa pra dar uma conferida.

Ele obedeceu, aproximando-se para medir sua temperatura. Contudo, Emília puxou seu braço e roubou um beijo. Não demorou muito para que ele cedesse e a abraçasse com força, aprofundando o beijo.

— Você é insuportável — conseguiu resmungar, suas mãos já por dentro da camiseta dela.

— Insuportavelmente irresistível? — Ela riu, deixando que ele arrancasse a peça de roupa. Era óbvio que ela estava sem sutiã.

— Hoje só insuportável.

Gustavo também já estava por um fio. Ele não era mais nenhum garoto e não conseguia se lembrar se já tinha demorado tanto para transar com alguém, mas queria mesmo fazer as coisas do jeito certo.

O que era uma tarefa e tanto, já que Emília Park era mesmo insuportavelmente irresistível.

Já tinham parado no sofá. Como? Ele nem se lembrava. Mas Emília estava em cima dele, o short dela tinha sido retirado no meio daquele processo. Agora estava só de calcinha rebolando em seu colo e Gustavo também já não se lembrava do próprio nome.

Tinham sido longos 35 dias.

— Guto, me deixa sentir você… — ela pediu, manhosa, esfregando-se mais. Gustavo teve que respirar fundo para recobrar a consciência.

Tudo bem, consigo fazer isso. A gente vai só… se conhecer um pouco mais, só isso. Tentou se convencer

quando Emília abriu sua calça e retirou seu pau da cueca. A certeza esmoreceu um pouco quando ela afastou o gancho da calcinha e começou a arrastar a boceta por cima, a glande com o *piercing* roçando em seu clitóris.

— *Porra* — gemeu. Segurou Emília pelos quadris, sentindo todos os círculos que ela fazia para aumentar o contato. — Eu mal cheguei, princesa. Você praticamente me atacou.

— Você tá me enrolando há mais de um mês.

— Argh…

Ela oscilou com o corpo, com força e já sem controle. Emília era inexperiente, mas aprendia rápido sobre o que gostava e como queria fazer as coisas. E Gustavo amava isso nela, sempre independente e confortável com ele, sem amarras.

Era incrível vê-la daquele jeito.

— Guto, me deixa gozar? Hm? Eu tô quase… Por favor — ela pediu, seus olhos brilhantes presos nos dele. E aquele sorrisinho provocante que o fazia ver estrelas.

Outras coisas que Emília havia aprendido? Ela agora sabia exatamente como deixá-lo a ponto de enlouquecer. Quase nunca o obedecia, mas naquilo… E sempre sorrindo daquele jeito, como se soubesse que quem mandava ali de verdade era ela. Emília só estava jogando com as cartas dele.

— O quanto quer isso? — perguntou, colocando a mão entre eles. Assumiu as carícias no clitóris, extasiado com o fato de Emília já estar encharcada.

— Muito… Eu quero muito, por favor.

— Então goza pra mim, na minha mão. Quero muito ver.

Como se aquela fosse a deixa, Emília gozou forte e gemeu alto, desimpedida por estarem sozinhos e em casa. Os sons que escapavam de seus lábios eram como música para seus ouvidos, um canto que o hipnotizava e o fazia esquecer que queria fazer as coisas do jeito certo, devagar,

que ela merecia muito mais do que ele talvez pudesse oferecer.

De alguma forma, ele tirou a camisa, parou deitado de barriga para cima com ela ainda montada, de novo se esfregando nele, criando atrito. O cabelo rosa caiu como uma cascata de fios quando Emília o beijou e Gustavo perdeu seus dedos de vista pelas madeixas macias, colando mais seus corpos. Estava tão gostoso que ele inteiro estava vibrando.

Vibrando?

— Meu celular... — murmurou, cortando o beijo para falar. — Espera um pouco...

Conseguiu alcançar o aparelho no bolso da calça e estremeceu quando viu de quem era a chamada.

— Merda, é meu pai... — Levantou-se abruptamente, quase jogando Emília para trás.

Ela ficou deitada no sofá, encarando o teto enquanto Gustavo atendia à ligação. Soltou um suspiro longo.

— Será que vou morrer virgem? — choramingou. — Porque não é possível...

— Oi, pai! — Gustavo atendeu, animado demais. Estava com os olhos arregalados e sua voz tremia um pouco, talvez por ter sido pego sem querer. — Aconteceu alguma coisa? Tudo bem com o senhor?

— *Você está com a Emília?* — seu pai perguntou.

— Ahn... Nesse momento?

— *Óbvio.*

— Ah, eu...

Engoliu em seco, encarando Emília jogada no sofá, nua e um pouco ofegante. *Pelo amor de Deus,* pensou. *Será que meu pai sentiu que eu ia fazer merda?*

— Eu... — gaguejou. — Ainda não me encontrei com ela hoje... Hm, a gente vai sair de noite, ela tá se arrumando, então ainda não...

— *Ótimo, bom saber que têm planos pra sair. Porque vocês dois vão jantar comigo e com o Lineu hoje.*

— Hein?

— Intervenção surpresa. Falei que ia ficar de olho em vocês, Gustavo. Você vive fugindo desse assunto, não a trouxe até nossa casa formalmente. Preciso intervir e chegar à conclusão eu mesmo de que você não está levando uma união esperada há quatro gerações como um de seus casos de fim de semana.

— A gente vive se encontrando na casa das bisas, não entendo...

— Que espécie de namoro é esse que você não leva sua namorada pra conhecer os sogros?

— Você conhece a Emília desde que ela nasceu!

— Não como sua namorada. Presumo que também não tenha feito uma visita ao Lineu como namorado dela.

— Ahn... — Bem, era verdade, ele não tinha feito. O máximo de interação que tivera com Lineu naquele meio tempo foi o encontro vergonhoso no aniversário de Emília.

— Então é verdade. Você não está mesmo levando esse namoro a sério.

— É claro que estou! Eu só...

— Então está combinado. Permito que escolha o local do jantar. Onde vai ser?

— No shopping aqui em Niterói? A Mi... — Pigarreou. — A Emília gosta de passear lá e... No shopping, podemos nos encontrar lá.

— Acha apropriado um jantar com seu sogro num shopping?

— Eu... Hm, a Emília quer muito, então... Só estou fazendo o que ela me pede.

Seu pai ficou em silêncio por um instante. Gustavo engoliu em seco, pensando que quase conseguia ouvir a mente dele ponderando se podia confiar nas palavras do filho ou não.

— Hm, bom — ele falou, enfim. *— É bom que faça as vontades dela. Mostra que está comprometido.*

— É...

— Tudo bem, Gustavo. No shopping, então. Vejo vocês às 20h.

E desligou. Ele ficou olhando para a tela do celular apagada, refletindo sobre aquela conversa esquisita.

Não havia um dia de paz, era isso. Sempre uma coisa nova para lidar.

— O que aconteceu? — Gustavo mal tinha percebido que Emília se vestiu naquele meio tempo.

— Hm... Meu pai quer fazer... — Pigarreou de novo. Era ridículo falar isso em voz alta. — É uma intervenção surpresa.

— Como é?

— Meu pai não acredita que estou levando esse namoro a sério e quer que a gente jante com ele e seu pai pra eles terem certeza de que estamos comprometidos.

— Ah.

— É. Meu pai é... inacreditável.

Gustavo suspirou. Se pensasse melhor, seu pai tinha um pouco de razão, porque lá estava ele em um namoro que tinha data para acabar, quase tirando a virgindade de sua namorada falsa porque não conseguia se controlar.

— Para de surtar, Gustavo. — A voz de Emília fez com que ele voltasse à realidade.

— Não tô surtando!

— Tá, sim. Consigo notar pela sua cara. Não é nada demais, é só o que a gente se propôs a fazer. Um namoro explosivo, você super apaixonado!

— Meu Deus do céu...

— Ouvi algo sobre o shopping? É isso mesmo?

— É... Não consegui pensar em nada, inventei que você queria ir muito lá, meu pai comprou a ideia.

Emília cruzou os braços, pensativa. Gustavo ficou a encarando por um tempo, sem saber o que pensar. Ainda não gostava de deixar toda aquela história nas mãos de Emília, mas ele realmente não sabia como agir naquela situação.

E já não sabia mais se ainda estava fingindo. Um namoro explosivo e ele super apaixonado? Quão distante da realidade ele estava?

— Certo! — ela exclamou de repente. Gustavo levou um susto. — Não seria minha primeira escolha pra um jantar, mas se formos parar pra pensar, é perfeito! Mostra que você está muito comprometido e que só faz o que eu quero. Ótima jogada!

— É? — Arqueou as sobrancelhas, surpreso. Seu pai tinha falado quase a mesma coisa.

— É! E o shopping é meu habitat natural, sei transitar muito bem por lá e... É perfeito, é perfeito! Você é um gênio!

— Sou?

— É, sim! Já arquitetei tudo na minha cabeça, vai ser incrível, seu pai vai se convencer rapidinho de que somos pra valer! Precisamos nos arrumar, rápido. A gente precisa chegar umas duas horas antes deles no shopping.

— Quê? Emília, explica isso melhor.

— Não dá tempo, vai tomar um banho, se arruma e volta pra cá. Te explico enquanto faço minha maquiagem. E escolhe a camisa mais colorida que você tiver. *Se* tiver, claro. Marrom, preto, branco, cinza e bege estão proibidos.

— Por quê?

— Porque, meu querido, maravilhoso e estimado namorado de mentira, hoje usaremos roupa de casal. Vai ficar tão incrível que seu pai vai acreditar que estamos em pé de casamento!

Gustavo choramingou de novo, aquele hábito idiota que estava começando a adquirir.

Onde ele tinha se metido?

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Gustavo Choi
Achei uma camisa

Foi minha mãe que me deu e nem tirei do plástico
Serve?
(ANEXO)

Emília abriu a foto que ele havia mandado. Era uma camisa social, novinha em folha. Tinha um corte bonito e parecia elegante.

O problema? Ela era em um tom de azul-esverdeado. Emília não combinava muito com aquela cor.

Emília Park
Sério que é só isso que tem de colorido no seu armário?

Gustavo Choi
É
Azul é uma boa cor

Emília Park
É quase turquesa

Gustavo Choi
E?

Emília Park
É num tom quente
E meu cabelo é num tom frio

Gustavo Choi
E a relevância disso é...?

Emília Park
Não combina

Gustavo Choi
Por que você é assim?
É o que eu tenho

Emília Park
Argh
Tudo bem

Acho que tenho um vestido em um tom parecido
Não vai dar tempo de comprar outra blusa pra você
Se veste e vem pra cá
Tô te esperando

Deixou o celular na penteadeira, encarando as prateleiras lotadas de seu closet. Com a cor escolhida, agora só faltava montar o look dela. Qualquer um se perguntaria por que roupas combinando eram tão importantes assim, algo que Emília só responderia com um suspiro afetado e uma aura condescendente.

A moda era uma forma de expressão. Muitos se esqueciam disso, mas o jeito que uma pessoa se vestia dizia muito sobre ela. A maioria dos casais não se importava tanto com sincronia de looks, mas, se fosse um namoro verdadeiro, aquilo seria um dos pontos mais importantes para Emília Park, fashionista registrada e amante do amor. Gustavo precisava de um banho de loja urgente, mas aquela camisa *azul-quase-turquesa* teria que servir. Era uma emergência.

Seu sogro olharia para os dois e quase choraria de emoção, seria incrível.

Ele chegou a tempo de vê-la com o iPad na mão, conferindo sua planilha. Emília ainda estava de roupão, as pantufas felpudas se arrastando pelo tapete enquanto ela andava em círculos. Gustavo já estava pronto e de banho tomado, vestindo a camisa e uma calça preta, além dos sapatos de couro, então só ficou no canto do closet, assistindo ao caos organizado de Emília.

— Ah, olhando ao vivo, não é tão quente assim! Ótimo! — ela exclamou, batendo palmas. Passou o dedo pela tela do iPad, concentrada. — Posso trabalhar com isso, ótimo, ótimo!

— Pra que o iPad?

— É a minha planilha de looks.

— Planilha?

— É! Tenho uma planilha catalogando todas as minhas roupas, acessórios, sapatos e bolsas! E montagens automatizadas pra criar looks perfeitos! Incrível, né?

Mostrou o iPad para ele. Gustavo pareceu descrente de início, mas ficou impressionado com os detalhes e organização. Era mesmo surpreendente.

— Fez isso sozinha? — perguntou.

— Fiz. Refino meu sistema desde os 16 anos!

Gustavo ficou em silêncio, estudando a tela. Emília se sentiu um pouco boba ao vê-lo mexendo em sua amada planilha, como se ele estivesse mexendo em uma coisinha idiota que ela tinha criado para brincar.

— Ah, você deve achar que é um exagero... — murmurou, envergonhada.

— Não. Pelo contrário, achei muito eficiente.

— Sério?

Ele fez um meneio com a cabeça, afirmando mais uma vez. Não entendia nada de moda, mas gostava de coisas organizadas e arrumadas, sistemas feitos para darem certo, uma ciência. Pelo visto, ele e Emília tinham aquele interesse em comum.

— E como vai fazer pra combinar sua roupa com a minha? — ele perguntou enquanto devolvia o iPad para ela. Estava mesmo um pouco curioso.

— Bem, pelos meus cálculos e pelas peças que tenho, pensei em um look perfeito que vai transmitir exatamente o que quero. Olha só.

Ela puxou um dos cabides do armário e mostrou um vestido curto e quase da mesma cor da blusa de Gustavo. As mangas eram bufantes, trazendo um ar romântico, além da saia rodada e do decote quadrado. Ele achou a peça bonita, mas acabou ficando em dúvida.

— É... é estranho dizer isso, mas parece muito simples pra você — falou.

— Exatamente! Mostra que estamos no meio termo! Você usando cor e eu usando roupas mais simples. Mas não para por aí!

— Não?

— Vou complementar com essas botas. — Mostrou as botas brancas de couro e cano médio, com detalhes bordados.

Gustavo franziu o rosto, confuso.

— Por que vai usar botas de caubói com um vestido? — perguntou.

— Pelo amor de Deus, são *western boots.*

— Ah, sim. Agora entendi perfeitamente, obrigado. — Gustavo fez um bico, irritado.

— Outro sapato traria um ar romântico e passivo demais. Passaria uma mensagem de que você está me apagando. Já essas botas dão um ar moderno ao look, um toque ousado. Passa uma imagem de que a gente está se adaptando ao outro.

— É?

— É! Mesmo usando uma camisa colorida, ainda é você, entende? A gente não perde a essência, mas estamos sincronizados, coordenados. Tem algo que grite mais "estamos muito apaixonados" do que isso? E é algo sutil, não vai parecer forçado ou que queremos impressionar seu pai. Ficar de chamego na frente dele seria só constrangedor.

— Bem, você tem um ponto…

— Ótimo, escolhido, então!

Emília retirou o roupão. Gustavo mordeu o lábio inferior, assistindo-a se arrumar, fitando a lingerie bonita e delicada que ela colocara, o jeito como ficava extremamente bonita fazendo algo tão simples quanto se arrumar.

Respirou fundo, desviando o olhar. Se ficasse encarando demais, perderia o controle e a foderia bem ali, no closet bonito e super organizado dela.

Longos 35 dias. Os mais longos de toda sua vida.

Emília se vestiu e se maquiou, prendendo o cabelo em um meio rabo de cavalo, suas madeixas onduladas e bonitas. Fez uma maquiagem rápida e colocou acessórios delicados. Por fim, calçou as botas e olhou para ele, ainda animada e confiante.

— Agora escolhe a minha bolsa — disse.

— Eu?

— É, você mesmo.

— Mas eu não entendo nada disso, vou estragar todo seu planejamento.

— Não tem problema. Pode escolher a que quiser.

Ele olhou a vasta coleção de bolsas de sua namorada. Espremeu os lábios, em busca da melhor opção. Acabou escolhendo uma rosa-claro pequena de couro e alça de corrente dourada, com um emblema dourado em forma de coração, incrustado com pequenas pérolas.

— Essa?

Emília abriu um sorrisinho com a escolha dele. Por ser rosa, não combinava tanto com seu look, mas até que Gustavo tinha bom gosto.

— *Dolce & Gabbana*. — Riu. — É uma das minhas bolsas mais caras. Meu pai trouxe quando foi à Itália.

— É boa? Posso escolher outra.

— É perfeita. E combina contigo. Clássico, elegante e refinado.

— Comigo?

— É, porque quem vai carregar ela pra mim é você.

Ele franziu o cenho. Não estava entendendo mais nada.

— Agora vamos, querido, maravilhoso e amável namorado de mentira. Hora da parte dois do nosso plano.

E saiu do closet. Gustavo ficou com a bolsa na mão sem entender. Soltou um suspiro longo e só a seguiu para fora.

Talvez o melhor ali fosse só ficar quieto e obedecer.



“Eu gosto de você

De verdade, de verdade”

Now Playing: REALLY REALLY

WINNER

O plano de Emília não fazia sentido algum.

Gustavo estava parado no meio da *Sephora* do maior shopping de Niterói, assistindo Emília ir de um lado para o outro enquanto testava e escolhia maquiagens. Ele tentava não esbarrar nos estandes de produtos com as diversas sacolas de compra que ela o fizera carregar pelo shopping inteiro. Pelo que entendera, Emília quis ir ao shopping duas horas antes para fazer compras.

Não fazia sentido algum.

— Me dá sua mão — ela pediu. Estava segurando um batom de embalagem preta com detalhes em prata.

Sem ter outra escolha, Gustavo só obedeceu. Estendeu o braço que estava mais livre, deixando que ela segurasse sua mão. Emília passou um pouquinho da cor no dorso da mão dele. Depois pegou outro batom e fez a mesma coisa. Foram três vezes no total.

— Qual você gosta mais? — perguntou. — O 999, o 854 ou o 764? Todos são da *Dior*, mas estou na dúvida entre esses três.

Todos eram vermelhos.

— Esse? — Apontou para o de tom mais fechado. Ainda estava sem entender muita coisa, então escolheu só

cooperar.

— Ótimo, vou levar, então! Acho que é só isso. Pode me esperar lá fora? Já vou.

Mais uma vez, ele só obedeceu. Saiu da loja e franziu o cenho, sua cabeça tentando achar a lógica em todo aquele processo. Tudo que conseguiu pensar era que ele agora parecia meio bobo parado ali, cheio de sacolas e com as costas da mão toda suja de batom. E a bolsa minúscula e rosa pendurada em seu ombro não ajudava nem um pouco na situação.

Emília saiu da loja, feliz e saltitante como sempre. Entregou a sacola preto e branco para ele e conferiu o celular. Eram quase 20h.

— Ah, meu pai acabou de me mandar mensagem! — exclamou. — Disse que já estão estacionando no shopping.

— Hm... — Gustavo sentiu seu coração acelerar. Ainda não estava certo de que aquele plano esquisito fosse convencer seu pai.

— Vou ao banheiro retocar minha maquiagem — ela disse. — Falei pra eles nos encontrarem aqui em frente à *Sephora.* Fica esperando aí, ok? Eu já volto.

— Vai me deixar sozinho?

— Só um pouquinho, não se preocupa.

— Mi...

— É sério, não se preocupa. Agora é a fase mais importante do nosso plano.

Ele ficou sem entender de novo. Emília só sorriu e se esticou para lhe dar um selinho, como um gesto de apoio. Depois foi em direção ao banheiro, mas não levou a bolsa. Gustavo ficou se perguntando como ela ia retocar alguma coisa se não estava levando maquiagem nenhuma.

E lá estava ele como um bobo novamente, parado e nervoso, como se estivesse esperando pela própria execução. Resolveu mexer no celular para passar o tempo, conferindo seu e-mail. Acabou se distraindo com a resposta de um colaborador dos EUA, que pedia as imagens de seus

últimos resultados de imuno-histoquímica. Ocupou-se ao mandar o que o colega queria, então mal percebeu seu pai e seu sogro se aproximando. Só se deu conta quando ouviu as vozes dos dois, conversando baixo. Eles estavam vindo por trás.

— Tem certeza de que é o Gustavo? — Ouviu seu pai dizer.

— Não tá reconhecendo seu próprio filho? — Lineu disse.

— Ele... Tem algo diferente. Não sei o que é.

— A camisa. Ele não costuma usar muitas cores. Tipo você.

— Ah.

Gustavo se virou e encontrou seu pai ao lado de Lineu, cada um com uma expressão diferente. Murilo estava com o rosto todo franzido, os olhos presos nas sacolas e na bolsinha minúscula de Emília em seu ombro. Já Lineu estava sorrindo para ele, simpático como sempre.

— Oi, Guto! Ótimo te encontrar hoje! — ele falou. — Já peço desculpas pelo seu pai, ele inventou isso e acabou me arrastando nessa!

— Ah, Sr. Park. É ótimo ver o senhor... — Gustavo murmurou, ainda atento às ações de Murilo. — Oi, pai. Também é bom te ver.

— O que é isso na sua mão? — Murilo apontou para as marcas de batom.

— Ah, a Emília... — Gustavo teve que respirar fundo antes de responder. — Ela estava testando as cores do batom que queria comprar na minha mão.

Murilo franziu ainda mais o rosto. Lineu deu uma risadinha, alegre.

— Que fofo! — exclamou. — Vocês estão se dando bem de verdade, né, Guto? Fico tão feliz!

— É... — Gustavo acenou com a cabeça, aliviado pelas palavras do sogro. — Sim, estamos muito bem!

— Hm... — Murilo só semicerrou os olhos. Ainda não parecia muito convencido.

— Papai! Sogrinho! — Todos escutaram a voz de Emília.

Ela veio correndo para cumprimentá-los. Deu um beijo na bochecha dos dois, carinhosa. Em seguida, foi até Gustavo e entrelaçou seus dedos com os dele, sorrindo. Murilo ainda estava com uma expressão desconfiada no rosto.

— Estão combinando! — Lineu constatou. — Você está linda, Mimi! Está radiante!

— Ah, obrigada!

Ela se virou para Murilo.

— Sogrinho, peço perdão por ter marcado esse jantar no shopping! — falou. — É que eu e o Guto já tínhamos combinado e eu queria *muito* vir! A gente nem tá tão bem vestido, acho que o senhor queria algo mais formal, né?

Murilo pigarreou, sem jeito.

— Problema algum, Mimi — murmurou. — Eu que peço desculpas pelo incômodo, mas achei que seria apropriado um jantar para que eu e Lineu estejamos a par da situação do relacionamento de vocês.

— Ele quer fofocar sobre vocês dois — Lineu o entregou. — Só fala disso, está triste por vocês nos deixarem de fora.

— Lineu!

— É verdade. Sua secretária me disse que todo dia você chega reclamando, porque seu filho ainda não te apresentou à namorada formalmente. Sendo que você conhece a Mimi desde que ela nasceu.

— São ritos e formalidades importantes... — Ele pigarreou de novo.

— Meu sogro é certinho demais — Emília disse. — O Guto puxou muito o senhor, vocês são iguaizinhos!

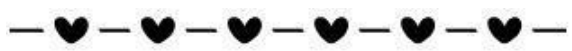
Pai e filho fizeram uma careta exatamente igual, ambos consternados.

— Bem, vamos jantar? — Lineu bateu uma palma para chamar a atenção de todos. — O Murilo está impaciente pra saber o que vocês dois andam aprontando!

— Pelo amor de Deus, Lineu…

Os dois saíram na frente, Murilo ainda reclamando das implicâncias de Lineu. Emília e Gustavo se entreolharam e ela sorriu para ele, um sorriso de pura cumplicidade.

Depois, só o conduziu pelo caminho, sempre de mãos dadas.



Gustavo ainda não tinha chegado à conclusão se aquele jantar estava dando certo ou não. Só ficou observando Emília conversar com seu pai e Lineu, os dois sentados bem à frente. Murilo não tirava os olhos dele, procurando algum indício de que tudo aquilo era uma farsa. Qualquer um acharia um exagero, mas Gustavo não estava mentindo quando dizia que tinha curtido demais em seus vinte anos. Seu pai já tinha o encontrado em algumas situações constrangedoras e ele até entendia o ceticismo. Afinal, como ele mesmo dissera, era uma união esperada há quatro gerações.

Não ia sobrar nada dele quando Emília terminasse tudo no *Chuseok.* Mesmo com toda aquela história de colocar a culpa nela, o pai de Gustavo nunca o perdoaria.

Onde ele tinha se metido? A situação ficava cada vez mais complicada de sair.

— O Guto sempre faz meu café da manhã quando tenho que ir cedo pra UFF — Emília estava explicando a rotina dos dois. — Às vezes até quando só ele precisa ir cedo. Às vezes ele só entra, prepara tudo e deixa lá pra eu comer quando acordar. Um fofo, né? Ele sabe que odeio cozinhar.

— O Guto é um ótimo cozinheiro, aprendeu tudo com a avó! — Lineu complementou. Ele não perdia uma

oportunidade sequer de elogiar o genro. — Que sorte você tem agora, Mimi. Fico sempre preocupado pensando se você está se alimentando direitinho.

Todos olharam para Gustavo. Ele pigarreou pela milésima vez e encarou um ponto ao longe, tímido.

— Não me incomodo em cozinhar… — falou baixo.

— Você fica entrando no apartamento da Emília quando quer? — Murilo perguntou, suas sobrancelhas torcidas como sempre. — Tem a chave?

— É senha — Emília afirmou. — Tenho fechadura eletrônica.

— Certo. Você tem a senha da casa dela? Fica entrando e saindo quando quer?

— Ahn… — Gustavo começou a ficar pálido.

— Sogrinho. — Emília sorriu para ele. — Eu e o Guto somos adultos e estamos namorando. Por favor, não fale como se fosse um crime meu namorado me visitar de vez em quando.

O sangue de Gustavo gelou. Aquele era um jeito bastante ríspido para se falar com Murilo Choi. Espiou o pai de rabo de olho, esperando a bronca catastrófica que viria, o discurso de que ele estava profanando a filha de seu melhor amigo.

No entanto, ele só assistiu o pai pigarrear como ele, desviando o olhar.

— Perdão, Mimi — ele disse. — É que fico preocupado…

— Eu sei, sogrinho. Só fico com medo do Guto se sobrecarregar com coisas comuns, sabe? Ele leva tudo a sério, às vezes até demais. Vivo falando que ele precisa relaxar e curtir. Senão vai ser ruim pra nós dois.

— É verdade. Você… Você está certa, Mimi. O que menos quero é que se sintam sobrecarregados e briguem por causa disso. Peço desculpas novamente.

O mundo tinha acabado? Ou Gustavo estava tendo uma alucinação? Emília Park tinha acabado de dobrar o grande e indomável Dr. Murilo Choi?

O primeiro embate passou e Emília estava com a vantagem. Quando a comida chegou, Lineu engatou em uma conversa com o genro.

— E como anda seu doutorado, Guto? — perguntou. — É seu último ano, né?

— Sim. E tudo está nos conformes, meu plano é defender em dezembro.

— Entendi. E o que planeja fazer depois de defender?

— Hm, estou estudando pra alguns concursos. Também há a possibilidade de um pós-doutorado fora do país, ainda não me decidi.

Seu pai se engasgou com a comida.

— Está planejando sair do país ano que vem? — fez o questionamento.

— Ahn… disse que ainda estou pensando.

— E como fica seu relacionamento com a Emília? Ela ainda está no meio do mestrado.

Gustavo ficou pálido de novo. Tinha cometido um erro, tinha falado bobagem. Seria difícil despistá-lo naquele momento.

— Eu provavelmente iria com ele — Emília falou de súbito. Ele quase tinha se esquecido de que ela estava bem ao seu lado. — Não teria problema algum, posso fazer meu doutorado fora também.

— Mas e as bisavós, o casamento? Vocês não podem só ir pra fora e…

— Sogrinho… — Emília cantarolou para ele. Não parecia nada nervosa. Na verdade, parecia mais estar se divertindo. — Lembra da história de sobrecarregar a gente? E o Guto falou que ainda está pensando. Ele ainda nem defendeu o doutorado, então não precisamos ter pressa, tudo bem?

— Ah, é mesmo. — Murilo se ajeitou na cadeira. — Desculpa, Mimi. Acho que estou mesmo ansioso com tudo isso.

— Não precisa se desculpar! É tão fofo o quanto o senhor torce pela gente, sogrinho! Entendo que esteja

preocupado. O Guto é igualzinho, vive se preocupando com cada detalhe! Vocês são mesmo muito parecidos.

Lineu segurou uma risada. Murilo grunhiu algo inaudível e voltou a comer em silêncio.

— Sr. Park, fiquei sabendo do artigo que publicou mês passado — Gustavo comentou, ainda um pouco envergonhado. — Pelo que entendi, há grandes chances do senhor ser premiado. Parabéns, li o artigo, é realmente muito bom.

— Obrigado, Guto! — Lineu abriu um sorrisão. — E, por favor, vamos parar com as formalidades! Você é meu genro agora, pode me chamar de Lineu.

— Ah, sim… Tudo bem, então, Lineu.

— Extremamente inapropriado! — Murilo afirmou, exasperado. — Mesmo sendo o Lineu, é seu sogro e você não pode só…

— *Sogrinho* — Emília interveio novamente. — Se for assim, tenho que parar de te chamar de “sogrinho”? Porque se o Guto precisa ser formal, eu preciso ser também, né?

— Eu… — De repente, Murilo não estava mais tão certo daquilo.

— O que acha, Sr. Choi? Acho que assim é melhor.

Todos ficaram em silêncio. Gustavo prendeu a respiração.

— Não, eu… — Murilo murmurou. — Pode continuar a me chamar casualmente, Mimi. É estranho que me chame de Sr. Choi.

— É um pouco frio e distante, né? — Lineu o provocou. — Pareceria que você mal conhece a Mimi.

— É… acho que sim.

— Então é o mesmo pra mim. Pode falar casualmente comigo, Guto. Será um prazer.

Murilo resmungou mais alguma coisa. O certo seria Gustavo agradecer a gentileza de seu sogro, mas ele mal conseguia se segurar no momento.

Olhou para Emília. Ela estava com um sorrisinho bobo no rosto, os olhos um pouco arregalados, de novo aquela cumplicidade que começava a crescer entre eles. Foi aí que ele não aguentou mais.

Gustavo teve que dar uma risadinha. Pegou um guardanapo e levou até a boca para esconder o fato de que estava prestes a cair na gargalhada. Mas a cena de seu pai aceitando todos os absurdos da nora era hilária.

Murilo o observou segurar o riso. Depois assistiu Emília segurar a mão do namorado, fazendo um carinho gentil, um gesto de apoio quase imperceptível. Limpou a garganta, levantando-se.

— Vou fumar — disse. — Pode me acompanhar, filho? Quero conversar com você.

— Não acredito que ainda está fumando, sogrinho! — Emília exclamou. — Minha sogra tinha dito que o senhor tinha parado.

— Eu... Estou no processo — Murilo admitiu, sentindo-se culpado. — Vem comigo, Gustavo.

Ele obedeceu. Deixou pai e filha na mesa conversando e seguiu seu pai até a área de fumantes mais afastada do restaurante, perto da janela que dava para a vista do centro de Niterói.

— O senhor não tinha mesmo parado de fumar? — perguntou.

— Parei. Quer dizer, estou no processo. — Murilo torceu os lábios. Depois pegou o maço de cigarro do bolso. Não acendeu, só ficou com o cigarro e o isqueiro nas mãos. — Era mais uma desculpa pra conversar com você a sós.

Lá vem, Gustavo pensou. Por certo, ele não queria mais ser interrompido por Emília e agora daria sua bronca quilométrica de que o filho não levava nada a sério.

— Você... — Murilo começou. — É sério mesmo, né, filho?

— Hein?

— Você e a Mimi... Não estava acreditando até agora, mas... Realmente estão namorando.

— Já estamos namorando há meses, pai. — Gustavo franziu o cenho.

— Eu sei, é que eu achava que vocês tinham feito besteira e estavam fingindo algo só pra postergar o problema.

Gustavo se engasgou com o ar. Era incrível como seu pai e Lineu tinham um sexto sentido sobrenatural com aquele tipo de coisa.

— Ah... — Ele nem sabia o que dizer novamente.

— Mas vendo vocês dois agora, acho que deu pra sentir que é sério. Não sei, o Lineu vive dizendo que sou "emocionado" demais com essas coisas. — Fez aspas com os dedos. — Ele fica usando essas gírias de jovem só pra me atormentar. Só aceito porque ele é mais velho que eu.

Gustavo sentiu vontade de rir de novo. Aquele era um lado que ele pouco via de seu pai: o amigo mais novo de Lineu, quase seu irmãozinho. Hierarquias de idade eram importantes na cultura coreana e Murilo levava aquilo muito a sério, então acabava fazendo tudo que o melhor amigo queria e sempre escutava seus conselhos. Talvez Lineu fosse uma das pessoas que mais admirava em sua vida.

Era por isso também que ele queria que Gustavo levasse o namoro a sério. Lineu era uma pessoa muito querida, além do relacionamento entre as famílias, então era natural que ele se preocupasse com o tratamento da única filha do melhor amigo.

— O que quero dizer é que fiquei satisfeito com vocês dois. — Murilo suspirou. Também parecia desconfortável com aquela conversa. — E sabendo disso agora... Bem, farei o que minha nora pediu e tentarei não sobrecarregar vocês. Mas saiba que ainda ficarei um pouco de olho, você já foi muito inconsequente no passado, sinto dizer.

— Eu sei. — Foi a vez dele mesmo suspirar. Seu histórico era meio ruim mesmo, principalmente no início da

faculdade.

Quantas vezes seu pai teve que buscá-lo em uma festa suspeita porque Gustavo estava bêbado demais para dirigir? Sua juventude não tinha sido nada tranquila, ele entendia o pai de certa forma.

— Mas estou feliz, filho. De verdade — Murilo disse. — Feliz pela união e feliz por você estar feliz também. Sei que sou um pouco duro com você, mas quero que saiba que me traz extrema alegria te ver tão feliz.

— Ah... Não sabia que eu parecia tão feliz assim... — Gustavo murmurou, envergonhado.

Afinal, ele não era conhecido por ser alguém que carregava a palavra “tão” junto com seus adjetivos. Tão feliz, tão apaixonado, tão... *tudo.* Gustavo era uma pessoa comedida, seus sentimentos sempre ficavam na média. Por isso, era estranho que as pessoas o percebessem daquela forma.

Mas era verdade, não era? Sentir-se tão bem ao lado de Emília, ficar confortável, sentir-se protegido por ela. Era uma coisa boba, mas ela saber lidar perfeitamente com seu pai lhe trazia alívio na ansiedade que sempre sentia para impressionar a família. O jeito descontraído de Emília o protegia dos excessos que surgiam das expectativas familiares.

Não era isso que ele sempre quis? Seria difícil explicar a dinâmica que ele tinha com seus parentes para alguém muito distante, o peso que era ser um Choi. Quem melhor o entenderia fora da família sem ser uma Park? Quem entenderia o peso da amizade das bisavós, da amizade entre Lineu e Murilo, dos seus costumes coreanos e brasileiros? Quem mais o entenderia daquele jeito além de Emília Park?

— Parece sim — Murilo afirmou. — Acho que nunca te vi dessa forma. É interessante. Presumo que as coisas estejam bem entre você e a Mimi então, não é?

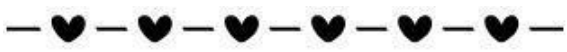
Gustavo ficou vermelho com a declaração do pai. Murilo teve que se segurar para não sorrir. Também não era do feitio dele demonstrar emoções.

— Desculpe, estou me intrometendo de novo… — falou.

— Não, tudo bem. Eu só… — Olhou para Emília conversando na mesa com o pai. Um calor ameno começou a impregnar seu coração por inteiro. — Sim, está tudo bem entre a gente.

Sem conseguir segurar mais, Gustavo só sorriu.

— Está tudo… *ótimo.*



— Querido, estimado, maravilhoso, amável e lindo namorado de mentira. Viu só? Falei que tudo daria certo! — Emília se gabou, seu sorriso de vitória quase iluminando o corredor dos apartamentos. — Sou incrível ou não sou?

Gustavo deu uma risada, revirando os olhos. Estava rindo desde que se despediram dos pais, ficaram tagarelando no carro durante todo o trajeto, comentando sobre as reações de Murilo. Agora estavam prestes a se despedir em mais uma noite. Ele ainda carregava todas as coisas dela, mas não parecia mais se importar com isso.

— Você é — ele admitiu. — Seus métodos são questionáveis, mas você é mesmo infalível.

— É o método certificado da Besourinha do Amor. Uma ciência exata e eficaz. Quem sabe agora você começa a acreditar nos meus planos mirabolantes?

— Não, aquele foi o método Sra. Emília Park-Choi, nora da família Choi, a única que consegue colocar o temível Dr. Murilo Choi no lugar dele além da minha mãe.

Emília ficou um pouco vermelha ao ser chamada de “Sra. Emília Park-Choi.” Parecia uma realidade muito distante, mas muito deliciosa de se imaginar ao mesmo tempo.

— Bem, eu... — gaguejou, seu coração acelerado e suas palmas começando a suar. — Só fiz meu trabalho. Realmente quero que tudo dê certo pra você no final.

O silêncio tomou o ambiente. Falar sobre o fim do namoro falso começava a trazer uma sensação estranha para os dois.

— Melhor eu ir. — Ela quebrou o silêncio, cada vez mais nervosa. — Que pena que gastei minha desculpa da gripe à toa, mas pelo menos ganhei o *samgyetang* da sua avó. É isso que me consola. Pode me dar as bolsas, eu vou...

Gustavo ficou parado no mesmo lugar, sem mexer um músculo. E estava com aquele olhar de novo, os olhos escuros e misteriosos que deixavam todas as borboletas no estômago de Emília em polvorosa.

— Me mostra as coisas que comprou — ele sugeriu.

— Hein?

— Você comprou tanta coisa, fiquei curioso.

— Ah, tudo bem... Quer ir na minha casa, então? A gente pode...

— Não. Vem na minha. Podemos ficar lá. Acho que vai ser mais confortável.

O rosto de Emília virou uma brasa-viva. Do jeito que estava falando, parecia que Gustavo queria fazer tudo, menos ver as coisas que ela comprara no shopping.

— Só se você quiser, claro — ele complementou. — Se estiver muito cansada, a gente pode...

— Não! Não estou nada cansada. Vamos pra sua casa, comprei um monte de coisa, você vai amar!

E marchou até a porta dele, suas pernas tremendo pela expectativa que estava sendo criada ali. Gustavo riu mais um pouquinho e a seguiu. Digitou a senha e abriu a porta, deixando que ela entrasse primeiro.

Ficou a observando entrar, também um pouco nervoso. E cada vez mais certo. Cada segundo que passava só lhe trazia certezas.

Lutando contra as batidas desenfreadas de seu coração, ele entrou e fechou a porta.



“Estamos indo à loucura
Eu sou a garota travessa
Que roubou seu coração”
Now Playing: Naughty
IRENE & SEULGI

— Comprei isso aqui pra você na *Sephora.* — Emília estendeu uma caixinha retirada da sacola preto e branco e mostrou para ele. Estava escrito *Calvin Klein Eternity For Men.* — A gente vive falando que nossa história começou comigo criticando o seu perfume, mas você não trocou o que usa até agora.

— Ah, é mesmo, faz sentido. Obrigado, vou usar — ele comentou. Recostou-se no sofá e abriu a caixinha, curioso. Espirrou um pouco do perfume no dorso da mão. — É realmente cheiroso.

— Espera, passa direito... — Ela pegou o frasco e espirrou no pescoço dele. Abanou para sair o álcool, deixando só a fragrância. — Deixa eu sentir.

Emília estava sentada bem ao lado dele, então só aproximou o rosto de seu pescoço. No entanto, o gesto não pareceu tão inocente assim, já que ela passou os dedos pelo pescoço de Gustavo para ficarem ainda mais próximos. Ele estremeceu com o movimento.

O simples toque da respiração dela já o deixava no limite. Espremeu os lábios, mirando o teto, na tentativa de

não se importar tanto com aquela aproximação. Mas ele devia saber que Emília era diabólica e que o mordiscaria bem ali, dentes roçando em sua pele quente.

— Mi… — gemeu.

Contudo, ela se afastou daquela vez. Só sorriu para ele, seus olhos travessos brilhando por divertimento. Endireitou-se no sofá e buscou outra sacola.

— Comprei coisas demais, você vai ficar entediado… — Fez manha. — Vou te mostrar só as coisas mais importantes.

Colocou três caixinhas em cima da mesa de centro. Entregou uma para ele.

— Comprei gravatas pra você, pro meu pai e pro meu sogro — explicou. — Vou fazer um embrulho melhor pra eles, mas acho que já posso entregar a sua, né?

— Ah, obrigado… — Abriu a caixinha, conferindo a gravata azul-marinho, simples e sofisticada.

Emília retirou a caixa das mãos dele para mostrar a gravata aberta.

— Pro seu pai e pro meu, escolhi gravatas de linho — disse. — Mas comprei uma de algodão pra você, já que não precisa ser tão formal, mas ainda assim é elegante.

— Entende de gravatas também? — Gustavo indagou, deixando que ela colocasse a peça em seu pescoço e desse o nó.

— Claro, meu pai sempre usa.

Ajustou a gravata, deixando na altura certa. Ultimamente, nenhum gesto de Emília era 100% inocente, então Gustavo engoliu em seco quando ela conferiu se a gravata estava muito apertada, passando os dedos por dentro.

Do mesmo jeito que ele tinha feito quando mostrou o nó para amarrar os pulsos para ela.

— Então você é boa com nós também — perguntou.

— Só os de gravata. — Ela riu. — E só sei o mais simples, algo mais elaborado já é fora do meu escopo.

— Hm...

Ela se afastou novamente. Gustavo respirou fundo, ansioso. Já estava meio excitado só com aquela brincadeirinha de ficarem se provocando.

— Só comprou coisas pra mim? — Fez outra pergunta. — Ainda não me mostrou nada do que comprou para si mesma.

— Estava esperando você fazer essa pergunta. — Mais um sorrisinho provocante. — Porque esse aqui comprei quase em segredo pra você não ver.

Escolheu uma sacolinha rosa e minúscula. Tirou de lá de dentro um embrulho em papel de seda, abrindo-o com cuidado.

Era uma gargantilha rosa de couro com um coração de metal prateado e vazado no centro, a cara dela.

— Gosta? — Ela colocou no próprio pescoço, fechando os botões de pressão. A gargantilha ficava bem justa nela. — É uma choker, mas achei que parece tanto...

Emília se calou de repente. Gustavo arqueou as sobrancelhas.

— Tanto? — Ficou curioso com o resto da frase.

— Com uma coleira. Parece uma coleirinha, não acha?

Mordiscou os lábios após falar isso, achando graça do fato de que ele tinha ficado um pouco vermelho. Gustavo só grunhiu, passando os dedos pelo rosto, e respirou fundo. Vê-la usando aquilo acabava aflorando sua imaginação para caminhos que ele não devia ir.

Como Emília usando só aquela coleirinha. Só, não precisava de mais nada.

— Guto... — Ela se aproximou um pouco mais, colocando as mãos sobre o peito dele. — Não gostou? Comprei pensando em você...

Em um movimento rápido, montou nele. Passou os braços por seu pescoço, iniciando um beijo intenso. A força de vontade de Gustavo já tinha evaporado pelos ares, então

ele só a enlaçou com força, uma das mãos apertando sua cintura enquanto a outra a segurava pela nuca.

— Me fala se você gostou, Guto... — ela pediu, afastando o rosto para falar. — Quero muito saber.

Gustavo fitou a gargantilha mais uma vez. A ponta de seus dedos tocou o coração de metal, enganchando. Emília arfou com o movimento, ansiosa.

— É linda — ele concluiu. — Mas essa aí não serve como coleira.

— Por que não?

— Porque se eu puxar... — Ele puxou. A gargantilha se abriu com facilidade. — Ela abre, viu? E a coleira que você quer não é feita pra se soltar.

— É feita pra que, então? — conseguiu perguntar, sua voz tremendo quando a mão dele tomou o lugar da choker. Era grande o suficiente para se fechar por inteiro em seu pescoço.

— É feita pra enforcar — Gustavo declarou. Seus dedos apertaram a pele macia e sensível. Só um pouco de pressão. — Pra te transformar na minha putinha bem comportada. Entende isso, não é?

Meu Deus do Céu. Emília ficou molhada só de ouvir aquela frase. A forma como a palavra “putinha” havia escapado dos lábios dele era extremamente deliciosa.

— Entende isso, princesa? — ele perguntou de novo. — Porque você precisa entender muito bem pra continuar. Não pode acabar desconfortável ou assustada porque não entendeu tudo.

— Não vou ficar! — respondeu rápido, embora sua voz tenha tremido pela expectativa. — E-eu... eu entendo sim, perfeitamente.

— É mesmo? — Ele a soltou, seus olhos presos nos dela. Suas mãos desceram as mangas bufantes do vestido de Emília, junto com a alça do sutiã, descobrindo seus seios. — E agora que entendeu, o que acha disso tudo? Gosta, está curiosa? O que quer fazer?

Beliscou um dos mamilos dela, o bastante para que trouxesse um pouco de dor. Emília gemeu e choramingou, reagindo ao toque.

— Ai…

— É muito pra você? — Beliscou o outro. — Doer um pouquinho? O que acha da ideia de ficar toda marcada? Nunca fez isso antes, talvez você fique com medo…

— Eu gosto, é bom…

— Hm…

Gustavo parou de falar, inclinando o rosto para mordiscar os mamilos já inchados. Mordeu a carne ao redor com força considerável, deixando pequenas marcas de seus dentes.

— Você precisa de uma palavra de segurança — voltou a falar. — Sei que disse que não vai ficar assustada…

— Mas eu não vou…

— É pra você ficar segura, princesa. — Ele guardou uma mecha de cabelo rosa atrás de sua orelha, um carinho reconfortante. — É só uma palavra, nada demais. Pode ficar muito intenso e tudo bem querer parar. É sua primeira vez.

Emília mordiscou os lábios, afoita. Realmente ia acontecer.

— Que tipo de palavra? — perguntou.

— Uma que seja totalmente fora de contexto.

— Hm… luciferase.

Gustavo soltou uma risada espontânea.

— Meu Deus. Não faz parte da sua dissertação de mestrado?

— Sim, foi o que veio na minha cabeça. Nunca falaria sobre isso em momentos como esse, então pode apostar que serve.

— Tem certeza?

— Sim. Luciferase será.

Ele riu mais um pouco, seu corpo se mexendo embaixo dela, se ajeitando de uma maneira confortável.

— Outro ponto — disse. Largou o cabelo dela para fazer um carinho em seus ombros, o polegar fazendo pequenos círculos em sua pele. — Preciso saber quais são seus limites. O que não quer que aconteça de jeito nenhum? O que é proibido pra você?

Emília parou para pensar por um momento. Desde que toda aquela história de amarrações e coisas mais selvagens surgiu, ela pensava que não havia limites para sua curiosidade. Queria fazer tudo com ele.

— Pensa bem, qualquer coisa que te deixe desconfortável — ele continuou.

— Hm, não rasga minhas roupas — disse um pouco incerta. — Gosto muito delas, todas são especiais e... Nada de estourar botões ou coisas assim.

— Certo. O que mais?

— Isso vale pra lingerie também, ok? São caras.

— Anotado. — Gustavo sorriu de lado. — Mais o quê?

— Hm... Acho que mais nada. Tenho a mente bem aberta, é só pedir com jeitinho.

Gustavo respirou fundo. Aquela imagem dela... Ter Emília tão desinibida e à vontade acelerava seu coração de uma forma descomunal.

— Mais nada? Aceita fazer tudo? — conseguiu dizer.

— Talvez não aquelas coisas super pesadas, mas uns tapas, me amarrar... Não conheço muita coisa, então a gente pode começar com o básico — ela concluiu. — Sei que, apesar de tudo, você vai ser bastante respeitoso.

Mais um sorriso dele. Dessa vez, havia um ar indomável em Gustavo que arrepiava cada célula do corpo de Emília. Suas mãos escorregaram até suas coxas, subindo por dentro da saia do vestido. Uma delas afastou o gancho da calcinha enquanto a outra começou com carícias leves no clitóris. Emília gemeu e suspirou, mexendo-se ao redor de seus dedos.

— Última coisa, princesa... — ele murmurou. Fez mais pressão e ela arfou, sedenta. — Você já começou a aprender

isso, mas quero deixar tudo bem claro. Então olha pra mim enquanto falo com você.

Emília obedeceu, direcionando seus olhos turvos de prazer até ele, oscilando com o quadril para ir mais rápido. Quando ele a sentiu começar a pulsar, parou de súbito.

— Guto… — ela choramingou. — Por favor…

Sem se afetar com as reclamações, Gustavo a segurou pela nuca, fechando o punho em seu cabelo. Emília só arregalou os olhos e arquejou, surpresa com a brutalidade.

— Hoje você é minha putinha — ele declarou. — Tudo em você é meu e eu sou seu dono, entendeu? Seu corpo é meu, seus orgasmos são meus. Então não adianta ficar pedindo “por favor” ou implorando. Você só goza quando eu mandar. Estamos entendidos? Senão vai ser punida.

Ela fez um beicinho. Gustavo estalou a língua e puxou mais o cabelo dela, suas bocas terrivelmente próximas.

— Você entendeu? — perguntou de novo.

— Eu… eu entendi — Emília engoliu em seco, na expectativa.

— Ótimo. Então tira a roupa — ordenou.

Ela se levantou para obedecê-lo. Tirou com cuidado o vestido e as peças íntimas, ficando completamente nua na frente dele, o cabelo rosa caindo sobre os seios. Gustavo se levantou em seguida, ficando de frente para Emília, e usou uma das mãos para segurar seu queixo, inclinando o rosto dela em sua direção.

— Você é tão linda… — ele murmurou. Tinha sido tão baixo que foi quase como se um pensamento tivesse escapado de sua mente. — Tem me deixado tão…

— Tão? — Emília perguntou, mas não estava sorrindo. Seus olhos brilhavam e ela parecia hipnotizada pela expressão de Gustavo, mais uma vez diferente de como sempre era. Era como assistir os últimos resquícios de seu autocontrole.

— Tão… Alucinado. Porra, você tem me deixado louco…

Roubou um beijo dela, seu coração acelerado como nunca antes, já perdido entre tantas ideias de coisas que queria fazer com ela, um desejo crescente de só se entregar àquele sentimento e deixar fluir como deveria ser.

Mas era a primeira vez de Emília e ele queria fazer todas as vontades de sua namorada falsa. Queria que ela nunca se esquecesse daquele momento, independente do futuro que teriam.

— Senta no sofá — mandou, afastando-se.

Sem contestações, Emília voltou para o sofá, atenta à movimentação de Gustavo. Ele foi até a poltrona mais próxima, sentando-se também. Abriu as pernas e juntou as mãos sobre a barriga, entrelaçando os dedos enquanto se recostava.

— Quero que se toque pra mim — falou, seus olhos presos nela. — Do jeito que estava fazendo quando entrei no seu apartamento aquele dia, lembra? Você disse que estava pensando em mim na hora, não é?

— É...

— Como estava fazendo? Com um brinquedo, só com os dedos?

— Com os dedos... — ela murmurou. Abriu um pouco as pernas, passando os dedos pela boceta já molhada, seus dedos brilhando pela umidade que se acumulava ali.

— Gosta de se masturbar assim, com os dedos? — Gustavo respirou fundo, atento à movimentação dela. Amava o fato de que ela já tinha começado a se tocar, sem inibição, seguindo seu comando.

— Depende. — Ela riu. Começou a fazer círculos pequenos sobre o clitóris, sem cortar contato visual — Quando não estou com pressa.

— Não estava com pressa enquanto pensava em mim?

— Não... Eu queria aproveitar ao máximo. Não queria... que acabasse rápido.

Emília abriu mais as pernas, inserindo dois dedos de uma vez. Jogou a cabeça para trás, ofegante, e apertou o

seio esquerdo, brincando com o mamilo. Gustavo assistir tudo lhe trazia ondas de vertigem, então era difícil controlar seu corpo para tudo não explodir de uma vez só.

— Olha pra mim — ele exigiu, sua voz baixa e rouca.

Emília obedeceu, esticando o pescoço para observá-lo. A cena a atingiu de imediato, deixando-a no limite.

Gustavo ainda estava recostado na poltrona, mas as mãos tinham mudado de posição. Uma ainda estava perto da barriga, os dedos perto do cinto e do cós da calça. A outra tinha se fechado ao redor do membro marcado, movimentos suaves de vai e vem por cima do tecido da calça, um reflexo dos dedos dela. Suas sobrancelhas estavam franzidas como sempre, o olhar percorrendo cada centímetro de sua pele, indo e voltando para os dedos dela, pupilas escurecendo quando notava seus espasmos.

— Ah, *merda...* — xingou e gemeu, acelerando. Fechou os olhos para se concentrar melhor. — Guto…

— O que eu disse pra você?

— Você disse… — Era até difícil se lembrar de tudo que ele dissera. — Que eu só posso gozar quando você deixar.

Gustavo se levantou, incapaz de continuar tão longe. Deu passos longos até Emília, aproximando-se o suficiente para que ficassem cara a cara. Curvou o corpo, apoiando os braços no encosto do sofá, ao redor dela.

— E o que vai fazer sobre isso? — murmurou. Emília ainda não tinha parado, não conseguia parar. — Vai ser obediente ou quer ser punida?

— Quero ser punida… — ela falou tão baixo quanto ele, reabrindo os olhos e encontrando Gustavo tão próximo que seus lábios estavam quase se tocavam.

Em um movimento suave, ele a segurou pela garganta, seus dedos se fechando e apertando, sem tirar os olhos dela. Ainda assim, Emília não parou, abrindo a boca para respirar e gemer, sua mente leve pela falta de ar.

Continuou se tocando até chegar ao ápice, um sorriso provocante brotando no canto de seus lábios. Gustavo

estava com uma expressão de que queria devorá-la por inteiro, saboreando os gemidos dela.

— Tudo bem então, princesa... — Ele também sorriu. Soltou o pescoço dela para afrouxar a gravata. — Temos a noite inteira pra te transformar na minha putinha comportada, pra que ter pressa? Uma hora você vai aprender.

Após essa frase, Gustavo a beijou com força, seus dentes mordiscando os lábios dela. Conseguiu retirar a gravata no meio do processo, afastando-se para segurar os pulsos de Emília com uma mão só. Quando os esticou, passou a gravata da mesma forma que fizera da primeira vez que mostrara o nó para ela, juntando seus braços e apertando. Ela ficou aturdida com a ação, excitada ao ver seus pulsos presos com a gravata que tinha sido um presente seu. No entanto, Emília mal teve tempo de pensar naquilo direito.

Porque ele a colocou sobre o ombro e se levantou com ela, segurando suas pernas para que não caísse.

— Guto! — Soltou um gritinho esganiçado. Tentou se segurar da melhor forma, mas era difícil com os pulsos amarrados.

Ele a levou nas costas até o quarto, como se aquilo não significasse nada.

— Não quer ser punida? — perguntou, dando um tapinha leve em sua bunda. — Então vai ser.

Jogou Emília na cama espaçosa, sem qualquer cerimônia. Ela acabou deitada de barriga para cima, os braços presos e um olhar confuso, mas ainda com um sorriso no rosto. Assistiu seu namorado de mentira retirar a camisa, desabotoando-a com toda a calma do mundo. Emília, por outro lado, respirava fundo para conter sua animação, seu coração em total descompasso ao vê-lo lindo daquele jeito.

Gustavo a virou de bruços, colocando travesseiros embaixo de seu ventre para que Emília ficasse confortável e

empinada. Depois tirou o cinto, segurando-a pela gravata que a prendia. Emília levantou a cabeça para vê-lo amarrando seus braços na cabeceira da cama com o cinto, usando o nó da gravata de apoio.

— Guto... — choramingou, roçando uma perna na outra.

— Confortável? Não quero que se machuque, então se estiver doendo ou machucando, me diz. De verdade.

Ela testou os nós que a seguravam. Daquele jeito, não conseguiria mexer os braços, então o resto de seu corpo estava todo exposto para ele, para que Gustavo fizesse o que bem entendesse.

— Não está machucando... — falou.

— Ficou assustada?

— Não... — Muito pelo contrário, Emília tinha ficado ainda mais excitada ao se ver daquele jeito.

Meu Deus, eu sou mesmo uma safada, conseguiu pensar, segurando uma risada.

Ele não disse mais nada, só voltou até a beirada da cama para admirá-la presa daquele jeito. Por causa da posição, Emília não conseguia enxergá-lo direito, então só sentiu sua aproximação por trás, as coxas de Gustavo enganchando nas suas, fazendo que ela ficasse mais aberta. Depois sentiu os dedos dele acariciarem sua entrada, inserindo-os em seguida.

— *Ah,* merda... — ela xingou de novo. — Guto, eu vou gozar de novo...

— Já? Só a perspectiva de ser punida já te deixou no limite? Parece até que ama enlouquecer seu namorado até ter que sofrer as consequências.

Gustavo acelerou o ritmo da mão e Emília viu estrelas, sem ter forças para sequer responder. Fincou as unhas nas palmas das mãos, excitada, ansiosa, prestes a derreter.

No entanto, ele parou bruscamente. E lhe deu um tapa forte na bunda.

— Ai, não… continua, por favor… — implorou. Virou um pouco a cabeça para enxergá-lo.

Ele estava sorrindo.

— Guto… — pediu com a voz manhosa de novo.

Outro tapa. Em seguida, Gustavo voltou a masturbá-la, dessa vez de forma vagarosa e suave, analisando o estado dela.

— Tsc… Você tá tão molhada, Mi. Gostou mesmo de apanhar, não é? — ele constatou. — Gosta de levar tapas, ser enforcada, que puxem seu cabelo… Que imagem inusitada da princesa Emília. Não tem vergonha de ser assim?

Ela ainda estava olhando para ele. Só mexeu a cabeça de um lado para o outro, negando.

Emília não tinha vergonha nenhuma, era um fato. E Gustavo estava amando cada segundo daquilo.

— Você é mesmo uma putinha malcriada… — Outro tapa. Depois a puxou pelo cabelo, fechando os dedos em sua cabeça. — Quanto tempo vou levar pra te adestrar, hein, Emília? Adoro um desafio.

Emília mordeu os lábios com força, lutando para se controlar. Mas Gustavo havia acelerado novamente, ela já estava por um fio.

Parou de novo. Frustrada, soltou um grunhido, seus dedos dos pés se contorcendo.

— Ah, por favor, por favor… — implorou novamente. Levou outro tapa, o que só fez com que ela desejasse ainda mais aquilo.

— Por favor, o quê? Você é tão comunicativa, tenho certeza de que consegue se expressar melhor.

— Por favor, me deixa gozar.

Ele lhe deu outro tapa. Emília choramingou, puxando os braços. Contudo, era inútil.

— Mas eu pedi por favor… — Fez manha.

— E quem disse que é isso que eu quero? Acho que você não me entendeu naquela hora. Falei que não

adiantava implorar ou pedir “por favor”. Quem manda aqui sou eu.

— Guto… Por favor…

Sentiu Gustavo se afastando. Ouviu seu namorado se levantar e caminhar até a mesa de cabeceira, abrindo a gaveta. Conseguiu enxergá-lo pegando uma camisinha.

Ele parou bem ao seu lado. Emília virou a cabeça de novo para assisti-lo tirar a calça e a cueca, completamente nu na frente dela pela primeira vez.

Meu Deus, esse homem vai me matar só de olhar pra ele, pensou, tentando permanecer imóvel. A sensação que tinha era que, se mexesse um músculo sequer, ela gozaria só com aquela imagem.

— Tsc, devia esconder melhor que quer tanto ser fodida assim, princesa — ele falou enquanto colocava a camisinha.

Gustavo se reposicionou como antes, com as pernas enganchadas na dela, deixando-a quase de quatro. Emília afundou o rosto nos travesseiros quando o sentiu usar a cabeça do pau para acariciá-la, o *piercing* se arrastando por ela.

— Guto, não dá… Não vou conseguir… *Por favor* — pediu de novo, seu corpo inteiro tremendo.

— Você consegue, sei que consegue. — Ele só deu uma risadinha. Segurou os quadris dela e a penetrou suavemente, a glande se inserindo devagar.

Emília prendeu o ar. Só aquele minúsculo movimento a deixou pulsando. Ele se retirou e ela respirou fundo, a única forma que tinha para controlar.

— Olha só… — Outra risada. — Alguém está começando a aprender, que bom.

Mais uma estocada, dessa vez ele foi mais fundo e permaneceu por mais tempo, oscilando devagar. Emília choramingou de novo e arfou, espasmos intensos tomando seu corpo inteiro.

Parou de novo, retirando-se mais uma vez. Gustavo também já se via no limite só com aquelas poucas

estocadas, o modo como Emília o aceitava por completo, mesmo sendo sua primeira vez. A imagem dela de quatro, encharcada, entregue, tremendo de prazer era uma que ele queria guardar para sempre em sua memória.

Emília nem implorou mais, sabia que não surtiria efeito algum. Só continuou choramingando abaixo dele, o rosto ainda escondido pelo travesseiro. Gustavo fez um carinho em suas costas.

— Como estamos? — perguntou, sua voz um pouco mais suave. — De novo, me avisa se estiver doendo. É sua primeira vez, tem que ser bom pra você também.

— Estamos... — Soltou um suspiro alto. — Estamos ótimos, nunca estive melhor. Eu só queria gozar mesmo.

Levou outro tapa. Contudo, dessa vez, Gustavo acabou rindo um pouco.

— Então acho que chegamos no ponto certo... — murmurou. — E uma putinha que se comporta merece uma recompensa, não acha?

Ela fez que sim com a cabeça, esperançosa.

— Tem certeza? — ele perguntou. — Não queria tanto ser punida? Talvez eu ainda possa pensar em mais alguma coisa...

— Quero uma recompensa porque me comportei... — choramingou.

— É? Por quê?

— Porque sou sua putinha... — ela falou de um jeito que o deixou todo arrepiado de prazer.

— Você é, não é? — Outro carinho em suas costas. — E se minha putinha merece, eu vou dar. O que quiser.

Segurou os quadris dela de novo. Emília soltou um gemidinho.

— Você vai deixar? — perguntou, ofegando quando ele a penetrou mais uma vez. — Eu posso? Por favor...

— É o que você mais quer? Gozar no pau do seu namorado?

Emília fez que sim com a cabeça de novo, seu corpo acompanhando os movimentos dele. Gustavo foi mais fundo e mais rápido.

— Então sou todo seu agora, princesa — arfou, suor escorrendo pela testa. — Quero te sentir gozando bem gostoso pra mim.

Como se fosse um feitiço, Emília atingiu o clímax naquela hora exata, embalada pelas estocadas fortes de Gustavo. O som de seus gemidos tomou o ambiente e ele jogou a cabeça para trás, fechando os olhos por um momento.

Porra, caralho, meu Deus... Meu Deus, foram os pensamentos que ele conseguiu formular, já perdido entre tudo que o acometia, aquele calor sem fim que o aquecia por completo, que deixava seu coração em brasa. Talvez essa fosse a sensação mais maravilhosa que já sentira na vida.

Emília estava com as pernas tremendo quando ele saiu dela de repente. Ficou sem entender, achando que seria punida de novo, mas Gustavo só se esticou para soltá-la. Primeiro desatou o nó do cinto, desprendendo-a da cama. A gravata foi solta com rapidez também, ele a jogou longe enquanto a girava para ficar de barriga para cima.

— Guto…? — Emília arqueou as sobrancelhas.

— Olha pra mim, por favor... — ele pediu, quase implorou, colocando-se acima dela, sua voz tão doce que parecia até estranho.

Era confuso, Gustavo tinha pedido para que ela olhasse para ele, mas a beijou com tanta força que Emília não teve outra escolha a não ser fechar os olhos, enlaçando-o pelo pescoço com os braços e pela cintura com as pernas.

Ele ergueu um pouco o corpo para direcionar o membro até sua entrada, unindo-os mais uma vez. Depois escondeu o rosto na dobra de seu pescoço, apertando-a um pouco mais, e começou a oscilar com o quadril, movimentos leves,

suaves, amorosos. Mas ainda que estivesse devagar, o corpo inteiro de Emília esquentou.

— Mi… — ele murmurou. — Isso é tão bom…

O tom de sua voz a deixou em um estado de pura vertigem. Era novo, incrível e assustador ao mesmo tempo, uma avalanche de emoções a acometendo de uma vez só.

— Guto, *ah*… — Deixou escapar, já próxima de se desfazer de novo. — Não para, por favor…

Dessa vez, ele foi quem obedeceu. Permaneceu no ritmo, entregue, apoiando-se nos cotovelos para se estabilizar melhor e olhá-la nos olhos. No entanto, ele gozou assim que seus olhares se encontraram mais uma vez, um olhar que ficaria para sempre preso em suas lembranças, não importava quanto tempo passasse.

Um olhar só seu, órbitas presas nas suas, aquela linha do amor que Emília tanto falava fazendo um nó naquele exato momento, unindo-os para sempre.

Por Deus, se Gustavo tivesse um único desejo naquele momento, seria ter Emília para sempre, transformá-la em seu único objetivo de vida, a razão pela qual tudo fazia sentido. Um sentimento cheio de “tão” e “muito”, gigantesco e infinito.

Emília gozou de novo, espremendo os olhos pela sensação forte. Gustavo achou que aquela deveria ser uma das imagens mais lindas que veria na vida. Emília Park nua e suada embaixo de si, com os cabelos rosa bagunçados e a cabeça arqueada para trás num orgasmo intenso que ele proporcionara. Ofegou para recuperar o ar e sua racionalidade, apoiando-se melhor para não esmagá-la.

Quando se viu mais calmo e controlado, só tombou para o lado, deitando-se ao lado dela enquanto encarava o teto. Emília fez o mesmo, fitando a luminária bonita do quarto de Gustavo. Depois deu uma risadinha.

— Você me amarrou com a gravata que eu te dei — comentou.

— Gostou? Achei que foi um toque especial. — Ele riu também.

— Porra, foi foda pra caralho! Nota dez pra você, namorado de mentirinha!

Ela se levantou para montar nele. Gustavo sentiu uma vontade imensa de continuar rindo por causa da carinha dela, o sorrisinho feliz e bobo.

— Machucou? — Segurou um dos pulsos dela para averiguar seu estado. — Marcou um pouco…

— Você não tinha dito que era pra marcar?

— Mas era sua primeira vez…

— Ah, por isso que pegou leve comigo, entendi. Espero 100% das suas habilidades na próxima, namorado.

— Meu Deus do Céu… — Ele riu mais um pouco. — O que seria pegar pesado com você então?

— Um dia abro meu caderninho de fantasias ocultas pra você ver. Tem cada coisa…

— Tem mesmo um caderninho?

— Não, mas se quiser e estiver disposto a fazer tudo, posso começar um.

Emília lhe roubou um beijo depois de dizer isso, amável e carinhosa. Ficaram nos chamegos até que sentissem a urgência de tomarem um banho. Gustavo vestiu a calça e eles foram juntos até a sala para que ela juntasse suas roupas jogadas por todo canto.

Gustavo ficou a assistindo se vestir, pensando se deveria sugerir que ela dormisse ali. Eles eram vizinhos e talvez não precisassem passar a noite inteira juntos, mas a ideia de ter Emília bem ao seu lado na cama mexeu com ele de uma forma inimaginável.

Acordar com ela, abraçá-la forte. Transar antes do despertador tocar, tomar banhos juntos, fazer o café da manhã dela. De repente, Gustavo queria fazer todas aquelas coisas.

— Bem, melhor eu ir… — Emília já estava vestida e agora juntava suas infinitas sacolas de compras. — Não

quero te sobrecarregar sendo grudenta.

— Não te acho nem um pouco grudenta — ele murmurou, incerto.

— É que eu não quero que você ache que estou me apegando ou que você está brincando com meus sentimentos e tudo mais... Sei que isso vai te estressar e eu tinha dito que era pra fazermos do limão uma limonada. Então...

— Não vou achar — afirmou, categórico. — Não tem problema. A gente vai no seu ritmo, Mi. O que quiser fazer agora, a gente faz.

Emília ficou vermelha com aquela declaração. Aquilo significava muitas coisas, no entanto, acima de tudo, significava que Gustavo estava lhe dando a segurança de poder sentir o que ela quisesse.

Ser ela mesma, dar passos pequenos ou grandes, se soltar ou se retrair. Gustavo aceitaria tudo, era isso que estava dizendo.

— Você é um ótimo namorado de mentirinha, Guto — resolveu dizer. — Já te falei isso?

— Não, você me elogia pouco, fico até um pouco chateado. — Ele sorriu, um sorriso aberto e lindo de morrer.

Emília chegou a perder o ar.

— O que foi? Meu sorriso te deixa sem graça? — ele perguntou, provocante.

Ela nem quis responder. Seu coração parecia querer sair pela boca.

— Que pena, princesa — disse, aproximando-se. — Porque agora eu só quero sorrir pra você.

De repente, estava nos braços dele de novo, as sacolas agora jogadas no chão ao seu redor. Pensou que o beijo de Gustavo tinha o gosto de seus sorrisos, doce mas picante, com promessas de carinho e todo tipo de coisa indecente.

— Toma banho aqui — ele murmurou ainda colado nela. — Fica mais um pouquinho...

— Hm... Se não fosse o próprio Gustavo Choi falando essas coisas, eu diria que quem está ficando apegado é você...

Ele só riu de novo, sem saber a resposta para aquela provocação.

— Eu ia perguntar o que você acha de fazer sexo no chuveiro — resolveu ele mesmo provocá-la, abaixando a cabeça para mordiscá-la no pescoço. — Mas se está com tanta pressa, a gente deixa pra próxima...

— Que isso, pressa nenhuma! A noite é uma criança! — Emília deu pulinhos animados.

E saiu correndo até o banheiro, sua risada ecoando pelo apartamento. E foi aí que Gustavo percebeu que na verdade tinha uma resposta para a pequena provocação dela. Apegado era até pouco para definir.

Ele estava apaixonado por ela.

Perdidamente apaixonado.



“Deve ser A.M.O.R

200% de certeza”

Now Playing: 200%

AKMU

25/08/2025
41 dias para o Chuseok!

Emília quase se afogou com a água do chuveiro.

— Ai, espera, muda de posição… — reclamou, cuspindo água. Gustavo a segurava por uma das pernas, elevando-a até sua cintura, as costas dela apoiadas nos azulejos do box. A outra a segurava pelos cabelos, como sempre. — Acho que engoli um pouco de água.

Ele obedeceu, esbaforido, soltando a perna dela para que se virasse e conseguiu deixá-la empinada ao apoiá-la na parede. Seus dedos voltaram para seu cabelo, bem no topo da cabeça, e ele retomou o que estava fazendo com tanto afinco.

O que era? Sexo no chuveiro às 5h30 da manhã. Nem Emília acreditava no acontecimento. Contudo, lá estava ela, transando praticamente de madrugada porque seu namorado falso tinha que chegar muito cedo na UFF naquele dia. Eles andavam transando bastante ao longo do tempo que se passou desde a primeira vez, mas acordar tão cedo só para satisfazer os próprios desejos era algo novo para ela.

Emília nem estava mal-humorada por ter que levantar naquele horário. Definitivamente, era o evento do ano.

— Ai, não para... — pediu. — Pelo amor de Deus, *não para.*

— Porra, eu... — ele grunhiu. — Mi...

Gozaram quase ao mesmo tempo, praticamente sincronizados. Foi aí que Gustavo se deu conta de uma coisa.

— A gente fez sem camisinha de novo — constatou. — Porra, eu sempre...

Emília deu uma risada, ainda afoita pelas sensações pós-orgasmo. Durante aquele mês, houve vezes que tudo foi tão intenso que eles se esqueciam de tudo, menos de transar, uma fome que nunca era saciada. Gustavo ficava se culpando depois, mas ela também tinha que ter mais responsabilidade, não estava nem tomando pílula ainda.

Receita certa para um desastre, mas não tinha como acontecer. A menstruação dela funcionava como um reloginho.

— Relaxa, a culpa não é sua, eu também tô... Me lembra de marcar o ginecologista? — falou. Deixou que ele a soltasse de vez. — Ando tão fora do ar que nem sei mais o que é uma agenda.

— Vou marcar na minha própria agenda, assim também não esqueço. — Gustavo entrou totalmente na água, por fim tomando o banho que tinha que tomar. Se demorasse mais, acabaria atrasado.

Emília concordou, virando-se para observá-lo. Ela também precisava de um banho urgente, lavar o cabelo emaranhado. Olhou para a prateleira de produtos que ele guardava ali e fez uma careta de insatisfação.

— Por que o Cristiano Ronaldo tá me olhando? — perguntou, apontando para um frasco de shampoo. O jogador estampava o produto. Ela só tinha notado o fato naquele momento. — Sério que você usa só isso pra lavar o cabelo? Um shampoo anticaspa?

— O que tem? Serve ao propósito. — Ele mesmo pegou o frasco. Passou o shampoo como de costume, sem se importar com as críticas dela.

— E o condicionador?

— Não uso.

— Meu Deus. Como consegue? E seu cabelo é tão macio…

— Não tô entendendo a crítica…

Emília soltou um suspiro. O pior era ter que lavar o próprio cabelo com aquilo. Talvez ele acabasse desbotando.

— Vou marcar na minha própria agenda de fazer uma cesta enorme com todos os produtos que você precisa. Sério, como posso deixar meu namorado jogado desse jeito? Vão me cancelar na internet.

O coração de Gustavo acelerou quando a palavra “namorado” escapou dos lábios dela, sem o “de mentira” logo depois. Emília às vezes se esquecia de adicionar aquele detalhe e ele ficava como um bobo, sorrindo para o nada, imaginando se um dia ela o chamaria daquele jeito com intenção.

E doía quando ela se lembrava de completar a frase. Como uma dorzinha no fundo de sua cabeça que às vezes incomodava bastante.

— Por que você tem que ir tão cedo hoje mesmo? — A pergunta de Emília o tirou dos devaneios. Ela já tinha começado a se ensaboar.

— Quero terminar tudo antes da hora do almoço — explicou. Saiu do box para se secar. — Uns veteranos meus que moram fora estão no Brasil e quero ter tempo pra encontrá-los. Gosto muito deles.

— Ah, legal! — Emília esticou as sobrancelhas, curiosa. — Vai ficar o resto do dia fora, então?

— Provavelmente. Faz tempo que não os vejo.

Emília ficou ainda mais curiosa. Apesar de estarem se dando muito bem, ela ainda não conhecia direito a vida de Gustavo Choi fora do doutorado ou do círculo de suas

próprias amigas. Às vezes ela se esquecia de que ele era dez anos mais velho e que tinha amigos da mesma idade, que tinha tido aquela juventude super louca que muito de vez em quando mencionava.

Ela sempre tinha curiosidade sobre aquilo tudo, de conhecer esse lado dele. Só não tinha coragem de perguntar, talvez ele acabasse achando que era intromissão demais para alguém que era só uma namorada falsa, mesmo que estivessem transando sem parar.

Será que havia um espacinho para ela na vida de Gustavo Choi fora do namoro de mentira? Será que eles voltariam a se distanciar quando tudo acabasse? Pensar nisso a deixava meio estranha.

Bem, eram questionamentos demais para uma quase madrugada. Talvez ela só devesse seguir o fluxo da relação.

— Quer conhecer o pessoal? Você pode dar um oi pra todo mundo lá na UFF — Gustavo perguntou de repente. Emília sacudiu a cabeça e piscou os olhos, como se voltasse à realidade.

— Seus amigos?

— Só dois na verdade, um casal. O Leandro do meu laboratório você já conhece.

— Ah, é mesmo. Você é calouro do Leandro! Às vezes acho que você parece mais velho que ele, por causa da cara feia que vive fazendo. Mas ele tem até uma filha.

— Você não é a primeira a comentar isso… — Gustavo resmungou. Sua fama de surtado se estendia pela universidade inteira.

— Mas fica tranquilo, não quero invadir seu espaço com seus amigos — ela falou. Desligou o chuveiro e também saiu do box. Ficou sem coragem de lavar o cabelo com o shampoo dele, então só tomaria outro banho quando fosse para casa.

— Mas eu vivo saindo com as suas amigas, então… — Ele a encarou pelo espelho.

Emília investigou seu olhar. Estava bravo, irritado? Era sempre difícil reconhecer.

No fim, resolveu arriscar.

— Você... quer que eu conheça seus amigos? — perguntou baixo.

— Quero.

— Ah. Então tudo bem. Pensei que só estivesse falando por educação.

— Pensei que soubesse que não sou esse tipo de pessoa.

— É verdade. Erro meu. — Emília abriu um sorrisinho. — Mas você precisa ser mais claro às vezes, é difícil te ler. Tá sempre com a mesma cara.

— Tirou o dia hoje pra me criticar? — Gustavo arqueou uma das sobrancelhas.

— Você que quis me tirar da cama às 5h30 da manhã. Agora aguenta.

Ele acabou só rindo.

— Bem, a gente se encontra na UFF, então — falou. Estava terminando de escovar os dentes. — Eu te chamo e você vem, ok? Pode ser?

— Pode. Combinado.

— Tenho que ir, princesa. — Ele cuspiu e lavou a boca. Depois se enrolou com a toalha, já conferindo as horas. — Dorme mais um pouco aqui se quiser.

— Tá bom...

Ele conseguiu lhe dar um selinho antes de sair do banheiro para se vestir. Emília mordiscou os lábios, feliz e animada pela perspectiva de conhecer alguns amigos de Gustavo. Desse jeito, parecia um namoro de verdade.

Mas, *nossa,* ela tinha acordado cedo demais. A euforia pós-sexo estava passando e seu corpo já começava a reclamar pela falta de sono. Não demoraria muito até ela se transformar no monstrinho que sempre era de manhã.

Pegou o celular para verificar as horas, bocejando. Contudo, uma notificação no Instagram chamou sua

atenção. Era uma série de mensagens diretas para seu perfil.

nnn.ptkd
Puta
Puta
Puta
Você é uma puta

Inclinou as sobrancelhas. Aquilo não a assustava tanto, já que seu perfil na rede social era relativamente grande. Mensagens de *haters* eram comuns, ela era uma mulher asiática que se vestia diferente, então Emília estava um pouco acostumada. Mas aquilo em específico começou a acontecer quando ela postou uma foto com Gustavo em seu perfil pela primeira vez, depois do encontro na roda gigante. E, agora, sempre que ela postava algo sobre seu namorado, mensagens idênticas àquelas apareciam em suas DMs. Ela bloqueava os perfis, mas novos viviam surgindo, todos com nomes muito estranhos.

— Nada de novo sob o sol... — Ela só torceu a boca e bloqueou mais aquele perfil. — *Homens.*

E saiu do banheiro, pronta para dormir mais um pouco na cama espaçosa de seu incrível namorado de mentira. Ela ia acabar molhando os travesseiros por causa do cabelo e dormir só de toalha era um pouco estranho, mas era a consequência que Gustavo trouxera para si mesmo, ele teria que aceitar.

Como ela gostava daquela cama, como gostava daquele quarto, daquele apartamento. Do mundinho particular de Gustavo Choi.

Como ela gostava *dele.* Às vezes era até assustador se dar conta disso.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

— Bom dia, pessoal! — Emília entrou animada no laboratório. — Que belo dia pra se trabalhar, não é mesmo? Oi, Carlinhos! Que dia bonito, né?

Carlos a cumprimentou de volta, animado. Por causa da saída de Ayumi, Emília e o IC tinham ficado muito próximos, tanto que ele a acompanhava em quase todos seus experimentos. E, por ser da mesma turma de Ayumi, Emília conseguiu saber que ela estava bem, já tinha até entrado em outro laboratório no Instituto Biomédico, no campus do Valonguinho. Ela ainda estava triste por ter perdido o contato com a colega, mas era bom saber que tudo tinha dado certo, apesar das circunstâncias inconvenientes.

Quer dizer, *quase* tudo tinha dado certo.

Pedro Takeda ainda era uma pedra em seu sapato.

— Bom dia, Pedrinho! — Emília continuava tentando ser o mais simpática e cordial o possível. — Como foi seu fim de semana?

Ele só levantou os olhos escuros para ela. Não parecia muito animado.

— Eita, você tá bem? — ela perguntou, um pouco preocupada. — Aconteceu alguma coisa?

— Por que fica me chamando de “Pedrinho”? — Pedro a cortou.

Emília franziu o cenho, confusa.

— É só um apelido carinhoso. Não me ouviu chamando o Carlos de “Carlinhos” também?

Pedro não respondeu, só semicerrou os olhos para o IC.

— Pedro, tá tudo bem? — Emília perguntou de novo.

O mestrando então só respirou fundo.

— Tá, eu… — murmurou. — Meu fim de semana foi meio merda.

— Ah, nossa. Quer conversar um pouco? Sou toda ouvidos.

Os olhos dele brilharam. Emília franziu ainda mais o cenho. Talvez ela devesse só calar a boca e não piorar mais a situação.

— Sério? — ele perguntou. — A gente pode almoçar juntos então? Eu…

— Ah, almoçar não dá. Tenho um compromisso hoje com meu namorado. Mas posso ficar fazendo os experimentos do seu lado e a gente conversa. O que acha?

O rosto de Pedro se fechou de novo e um vinco se formou entre suas sobrancelhas, indicando que ele estava um pouco irritado.

— Você agora só passa o tempo com esse seu namoradinho, né? — ele disse. — Antes a gente vivia conversando, agora você só…

— Ah… Peço desculpas. Não sabia que isso te incomodava.

— É que você fica agindo desse jeito todo… Deixa pra lá, Emília. Quando você finalmente tiver tempo para mim, a gente conversa.

E saiu do laboratório em passos fortes, batendo a porta. Emília ainda estava aturdida com toda aquela cena.

— Caramba, que bicho mordeu ele? — Carlos perguntou, também confuso.

— Nossa, não sei. O fim de semana dele deve ter sido péssimo mesmo.

Os dois deram de ombros. Aquela segunda era de muito trabalho e não havia tempo para se preocupar tanto com os dramas de Pedro Takeda. Emília tinha chegado um pouco tarde demais e queria adiantar tudo que pudesse para cumprimentar direito os amigos de Gustavo.

Assim que acordara de novo, ela ficou nervosa com a perspectiva de conhecê-los, mais ainda por Gustavo fazer questão daquilo. Parecia um passo importante, então ela queria fazer tudo da forma correta. Mas toda a ansiedade que se acumulou só com aqueles pensamentos a atrapalhou até na hora de escolher o look mais adequado. Ficou na dúvida se deveria se empenhar ao máximo ou se deveria parecer casual, como se conhecer os amigos de seu dito namorado fosse a coisa mais trivial do mundo. Não era, bem

longe disso, mas talvez Gustavo quisesse que ela fosse mais discreta naquele momento.

O que ele esperava dela naquela ocasião? Que fosse fofa, enérgica, calma, extrovertida? Com certeza ele não queria a versão da Besourinha do Amor falante pelos cotovelos, que queria sempre ser o centro das atenções. Qual era a versão da namorada que Gustavo Choi queria? E será que ela conseguiria atingi-la? Apesar de tudo, as personalidades dele ainda eram bem diferentes.

Parecia que ela estava indo conhecer os pais dele. Emília conhecia Murilo e Sofia desde que nasceu, então não teve que passar por isso.

Que sensação atordoante, Emília não sabia nem o que pensar direito.

Ficou refletindo sobre isso até receber uma mensagem de Gustavo. Tremeu quando pegou o celular, seu coração aos pulos.

Gustavo Choi
Princesa, vem pra cá
Estamos no corredor do quarto andar
No lado da biologia marinha

Certo, vou tirar isso de letra, pensou, respirando fundo. Eram os amigos de Gustavo, mas ela era Emília Park, alguém que o sobrenome era Sociável. Seja lá quem fossem, a chance de gostarem dela era grande, Emília era muito graciosa.

A não ser que eles tivessem uma personalidade parecida com a de Gustavo. *E se for um casal ranzinza igual a ele? E se ficarem me olhando com aquela cara que o Guto sempre faz?* Engoliu em seco. *Meu Deus, e se eles já tiverem ouvido falar da minha fama de Besourinha do Amor e também me criticarem? Misericórdia, e se eu acabar parada no meio do corredor só ouvindo que tudo que faço é uma irresponsabilidade sem tamanho?*

Sacudiu a cabeça. Chegou a dar tapinhas nas próprias bochechas para sair daquele looping de ansiedade. Deixou que Carlos conduzisse os experimentos e foi até a sala dos alunos para guardar o jaleco, depois pegou o espelhinho que guardava na bolsa e conferiu a maquiagem, procurando qualquer defeito que pudesse existir. Quando se viu mais calma, só saiu do laboratório e entrou no elevador, rumo ao quarto andar. O dela ficava no terceiro.

Respirou fundo de novo quando chegou no andar certo, arrumando as madeixas para que caíssem de uma forma bonita por seu ombro. Por ainda estar um pouco nervosa, Emília resolveu espiar o corredor antes de ir, para dar uma olhadela nos tais amigos de Gustavo. Esticou a cabeça, escondida pela parede paralela ao elevador, e procurou por seu namorado.

Gustavo estava bem no meio do corredor, de braços cruzados. Para sua surpresa, havia um sorrisinho amigável no canto de seus lábios, como se ele estivesse mesmo apreciando a conversa. Leandro estava bem ao seu lado, conversando animadamente. E bem em frente aos dois, estava o casal de amigos que morava fora do Brasil.

Emília arregalou os olhos quando os viu. Primeiro, notou o rapaz asiático, alto e muito sorridente, o sorriso cheio de covinhas lhe trazendo um ar muito doce. Depois notou a moça, uma mulher negra e baixa de cabelos muito cacheados e longos, um sorriso bonito e uma barriga enorme de grávida. E foi exatamente por ela que Emília acreditou que fosse desmaiar bem ali no corredor do Instituto de Biologia.

Porque aquela era ninguém menos do que a grande Dra. Tatiana Siqueira, a lenda da biologia marinha da UFF, o modelo acadêmico perfeito de Emília, talvez até seu modelo total de vida. A mente genial que criou o modelo preditivo de degradação de petróleo, o trabalho que Emília mais se inspirava.

Para resumir, Emília era uma grande fã. Seus joelhos tremeram de animação, seu rosto ficou vermelho na hora. *Meu Deus do Céu, a Dra. Tatiana Siqueira é a veterana do Gustavo? Não pode ser!*

Por reflexo, pegou o celular. Ficou sacudindo a mão livre enquanto esperava que ele atendesse sua ligação. Assistiu Gustavo franzir o cenho ao notar que era ela ligando, mas ele atendeu na hora.

— *Mi?* — ele perguntou.

— Você é amigo da Dra. Tatiana Siqueira?

Ele franziu mais ainda as sobrancelhas. Procurou por ela pelo corredor, encontrando-a escondida no canto, como se fosse uma espiã ou criminosa.

— *O que você tá fazendo?*

— A Dra. Tatiana Siqueira da Universidade de Aarhus é a veterana que você tava falando?

— *Tá falando da Tati?*

Emília soltou um gritinho esganiçado.

— Você chama ela de Tati?! — Tentou conter a voz da melhor forma. — É mesmo amigo dela?

— *Ahn...*

— Ai, meu Deus. *Ai, meu Deus.*

— *Tá passando mal?*

— Gustavo, por que nunca me contou que era amigo da Dra. Tatiana Siqueira, a prodígio da biologia marinha, a estrela da UFF? Meu Deus, eu vou morrer.

— *Por que fica cada vez adicionando mais títulos...?*

— Gustavo!

— *Não vai vir? Você tá parecendo uma louca aí no canto. Todo mundo já te viu.*

Emília parou de olhar para ele. Notou que a própria Dra. Tatiana Siqueira, estrela da UFF, prodígio da biologia marinha, a celebridade acadêmica mais importante em sua vida, estava olhando para ela toda encolhida no canto do corredor, realmente parecendo uma louca.

Por Deus, agora ela não só tinha que impressionar os amigos dele como um de seus alvos era a pessoa que ela mais admirava academicamente. Ficou parada de boca aberta, o celular quase caindo de suas mãos pela surpresa.

Era muita coisa para lidar.

Ao vê-la congelada ali, Gustavo foi buscá-la. Estava com uma expressão de total confusão no rosto, sem entender tamanha emoção nos olhos dela. Por isso, só a puxou gentilmente pelo braço para onde seus amigos estavam.

— Mi, esses são a Tati e o Martim, meus veteranos — ele os apresentou. — Tati, Martim, essa é a Emília, minha namorada. Como falei, ela tá fazendo o mestrado dela aqui também, é da biotecnologia.

Emília arregalou os olhos de novo quando ela e Tati fizeram contato visual. Estava suando frio, tremendo como uma vara de bambu.

— Eu... — tentou formular alguma frase que prestasse. — Hm...

— Ah, prazer, Emília! — Tati segurou a mão dela para cumprimentá-la. Emília só faltou soltar um gritinho. — O Gustavo falou tanto de você! Qual é o tema da sua dissertação, quem é a sua orientadora?

— Ahn... Eu...

— Por que a primeira pergunta que fez foi sobre o trabalho dela? — Martim soltou uma risada.

— Desculpa, acho que fiquei empolgada quando o Gustavo falou que você era da biotec! — Ela riu e Emília sentiu as borboletas de seu estômago flutuarem. — Adoro conhecer pesquisas novas, eu...

— Meu Deus, problema nenhum! — Emília gaguejou, sua mente começando a voltar. — Eu... Minha orientadora é a professora Helena Menezes, do LBBE. E eu estou tentando criar um método pro monitoramento da qualidade da água em ambientes marinhos usando a enzima luciferase. É... É isso.

O rosto de Tati se iluminou. Quando Emília achou que já estava ficando mais calma, só escutou Gustavo estalar a língua ao seu lado, inexpressivo como sempre.

— Ah, entendi — ele falou antes que Tati pudesse sequer responder. — Você é fã da Tati.

Emília ficou toda vermelha.

— Gustavo...! — Ela não sabia onde se enfiar de tanta vergonha.

— Minha fã? — Tati perguntou. — Sério?

— Eu... — Voltou a gaguejar. Agora não tinha mais jeito, teria que despejar toda sua adoração de uma vez só. — Eu realmente sou sua fã! Li todos seus artigos, todos estavam na minha bibliografia do TCC e... Eu sou muito fã do modelo que você desenvolveu, também achei muito impressionante seu papel no movimento estudantil quando era aluna da UFF e... você é incrível, você é demais, eu realmente sou muito sua fã!

Soltou um grunhido de frustração ao falar tudo aquilo, passando os dedos pela testa. Gustavo ficou a observando agir daquele jeito, tão diferente do habitual dela, a menina confiante que se dava bem com todo mundo. Emília devia estar mesmo nervosa.

Que gracinha, foi o que conseguiu pensar enquanto assistia Tati tentar conversar e acalmá-la de alguma forma. Era fofo ver aquele lado vulnerável dela, a animação que não conseguia esconder.

— Ah, eu tô atrapalhando vocês, eu... — Emília murmurou. Já estava alugando o tempo de Tati com toda aquela conversa estranha e não era essa a impressão que queria passar para os amigos de Gustavo. — Foi ótimo conhecer vocês dois, Tati e Martim. Espero que tenham uma boa estadia no Brasil e... É isso, até mais.

Deu as costas para todos, um desejo crescente de sair correndo e se esconder no banheiro. No entanto, Gustavo a segurou pelo ombro suavemente, só para que ela parasse de se distanciar.

— Eu e o pessoal vamos sair pra jantar mais tarde — falou. — Quer ir com a gente?

— Vamos? — Leandro esticou as sobrancelhas, confuso. Não estava sabendo de nada.

Gustavo só lhe lançou um olhar gelado. Os outros três pigarrearam, sacudindo a cabeça para concordar.

— Ah, é! A gente vai! — Leandro disse. — Né, casalzinho? Talvez eu tenha que levar minha filha, mas tá de boa!

— É, claro. Afinal, é um convite do Gustavo… — Martim segurou uma risada. — Recusar seria um risco pra nossas vidas…

— Combinado, então. — Gustavo só abriu um sorriso cheio de dentes e um pouco ameaçador. — Eu te busco mais tarde pra gente ir, princesa. Tudo bem?

— Meu Deus, ainda não consigo me acostumar com Gustavo Choi sendo a porra de um fofo… — Leandro sussurrou para Martim e Tati. Contudo, por estar quase rindo, todos escutaram muito bem, inclusive o próprio Gustavo.

— Vem com a gente, Emília! — Tati resolveu apaziguar os ânimos. — A gente pode conversar mais sobre o seu projeto, fiquei realmente interessada!

— Sério?

— Sim, vai ser incrível! Só sucesso!

Emília abriu um sorrisão e Gustavo se viu muito satisfeito, apesar das implicâncias de seus amigos. Adorava vê-la feliz daquele jeito.

— Ah, então eu vou e… Obrigada! Vai ser incrível mesmo! Nossa, mal posso esperar!

Despediu-se já com sua animação habitual, acenando para Tati. Gustavo se segurou para não sorrir, acompanhando-a até o elevador.

— Me liga quando terminar o trabalho? — disse, segurando a porta para que ela entrasse.

— Ligo! Meu Deus! Vou jantar com a Dra. Tatiana Siqueira, estrela da UFF, prodígio e...

— Sim, sim. Todos os infinitos títulos dela. Fica calma, ok? Senão vai acabar explodindo algo no seu laboratório...

— Impossível! Ai, mal posso esperar!

Ela se esticou para lhe dar um selinho e o sorriso de Gustavo escapou de vez.

— Fica calma, é sério — ele pediu.

— Vou tentar, mas não prometo nada! Acho que vou sair mais cedo hoje, preciso pensar bem no que vou vestir e... Até mais, Guto. A gente vai se falando! Ai, meu Deus!

Emília acenou para ele antes da porta se fechar. De novo, Gustavo só conseguiu sorrir com a cena.

— Até mais, princesa — falou, seu coração mais uma vez acelerado só em vê-la feliz.



“Não fazíamos ideia

Agora é claro como água

O amor está aqui

Bem do seu lado”

Now Playing: Supernatural

NewJeans

— Acredite se quiser, Emília — Leandro estava dizendo enquanto embalava a própria filha no colo. Todos estavam em um restaurante no bairro de São Francisco, bem em frente à orla. — Mas a sua ídolo ficou tão bêbada uma vez que vomitou bem no futuro marido dela, depois de ficar discutindo com ele por um dia inteiro!

Tati lançou um olhar gelado para o amigo, tamborilando os dedos na mesa. Emília tentou não rir da história, mas era impossível. Ela tinha chegado um pouco nervosa no restaurante e ainda estava com dificuldades para socializar com os amigos de Gustavo. Por isso, Leandro acabou resolvendo contar todos os casos que resultaram na união de Tati e Martim para aliviar o clima, o que se provou ser uma escolha acertada, já que todos estavam bem mais à vontade.

— Aí era briga atrás de briga, um escândalo! — Leandro ainda falava. — Depois se pegaram no meu carro! Aí brigaram de novo, a Tati quase socou um professor do departamento! Aí eles brigaram de novo, terminaram e depois resolveram se casar! Isso tudo em 52 dias!

— Por que tá zoando com a minha cara na frente da namorada do Gustavo? — Tati resmungou.

— Porra, não tem como não contar uma história dessa, Tati! É emocionante pra caralho! E olha vocês dois agora, Benjamin vem aí... Porra, é muito emocionante.

Martim deu uma risada, passando o braço pelos ombros da esposa emburrada. Tati só revirou os olhos e fez um carinho na barriga já bastante evidente. Pelo que Emília soubera, o primeiro filho deles nasceria em dezembro.

— Ah, pensando agora, se vocês tivessem conhecido a Emília na época, talvez essas brigas teriam sido reduzidas pela metade — Leandro ponderou. — Ela é a cupido da UFF, resolveria tudo e juntaria vocês dois em um pulo!

Emília ficou um pouco preocupada com a menção de sua persona de Besourinha do Amor. Ela amava tudo que aquela imagem representava, mas Gustavo não, ficou com medo de ele achar que isso incomodaria seus amigos. Ele estava sentado bem ao seu lado, a mão repousando em sua coxa, o polegar fazendo um carinho suave e gostoso.

Respirou fundo, pronta para desconversar, mas Gustavo acabou sendo mais rápido.

— É verdade, a Mi juntou dois alunos do nosso laboratório — falou. — Eles não tinham se dado bem de início, mas agora estão até noivos.

— Uau. — Martim arregalou os olhos. — Então pena que você não estava lá na época, Emília. Teria ajudado bastante. Mas sinto que o que eu precisava mesmo era de terapia...

— É, a gente tava numa vibe bem... *hostil.* — Tati riu.

Emília conseguiu rir também, mais calma. Estava adorando conhecer o lado pessoal da grande Dra. Siqueira e tinha amado o fato de Gustavo ter comentado sobre seu trabalho como cupido com uma naturalidade sem tamanho, sem julgamentos.

— Mas a Emília e o Gustavo também começaram a namorar de forma meteórica, sabe? — Leandro ainda

tagarelava. — Viviam se implicando, aí, do nada, a gente pegou os dois se beijando bem na frente do IB! Eu quase infartei, tô ficando velho pra essas coisas.

Gustavo revirou os olhos, bufando, e Emília só riu, recordando-se do desastre que tinha sido o beijo que iniciara toda aquela história. Foi uma confusão sem tamanho, mas certamente era divertido contar tudo agora.

— O que me surpreende é ver o Gustavo tão comprometido — Martim falou. — Sério, Emília. Seu namorado tem cada história na UFF… Você ficaria assustada.

— Você fala como se não tivesse nenhuma… — Gustavo torceu a boca.

— Tenho várias, mas é esperado de mim. Mas o seu caso é quase como o Médico e o Monstro, sei lá.

— De dia, o cientista mais sério do mundo. De noite, um devasso — foi a vez de Leandro falar.

— Meu Deus, sério? — Emília espremeu os lábios para não começar a rir. Estava doida para ouvir as histórias da vida "bem louca" de Gustavo. — Até hoje acho difícil de acreditar.

— Ele no primeiro período da faculdade era bem… intenso. Acho que vou descrever assim — Tati falou.

— Até você, Tati? — Gustavo fez uma careta.

— Juntava ele e o Thiago Giménez e a gente tinha que ficar catando os pedacinhos dos dois, porque eles viravam uma bomba de puro caos — Martim explicou. — Que sina, não sei quantas vezes tive que resgatar os dois bêbados nas festinhas do diretório acadêmico.

— Até no início do doutorado ele tava meio louco. Fomos num congresso de neurociências em Búzios, ele ficou doidão uma noite e no dia seguinte me chamam pra socorrer o pobre coitado. Ele não conseguia levantar da cama porque tinha colocado um *piercing* num lugar muito *inusitado.* Se é que me entendem…

— Então essa é mesmo a história do *piercing*! — Emília quase deu um grito. — A Lis disse que era só uma lenda!

— Infelizmente é verdade… — Gustavo resmungou.

— Em defesa do seu namorado, o próprio Thiago Giménez tinha aparecido do nada em Búzios e quando junta esses dois… Meu Deus, só Jesus na causa.

— O Thiago agora vive viajando por aí, né? — Tati falou. — Desde que patenteou aquele sistema dele.

— Um dia ele ligou pra gente e só disse: “tô pelas bandas dinamarquesas! Quero ver vocês!” — Martim contou. — E no dia seguinte ele foi embora pra algum outro país aleatório.

— Que vida, quem dera eu. — Leandro suspirou. — O cara ficou podre de rico.

— Então esse tal de Thiago é o diabinho no seu ouvido? — Emília perguntou para Gustavo, sorrindo de lado.

Ele acabou sorrindo também. Pouco, mas sorriu.

— É. Mas aquele congresso foi a última vez que bebi tanto. Sou bem mais comedido agora.

— Ainda tem o *piercing*, cara? Ou desistiu dele? — Leandro perguntou.

Gustavo inclinou a cabeça, um brilho de diversão colorindo seu olhar.

— Tenho — foi o que falou.

Leandro só deu uma gargalhada, fazendo um sinal de positivo com a mão. Gustavo riu e passou o braço pelo ombro de Emília, aproximando-a mais. Ficou brincando com o cabelo dela, prestando atenção no que seus amigos diziam.

Emília sentiu um quentinho no coração. Era sempre incrível ficar daquele jeito com ele.

— O que me deixa mais assustado é isso mesmo — Leandro continuou. — O Gustavo era um pirado. Aí ele decidiu que era hora de parar e simplesmente parou. Como? Por quê?

— Tenho 32 anos — Gustavo explicou.

— Sim, mas não se larga hábitos tão facilmente assim.

— Entrei na faculdade com o objetivo de aproveitar ao máximo — ele falava como se fosse um seminário científico. — Queria ter todas as experiências possíveis, porque acho importante. Mas agora estou numa outra fase e uma vida assim não faz mais sentido.

— Só isso? Sua agendinha biológica apitou e te disse "Ei, tá na hora de virar um adulto funcional?"

— Sempre fui um adulto funcional.

— Ok, então ela disse "Tá na hora de virar um velho que dorme às 21h?"

— Ah, a rotina de sono dele é impecável mesmo! — Até Emília implicou com ele.

— Só achei que era hora. É como uma lista pra cumprir. Pra que insistir em hábitos que não cabem mais nas minhas perspectivas?

— Um jeito tão formal de dizer: "Fiquei velho e não aguento mais curtir..." — Martim o provocou.

— Pois é, acho que essa é a estratégia dele pra nos despistar da verdade: ele não tem mais energia pra nada disso. Virou um idoso. — Leandro entrou na onda.

— Sou mais novo que todos vocês.

— E a gente tá velho pra caralho! Porra, desde que virei pai, qualquer coisa me cansa.

— Meu filho nem nasceu e eu já tô exausto... — Martim choramingou.

— Experimenta carregar essa criança por aí. — Tati estalou a língua. — Dou três passos e já quero minha cama. Sem contar que tenho que ir toda hora ao banheiro, o Ben ama espremer minha bexiga.

Ela se remexeu na cadeira. Depois fez uma careta.

— Que *timing* perfeito. Vou ao banheiro rapidinho... — falou, tentando se levantar. Por causa da barriga, era um movimento complicado. Seu marido a auxiliou para sair da cadeira.

— Eu te ajudo, Tati! — Emília se ofereceu. — Os banheiros desse restaurante são terríveis, vou com você.

— Ah, obrigada! — Tati sorriu para ela, aceitando o braço que Emília estendia em sua direção.

As duas foram juntas para o banheiro. No entanto, a movimentação irritou a filha de Leandro, Juliana. Ela começou a chorar, abrindo o berreiro no restaurante.

— Você queria ir junto, Jujuba? — Leandro tentou fazer com que ela parasse. — Que isso, vamos dar uma voltinha na praia pra parar com esse choro. Já volto, galera.

Ele saiu com a filha e atravessou a avenida, caminhando pela orla para acalmar a bebê. Gustavo e Martim ficaram o assistindo por um tempo até que o mais velho suspirasse e desse uma risadinha. Gustavo o espiou de canto de olho.

— E qual é o próximo objetivo da sua lista, Gustavo? — Martim perguntou. — Já que agora ficou velho e não quer mais curtir?

— Já disse que sou mais novo que todos vocês.

— Sim, e a terceira idade aqui tá na fase de criar os filhos. E você e a Emília?

Gustavo se engasgou com o ar. Por algum motivo, a perspectiva de ter um filho com Emília o deixava formigando. Principalmente por esquecer de usar preservativo de vez em quando, algo que nunca tinha acontecido antes, apesar da vida agitada que ele levara.

Aquela garota estava o deixando louco, isso era um fato.

— Ah... — gaguejou. — A Emília é bem nova, então... Ainda não estou na fase de criar os filhos.

Martim deu mais uma risada. Abriu um sorrisão, o que evidenciava ainda mais suas covinhas.

— É fofo, sabe? — falou. — Te ver assim. Nunca pensei que veria.

— Assim como?

— Super apaixonado.

Gustavo ficou em silêncio, não por ter se irritado com o comentário do amigo, mas porque era sempre avassalador constatar o quanto estava na cara que ele já não tinha mais olhos para ninguém além de Emília.

— Você ficou vermelho... — Martim o provocou um pouco mais.

— Você é insuportável — Gustavo resmungou.

— Ei, agora eu sou o embaixador da causa “Demonstre Seus Sentimentos”. Fui cabeça-dura no passado e perdi um tempão que poderia ter gastado ao lado do amor da minha vida, então sempre levanto a bandeira agora de que é melhor ser um babão do que um amargurado.

— Sei. Não tenho problemas pra demonstrar meus sentimentos, eu só...

Calou-se de repente. Refletiu sobre sua situação com Emília, sobre o prazo que tinha com ela. Tudo acabaria depois do *Chuseok,* então o que ele faria com aqueles formigamentos sobre filhos, com as pessoas notando o quanto estava apaixonado, com os sonhos selvagens de construir um futuro com ela? Faltava um pouco mais de 40 dias até o feriado.

Como resolver isso? Qual era o passo que ele tinha que dar? Gustavo era uma pessoa que encontrava soluções práticas para problemas difíceis. Mas qual era a solução ali? Ele ainda não sabia. Tudo com Emília era território desconhecido.

— Eu... — Pigarreou. — Não sei se eu e a Mi somos tão sérios assim.

— É? Não é o que parece. Principalmente te conhecendo.

— Da minha parte, sinto que gostaria de dar um passo mais significativo — acabou admitindo. — Dela... Sinceramente, não sei.

— Nunca conversaram sobre isso?

Ele pigarreou de novo.

— É que... Bem, nosso namoro começou de forma pouco... convencional.

— Entendo. Eu nem namorei a Tati. A gente era amigo há um tempão, ficamos juntos uma vez, brigamos, ficamos três anos sem contato e no final decidimos nos casar. Algumas histórias são contadas de outras formas, nada demais.

Gustavo se sentiu mais calmo ao ouvir todas as voltas que seus amigos deram para ficarem juntos. Isso lhe dava a esperança de que ele e Emília poderiam dar certo, apesar de terem começado do jeito errado.

— Se quer um conselho, mantenho o que digo — Martim continuou. — Demonstre seus sentimentos. Demorei pra entender isso, mas ficar evitando o assunto só dificulta as coisas. Às vezes é uma conversa difícil que resolve tudo.

— Soube que você demorou dez anos pra ter essa conversa — Gustavo arqueou as sobrancelhas.

— Por aí. E olha só pra mim agora. Tô feliz pra caralho! Minha esposa fala “vem” e eu só respondo “au”. É o paraíso.

Gustavo acabou rindo dos absurdos do amigo. Ao mesmo tempo, Tati e Emília voltaram do banheiro e Jujuba parou de chorar, então a mesa ficou cheia novamente, alternando em diversos assuntos. Uma hora, Emília se apoiou nele, entrelaçando seus dedos por baixo da mesa enquanto conversava com Tati.

Ele fitou suas mãos unidas, um encaixe perfeito. Que conversa difícil ele teria que ter para resolver tudo e ficar para sempre com ela?

Essa foi a pergunta que ficou se fazendo pelo resto da noite.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

26/08/2025
40 dias para o Chuseok!

— Ai, nem acredito que passei a noite com a formidável e genial Dra. Tatiana Siqueira, celebridade UFFiana, rainha dos mares dinamarqueses, criadora do universo... — Emília falava pelos cotovelos no corredor do prédio.

— Meu Deus, Mi. — Gustavo já não se aguentava de tanto rir daquela admiração toda. — Será que devo falar pro Martim ficar de olho em você? Daqui a pouco vai querer casar com a Tati.

— Se eu tivesse a oportunidade, eu casaria com ela sim, não vou negar. — Ela deu de ombros. — Mas nunca separaria um casal perfeito. Senti as linhas de amor deles de longe! Os dois são muito fofos.

— Sei.

— Ela me adicionou no Instagram, acredita nisso? — Emília pegou o celular da bolsa aos pulinhos. — E a gente tirou um monte de selfie no banheiro, ela até postou um story comigo! Fiz um story com a Dra. Tatiana Siqueira!

Mostrou o aplicativo para ele. Tati e ela estavam posando no espelho, Emília a abraçava por trás enquanto Tati fazia um sinal de paz com os dedos. E também estava escrito “Oceanos limpos e saudáveis com essa colaboração!”. No mínimo, as duas já tinham fechado um artigo juntas e trocado contatos profissionais.

— Por isso demoraram tanto pra voltar. — Gustavo se lembrou. — Convidou ela pra sua banca de mestrado?

— Nossa, imagina só! Seria incrível! — Emília arregalou os olhos, animada. — Meu Deus, e se ela me convidar pra fazer meu doutorado na Dinamarca? Eu aceitaria na hora!

Eu iria junto com você, ele pensou de repente. O pensamento chegou a assustá-lo um pouco, aquela afirmação forte e contundente. Todos os planos que tinha, os objetivos de sua lista perfeita e impecável. Todos tinham ruído para dar espaço ao seu mais novo e gigantesco desejo.

Ficar com Emília Park.

— Ai, Guto! — Ela ainda estava falando. — Não sei nem como agradecer, de verdade. Realizei um desejo enorme, nunca pensei que a conheceria, que me tornaria amiga dela! Você é incrível, sério.

Emília sorriu para ele e Gustavo semicerrou os olhos, sensações estranhas e desconhecidas o acometendo, uma urgência que ele tinha que resolver de qualquer forma. Mas como? Ainda havia uma barreira ali, talvez a mais difícil de ultrapassar. E ele só tinha 40 dias.

No entanto, ele era Gustavo Choi. E ele adorava um desafio.

— Quer realizar um desejo meu? — murmurou, seu coração aos pulos.

— O que quiser! Já sei, você quer que eu te compre um shampoo de verdade.

— Não. — Ele riu. — Quero que saia em um encontro comigo.

O silêncio tomou o ambiente. Emília juntou as sobrancelhas, sem entender.

— Um encontro? — perguntou. — Pra despistar seu pai de novo?

— Não. Um encontro de verdade. Como se namorássemos pra valer. Uma noite só, é o suficiente.

— Ah... — Ele acabou notando que Emília ficou um pouco vermelha com aquele pedido. — Por quê?

Gustavo só sorriu de lado.

— Tem uma hipótese que quero testar — falou.

— Qual é?

— Ainda é segredo. Mas se der certo, compartilho os resultados com você. O que acha?

Emília se calou de novo. Agora era impossível esconder a vermelhidão em suas bochechas, ainda que o corredor estivesse escuro.

— Quando?

— Na sexta. Pra você ter tempo pra se planejar.

Emília engoliu em seco, ansiosa. Não sabia onde ele queria chegar com tudo aquilo, mas aquele desejo parecia simplesmente irresistível. Ficar sozinha com ele por uma noite, sem ter que fingir nada para os outros ou se esconderem nos apartamentos deles.

Era uma amostrinha de uma realidade interessante. Emília queria muito vê-la, queria *vivenciá-la.* Nunca tinha se dado conta disso antes, mas ver Gustavo Choi como seu namorado de verdade seria incrível, ainda que fosse só por uma noite.

— Hm, tudo bem. Realizarei seu desejo — falou baixo, tentando firmar a voz. — Combinado, então. Na sexta… um encontro.

— Como se namorássemos de verdade.

— Como se namorássemos de verdade, sim. Pela sua nova empreitada científica. Se tem uma hipótese, só nos resta testá-la até termos resultados satisfatórios, né?

— Isso. Que bom que consegue me entender, princesa.

— Sim, sou uma cientista excepcional. Nunca recusaria um experimento.

Ele riu mais um pouco. Sem se aguentar mais, curvou as costas para beijá-la de leve, quase um selinho.

— Vai dormir na minha casa hoje? — perguntou de repente, pois o beijo ficou um pouquinho mais forte.

Emília mordiscou os lábios, travessa.

— Não. Só na sexta — provocou. — Pra melhorar… as condições do seu experimento.

Enlaçou o pescoço dele após dizer isso, puxando-o para mais um beijo. Quase sem perceber, os dois já estavam agarrados e ofegantes, escorados em uma das paredes do corredor. Gustavo teve que se forçar a se lembrar de que havia diversas câmeras ali e que não queria dar um showzinho para os porteiros do prédio.

— Até sexta então, princesa — disse, deixando que Emília abrisse a porta de casa. Ficou encostado na parede, um sorriso de puro deleite pintando seu rosto.

Emília sorriu também. Seus lábios vermelhos e inchados eram como um convite e uma promessa.

— Até sexta, namorado — falou por fim, acenando e fechando a porta.



“Posso ser seu namorado?

Posso?

Quero te ensinar sobre um mundo

Que você não conhece”

Now Playing: (Blooming Day)

EXO-CBX

29/08/2025
37 dias para o Chuseok!

Emília ia ter um *treco.*

— *Mas como assim a sua planilha não tá funcionando?* — Jana perguntou pela chamada de vídeo, tentando enxergar a amiga no caos que havia se instalado no closet dela.

— Não é que esteja funcionando, eu só... — Ela puxou um monte de cabides de uma vez só e todas suas preciosas roupas caíram no chão. — Eu nunca pensei nesse cenário! Então minha planilha não tem como me ajudar!

— *Nunca pensou no cenário de sair com seu namorado?* — Lis perguntou. As três estavam em chamada há mais de uma hora. — *Como assim?*

Emília choramingou, nervosa. Como explicar para suas amigas que ela teria seu primeiro encontro de verdade com seu namorado de mentira? Nem ela tinha entendido direito o que Gustavo queria, mas tinha embarcado totalmente na ideia.

Parecia ser importante, um passo significativo. Um passo para quê? Ela não sabia, mas era um passo que ela queria dar e queria dar bem. Queria ser aquela versão que ele mostrara para os amigos, que estava integrada na vida dele, que participava de seu cotidiano. Por isso todo aquele desespero.

— Eu... — começou. — Bem, eu e o Gustavo estávamos relutantes no início do namoro, então não fizemos muita coisa...

— *Estavam relutantes quando se pegaram num banheiro?* — Lis perguntou.

— Ahn...

— *Ou quando você resolveu perder a virgindade amarrada?*

— Fiz aquilo tudo com muita... relutância. — Fez uma careta. — Enfim, a gente é meio caseiro e... Ai, será que vocês só podem me ajudar? Motivos não importam, o que importa é que preciso estar linda pra caralho nesse encontro, entendem?

— *Já sei!* — Lis estalou os dedos, animada. — *Que tal pedir pro Gustavo escolher a cor do seu look? Igual aquela foto que vocês postaram quando estavam na mesma paleta? Aquelas roupas azuis?*

Lis estava falando do dia em que tiveram que fingir que estavam super coordenados para o Sr. Choi. Realmente, aquela situação tinha sido um grande acerto. Emília postou uma foto com Gustavo e suas DMs quase explodiram. Foi um sucesso, não tinha como negar.

Pegou o celular para rever as mensagens, na tentativa de angariar mais confiança. Rolou o dedo para ler os comentários, mordiscando os lábios, concentrada. A maioria a parabenizava pela boa escolha e pela ousadia de usar aquele tom de azul, mas havia alguns dissonantes da maioria. Um tal de h-pt.kdx222 comentou várias vezes a chamando de vadia para baixo, que ela devia morrer e todo aquele discurso de ódio gratuito. E comentários assim

continuavam aparecendo nas fotos que ela postava com Gustavo.

Alguém não gostava do namoro dela? Era possível. Emília não podia se importar menos.

— Boa ideia, Lis! — falou, deixando o celular de lado e pegando o iPad onde fazia a chamada de vídeo. — Traz conexão, ele vai se sentir incluído e por isso vai ficar satisfeito. Você é um gênio.

— *Estou aprendendo com a mestra!* — Lis deu uma risada.

Emília pegou o celular de novo para mandar uma mensagem para Gustavo.

Emília Park
Missão!
Escolha a cor dos nossos looks

Gustavo Choi
Hein?

Emília Park
Lembra daquela vez que a gente foi combinando pro jantar com seu pai?
Tipo isso
Mas hoje quem escolhe a cor é você

Gustavo Choi
Mas você odeia as cores que eu uso

Emília Park
Pra você ver a confiança que eu tenho em você agora!
Escolhe logo

Gustavo Choi
Preto

Emília Park
(_)

Gustavo Choi
Eu já tô pronto, Mi
Já estou vestido
Não tô a fim de mudar de roupa

Emília Park
Vamos terminar

Gustavo Choi
(_)

Emília Park
Nossa, Guto
Sei que nosso namoro é falso
Mas você já devia saber que não fico bem em cores escuras

Gustavo Choi
Você fica linda com tudo

Emília Park
(_)

Gustavo Choi
E encare isso como um desafio
Você não disse que tínhamos que estar sincronizados?
Se moldar um ao outro?
Você usar preto é a prova disso

— Ele escolheu preto! — choramingou de novo.

— *Falha gravíssima, você não usa cores escuras.* — Jana estalou a língua.

— E ele ainda disse pra eu encarar como um desafio!

— *Mas você não tem nenhuma roupa preta?* — Lis perguntou.

— Óbvio que tenho, mas só uso em ocasiões específicas. Vou encarar isso como velório do nosso namoro, isso sim!

Lis e Jana deram uma risada ao mesmo tempo.

— *Ai, vocês são fofos demais* — Jana comentou. — *Como podem não combinar em nada e em tudo ao mesmo tempo?*

— *Eles meio que se complementam, né? Também tô achando um máximo.*

Emília segurou uma risada enquanto vasculhava seu guarda-roupa em busca de peças pretas. Ouvir que combinava com Gustavo a deixava boba e saltitante, como se nada daquilo fosse uma farsa e eles realmente se complementassem, a seriedade dele se misturando com sua energia, ímãs de polos opostos que agora tinham virado uma coisa só.

Nossa, podia mesmo ser de verdade, né? Pensou de imediato. Desde que Gustavo falara que queria testar uma hipótese misteriosa e que o experimento seria um encontro como se namorassem de verdade, Emília não conseguia tirar aquele cenário da cabeça.

E se houvesse a possibilidade? E se Gustavo estivesse cogitando transformar a mentira em realidade? Seria mesmo possível? E se fosse, o que ela faria, o que deveria fazer? Eles estavam transando sem parar e agora passavam mais tempo juntos do que separados, mas ainda parecia inacreditável acreditar que Gustavo Choi estaria disposto a ter algo mais sério com ela.

Porque teria que ser algo *muito* sério mesmo, não era? Continuar com o namoro depois do *Chuseok* significava ter que dar ouvidos às expectativas das famílias dos dois, quisessem eles ou não. Gustavo estava disposto a ter esse nível de comprometimento?

Ela estava? Emília ficou pensando naquilo por infinitas vezes e chegou a uma só conclusão.

Ela estava.

— Bem, como sempre digo, não dá pra errar com o básico — falou, engolindo em seco para dissipar o nervosismo. — Uma saia, uma regata, meias-calças de renda e botas de cano alto. E um batom vermelho.

— *Isso é básico?* — Lis perguntou.

— Pra mim é. — Deu de ombros.

Vestiu a combinação com rapidez, ainda conversando com as amigas. Já estava ficando atrasada, em breve Gustavo bateria em sua porta e ela não estaria pronta.

— *Uau, ficou lindo!* — Jana exclamou. — *E olhando assim, destaca bem seu cabelo.*

— *Você fica bem de preto, Mi!*

— Eu fico bem com qualquer coisa pelo visto — Emília se gabou. — Bem, tenho que ir, meninas! Me desejem sorte!

— *Boa sorte no encontro que por algum motivo é muito importante!* — Lis sorriu para ela.

— *E chega de fazer coisas com relutância, então.* — Foi a vez de Jana falar. — *Vai com tudo dessa vez.*

Seu coração acelerou ao escutar aquilo. Era verdade, não era? Emília teria que parar de hesitar se quisesse que desse certo. Teria que acreditar que havia mesmo um espacinho para ela na vida de Gustavo Choi, que talvez fosse possível que ele gostasse dela de verdade. Porque ainda era difícil acreditar que, mesmo diante de todos os erros que resultaram naquele namoro falso, Gustavo tivesse conseguido enxergar além da garota que sempre estragava tudo no fim.

Talvez houvesse uma realidade onde Emília não acabasse arruinando tudo por ser quem ela era, um universo onde, mesmo errando, havia espaço para ser feliz.

Será que essa era a hipótese dele? Porque Emília faria de tudo para prová-la.

— ♥ — ♥ — ♥ — ♥ — ♥ — ♥ —

— Falei que você ficava linda com tudo — Gustavo comentou assim que Emília abriu a porta.

Ela não falou nada. Mesmo às vezes acreditando que era a pessoa mais tagarela da face da Terra, Emília Park tinha perdido a fala por cinco segundos inteiros.

Porque lá estava Gustavo Choi, bem em frente à sua porta, todo de preto, usando uma calça de alfaiataria bem ajustada e uma camisa de gola alta, escuras como seus olhos e cabelo, lhe trazendo uma aura misteriosa. O único ponto de cor era o pequeno buquê que tinha em mãos, com margaridas e rosas de um tom bem clarinho, além de diversos ramos de flores mosquitinho.

Uma gracinha, Emília ficou pensando se ele mesmo tinha escolhido as flores.

— Isso é pra mim? — acabou perguntando.

— Pra quem mais seria? — ele a respondeu com sua seriedade de sempre, o rosto neutro.

— Uau, você tá mesmo se empenhando.

— Falei que era pra ser um encontro como se namorássemos de verdade. Pensei que você não aceitaria menos do que isso.

Ela suprimiu um sorrisinho. Gustavo falar aquilo com aquela cara tornava tudo ainda mais inacreditável.

E ele estava certo. Se namorassem de verdade, ela não aceitaria menos do que um buquê a cada encontro que fossem. Emília era romântica a esse ponto.

— Bem, vou colocar num vaso então… — murmurou, sorrindo. Ele lhe entregou o buquê de bom grado. — Obrigada, eu gostei muito.

Deixou a porta aberta para que ele entrasse enquanto ia até o aparador que guardava alguns vasos. Escolheu um alto de vidro que combinaria muito com o buquê e foi até a cozinha enchê-lo de água. Foi aí que ela teve um vislumbre dele a fitando profundamente.

Gustavo desviou os olhos e pigarreou, colocando as mãos nos bolsos.

— Guto… — cantarolou. — Tá nervoso?

Ele a fuzilou com o olhar. Emília só riu e colocou as flores no vaso. Depois buscou a bolsa e foi até ele, enlaçando-o pela cintura.

— Obrigada — disse. — Gostei de verdade, é incrível.

Gustavo sorriu de lado, mas não falou nada. Seus olhos estavam presos nos dela, de novo aquele céu escuro que parecia querer engoli-la de uma vez só. Resolveu se esticar para dar um selinho, mas o beijo escorregou e ela se viu com as mãos dele a aproximando mais ainda, uma em seu quadril, apertando, e a outra onde sempre gostava de ficar: entre suas madeixas rosas.

— A gente… — ele conseguiu dizer, arfando. — A gente tem que ir, princesa…

Emília quase não o escutou. Ela mesma tinha iniciado uma brincadeira de não fazerem nada mais sério até aquela sexta, então seu corpo já exigia por mais contato. No entanto, conseguiu se lembrar de que queria muito fazer esse encontro dar certo, então se afastou vagarosamente, suspirando.

— Então vamos… — disse. Estava pronta para sair quando ele segurou sua mão. — O que foi?

Ele a puxou de novo para perto. Passou o polegar por seus lábios, suas sobrancelhas vincadas como sempre.

— Sério? O que foi? — Engoliu em seco. Se ele continuasse olhando daquele jeito para ela, Emília perderia a razão novamente.

— Seu batom borrou todo… — Gustavo deu uma risada. A risada mais gostosa do mundo, como se ele tivesse sido pego de surpresa pela situação. — Vai querer sair assim?

— Ah. — Ficou vermelha na hora. E percebeu que a boca dele também estava suja. — Verdade, me dá um tempo pra retocar. E vou pegar um lencinho pra você.

Deu passos incertos em direção ao banheiro, seu coração aos pulos. Foi aí que ouviu a risada dele de novo.

Duas vezes na mesma noite, um recorde. Obviamente, Gustavo já tinha rido e sorrido várias vezes até aquele ponto, mas por alguma razão, tudo parecia novo naquele encontro.

— Tá nervosa, princesa? — Gustavo a provocou.

E também pela segunda vez naquela noite, Emília Park ficou sem ter o que dizer para ele.

Uma noite de várias novidades, com certeza.



— Copacabana Palace? — Emília ergueu uma das sobrancelhas para Gustavo. — Conseguiu uma reserva em um restaurante no Copacabana Palace?

— No Cipriani, sim. — Ele nem pareceu se importar com as perguntas dela. Estava mais interessado em encontrar o estacionamento na Avenida Atlântica o mais rápido possível.

— Tá querendo me pedir em casamento?

Já aquela era uma pergunta que mexia com ele. Ele só pigarreou e fez de tudo para manter sua imagem de descompromissado, mesmo que a verdade fosse que Gustavo queria muito impressionar Emília.

E Emília Park não era uma pessoa que se impressionava com pouca coisa, ele sabia bem.

— Qual é, seu pai te leva no *L'Etoile* o tempo todo. — Fez pouco caso.

— Mas nunca fui no Cipriani. Legal, é difícil conseguir reserva.

Gustavo também sabia bem disso. Só dinheiro não o faria ter uma reserva no Cipriani em tão pouco tempo, ele teve que usar armas pesadas. Estava até agora sem acreditar que praticamente implorou para Dante Krause, o noivo de Lis e um certo herdeiro de hospitais – ele vinha de uma família bem rica – para que usasse seu sobrenome para ajudá-lo. Por sorte, Dante era uma ótima pessoa e não hesitou em momento algum, afirmando que era o mínimo que poderia fazer já que Emília havia o ajudado muito com Lis.

Um dia Gustavo admitiria que só estavam indo àquele restaurante por causa da Besourinha do Amor. Um dia, não

naquele. Emília nunca pararia de se gabar se isso acontecesse. E ele a queria focada no encontro naquela noite.

— Não vai ficar com frio? — perguntou quando saíram do carro. Ele a ajudou a sair, oferecendo sua mão para que se apoiasse.

Emília fez um beicinho, refletindo. Era o Rio de Janeiro, mas eles estavam no inverno e estava um pouco frio. Mas por causa de todo o desespero para montar o look, ela se esqueceu de uma terceira peça.

Que erro grosseiro, Emília Park, se repreendeu. Isso nunca tinha acontecido antes.

— Um casaco comprometeria meu look — falou. Não queria admitir que estava mexida demais com aquele encontro. — Você me deu uma tarefa quase impossível, sabe.

— Entendi... — Gustavo só soltou um suspiro. Abriu a porta de trás e retirou uma jaqueta de lá. — Bem, vou levar isso aqui comigo então. Caso precise.

— Sempre mantém uma jaqueta no seu carro? — Emília segurou o braço dele para acompanhá-lo até o hotel.

— Quando saio contigo, sim. Percebi que você sente frio com facilidade.

Porra. Emília fez de tudo para não começar a sorrir como uma idiota. Por que o fato de Gustavo saber que ela sempre sentia frio a impressionava mais do que eles estarem em frente ao hotel mais luxuoso do Rio de Janeiro?

— Não combina muito, mas farei um esforcinho. — Conseguiu manter a pose, apesar de seu coração quase querer sair pela boca. — Já que meu namorado é tão atencioso.

Gustavo revirou os olhos, caminhando ao lado dela para entrarem no restaurante que ficava no Copacabana Palace. O Cipriani ficava de frente para a piscina do hotel, uma vista formidável para um jantar romântico. Foram bem recebidos e acomodados em uma mesa perto das janelas, a

meia-luz do restaurante trazendo um ar intimista e acolhedor.

— Pensei na gente pedir a experiência completa — ele falou enquanto analisava o menu. — O que acha?

Emília fez o mesmo, lendo o menu rapidamente. Seus olhos acabaram parando no valor no fim da página.

Ela teve que dar uma risadinha.

— Sério, você vai me pedir em casamento? — disse.

Ele só revirou os olhos mais uma vez, mas havia uma sombra de sorriso ali, como se estivesse extremamente satisfeito com aquelas perguntinhas provocadoras.

— Já disse, é como se namorássemos de verdade — argumentou.

— Me levaria em jantares que custam quase 700 reais por pessoa se a gente namorasse de verdade? Um jantar casual, sem ser em comemorações e coisas assim?

— A gente não tá aqui agora? — Gustavo arqueou uma das sobrancelhas. — E, de novo, aceitaria menos do que isso se namorássemos de verdade?

— Assim você me mima demais... — Ela riu. — Eu ficaria desacostumada.

— Gosto de mimar você. — Gustavo acabou rindo também, porque era a mais absoluta verdade. Adorava ver Emília feliz.

— Gosto de ser mimada por você. Acho que a gente é o par perfeito, então.

Emília estendeu a mão sobre a mesa para alcançá-lo, segurando seus dedos. Gustavo se inclinou um pouco e a levou até a boca, beijando sua palma. Só isso, um carinho singelo e natural.

E os olhos. De novo, era aquele olhar que era só para ela, poças de emoção que Gustavo permitia que Emília tivesse um vislumbre. Lindo, vulnerável, afetuoso, um mundo particular que só ela tinha a chave.

A comida começou a chegar e ela ficou deslumbrada com a finesse do restaurante. Gustavo tinha até escolhido

um vinho para ela, já que ele não poderia beber por estar dirigindo. Tudo parecia ter sido pensado exclusivamente para Emília e ela não podia se sentir mais feliz com a situação. Parecia um sonho.

— Mas me diz — puxou assunto. — Se a gente namorasse de verdade, quem teria dado o primeiro passo? Você ou eu?

— Provavelmente eu, porque você me odiava.

— Ai, odiar é uma palavra tão forte...

— Não ficou me desprezando por dez anos?

— Sim, mas odiar... E você não me odiava também?

— Já afirmei diversas vezes que nunca te odiei na minha vida. — Ele soltou um suspiro.

— Hm... — Emília sorriu de lado. — Realmente daria o primeiro passo?

Os dois se encararam. Gustavo espremeu os lábios, pensativo.

— Sim — admitiu. — Talvez demorasse um pouco mais, mas uma hora ou outra eu ia ceder.

— Ceder no quê?

— Em aceitar que eu estava ficando completamente obcecado por você.

Foi a vez dela de espremer os lábios. Mas em seu caso, tinha sido para suprimir um gritinho de pura excitação.

— Como é essa história, Gustavo Choi? — Quase guinchou. — Conta isso direito.

— Bem... — Ele cruzou os braços. — Eu tinha acabado de voltar do intercâmbio. Lembro que eu não estava conseguindo dormir por causa do *jet lag,* então fui pro laboratório. Acabei esbarrando contigo lá, lembra? Você e a Jana estavam ajudando a Lis com o TCC dela.

— Lembro. O que tem?

— Foi a primeira vez que eu te vi com o cabelo rosa e... Eu quase tive um treco quando abri a porta.

Emília ficou calada, tentando se recordar. No fim, franziu o cenho profundamente, confusa. Se ela se

lembrava bem, Gustavo só abriu a porta e a olhou como sempre a olhava, talvez até tivesse feito um comentário depreciativo. Não houve sequer um minúsculo indício de que ele tinha se interessado por ela naquele momento.

— Um treco, especificamente um treco? — Quis esclarecer.

Ele só acenou com a cabeça, concordando.

— Meu Deus, Guto. A gente tem que melhorar as suas reações, porque eu ia morrer sem saber.

Gustavo riu de novo, um sorriso aberto e alegre. Emília ainda não tinha se acostumado com aquilo.

— Não sou bom em me expressar, mas sou seu fã número um, Emília Park — disse. — Que isso fique registrado agora.

— Ai, agora quem vai ter um treco sou eu... — Emília escondeu o rosto com as mãos. — Porque isso foi fofo demais.

— Só estou falando a verdade.

— Bem, então acho justo que eu também conte uma verdade constrangedora sobre mim. Quer saber um segredo?

— Quero.

— Você era meu *crush* quando eu era adolescente. Por isso doeu demais quando você gritou comigo, porque eu era gamadinha em você.

Ele inclinou as sobrancelhas, uma expressão de culpa escapando da máscara séria. Emília sacudiu as mãos, agitada.

— Não estou contando isso pra te deixar mal, a gente já se resolveu — esclareceu. — Só contando algo engraçado. Não precisa se preocupar.

— Sério? *Crush* de que tipo?

— Do tipo que você era como uma celebridade pra mim. Ou um personagem de livro. Tudo que você falava parecia uma maravilha, mas pensando agora, era só um dos

seus infinitos monólogos sobre a faculdade. Mas parecia incrível na época.

— Meu Deus do Céu.

— É sério. — Ela deu de ombros. — E eu te achava *muito* bonito. E gostava que você tratava sua bisa como uma rainha. Eu gostava muito disso.

— Eu ainda trato a minha bisa como uma rainha. Então ainda gosta de mim?

Foi a vez dele de quase não conseguir se conter, porque Emília abriu o sorriso mais lindo do mundo naquele momento.

— Já afirmei diversas vezes que gosto de você, Gustavo Choi. — Ela o imitou.

— Eu sei, mas gosto de escutar.

— É? Quantas vezes quer que eu repita então?

— Sempre. Quero que repita sempre.

Sem sorrisos dessa vez, Gustavo falou aquilo em completa seriedade. Mas também sem sombras de irritação ou rigidez, só uma verdade absoluta, um fato, um desejo, uma possibilidade. Quem sabe até o resultado de sua hipótese bem ali naquelas poucas palavras.

E a terceira vez.

Emília Park havia perdido a fala pela terceira vez naquela noite.

— ♥ — ♥ — ♥ — ♥ — ♥ — ♥ —

— Espera, a gente tem que fazer um vídeo pra eu postar — Emília pediu. Os dois tinham conseguido dar uma volta na área da piscina e o cenário era bonito demais para ser desperdiçado.

— Quer que eu te grave? — Gustavo perguntou. Estava carregando a bolsa dela como de costume, atento ao que Emília fazia.

— Pode fazer um meu, mas quero um junto contigo. Preciso falar na internet que você me forçou a usar preto

num *date.* Meus seguidores vão te cancelar.

Retirou a jaqueta que já estava sobre os ombros, entregando para ele enquanto se posicionava no melhor local para que Gustavo gravasse. De início, ele nunca acertava o ângulo e às vezes botava o dedo na lente, como um velho. Mas agora ele até entendia um pouco de iluminação ou de centralizá-la nos terços corretos da foto. Uma melhora impressionante, Emília tinha que admitir.

Ela ficou se perguntando se Gustavo tinha se empenhado a estudar só para aprender a gravar um *reels* de forma decente. Não era difícil de imaginar, visto sua quase expertise com tranças agora. Quanto tempo até ele começar a levar uma *ring light* no carro sempre que saíssem? Emília amava sonhar com aquela realidade.

Jogou o cabelo para o lado, fazendo poses, um pouco tímida por ter tamanha atenção naquele momento. Quando por fim terminou, foi até ele.

— Uau, será que te contrato como assistente? — brincou enquanto assistia. — Porque isso ficou muito bom!

Retirou o celular das mãos dele. Depois procurou algum lugar para apoiá-lo, vasculhando a área da piscina. Ficou satisfeita quando encontrou uma mesinha ao lado das espreguiçadeiras refinadas e deixou o celular apoiado no enfeite da mesa. Depois voltou para onde Gustavo estava, abraçando-o e virando-o em direção à câmera.

— Agora faz sua melhor cara de modelo — pediu, girando o corpo para que ele a enlaçasse por trás.

Ele não disse nada, só ficou parado. Emília levantou o queixo para observá-lo.

E, obviamente, lá estava o rosto inexpressivo que o fazia ter o ar de que queria assassinar o mundo inteiro.

Emília riu, ajeitando o cabelo de novo. Era melhor que ela se adaptasse ao jeito dele para o vídeo.

Fizeram algumas poses. Gustavo pareceu um pouco desengonçado, mas embarcou em todas as ideias dela. Já

tinha se acostumado com as fotos, não demoraria muito para que aquilo se tornasse natural também.

— Pra finalizar, um beijinho — ela falou, enlaçando-o pelo pescoço.

Foi nesse momento que Gustavo sorriu. Aquilo também se tornaria natural se eles namorassem de verdade? Porque a sensação que Emília tinha era de que nunca se acostumaria, nunca.

— Agora que vão me cancelar de verdade... — murmurou ao mesmo tempo que Gustavo se abaixava para só roçar seus lábios nos dela, leve como uma pluma. Sentiu seu rosto aquecer por vergonha e excitação. — Vão perceber que só tenho olhos pra você e meus seguidores vão ficar com ciúmes...

Um beijo. Suave como um bater de asas de borboleta, mas o suficiente para alvoroçá-la como um furacão.

— Que se acostumem... — ele sussurrou ainda colado nela. Sua voz tinha saído tão baixa e rouca que parecia um sonho. — Não para de olhar pra mim, por favor...

Pra que pedir? Foi o que ela pensou quando ele lhe beijou novamente, dessa vez mais forte, tons de sinceridade e paixão misturados com desejo. Para que pedir se já era tudo que ela fazia?

Emília já não tinha olhos para mais nada além de Gustavo.



“Mesmo se me jogar fora

Está tudo bem

Não posso sair acorrentado”

Now Playing: (Chained up)

(VIXX)

30/08/2025
36 dias para o Chuseok!

— Agora faz a volta por cima — Gustavo explicou. Estava com os braços estendidos na direção de Emília, os pulsos juntos enquanto ela treinava a amarração. — E finaliza com o nó direito.

Ela colocou a ponta da língua para fora, concentrada, e fez os passos que ele pediu. Deu o nó com uma força considerável, mas atenta para não apertar demais. Quando terminou, testou a folga com os dedos.

— Ficou bom? — perguntou, uma sensação quente brotando no meio de suas coxas ao ver as mãos grandes de Gustavo amarradas daquele jeito.

Assim que voltaram do jantar, ele a chamou para sua casa para conversarem um pouco mais, tudo para estender a noite que estava maravilhosa. A conversa acabou chegando no assunto de cordas e nós e Emília pediu que ele a ensinasse a fazer um.

— Ficou ótimo. — Gustavo testou a amarração. — Tá bem preso.

Ela o fitou novamente, captando os detalhes daquela cena. Gustavo relaxado, sem os sapatos e com as mangas da camisa enroladas até os cotovelos, as veias de seus braços marcando por causa do aperto das cordas. E aquele olhar calmo, quase como se estivesse explicando o protocolo de um experimento, não um nó que a fazia querer derrubá-lo no sofá e engoli-lo por inteiro.

Desatou o nó. Depois mordiscou os lábios, sentando nos tornozelos em cima do sofá, também já confortável por estar sem as botas de cano alto.

— Tira a camisa — mandou. — E vira de costas. Quero testar fazer sem você olhar.

Gustavo obedeceu. Segurou a camisa pela barra e a puxou de uma vez só, exibindo todos aqueles músculos que ainda eram uma loucura só de olhar. Virou de costas e juntou os pulsos, silencioso.

— Por que me pediu pra tirar a camisa se só está testando o nó? — questionou, sentindo a movimentação dela atrás de si. — O que planeja fazer depois de me amarrar desse jeito?

— Hm, o que você faz comigo quando me amarra? — A voz dela era pura provocação. Ele sentiu um arrepio quando Emília verificou a corda, a força que ela tinha usado.

Ele riu, mas seu coração tinha acelerado. Já tinha sido amarrado antes, mas sempre preferiu ser o dominador. Contudo, por ser ela – sempre ela – Gustavo se viu até disposto a ser um pouco submisso.

— Me responde — Emília mandou. Sentiu os dedos dela subindo pelo centro de suas costas. — Por que eu te amarrei?

— Porque você quer que eu seja sua putinha bem comportada — Gustavo falou aquilo com toda a naturalidade possível.

— Não, esse é meu apelido e eu quero exclusividade. — As mãos dela pousaram em seus ombros, subindo até seu pescoço. — Como devo te chamar, então?

Emília fechou os dedos no cabelo dele. Quando ela o puxou um pouco para trás, sua respiração chegou a falhar um pouco.

— A dona que escolhe o nome do bichinho dela, princesa — conseguiu dizer.

— Então você é meu bichinho agora, Guto?

— Se quiser que eu seja…

Emília riu enquanto se levantava, ficando de pé em frente a ele. Empurrou os ombros de seu namorado para que ele se recostasse no encosto do sofá. Gustavo só obedeceu, mas sentiu o nó afrouxando assim que se movimentou.

Segurou a vontade de rir com tudo que tinha. Seria interessante deixá-la acreditar que ele estava completamente à mercê dela.

— Mas sou alérgica. E agora? — Emília fez um beicinho. — Acho que vou escolher outra coisa.

— O quê?

— Hm… — Bateu a ponta do indicador no queixo, pensativa. — Ah, já sei!

Deu as costas para buscar a bolsa. Remexeu seu interior até encontrar o que procurava, mostrando a embalagem de um batom para ele.

— Lembra disso? Você me ajudou a escolher naquele jantar com seu pai.

— Lembro.

— É isso que quero que você seja, Guto.

— Um batom?

— Não. Quero que seja *meu.* Minha propriedade.

Retirou a tampa. A bala vermelha subiu e ela sorriu com o ato, satisfeita com todos os cenários que criava em sua cabeça. Gustavo só semicerrou os olhos, divertindo-se.

— Como uma roupa ou um sapato? — perguntou.

— Isso. Não acha que combina comigo? Adoro ser dona das coisas. E cuido muito bem do que possuo.

— Então você me colocaria no seu closet bonito e me adicionaria na sua planilha? E me usaria quando bem entendesse?

Emília soltou uma gargalhada sonora. Era o gesto que ele mais amava nela, quando se divertia com as brincadeiras que criava e ria das besteiras sem graça que Gustavo de vez em quando dizia.

O que Gustavo não amava em Emília Park? Ele já tinha chegado a um ponto de que até os defeitos dela eram lindos.

— Sabe o que tá faltando? — ela continuou. — Uma etiqueta. Algo que diga que você é minha propriedade.

— Quer me marcar? — Apesar de estar achando graça, a perspectiva de ser marcado por ela o deixou duro na hora. Seu pau latejou por baixo da calça, o que o fez se ajeitar no assento, abrindo as pernas.

— Quero. Você deixa?

Acomodou-se melhor no sofá, o olhar ininteligível.

— Quem manda é você — assegurou.

— Será que você precisa de uma palavra de segurança? Se ficar muito intenso — ela o provocou.

— É sempre bom. Ou quer me maltratar?

— Nunca. Já disse, cuido bem do que é meu. Então escolhe uma.

Ele fingiu pensar por um momento. Mas já tinha escolhido uma que ela adoraria.

— GFAP[14] — recitou.

— Quê?

— Proteína ácida fibrilar glial. Presente em diversos tipos celulares no sistema nervoso central.

— Isso eu sei, mas é mais de uma palavra.

— A sigla serve.

Emília voltou a gargalhar. Gustavo pensou que ela era uma das poucas pessoas que riria daquela escolha, assim

como ele seria o único a achar graça quando ela escolheu luciferase.

— Se é assim, tudo bem. — Emília mordiscou os lábios. Voltou a estender o batom em sua direção. — Pronto?

— O que quiser. Minha dona é quem manda.

Nossa, ela pensou, já quase no limite do bom senso. Se a palavra “dona” saísse da boca dele mais uma vez, ela não responderia mais pelos próprios atos.

Foi até ele, apoiando um dos joelhos entre suas pernas para ficar mais perto. Gustavo respirou fundo quando ela apoiou a palma da mão nele para se estabilizar enquanto escrevia em seu peito com o batom, ainda mordendo os lábios, aquela expressão concentrada e provocante ao mesmo tempo. Ficou assistindo o cabelo dela se movimentar, as pontas rosas o tocando como um pincel.

E fez de tudo para resistir ao ímpeto de só se soltar de vez e agarrá-la com tudo que tinha.

— Queria tirar uma foto disso... — Ela se afastou um pouco e verificou a própria obra de arte. — Tão lindo...

Gustavo tentou ler o que estava escrito, mas era difícil tirar os olhos de Emília naquele momento.

— Tira, quero ver o que você tá vendo — permitiu, ainda calmo.

— Hm, ok... Tá faltando um toque especial, então.

Retocou o próprio batom, o vermelho profundo e bonito colorindo os lábios que Gustavo queria beijar até perder o ar. Depois só a assistiu se inclinar de novo.

Emília o beijou bem no canto da boca.

— Pronto, agora tá perfeito — comunicou. Pegou a bolsa de novo para alcançar o celular. Estendeu a câmera, procurando o melhor ângulo. — Agora fica paradinho...

Gustavo obedeceu novamente, mas abriu o sorriso mais devasso da face da Terra. Ela quase não conseguiu tirar a foto.

— Me mostra, princesa. Quero ver. — Ele ainda estava sorrindo quando falou, prestando atenção em tudo que ela

fazia.

A tela lhe foi estendida. Gustavo analisou a foto de cima a baixo, finalmente lendo a frase que ela escrevera em seu peito.

“Propriedade de Emília Park”.

— Vai usar como fundo de tela? — indagou.

Ela só mordeu os lábios novamente, negando com a cabeça. Virou a tela para si mesma, tendo outro vislumbre da foto.

— Não. Você é só meu, não quero que mais ninguém te veja — explicou enquanto colocava o celular de lado.

Voltou a se aproximar, apoiando o joelho esquerdo próximo à perna dele. Empurrou as costas de Gustavo no encosto para que ele a encarasse de baixo.

— Tem ciúmes das suas coisas, princesa? — Gustavo murmurou, seu coração retumbando por baixo dos dedos dela em seu peito.

— Muito. Se é meu, só eu uso, mais ninguém. Sou a princesa mais egoísta do universo. Você é meu e só eu posso te usar. Entendeu?

Emília montou nele. Gustavo respirou fundo.

— Entendi…

— Então fala pra mim. — Puxou seu cabelo por trás. — Você pertence a quem?

— A você.

— Hm… Acho que pode se esforçar um pouquinho mais. Me obedece e me diz, Gustavo. Quem é sua dona?

Caralho. Não dava mais, aquela frase era o estopim. Gustavo se soltou na hora e a segurou com toda a força que tinha. Emília levou um susto, mas mal conseguiu reagir. Gustavo já a beijava com ferocidade, jogando-a no sofá.

— Minha dona Emília Park, sua confiança é admirável — ele falou quando a soltou, quase rindo da expressão surpresa dela jogada no sofá. — Mas tem que melhorar um pouco na arte de dar nós, senão sua propriedade vai se soltar e quem vai pagar o preço é você.

Subiu as mãos por dentro da saia dela, puxando a meia-calça com o resto de delicadeza que lhe sobrava. Depois só abriu suas pernas e afastou um pouco o gancho da calcinha, expondo a carne já inchada e molhada para si.

— Tsc… — Gustavo estalou a língua enquanto brincava com o tecido da peça íntima contra a boceta dela. — Será que esse era seu plano desde o início? Já tá desse jeito…

— Guto…

Emília perdeu o ar ao vê-lo entre suas pernas, sem camisa e com a frase escrita no peito. Ali dizia que ele era sua propriedade, mas Gustavo parecia mais um deus, lindo e perigoso, pronto para levá-la ao paraíso ou ao inferno, não havia meio termo.

— Mas o que fazer com uma dona inconsequente? — ele continuou. — Como faço pra que entenda que não devia deixar solto o que pode te devorar?

Retirou a saia e a regata dela. Emília então se viu praticamente nua ali, mais uma vez a presa que estava prestes a ser caçada.

Gustavo inclinou a cabeça e a fitou.

— Acho que falta alguma coisa… — Estalou a língua de novo.

Olhou em volta, tateando o sofá. Emília o assistiu encontrar o batom que ela usara antes.

— Também sou egoísta, Emília — Gustavo afirmou, retirando a tampa da maquiagem. — Não quero te dividir com mais ninguém.

Ela só teve o ímpeto de jogar os braços para trás para lhe dar mais espaço e prendeu a respiração enquanto ele escrevia em seu peito, a ponta do batom contornando seus seios, o sobrenome dele marcado em sua pele. *“Propriedade de Gustavo Choi”,* a verdade mais deliciosa do universo.

— Tira uma foto… — pediu. Por algum motivo, a ideia de Gustavo guardar uma foto dela daquele jeito a excitava demais.

Conseguiu imaginá-lo sozinho na cama, hipnotizado pela imagem dela enquanto se masturbaria, seu mesmo se Emília estivesse longe, a dona de seus pensamentos.

Gustavo pegou o próprio celular e tirou a foto. Mostrou para ela e Emília sorriu com o resultado.

— Gostou? — perguntou para ele.

— Muito. Mas quer que eu te confesse uma coisa?

Ela fez que sim, acomodando-se melhor. Gustavo se levantou para tirar o resto das roupas e voltou a se sentar entre as pernas delas. Depois passou o polegar pelas marcas de batom, borrando as linhas, espalhando a cor por sua pele.

— Cheguei ao ponto que tenho ciúmes de tudo que possa te ver ou te tocar — murmurou. Retirou sua calcinha e acariciou seu clitóris de forma suave, pequenos círculos antes de penetrá-la com os dedos. — Da câmera do meu celular, até da corda que uso pra te prender. Tudo que possa ficar entre mim e você, eu tenho ciúmes. Não acha estranho?

Emília girou o quadril de encontro com a mão dele, ansiando por mais, choramingando para que fizesse mais que aquilo. Arqueou as costas para se aproximar e, quando seus olhares se conectaram de novo, ele usou o *piercing* para tocá-la antes de se inserir completamente.

— Tenho ciúmes de tudo que te envolva — Gustavo continuou. Deu a primeira estocada sem tirar os olhos dela, sentindo Emília estremecer. — Você sorri e eu quero que esse sorriso seja só meu. Você respira e eu quero esse ar só pra mim. O que faço agora, Emília? Não acha isso uma loucura?

— Eu… — ela tentou dizer, mas Gustavo se movimentou de novo e ela gozou só com aquilo, já sem ar e desfeita, seu corpo tremendo por completo.

— Isso… Muito bem. — Ele permaneceu no ritmo. Uma de suas mãos parou em seu pescoço, apertando o suficiente para lhe deixar ainda mais eufórica. — Também quero que

isso seja só meu, princesa. Pensar em você desse jeito com outra pessoa… Sou capaz de assassinar alguém.

Era difícil falar, Emília sentia-se capaz de gozar de novo só com a voz dele. Choramingou quando ele a segurou pelo quadril, acelerando.

— E agora, Emília? O que devo fazer? Se é minha dona, não devia se responsabilizar pelo seu bichinho? Ou realmente quer me maltratar?

Tudo se desfez novamente e ela só conseguiu gemer enquanto Gustavo a virou de lado e se deitou logo atrás no sofá, o peito dele colando em suas costas. Ele segurou uma de suas pernas, subindo-a até que se enganchasse nas dele, unindo-os naquela posição. Com a mão livre, Gustavo primeiro a segurou pela nuca para beijá-la e depois desceu até um dos seios, colocando o mamilo entre os dedos enquanto recomeçava com as estocadas.

— Me diz, princesa. — Ele acelerou ainda mais quando a sentiu gozando pela terceira vez, seu pau latejando e pulsando como consequência. — O que eu faço se tudo que quero é te ter pra mim? O que devo fazer quando sei que nem estou mais fingindo estar apaixonado? O que vai ser de mim quando o *Chuseok* chegar e você partir meu coração?

Já não dava mais para falar tanta coisa, Gustavo já estava no limite. De novo soterrado por aqueles sentimentos tão intensos, ele pela primeira vez só quis se entregar, deixar-se ser levado. Nada mais de médias, conveniências ou o satisfatório, curvas padrões que não lhe cabiam mais. Gustavo agora queria extrapolar os números, chegar ao infinito com ela, ser inundado pelo amor que Emília vivia mencionando.

Aquele amor era mesmo lindo. Mais que paixão, desejo, a química cerebral que ele conhecia tão bem que o deixava em um estado de completo torpor, aquele amor era maior do que todas essas coisas. Era algo que ele nunca poderia deixar de ter, que não sobreviveria se lhe tirassem, as linhas do amor agora regendo sua vida por inteiro.

Emília arfou e gemeu, ainda presa nas pulsações do próprio orgasmo quando o sentiu gozar intensamente, preenchendo-a por completo. Apertou a mão dele que ainda repousava em seu seio, acompanhando as ondas de prazer até que a calmaria baixasse e os dois pudessem respirar fundo.

Em seguida, ouviu Gustavo soltar uma risadinha.

— A gente fez sem camisinha de novo — ele murmurou.

— Estamos brincando com a sorte quando há quatro gerações de duas famílias rezando todos os dias pra gerarmos um herdeiro. Onde a gente tá com a cabeça?

— Eu já perdi a minha faz tempo, princesa. Pensei que tivesse percebido.

Emília mal conseguiu conter a gargalhada que brotou em sua garganta. Era tão engraçado ver Gustavo admitindo que tudo estava saindo dos planos dele.

Virou-se em sua direção, ainda com o desejo de ficar enroscada com ele o máximo possível. O que Gustavo dissera antes permeava em sua mente e Emília queria esclarecer tudo que pudesse.

— Não quer que eu parta seu coração no *Chuseok?* — perguntou. — Mas como a gente vai terminar se isso não acontecer?

— Escutou só essa parte? — Ele riu. — Falei que estou apaixonado por você. Acha que quero terminar?

O rosto dela ficou quase da mesma cor que o cabelo.

— Mas… Isso pode te trazer problemas… — Emília falou baixinho, desviando os olhos.

— Por quê?

— Porque uma hora você vai querer terminar. E aí vai ser difícil convencer as famílias e…

— Por que eu ia querer terminar?

— Porque não faz sentido você querer ficar comigo por tanto tempo…

— Por que não faz sentido?

— Porque… Porque eu sou um infortúnio.

Aquilo escapou de sua boca de uma vez só. Em uma situação normal, Emília teria suavizado a verdade e colocado um laço bonito para convencê-lo que uma hora ou outra ela ia estragar tudo, que mergulharia em uma piscina muito funda e que não queria vê-lo assistindo sua queda ou se machucando quando percebesse que não havia muito o que fazer com ela.

Por outro lado, havia uma força dentro dela que só queria despejar tudo, mostrar aquela versão feia e sem cor da pessoa mais feliz e colorida do mundo. Uma força que era alimentada pela crença de que havia um espacinho para Emília no mundo, mesmo sendo uma pessoa que carregava diversos infortúnios consigo mesma. Uma força que a dizia que ela podia ser um pouquinho egoísta e desejar que Gustavo continuasse segurando sua mão, que pulasse na piscina para salvá-la.

E, mesmo tentando ser racional e querendo entender que talvez aquela fosse a pior decisão que poderia tomar, Emília se via sendo incapaz de nadar contra a maré daquele sentimento.

— Um infortúnio? — Gustavo fez um carinho em seu rosto. — Emília, você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. É até difícil de acreditar que tive a sorte de poder ficar com você.

Sorte. Aquela palavra a arrepiou por completo, um calor crescendo em seu coração até aquecer sua alma.

— Você… — murmurou. — Você tá falando sério?

Gustavo guardou uma mecha rosa atrás de sua orelha, sempre afetuoso.

— Alguma vez já menti pra você?

— Não…

— Então por que não acredita em mim?

— Porque é difícil de acreditar…

Ele se calou. Não parecia zangado ou impaciente. Muito pelo contrário, tudo que Emília enxergava nos olhos dele

agora era *amor.* Um amor grande e infinito, todo por ela.

— Então vamos fazer assim… — Gustavo voltou a falar. Roçou seus lábios nos dela, um carinho reconfortante. — A gente namora até o *Chuseok.* De verdade. E quando a data chegar… A gente vê no que dá. Mas nesse tempo que nos resta, vai ser de verdade.

Eles se beijaram. O calor que a acometia já tinha invadido seu corpo inteiro, desde o topo da cabeça até as pontas dos pés.

— Até lá você vai acreditar em mim — ele continuou. — Até lá você vai acreditar que a gente foi feito pra dar certo, Emília Park.

Emília sorriu e Gustavo acreditou que não precisaria ter ciúmes daquele sorriso.

Porque sabia que era só dele. Emília só sorria assim para ele, para mais ninguém.

Sua, sua, *sua,* mil vezes sua. Dele e de mais ninguém, o segredo de sua alma, a dona de seu coração.

— Tudo bem, então… — ela aceitou. — Até o *Chuseok* a gente namora pra valer.

— Até o *Chuseok…* — Gustavo repetiu, já sem forças de impedir o ímpeto de beijá-la novamente.

Até o Chuseok. Aquele período minúsculo e ao mesmo tempo infinito de felicidade.

Até o Chuseok.



“Você poderia ser

Minha única estrela

Você poderia ser a luz do luar

Você é tudo que preciso no mundo

Para sempre”

Now Playing: Forever

EXO

05/09/2025
30 dias para o Chuseok!

— Você colocou álcool em vez de água quando foi fazer o tampão e estragou todas as amostras do dia? — Foi a primeira coisa que Gustavo perguntou assim que viu o novo IC chorando diante da bancada.

Ele só percebeu que havia um problema quando a choradeira começou. O menino novo, Heitor, ficou responsável por fazer o tampão utilizado para fazer as amostras de corrida de proteínas e Gustavo ficou o dia inteiro com ele preparando o material. E agora, na última amostra, depois de cinco horas ininterruptas de trabalho – ele não tinha parado nem para almoçar – o novo IC havia se dado conta de que tinha usado álcool em vez de água e simplesmente destruído 15 amostras de córtex pré-frontal.

Um dia inteiro de trabalho. Pior, os animais que Gustavo usava passavam por um protocolo comportamental de 30 dias antes da coleta de amostras, então era como se

ele tivesse perdido um mês de doutorado. E sua defesa era em dezembro, aquilo sem dúvidas o atrapalharia.

Lis e Dante entraram na saleta quando ouviram o choro, prontos para remediar a bomba que cairia sobre o pobre aluno de graduação. A mestranda também já estava pronta para comunicar à orientadora de que teriam que procurar outro IC, porque o atual estava prestes a ser assassinado.

— Só toma mais cuidado na próxima — Gustavo falou enquanto limpava a bancada. — De uma forma ou de outra, são recursos públicos que utilizamos aqui, então temos que fazer tudo com muita responsabilidade.

Lis e Dante se entreolharam, boquiabertos. Até Heitor parou de chorar, um pouco surpreso. Desde que entrara no laboratório, ele só tinha recebido broncas do doutorando.

— Mas essas coisas acontecem — Gustavo continuou. — Você está aqui pra aprender e tenho certeza de que não cometerá o mesmo erro duas vezes. Não fica tão preocupado.

— Amor, eu morri? — Lis sussurrou para o noivo. — Ou você tá vendo o que eu tô vendo também?

— Eu tô vendo também… — Dante chegou a tirar os óculos para limpá-los, porque era inacreditável.

Gustavo permitiu que Heitor saísse para se acalmar e recompor enquanto anotava o horário do fim do experimento. O casal ficou o assistindo jogar as amostras inutilizadas fora, sem qualquer sombra de irritação ou ira, talvez só um leve ar de cansaço por ter trabalhado o dia inteiro. Observaram o colega se esticar para se espreguiçar, por último retirando o jaleco.

Por Deus, Lis estava alucinando? Porque tinha acabado de ouvir Gustavo cantarolando alguma música qualquer enquanto guardava suas coisas.

— Ahn… O que vai fazer com esses dados, Gustavo? — ela ousou perguntar. Estava curiosa e queria ajudar de

algum jeito. — Quer fazer uma reunião de emergência com todo mundo agora? A gente pode bolar uma força-tarefa e…

— Relaxa, segunda a gente pensa nisso. — Ele a dispensou com um abanar de mãos. — Hoje é sexta-feira, ninguém quer ficar até tarde no laboratório pensando em algo assim.

— É, o mundo acabou. — Estalou a língua. — Porque não é possível…

— Quer passar o fim de semana no laboratório, Lis? — Gustavo a interrompeu e fuzilou a colega com o olhar. — Porque, se quiser, posso te arranjar trabalho. Já que está tão preocupada.

— E voltamos pra programação normal. — Ela soltou um suspiro, aliviada. — Por um momento pensei que estivesse possuído. E, não. Não quero passar o fim de semana no laboratório, já passei dessa época de trabalhar até cair.

— Que bom, porque eu também. Tenho um compromisso e vou acabar me atrasando se tiver que ficar escutando suas baboseiras.

O casal acabou o seguindo até a sala dos alunos. Ficaram se perguntando sobre qual compromisso Gustavo teria para nem sequer cogitar pensar em um plano de emergência. Se fosse no passado, ele só se sentaria diante do computador e começaria a criar uma planilha com planos de ações e estratégias para resolver tudo. E ficaria ali sentado até o amanhecer do dia seguinte.

— Se eu perguntar qual é o seu compromisso, você vai me matar? — Lis foi ousada de novo. Estava morrendo de curiosidade.

— Primeiro tenho que ir na casa dos meus pais. — Gustavo não se irritou com as perguntas insistentes. Na verdade, parecia bastante distraído. — Depois vou com a Mi na casa das bisas. O aniversário da bisavó dela está chegando e eles vão tirar um monte de fotos. Então preciso ir pra casa dos meus pais na Urca, voltar pra Niterói pra

buscar ela e depois ir pro Alto da Boa Vista. Não tenho tempo pra mais nada.

— Vai atravessar a Ponte Rio-Niterói duas vezes só pra buscar a Mi?

— Óbvio. Ela tem um monte de coisa pra levar. Você não espera que ela pegue um Uber, né?

— Quer a resposta sensata ou a que você quer ouvir?

— Nenhuma das duas, tô indo embora. — Gustavo colocou a mochila nas costas. — Bom fim de semana, a gente se vê na segunda.

E saiu do laboratório, deixando os dois amigos para trás. No entanto, não pegou o elevador direto para o térreo. Parou no terceiro andar, caminhando a passos largos até o laboratório de Emília, segurando-se para não começar a sorrir feito um bobo só com a perspectiva de vê-la.

Não tinha passado nem uma semana desde que começaram a namorar para valer e Gustavo já tinha certeza do sucesso absoluto da relação deles. E ele tinha conseguido ficar ainda mais apegado, ficava contando os minutos e segundos para vê-la de novo quando se separavam, ainda que Emília estivesse praticamente morando com ele durante aquele período.

E Gustavo agora não parava de sorrir. Era só pensar nela que ele tinha vontade de soltar gargalhadas, de cantar ou distribuir flores por aí, uma versão estranha e um pouco patética de si mesmo, mas que secretamente ele adorava.

Bateu na porta. Por sorte, foi ela própria que abriu, então ele ainda teve a sorte de se deparar com o sorriso lindo de Emília ao recebê-lo. Mal se deu conta de que havia outras pessoas ali e só sorriu de volta.

— Oi, princesa — disse enquanto a puxava para o lado de fora. — Só vim avisar que estou indo pra casa dos meus pais e te busco em no máximo duas horas. Suas coisas já estão todas no meu carro. Precisa de algo mais?

— Ai, acho que tenho que te chamar de príncipe a partir de agora. — Emília também estava rindo como uma

boba, já se esticando para lhe dar um selinho. — Você é de outro mundo, Guto.

Roubou um beijo dele. Era para ser rápido, mas era impossível se desgrudarem quando começavam a se beijar. Ele teve que fazer de tudo para se lembrar de que estava em seu local de trabalho.

— Sério, precisa de alguma coisa? — Voltou a perguntar. — Vou passar em casa antes pra mudar de roupa, então posso pegar…

— Já arrumei tudo direitinho, não se preocupa. — Emília o beijou de novo. — E vou mudar de roupa na casa das bisas de qualquer jeito, então tá tudo certo.

— Qual cor vai colocar? Quero ir combinando. — Parecia inacreditável, mas Gustavo tinha feito um beicinho. E agora era o fã número um de roupas de casal.

— Eu vou colocar o *hanbok,* bobo. Não precisa combinar comigo.

— Então vou trocar pra uma blusa branca igual a que está usando agora. — Ele estava irredutível.

Emília riu ao mesmo tempo que o beijava, achando graça de tudo que Gustavo falava. Os dois mal escutaram a porta se abrindo novamente. Só pararam quando ouviram a voz alta de Pedro.

Principalmente porque ele tinha soltado um palavrão terrível ao encontrá-los.

— Porra, vocês têm que fazer isso aqui? E na minha frente? — ele reclamou, suas sobrancelhas franzidas pesando o rosto fino.

— Desculpa, Pedrinho. — Emília se afastou do namorado. — A gente não tinha te visto…

— É, você nunca me vê, né, Emília?

— Ei. — Gustavo franziu as sobrancelhas. Ainda não suportava aquele garoto. — Sai fora, é só a porra de um beijo.

Pedro recuou um pouco. Talvez tivesse medo de Gustavo, mas ele só trincou os dentes e se afastou

rapidamente, sumindo de vista no corredor. Emília só suspirou ao assistir à cena.

— Ele ainda tá te incomodando? — Gustavo perguntou, sua voz cheia de tons de ameaça. Não para ela, claro, mas para qualquer um que pudesse machucá-la ou prejudicá-la.

— Ele... Acho que o Pedro ainda precisa de um tempo pra superar.

— Porra, já faz quase um século que esse idiota... — Ele mesmo se interrompeu. Estava ficando irritado e não era isso que queria. — *Enfim...* Daqui a duas horas no máximo apareço pra te buscar.

— Te esperarei com total animação, namorado! — Ela fez um sinal de positivo com o polegar. — Dirija com cuidado.

Toda a irritação se dissolveu do rosto dele de imediato. Conseguiu mais um beijo antes de se despedirem e Gustavo entrou no elevador suspirando de felicidade.

O amor era mesmo incrível.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

— Não posso me demorar muito, pai — Gustavo explicou assim que chegou na casa dos pais na Urca. — Hoje é o dia das fotos do aniversário da bisa Misook, preciso pegar a Emília e ir pra lá ainda.

Murilo esticou as sobrancelhas para o filho, mas Gustavo nem se importou. Tinha entrado ali já planejando os passos que teria que dar para completar o dia, na melhor forma de ajudar Emília. Ela andava um pouco sonolenta e às vezes tinha crises de enxaqueca, então Gustavo ficou um pouco preocupado. Nenhum dos dois andava dormindo direito e ele tinha medo de extenuá-la demais com tudo que andavam fazendo.

No entanto, era impossível conter seus impulsos ou negar qualquer coisa que sua namorada pudesse querer. Tudo que Gustavo mais quis durante aqueles seis dias foi

ficar trancado com ela em seu apartamento pelo resto da vida. Qualquer coisa fora dali não importava.

— É importante —Murilo afirmou. Deixou que o filho se sentasse em uma das poltronas da sala enquanto ele se sentava no sofá. — Mas não vai demorar. Só queria uma visita formal sua antes de qualquer coisa.

— Visita formal? — Gustavo torceu o cenho. O que seu pai estava aprontando agora?

— Bem, é que... — pigarreou. — Querida, não vai vir? Por favor, preciso de você aqui.

Sofia surgiu do corredor que dava para os quartos, sorridente e animada. Tinha uma sacola nas mãos e se juntou ao marido contendo uma risadinha, mandando um beijo para o filho. Gustavo ficou ainda mais sem entender.

— O que estão fazendo? — perguntou. Seu pai parecia constrangido e sua mãe quase explodia de tanta animação.

— Fala logo, amor. — Sofia deu um beliscão no braço de Murilo.

— Ahn, bem... Filho, chamamos você aqui para formalizar suas intenções com a Emília.

Gustavo segurou a vontade de resmungar com tudo que tinha. De novo aquela história.

— Pai, pelo amor de Deus... — Passou os dedos pelos olhos, apertando a ponte do nariz em seguida. — A gente já não tinha conversado sobre isso e o senhor não tinha chegado à conclusão de que era sério mesmo?

— Sim, nós conversamos.

— Então por quê? Mudou de ideia?

— Não. Muito pelo contrário. Por isso te chamamos aqui.

— Ainda não compreendi.

— Guto, queremos saber se é realmente sério. — Sofia tentou ajudar o marido. — Realmente, *realmente,* entende?

— Não.

Murilo soltou um grunhido.

— Quais são seus planos para o futuro? É isso que queremos saber — falou.

— Ah. — Ainda assim, Gustavo estava sem entender qual era o real intuito daquela conversa. Ele já não tinha deixado bem claro que gostava de Emília? — A gente também não tinha conversado sobre isso?

— Sim, mas quero formalizar.

— Tipo autenticar no cartório?

— Só fala se você planeja se casar com a Mimi um dia, Guto! — Sofia perdeu a paciência. — É isso que queremos saber!

Gustavo ficou vermelho na hora. Ficou olhando para os pais sem ter o que dizer, ainda não tinha pensado totalmente naquela possibilidade. Apesar de tudo, o relacionamento deles era bem recente e se precipitar poderia estragar o que tinham.

— Eu... — gaguejou.

— Filho, não estamos te pressionando — Murilo esclareceu. — É só uma formalidade. Vocês têm a total liberdade para se casarem daqui a um ou dez anos se quiserem. Só queremos saber como você realmente pensa.

— Queremos saber se você tem a intenção — sua mãe complementou.

Ele ficou em silêncio. Pensou na possibilidade direito daquela vez. Em suas intenções, em seus desejos, naqueles sentimentos loucos e avassaladores. E chegou a uma conclusão.

— Quero me casar com a Emília um dia — disse, decidido. — Está nos meus planos.

Sofia soltou um grito e bateu palmas, pulando pela sala. Bem mais comedido que ela, Murilo só espremeu os lábios para esconder um sorriso.

— Me chamaram até aqui só pra me fazer falar isso? — Gustavo estava sem acreditar.

— Para formalizar — Murilo garantiu.

— E pra te dar isso aqui! — A mãe lhe entregou a sacolinha que carregava.

Ele a aceitou de bom grado, apesar de estar um pouco irritado com os pais por terem o arrastado até a Urca quando ele tinha infinitas coisas para fazer naquele dia. Mas retirou o conteúdo da sacolinha rapidamente.

Encontrou uma caixinha de veludo. Dentro dela havia uma aliança bonita e refinada, antiga e clássica. Ele vira sua avó a usando, sua mãe. E vira fotos da vovó Eunbi a usando também.

A aliança de noivado dos Choi.

— Caralho — exclamou, aturdido.

— De novo, não estamos te pressionando — Murilo repetiu a afirmação. Estava tão alegre também que nem se importou com o palavrão que o filho soltou sem querer. — Só achamos que já está na hora disso ficar com você. Não precisa se apressar, de forma alguma.

Gustavo não estava mais escutando. Por algum motivo, um looping tinha se criado em sua cabeça e imagens de Emília usando aquela aliança rodavam em sua cabeça sem parar. Depois vieram as imagens dela vestida de noiva, da festa que fariam, parte tradicional e parte nos costumes coreanos.

Pensou nos filhos, aquele formigamento o tomando por completo mais uma vez. Conseguiu pensar em uma vida inteira só de olhar para aquela aliança, mas também pensou na conclusão de outrora novamente, cada vez mais convicto.

Ele queria se casar com Emília. Queria passar o resto da vida com ela, ter a sorte de tê-la para sempre.

Como ele queria aquilo. Era o que mais queria. Olhar para aquela aliança tinha sido como abrir a Caixa de Pandora de seus maiores desejos.

— Ai, meu Deus! Olha a carinha dele, amor! — Sofia sacudiu o marido. — Guto, que felicidade!

Gustavo só sorriu para os pais, emocionado. Até Murilo sorriu de vez, feliz e satisfeito.

— Vai ser uma honra ter a Emília em nossa família, filho. E um prazer — disse. — Independente da relação entre nossas famílias ou da minha amizade com o Lineu, saiba que aprovo muito o namoro, o futuro noivado e o possível casamento de vocês dois. Sei que terão um futuro lindo pela frente.

Ele ainda estava sem palavras. Vislumbrou a aliança mais uma vez, aquelas imagens girando e dançando incessantemente em sua cabeça, em seu coração, o futuro bonito que seu pai já conseguia enxergar. E uma só certeza.

Gustavo amava Emília Park.



“Aquela menina
Que parecia despreocupada
Na verdade
Tem um coração sensível”
Now Playing: Either Way
IVE

Gustavo Choi
Estou atravessando a ponte agora
Em no máximo 20 minutos eu chego aí

— Hora de ir embora! — Emília cantarolou quando leu a mensagem do namorado, já ansiosa pelo reencontro. — Bom fim de semana pra todo mundo! Espero que se divirtam tanto quanto eu!

A professora Helena sorriu para ela, despedindo-se. Na mesma animação, Carlos correu até Emília, pronto para contar sua última fofoca antes da colega ir embora.

Carlos e Ayumi estavam ficando. Foi uma surpresa total para ela, mas um dia o IC chegou contando que ele e Ayumi tinham conversado muito naquele meio tempo e a amizade se tornou algo a mais.

— Adivinha só, Mi — ele cochichou para ela. — Vou pedir a Ayumi em namoro hoje! Ela tá vindo pra cá e vamos jantar juntos no bandejão. Aí, depois, pensei em dar uma volta com ela e fazer o pedido. O que acha? Queria um conselho da Besourinha do Amor!

Emília riu com a declaração. Quem diria, ela tinha errado mesmo pela primeira vez. Se tivesse enxergado as coisas direito, teria notado a possibilidade tímida, porém certa, entre Ayumi e Carlos e aquela confusão com Pedro nunca teria acontecido.

Contudo, se ela pensasse bem, seu namoro com Gustavo também não teria acontecido sem o erro dela. Pelo bem ou pelo mal, tudo tinha se resolvido e todos estavam felizes.

— Mi, posso conversar com você? — Ela ouviu a voz de Pedro bem atrás dela.

Bem, quase todos estavam felizes.

— Ah… — Girou os olhos, sem saber bem como agir. — Claro. Mas tem que ser rápido, meu namorado está vindo me buscar. Pode falar.

Pedro estreitou os olhos quando ouviu a palavra “namorado”.

— Pode ser lá fora? Queria ter uma conversa particular. Ou nem isso mais a gente pode fazer?

— Nossa. — Emília franziu o cenho. — Tá tudo bem?

Pedro só soltou o ar pela boca, irritado.

— A gente pode conversar? É sério.

Carlos e Emília se entreolharam. No fim, ela soltou um suspiro, dando de ombros. Seria só mais uma sessão de lamentações de Pedro, ela sobreviveria ao tormento, quem sabe até conseguisse se livrar daquilo de uma vez por todas.

— Tudo bem, vamos lá. Mas tem que ser rápido, ok? Meu namorado está mesmo chegando e não quero me atrasar.

Ele fez um meneio com a cabeça, concordando. Emília pegou suas coisas e os dois saíram do laboratório juntos, em silêncio. Mas em vez de iniciar a conversa logo, ele abriu a porta corta-fogo que dava para as escadas. Emília ficou sem entender.

— Ah, não pode ser aqui no corredor? — perguntou.

— Não quero que ninguém atrapalhe a gente.

Ela sentiu um calafrio na espinha.

— Não fico muito confortável… — Tentou dizer, mas Pedro a segurou pelo braço. — Ei!

Ele a puxou para as escadas. As luzes se acenderam e Emília conseguiu se soltar do aperto. Passou a mão pelo pulso dolorido. Pedro tinha apertado com bastante força.

— O que você tá fazendo? — perguntou, a voz esganiçada por estar assustada.

— Até quando vai ficar com essa historinha, hein? — Pedro rugiu. — Até quando vai ficar esfregando esse seu “namorado” na minha cara pra me deixar com ciúmes?

— Quê?

— Qual é a sua, hein? Ficou dando em cima de mim por um tempão pra agora inventar um namorado? Sua puta, você não vale nada.

— Pedro, que porra é essa?

— Você gosta de brincar com a vida dos outros, né? Adora que eu fique rastejando aos seus pés, né? Veio com essa história de namorado, mas tá sempre me abraçando, me chamando de “Pedrinho”, louquinha pra me dar. Você quer ser fodida com raiva, Emília? Quer que eu sinta raiva de você e te pegue de jeito, né? Por isso que está fazendo esse teatrinho com aquele seu namorado?

— Você tá passando dos limites. Eu nunca fiz nada disso com você. Eu te considero um amigo e eu abraço meus amigos, sou carinhosa! Você que entendeu tudo errado!

Pedro avançou contra ela. As costas de Emília bateram com tudo na parede e ele a segurou pelos cabelos, puxando. A mão livre a ergueu pelo colarinho.

— É, sua vadia? Você é a porra de uma puta que quer dar pra todo homem que te dá atenção, é isso? Essa historinha idiota de Besourinha do Amor é só pra te aproximar dos machos que você quer que te comam? Hein,

Emília? Você deu pro noivo daquela tua amiga também quando juntou eles?

— Para, me solta! — Emília deu um grito.

— Porra, você só quis brincar comigo, né? — Pedro começou a chorar. — Essa história de cupido, a porra da Ayumi… Você fez isso tudo só pra brincar com meus sentimentos! Eu te amo e você fez isso comigo!

— Me solta! — Emília gaguejou. Também tinha começado a chorar e era difícil manter a calma naquela situação.

— Eu devia te tacar dessa escada, sabia? — Os olhos dele estavam vidrados. — Eu devia te tacar e…

— Ei, solta ela! — Os dois ouviram a voz de Ayumi surgir do andar de baixo.

Ayumi subiu correndo. Por ter se assustado, Pedro soltou Emília imediatamente e se afastou, balbuciando palavras incompreensíveis. Emília caiu de joelhos no chão, soluçando, sentindo dores na cabeça por ele ter puxado seu cabelo forte demais.

Pedro saiu correndo. Ao mesmo tempo, Ayumi se apressava para chegar nela, ajoelhando-se para alcançá-la.

— Você tá bem? — perguntou. — Mi, você tá bem?

— Eu… Eu não sei…

— Porra, aquele escroto… Mi, vou te levar no médico, tudo bem?

— Ah, não precisa… Eu não tô machucada, eu…

Ela nem conseguia pensar direito, não tinha entendido o que acontecera. Em sua mente reverberava a frase *“Você gosta de brincar com a vida dos outros, né?”*

Ayumi quase não conseguiu levantá-la. A colega tremia tanto quanto ela, murmurando palavras incompreensíveis enquanto averiguava seu estado. Quando por fim viu o estado do colarinho da camiseta de Emília, Ayumi começou a chorar também.

— Me desculpa, Mi… — A menina soluçou.

— Pelo que...? — Emília mal conseguia escutá-la, sua mente tinha começado a girar sem parar.

— Eu devia ter te alertado antes, eu... Eu achei que tinha entendido errado, eu tava meio puta com você na época e...

— Do que você tá falando?

— Lembra que eu e o Pedro saímos juntos uma vez, logo depois da sua festa de aniversário? Aquela noite foi... Ele foi super grosso e meio bosta comigo, apertou meu braço e tudo mais...

— Quê?

— E ele ficou dizendo que eu nunca ia nem chegar aos seus pés, que você só quis que a gente ficasse juntos pra confundir a cabeça dele e... Ele me disse que vocês transavam toda hora.

— Ele... ele te machucou? — Emília engoliu em seco.

"Você gosta de brincar com a vida dos outros, né?"

— Não foi nada tão sério, foi só... — Ayumi limpou o rosto. — Eu devia ter te alertado que ele era meio maluco, mas eu tava zangada porque achei que ele não gostar de mim era sua culpa e tudo mais e... Eu podia ter evitado isso.

— Ele te machucou? — Emília repetiu a frase, não estava escutando mais nada do que a colega dizia.

Pedro tinha machucado Ayumi. Emília tinha inventado de juntar os dois e Pedro tinha machucado Ayumi. Era tudo culpa dela. Tudo culpa dela.

"Você gosta de brincar com a vida dos outros, né?"

— A gente tem que contar isso pra alguém — Ayumi ainda falava. — A Helena ainda tá no laboratório? É um bom começo, eu te dou apoio e...

— Não. Não precisa, eu... Não conta nada pra Helena, ela vai se estressar e o Pedro... Meu namorado tá chegando, preciso ir.

Engoliu em seco, agindo no automático. Viu sua bolsa no chão, suas coisas jogadas. Pegou tudo às pressas e começou a descer as escadas.

— Mi, espera! A gente…

— Me deixa em paz! — berrou, seu rosto todo manchado de lágrimas. — Me deixa em paz, porra!

E saiu correndo. Desceu até o térreo, empurrando as portas de emergência com força. Gustavo estava chegando e não podia vê-la daquele jeito. Ela tinha fotos para tirar com sua família, tinha um monte de coisa pra fazer, não podia pensar no que havia acontecido agora.

“Você gosta de brincar com a vida dos outros, né?”

Entrou no banheiro. A primeira coisa que fez foi abrir a torneira para jogar água no rosto. Respirou fundo uma, duas vezes. E se olhou no espelho.

Cabelo desgrenhado, um emaranhado onde Pedro havia puxado. E o colarinho de sua camisa tinha esgarçado um pouco. Seu pulso e suas costas estavam doloridos, talvez ficassem marcados.

Que idiota, a minha roupa... conseguiu pensar. O cabelo, o pulso, as lágrimas, de alguma forma Emília acreditava que poderia lidar com tudo aquilo. Mas ver sua camiseta quase rasgada daquele jeito era o que fazia seus joelhos bambearem.

— Idiota, idiota, idiota… — soluçou. Passou o dedo e sentiu o tecido. Ela nunca mais poderia usar aquela camiseta. — Você é a porra de uma idiota, Emília. Você é…

Ficou enjoada. Correu até a cabine vazia mais próxima, agachou-se diante do vaso.

E vomitou seu almoço de uma vez só.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

— Tá tudo bem? — Gustavo perguntou assim que Emília entrou no carro.

Ela levantou o olhar. Tinha conseguido lavar o rosto e retocar a maquiagem naquele meio tempo para fingir que nada tinha acontecido. No entanto, pelo visto, aquilo não tinha sido suficiente para despistar Gustavo.

— O que aconteceu com a sua camiseta? — Ele apontou para o colarinho dela.

— Ah, eu… Enganchei sem querer.

— Meu Deus, se machucou?

— Um… um pouco só. Mas estou bem.

Sentou-se no banco do carona. Ainda era difícil respirar, mas Emília tinha que se esforçar. Se se comportasse direitinho, talvez tudo aquilo não passasse de um sonho ruim.

— O que seus pais queriam? — perguntou. Não conseguia olhar para ele, então ficou só observando a vista do lado de fora, tentando se distrair. Mas sua mente ainda girava sem parar.

— O de sempre… — Gustavo limpou a garganta, um pouco nervoso. — Saber quais são as minhas intenções com nosso relacionamento. Garanti que é bem sério, pode deixar.

Sorriu para ela através do espelho retrovisor. Emília sentiu um calafrio percorrer sua espinha.

“Você gosta de brincar com a vida dos outros, né?” Era verdade, não era? Lá estava Gustavo tendo que se desdobrar em uma situação desconfortável só porque Emília não enxergava um palmo diante do nariz.

— Hm… — Foi tudo que conseguiu proferir.

Gustavo conferiu seu estado mais uma vez.

— Sério, tá tudo bem? — perguntou de novo. — Você tá com uma cara…

— Acho que é enxaqueca. Eu só tô um pouco enjoada…

Ele soltou uma risada.

— Será que a gente tem que comprar um teste de gravidez? Tô começando a ficar preocupado.

Emília não conseguiu rir. Só soltou um barulho do fundo da garganta, algo que talvez pudesse ser confundido com uma risada desinteressada.

— Quer cancelar as fotos? A gente pode ir pra casa — ele sugeriu, um tantinho mais preocupado. Ainda estava um

pouco aturdido pela conversa com os pais, então não estava captando todas as informações que queria.

— Não. Vai atrapalhar todo mundo, eu... Eu vou ficar bem. Acho que só preciso descansar um pouco.

É só que eu faço, né? Atrapalhar todo mundo, acabou pensando. Ayumi, Pedro, Gustavo, todos afetados por ela, o infortúnio na vida das pessoas, a força que puxava todos para baixo. Sua mãe, seu pai, seus avós maternos, Emília era um furacão de destruição.

— Inclina mais o banco, tenta descansar — Gustavo falou. — E a gente fica só um pouquinho lá, ok? Não quero que fique doente.

— Tá bom...

Passou o resto da viagem em silêncio. Enquanto Gustavo conversava sobre algo que ela nem conseguia escutar, Emília contava suas respirações, uma após a outra, seu exercício para evitar uma crise de pânico. Mas a voz de Pedro era como o rugido de um trovão e todo ar que entrava em seus pulmões parecia ser insuficiente.

Chegaram na casa das bisavós. Gustavo a ajudou a descer do carro e Emília estremeceu com o toque dele. Não por sentir repulsa, mas por sentir tristeza.

Ela não merecia os toques dele, seus carinhos. Emília era uma mimada que brincava com a vida dos outros até que se machucassem, não merecia o afeto de Gustavo, o olhar bonito que ela tanto gostava. Emília não merecia nada daquilo.

Ayumi tinha se machucado por causa dela. Tinha se magoado, ficado triste, provavelmente chorara por dias até melhorar um pouquinho. Em quanto tempo Gustavo não ficaria assim também? Em quanto tempo até ela estragar tudo como sempre fazia?

Já não estava estragando? Ele tinha ido e voltado do Rio de Janeiro só para lidar com a ansiedade dos pais. Tudo por causa da confusão que Emília criara.

“Você gosta de brincar com a vida dos outros, né?”

— Vou levar suas coisas lá pra dentro — ele disse. — Ah, seu pai já chegou. Se ainda estiver passando mal, fala com ele, ok? Não fica se forçando.

— Tá…

Ele a deixou perto da varanda da mansão. Seu pai já caminhava até ela, sorrindo abertamente como sempre fazia, pronto para abraçá-la.

— Mimi! Que saudades, eu tava… — Parou de repente quando seus olhares se encontraram.

Lineu ficou imóvel, os braços estendidos no meio do movimento do abraço que ia dar, mas seus olhos analisavam a filha de cima a baixo. Emília mal notou, ainda estava forçando seu corpo a continuar respirando, sua cabeça ao ponto de explodir.

— Emília. — A voz do pai ficou mais incisiva. — Vamos nos sentar um pouco.

— Não, eu… Preciso tirar as fotos.

— Emília, senta um pouquinho. Só um pouquinho, ok?

— Vou atrapalhar se me sentar.

— Não vai. Senta e respira. Filha, respira fundo.

Ela respirou. Mas não surtia efeito algum.

— Emília, olha pra mim — Lineu pediu. — Respira fundo.

— Eu…

— Mimi, tá todo mundo te esperando! — Soraia, sua tia, apareceu já tagarelando pelos cotovelos, mal absorvendo a cena. — Vamos tirar muitas fotos de você e do Guto, tá bom? Uma com a bisa Misook, uma com as duas bisas, uma com as avós, uma com…

— Soraia, agora não — Lineu a interrompeu. — Chama o Gustavo, por favor?

— Nossa, o que houve?

— Chama o Gustavo, Soraia. *Agora.*

Soraia juntou as sobrancelhas, confusa, mas fez o que o cunhado pediu. A mansão estava cheia de gente por causa da sessão das fotos, então não demorou muito para

que todos prestassem atenção no que Lineu e Emília estavam fazendo. Ela ficava cada vez mais pálida, paralisada ali, a presença de todas aquelas pessoas a enclausurando. Seu pai ainda tentava comunicação, mas era difícil escutá-lo.

Só havia zumbidos em seus ouvidos. Zumbidos e *“Você gosta de brincar com a vida dos outros, né?”*

— Tá passando mal, Mimi? — alguém perguntou, ela não saberia dizer quem. — Quer uma água?

— Será que ela tá grávida? A união Park-Choi finalmente está acontecendo e... — A voz de outra pessoa se perdeu pelo espaço.

— Emília, olha pra mim. — Seu pai ainda pedia. — Respira. Você se lembra como faz?

Ela fez que não com a cabeça, as primeiras lágrimas escorrendo por seu rosto. Foi nesse exato momento que Gustavo apareceu, Soraia estava bem atrás dele.

— O que aconteceu? — ele perguntou, confuso. Mas se assustou muito quando a viu, arregalando os olhos. — Mi, o que houve? Você tá bem?

Seus olhares se cruzaram. Gustavo só enxergou pavor ali, desespero.

— Me desculpa — Emília murmurou. — Me desculpa, me desculpa, me desculpa...

— Guto, ela tá em crise — Lineu falou. — Temos que levar ela pra outro lugar, tudo bem? Consegue pegá-la no colo?

— Eu...

— Me desculpa, me desculpa... Guto, me desculpa... — Emília ainda repetia. Já estava com as mãos no cabelo, puxando, seus olhos vidrados.

Ele congelou. O que estava acontecendo?

— Gustavo! — seu sogro chamou a atenção dele.

Sacudiu a cabeça. Aproximou-se mais dela, cauteloso, e a segurou pelos ombros.

— Vou te pegar no colo, ok? — sussurrou, a voz quase sumindo pela preocupação. — Mi, me escuta.

— Me desculpa, eu não queria, eu... A culpa é toda minha, me desculpa! Me desculpa!

Ela se afastou aos tapas. Começou a gritar, chorar, soluçar. Gustavo congelou de novo, assustado.

— A culpa é minha, a culpa é minha! Eu que inventei a mentira do namoro, eu que fiz isso, a culpa é minha, me desculpa! Me desculpa, me desculpa…

Aquilo o fez voltar à realidade, ainda que burburinhos repetindo “mentira do namoro” começassem a surgir ao redor deles. Conseguiu contê-la, mesmo que Emília estivesse gritando a plenos pulmões, e a levantou. Lineu o ajudou a afastá-la da multidão, guiando-o até um dos quartos da mansão.

— Senta ela aqui. — Apontou para a cama. Gustavo obedeceu e a colocou sentada na beirada da cama.

Depois se afastou, dando espaço para o sogro, seus olhos arregalados assistindo Emília se debater e chorar, repetindo sem parar que algo era culpa dela. Lineu teve que segurar seus braços para que a filha não se machucasse.

— Emília, preciso que olhe pra mim — pediu. — É o papai. Olha pro papai, ok?

— Pai — arfou, cada letra parecendo ter um custo imenso para sair de sua boca. — Eu vou morrer. Eu vou morrer. Eu vou morrer.

— Não vai. Você só precisa respirar.

— Eu tô infartando, pai. Eu vou morrer, eu tô morrendo.

— Não tá. Você precisa respirar, só isso. Puxa o ar, olha pra mim.

Gustavo ainda estava paralisado, assistindo Emília lutar para respirar. Ele sentia dificuldade para fazer o mesmo. Seus olhos lacrimejaram, o corpo começou a tremer. Era terrível vê-la daquele jeito.

— Gustavo — Lineu o chamou de repente, ele chegou a levar um susto. — Vou ter que dar um remédio para ela sair

dessa crise. Existe alguma possibilidade da Mimi estar grávida? Preciso saber para escolher a melhor opção.

— Eu… — Ele nem conseguia pensar direito. Tinha? Ele não se lembrava, não havia um único neurônio funcionando em seu cérebro. — Eu não sei…

— Vou levar isso em consideração — Lineu afirmou, ainda calmo. E voltou a tratar da filha. Emília ainda chorava e gritava bastante.

Ele não aguentou. Saiu do quarto e fechou a porta. Recostou-se na parede paralela, também respirando com dificuldade, seu coração acelerado pela cena, aterrorizado com a possibilidade de perdê-la, a cabeça já frenética ao tentar procurar a lógica daquilo tudo.

E como ajudá-la? Era essa pergunta que o deixava mais desesperado.

Porque ele não conseguia encontrar nenhuma resposta para ela.



— Não se preocupa, Guto. — Lineu abriu um pequeno sorriso para ele. Gustavo tinha os levado até a casa de seu sogro depois da crise e agora estava parado em pé no meio da sala de Lineu, ainda um pouco nervoso. — A Mimi vai passar uns dias aqui e vai melhorar, tudo bem? Vou te atualizar sempre, ok?

Gustavo não respondeu nada, só deu uma olhada na porta do quarto de criança de Emília, quase como se quisesse captar algum som vindo dali que lhe desse a confirmação de que ela estava bem.

Ela tinha apagado depois que Lineu administrara os remédios e agora dormia profundamente. Mas foi difícil acalmá-la. A sensação que Gustavo tinha era de que ficaram dias ali naquele quarto da mansão, fazendo de tudo para que a consciência de Emília voltasse.

Ela vomitou muito, gritou e não parou de chorar, quis ficar se batendo. Depois desabou na cama, o olhar perdido, e caiu em um silêncio absoluto. Era como se só seu corpo estivesse ali. Nesse momento, Gustavo fugiu do quarto de novo, quis chorar tanto quanto ela.

Do lado de fora, ficou escutando os murmúrios pela casa, os parentes dela cochichando pelos cantos. *“É maluca igual ao pai”* alguém disse, Gustavo não conseguiu identificar quem era. Não havia só os Park na mansão naquele momento, já que a sessão de fotos era sempre um evento que movimentava a comunidade, então qualquer um poderia ter soltado aquele comentário. *“Agora o Guto vai ter que lidar com isso, coitado”* Mais alguém disse. *“E essa história de namoro de mentira, hein? Eles querem matar as bisavós?”* Foi aí que ele perdeu as estribeiras e começou a gritar pelos corredores, brigou com todos que pudessem escutá-lo. Ficou assim até que Lineu o chamasse para levar Emília para casa.

Mas de que adiantava toda aquela postura de durão? No fim, Gustavo era um inútil, mal conseguiu ajudá-la, ficou saindo do quarto porque se assustara.

E não tinha percebido que ela estava mal. Emília entrou no carro dele daquele jeito e Gustavo não percebeu nada. Que tipo de namorado ele era? Como ousava querer ficar com ela, protegê-la, amá-la, se não conseguia nem identificar uma crise?

Para que ele servia? Se não conseguia ajudá-la, para que ele serviria?

— Não fica assim, Guto. — Lineu o tirou dos pensamentos conflitantes. — Sei que é assustador. Mas não é a primeira vez que acontece, não vai ser a última. Agora é apoiá-la até que a Mimi saia da crise, tudo bem?

— Eu… Eu não sei o que fazer.

— Normalmente, as crises de pânico dela evoluem pra um caso de depressão grave. Mas com a medicação… Tudo vai melhorar no tempo certo. Já comuniquei o psicólogo

dela, assim que a poeira baixar e ela tiver forças pra conversar, uma consulta de emergência será feita.

— O que posso fazer pra ajudar?

Lineu inclinou as sobrancelhas, triste. Gustavo entendeu a mensagem.

Nada. Ele não podia fazer nada para ajudar.

Fez um meneio com a cabeça, derrotado. Ficou sem coragem de voltar até o quarto dela, então só murmurou uma despedida capenga para Lineu e foi embora. Dirigiu sem nem prestar atenção, só percebeu que tinha chegado quando estacionou o carro na garagem.

Subiu em silêncio, abriu a porta de casa. E se sentou no sofá da sala, sua mente em branco.

Ficou assim até que a campainha da porta tocasse. Alarmado, correu até ela, pensando que poderia ser Lineu ou até mesmo Emília. Talvez tudo tivesse melhorado, talvez tudo fosse fruto de sua imaginação, um sonho muito louco, talvez...

Abriu a porta. Eram seus pais ali, bem em frente a ele. Sofia o segurou pelos ombros, preocupada. Falou alguma coisa, mas ele mal escutou.

— Ah, presumo que estejam decepcionados com a situação — foi o que ele disse. Não fazia sentido algum, mas Gustavo sentiu a necessidade de se justificar. — Mas vou resolver de alguma forma, talvez meus planos...

— Guto — seu pai o chamou. Quase nunca o chamava pelo apelido, só em situações muito extremas. — Você está bem?

Gustavo estremeceu. Notou que Murilo o chamara daquele jeito por preocupação. Era estranho que se preocupasse com ele, era Emília quem precisava de cuidados. Quando foi a última vez que seu pai o chamou daquele jeito? Talvez Gustavo ainda fosse adolescente, em um cenário onde ele precisava de consolo de criança, um colo de pai.

Engoliu em seco. Seu instinto inicial era dissipar qualquer preocupação que seus pais pudessem ter, afirmar que estava bem para que não se alarmassem mais. Era o esperado, Gustavo resolvia problemas, não os causava, sempre foi assim. Ele só tinha que abrir a boca e falar que estava tudo bem.

Foi o que ele fez. Entretanto, tudo que saiu de sua boca foi um soluço.

— Vai ficar tudo bem. — Murilo o abraçou. Seu pai não era muito de abraços, então a situação ficava cada vez mais bizarra e ele sentia a vontade de chorar ainda mais. — Tá tudo bem. Guto, vai ficar tudo bem.

Ia? Gustavo não sabia dizer. Naquele momento, não tinha respostas para mais nada.

Só queria ficar ali, nos braços de seu pai, chorando até que toda aquela tristeza escorresse de seu coração.



“Eu nunca fui tão sincero
Em toda a minha vida
Mesmo que caia, jamais irei desistir
Mesmo que caia novamente”
Now Playing: Fighter
MONSTA X

10/09/2025
25 dias para o Chuseok!

Os cinco dias que se passaram foram os mais longos da vida de Gustavo.

Primeiro, ele não conseguia dormir. Raras vezes tivera problemas com sono e sempre conseguia resolver da forma mais rápida e certeira possível. Naqueles cinco dias, no entanto, tudo foi diferente. Ele já tinha se acostumado a dormir com Emília ao seu lado, então era estranho não ter a presença dela ali.

Isso o deixava encarando o teto por noites inteiras. Sem um plano, sem perspectivas. Só insônia, impotência, sua inutilidade como um ser sobrevoando seu quarto.

Segundo, ele não conseguia se concentrar em nada. O trabalho não parava e ele foi para a UFF na segunda-feira, mas não conseguiu render em nada. Ficou encarando a bancada vazia até que Heitor o cutucasse, tímido, perguntando se ele ia mesmo fazer algo naquele dia.

Ele não ia, não tinha como. Dispensou o IC e tentou conversar com Lis, entender o que tinha acontecido, buscar informações. A mestranda estava tão no escuro quanto ele. Ficou nervosa e preocupada quando Gustavo contou sobre a crise, falou com Jana e as duas tentaram ligar para Emília.

Mas não adiantaria. Emília passou aqueles dias praticamente dopada. Ficou mais lúcida na terça-feira, mas nenhum avanço muito substancial. Conseguia comer com assistência, Lineu deu um banho nela. Talvez as coisas estivessem melhorando, mas Gustavo ainda estava desesperado.

Porque a primeira coisa que ela disse quando o viu de fato foi que queria terminar.

Ele fez de tudo para não levar para o pessoal. Afinal, as frases que vieram depois não faziam sentido algum, já que Emília ainda estava sob efeito de medicações fortíssimas. Mas aquilo bateu de uma forma errada e ele ficou remoendo a frase pelo resto do dia. Depois ficou se sentindo a pior pessoa do mundo por ficar magoado com algo que uma pessoa fragilizada lhe dissera.

Naquela quarta-feira, Gustavo tinha levantado cedo da cama para ir direto ao apartamento de Lineu. Tinha criado o costume de visitá-los bem cedo para não atrapalhar a rotina de seu sogro, ainda que ele tivesse tirado a semana de folga para cuidar da filha. Contudo, Gustavo ia cedo para poder sair cedo também, porque ainda era muito difícil lidar com tudo aquilo, com aquelas ruínas que haviam se espalhado por seus pés.

— Oi, Guto! — Lineu o cumprimentou assim que abriu a porta. Parecia cansado, mas mantinha a compostura para não assustá-lo ainda mais. — Que bom que chegou. A Mimi está acordada.

Gustavo só acenou com a cabeça, cumprimentando-o, e entrou no apartamento, aquela inadequação o tomando por completo mais uma vez.

— Agora que chegou, vou tomar um banho rápido, tudo bem? — o sogro disse. — Pode ficar com ela nesse meio tempo? Vai ser bem rápido, mas não gosto de deixá-la sozinha.

— Ah, claro…

Lineu seguiu para o banheiro e ele foi para o quarto de Emília. Como em todos aqueles cinco dias, ela estava deitada toda coberta, só o topo da cabeça aparecendo, o cabelo rosa desgrenhado sendo a única confirmação de que era ela ali. Naquela vez, entretanto, Emília estava mexendo no celular.

Era um bom sinal. Lis e Jana deviam estar falando com ela. E sua conta no Instagram sempre a animava. Talvez fosse mesmo um bom sinal.

— Mi, oi… — ele disse. Ainda estava parado no batente da porta. — Posso entrar?

Ela jogou o celular na cama. Foi com uma força considerável, porque o aparelho quicou e caiu no chão. Gustavo se abaixou para pegá-lo, deixando-o na mesinha de canto. Em seguida, sentou-se ao lado dela.

— Mi…

— Eu quero terminar — Emília falou de uma vez só.

— Agora não é mesmo a hora…

De súbito, ela se levantou bruscamente. O cobertor caiu em seu colo e Gustavo engoliu em seco ao notar os olhos fundos, a palidez, a respiração ainda difícil e custosa.

E as lágrimas. As lágrimas voltaram com tudo e Gustavo quis morrer ao vê-la daquele jeito de novo.

— Por favor, por favor… — ela gaguejou. — Termina comigo. Vamos acabar com isso, não tem porquê…

— Mi, fica calma. — Gustavo a segurou pelos ombros. Ela não reagiu ao toque, só deixou que a deitasse novamente. — Depois a gente conversa sobre isso, ok? Não precisa ser agora.

— É só a gente terminar, Guto… — A voz dela era um sussurro. — Eu já estraguei tudo mesmo, então você tá

livre. Não precisa ficar…

Soltou um soluço alto.

— Eu quero terminar, por favor… — foi o que disse no fim, virando as costas para ele. Voltou a se cobrir com o cobertor, chorando baixinho.

Gustavo respirou fundo, mas seu coração doía. Tudo ali lhe dizia que ele só tinha que manter a calma até o pior passar, mas seu coração doía, sua alma.

Por Deus, Emília tinha falado que partiria seu coração em milhares de pedacinhos no *Chuseok.* Na roda gigante, Gustavo afirmara que não conseguiria chorar por aquilo, que não via Emília sendo capaz de magoá-lo ao ponto de ele começar a chorar.

As lágrimas que escorriam por seu rosto eram a prova contrária disso. Uma atrás da outra, uma torrente, nós se formando em sua garganta até sufocá-lo.

Isso foi tudo que ele fez bem naqueles cinco dias. Chorar e chorar, ficar assustado. Talvez fosse esse o motivo de Gustavo sempre ter sido arredio a sentir demais. Quanto mais alta a subida, pior a queda. A felicidade do amor era proporcional ao desespero. Nada disso aconteceria se ele tivesse permanecido na média, no satisfatório.

Emília virou de novo quando ouviu os soluços dele. Deparou-se com a cena de Gustavo limpando os olhos, escondendo o rosto com as mãos.

— Eu… — murmurou.

— Mi, por favor — ele balbuciou, seus olhos cheios de lágrimas presos nos dela. — *Por favor.*

— Era isso que eu não queria… — Emília chorou mais. — Me desculpa…

Gustavo engoliu em seco, respirou fundo. Era difícil encontrar racionalidade ali, acalmá-la e acalmar-se ao mesmo tempo, garantir que tudo ficaria bem sem saber se era verdade.

— Mi, a gente conversa sobre isso depois — falou. — Quando tudo voltar ao normal…

— O normal é isso, Gustavo. Eu sou isso aqui — soluçou. — Aquela Emília que você gosta, aquela… garota. É tudo mentira, eu sou isso aqui. É só isso que tem.

— Mi.

— Então você pode parar agora, pode desistir, ninguém vai… ninguém vai pensar mal de você. Ninguém vai brigar contigo se…

— Você acha que eu ligo pro que qualquer idiota diga? — ele rugiu. — Acha mesmo que me importo com qualquer outra pessoa além de você agora? Você acha mesmo que estou desse jeito porque tenho medo do que vão pensar de mim?!

Emília nem conseguiu responder, já estava chorando sem parar de novo, nervosa, gaguejando enquanto pedia desculpas.

Porra, eu sou mesmo um merda. Gustavo tinha vontade de morrer. Por que estava gritando com ela, por que estava agindo assim?

De alguma forma, mesmo chorando, conseguiu acalmá-la um pouco. Lineu chegou no quarto e se assustou com a cena, suas sobrancelhas inclinadas ao notar o genro chorando.

— Eu preciso ir… — Gustavo se levantou quando o viu.

Lineu foi atrás dele, impedindo-o de ir embora por um momento.

— Guto.

— Me desculpa, eu não sei… Não sei por que eu…

O silêncio tomou a sala. Lineu acabou soltando um suspiro pesaroso.

— Acho que é melhor você dar um tempo — disse. — Pra colocar a cabeça no lugar.

— Eu…

— Sei que quer ajudar, mas precisa estar bem pra isso. E tudo bem dizer que está com dificuldades, tudo bem se afastar um pouco. Você não está abandonando a Emília, estou cuidando dela.

— Eu não... Eu não devia...

— Há quanto tempo não dorme?

Ele nem conseguiu responder. Que patético, Gustavo era patético.

— Dorme um pouco, descansa. Na semana que vem...

— Por favor, Sr. Park. É muito tempo. Prometo que...

Lineu suspirou de novo.

— Vai ser melhor pra vocês dois. Vou ligar pro seu pai, acho que seria adequado você passar um tempo na casa dele, ok? Você também não está bem...

Ele nem escutou mais. Virou as costas e foi embora, atordoado. Só voltou à razão quando entrou no carro. E desabou mais uma vez.

De novo, de novo e de novo. Gustavo via tudo ruir e não conseguia fazer nada para impedir. Tinha dito que a faria acreditar que eles eram feitos para dar certo até o *Chuseok,* mas só conseguia mostrar que não estava preparado para nada daquilo.

Tudo escorrendo de suas mãos. Cada gota daquela felicidade caindo de sua palma para nunca mais voltar.

Aquele amor lindo escorrendo até não sobrar mais nada.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

15/09/2025
20 dias para o Chuseok!

Era outra segunda-feira e Gustavo mal percebeu o tempo passando de novo. Acabou fazendo o que Lineu sugerira e passou o resto da semana na casa dos pais, fazendo de tudo para se recompor. Então outra semana tinha começado e Gustavo ainda juntava os cacos de seu coração aos pouquinhos.

Mas ainda estava sem coragem de pedir para visitar Emília de novo. Ela tinha melhorado, mas não queria

conversar com ele nem com ninguém, estava imersa no próprio mundo, sem previsão para sair.

Sendo assim, sem perspectivas de qualquer mudança, Gustavo foi para a UFF naquela segunda-feira. Seu trabalho sempre foi o Norte de tudo, então talvez ele conseguisse se distrair.

Ele também queria entender melhor o que acontecera naquele dia. Quando foi para a casa dos pais, Emília estava bem. Quando voltou, ela já estava estranha. Tinha acontecido naquele meio tempo e Gustavo não fazia a mínima ideia do que poderia ser, não tinha pista nenhuma.

Pensou em sair perguntando para todas as pessoas que a conheciam. Mas depois se questionou se Emília ia querer aquele alarde todo. Nem ele conhecia direito aquele lado dela, o tamanho das crises de pânico e a depressão. Ela ia mesmo querer ser exposta daquele jeito, alguém que tinha como objetivo de vida espalhar felicidade onde quer que estivesse? Por isso, acabou só conversando mais com Lis e Jana, que também estavam no escuro.

Era um baque atrás de outro, Gustavo estava em pleno estado de nocaute. No entanto, ele tinha que se levantar, precisava. Ele *ia* se levantar, custasse o que for. Por isso, estava seguindo os conselhos do sogro à risca e fazendo de tudo para colocar a cabeça no lugar. Quem sabe o trabalho ajudasse? Era sua última esperança.

Entrou no Instituto de Biologia, subiu o elevador de sempre. Chegou no quarto andar já cansado, arrastando os pés pelo corredor. Foi quando ouviu alguém chamá-lo.

— Ei, Choi! — Era Martim do outro lado, perto dos laboratórios da biologia marinha. — Tudo bem?

Gustavo se virou em direção ao amigo. Isso foi o suficiente para que Martim recuasse, surpreso com sua expressão.

— Tá tudo bem? — ele perguntou. Aproximou-se mais, suas sobrancelhas inclinadas e a voz baixa, calma. Gustavo

devia estar com uma cara horrível para Martim ter que agir daquela forma.

— Eu... — começou. Pensou em caminhos para despistá-lo. Não encontrou nenhum. — Eu a Emília terminamos.

Era isso, não era? Gustavo estava daquele jeito porque não conseguia aceitar, mas era isso. Não importava quantas vezes voltasse a vê-la, Emília o afastaria até que tudo se tornasse irremediável. Ele tinha que se levantar, precisava. Ele ia se levantar, mas como? Como fazer isso quando tudo lhe dizia que a luta já tinha acabado e ele tinha perdido?

Martim não disse nada, só ficou olhando para ele, o rosto bonito e delicado transbordando empatia e preocupação.

— Quer conversar? — seu amigo sugeriu.

Se fosse em outro momento, Gustavo diria que não. O que Martim poderia fazer para ajudá-lo, o que uma conversa mudaria? Mas aí se lembrou do que ele lhe mesmo dissera na noite em que Gustavo e Emília saíram com seus amigos. *“Às vezes é uma conversa difícil que resolve tudo.”*

O que mais ele tinha a perder? Gustavo já tinha perdido tudo.

— Quero — murmurou.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Martim observou a vista da varanda do Instituto de Biologia, fitando a Baía de Guanabara iluminada pelo sol, uma barca seguindo seu trajeto até o Rio de Janeiro lá do outro lado, uma imagem pacífica e bonita. Ele já tinha defendido seu doutorado há um tempo e morava na Dinamarca com Tati desde então, mas nunca se esquecia do tempo que ficara ali, debruçado no parapeito da varanda, refletindo sobre tudo. De um jeito ou de outro, aquela paisagem era boa para trazer calma e colocar os

pensamentos em ordem, então foi por isso que tinha resolvido levar seu calouro para lá.

Observou Gustavo de canto de olho também, estudando sua expressão. Ainda era surpreendente vê-lo daquele jeito, Martim chegou a comentar com Tati sobre o quanto ele estava mudado assim que o viu pela primeira vez depois de muito tempo.

Porque Gustavo era uma ótima pessoa, mas sempre foi um pouco duro, rígido. Mesmo em festas ou saídas que ele tocava o terror, Gustavo fazia tudo com um objetivo muito claro na cabeça. Era pragmático e parecia não ter tempo para nada, nem para sentir coisas que poderiam ser maravilhosas.

Mas aí Martim se deparou com ele naquele dia na UFF, notou os sorrisos que escapavam a todo momento. Sorrisos que não tinham motivo ou objetivo, só existiam, algo natural como respirar. Gustavo apresentou Emília para eles e Martim enfim entendeu o que tinha acontecido.

Gustavo Choi estava apaixonado pela primeira vez.

E agora tinha tido a primeira decepção. Pior, tinha entrado em um problema que não havia solução imediata, um que seus cálculos, estratégias ou pragmatismo não resolveriam. Pelo que entendera, a namorada de Gustavo tinha tido um episódio grave de pânico e agora estava presa em um estado depressivo, uma barreira que ele não sabia como ultrapassar.

Depressão era uma doença, mas também era subjetiva. Martim sabia bem como era, tinha sofrido pelas mesmas coisas. Manifestava-se de formas diversas, virava um emaranhado de sentimentos. Afastava as pessoas e era difícil entender para quem via de fora. E devia ser assustador ver Emília daquele jeito. Martim a conhecera pouco, mas aquela garota era alegria e luz inteirinha, só sua presença já animava todo mundo. Vê-la assim devia ser muito difícil para ele.

— Ah, eu meio que sentia falta dessa varanda… — Espreguiçou-se, esticando os braços para cima. — Só de olhar essa vista já me sinto melhor.

Gustavo não respondeu nada. Estava só debruçado no parapeito, sentado em um dos bancos que o departamento colocara ali, a cabeça apoiada em uma das mãos. Depois soltou um suspiro, esticando a coluna.

— Obrigado. Acho que é melhor eu ir agora — falou, já pronto para se levantar.

Martim o segurou pelo braço.

— Mas a gente ainda nem conversou — ponderou, soltando uma risada acolhedora. — Você só me contou sobre o que aconteceu.

— É, mas é isso. Não tem muito o que fazer. Falar em voz alta me trouxe essa perspectiva.

— Você tem muita coisa pra fazer, na minha opinião.

Gustavo franziu o cenho. Tinha contado tudo para Martim, até sobre o namoro falso. Então era estranho que seu amigo dissesse que ainda havia uma saída para aquilo tudo. Na visão dele, não haveria mais volta assim que o *Chuseok* chegasse. Mesmo com Emília melhor, ela não tiraria aquilo da cabeça, argumentaria que era um infortúnio e que não queria arruiná-lo. Bolos de aniversário, encontros, todo seu carinho e dedicação, nada a faria mudar de ideia. Era uma ferida profunda demais para que Gustavo pudesse consertá-la.

— Eu te contei que eu e a Tati brigamos muito antes de ficarmos juntos de verdade, né? — Martim perguntou. — Não lembro se você acompanhou o drama na época.

— Pouco, mas soube de algumas coisas. Meio que foi a fofoca do momento no Instituto inteiro.

— É, não me orgulho disso. — Martim suspirou. — Foi um processo bem longo. A gente tinha um atrito de três anos que foi bem difícil de resolver e ela ia ficar pouquíssimo tempo no Brasil. Mas uma hora fizemos as pazes e ficamos juntos até a hora de ela ir embora.

Soltou outro suspiro. Encarou a paisagem mais uma vez, um pouco triste pelas lembranças.

— Ainda é uma merda falar daqueles dias, mas eu… — continuou. — Eu simplesmente surtei. Ela ia embora e eu tinha que ficar aqui pra terminar meu doutorado, não tinha previsão pra acabar e… Eu surtei. Surtei com todo mundo, com ela. Consegui terminar o relacionamento com a pessoa mais importante da minha vida.

Gustavo inclinou as sobrancelhas com o relato. Martim Takahashi sempre foi uma pessoa muito extrovertida, distribuía sorrisos para qualquer um, a vida sempre parecia mais leve ao lado dele. Gustavo soube por alto da briga, mas também soube que eles tinham se resolvido. Concluiu na época que eles ficariam juntos mesmo longe e foi o que acabou acontecendo. Mas saber que não tinha sido um processo fácil era uma surpresa para ele.

— Até hoje eu não entendo direito, sabe? — Martim ainda falava. — Porque eu agi daquela forma. Tudo tinha se resolvido, era óbvio que a Tati continuaria comigo até meu doutorado terminar, mesmo longe, a gente daria um jeito. Mas por causa da briga, por causa de tudo, eu… Minha mente não aceitava a possibilidade de dar certo de jeito nenhum. Eu achava que ia estragar tudo uma hora ou outra.

Engoliu em seco, desgostoso.

— E sabe o que foi o pior disso tudo? A Tati ficou achando que eu não queria nem tentar. Porque, visto de fora, era isso que parecia. Ela estava disposta a tudo e eu a nada. E nenhum argumento me fazia mudar de ideia, então… Ela me disse pra nem aparecer no aeroporto quando fosse embora. Foi horrível, até hoje não acredito que fui capaz de fazê-la passar por isso.

— Como… como resolveram? — Gustavo acabou perguntando, curioso e esperançoso.

Martim deu uma risada tímida.

— Não me orgulho de nada disso, mas… O Leandro quase me deu um soco. Me arrastou até o aeroporto,

mesmo que eu não tivesse força nenhuma pra encarar qualquer coisa. Lembro de só chorar e chorar, chorar sem parar. E a Tati... Ela é perfeita, minha mulher é perfeita. Mesmo com medo, mesmo magoada, ela não quis soltar minha mão. Acho que, de alguma forma, percebeu que não era bem eu ali e...

Mais um suspiro.

— Bem, era eu — reformulou a frase. — Mas eu estava doente, estava em crise, não via um palmo na frente do meu nariz. Tinha as questões da briga também que sempre pesaram muito, mas boa parte era porque eu tinha ficado doente desde a morte do meu pai e nunca sequer cogitei me tratar. E só conversar não resolveria, eu precisava de algo mais contundente, sabe?

— Eu... Eu não sei o que é essa coisa mais contundente no caso da Emília. Porque também não sei o que aconteceu pra desencadear a crise.

— Uma coisa de cada vez, você ainda tem tempo. Ela precisa melhorar primeiro.

— Mas não sei como ajudar.

— Acha que essa crise ocorreu por sua causa?

Gustavo já tinha pensado nessa possibilidade, de ter dito ou feito algo que a machucara. Mas nem sua mente confusa encontrava alguma coisa. Eles estavam muito bem, vivendo um sonho. Não havia nada que pudesse indicar que aquela crise tinha sido por causa dele.

— Acho que não — respondeu.

— Então você ainda tem como ajudar.

— Mas eu chego lá e a primeira coisa que ela diz é que quer terminar. Não sei o que fazer, não consigo conversar com ela. Emília me disse para só desistir.

Martim deu outra risada, dessa vez um pouco mais alegre e animada. Gustavo ficou sem entender a reação.

— Gustavo, você é a pessoa mais cabeça-dura que conheço. — Ele riu. — Nunca te vi desistindo de nada só porque te disseram pra fazer isso.

— Mas...

— Se acredita que ela ainda gosta de você, que só está assustada e em crise, não tem por que você desistir só porque ela te disse pra fazer isso. E consigo entendê-la, eu fiz a mesma coisa. A gente tenta afastar as pessoas que gostamos porque não queremos machucá-las, não queremos que nos vejam dessa forma.

Martim esticou a coluna, pensativo.

— Ficar nesse estado é... Não sei pra Emília, mas pra mim foi humilhante. Era humilhante me perceber tão afundado na lama e que me vissem desse jeito. Então acho que também deve ser horrível pra ela.

"O normal é isso, Gustavo. Eu sou isso aqui" Ela havia dito. *"Aquela Emília que você gosta, aquela... garota. É tudo mentira, eu sou isso aqui. É só isso que tem."* Era esse o verdadeiro significado daquela frase?

Emília não queria que ele a visse assim? Sentia-se humilhada por algo que não podia controlar, por estar doente? Ver por aquele prisma acabou esclarecendo algumas coisas para ele.

— Eu ficaria decepcionado contigo se soubesse que desistiu tão fácil assim, Gustavo Choi. — Martim sorriu para ele. — Você não é disso, nunca foi. Então por que está cogitando a possibilidade com aquilo que mais importa?

Era verdade, ele não era. Perceber que estava prestes a desistir chegava a ser um ultraje se Gustavo pensasse melhor.

"Até lá você vai acreditar em mim" Ele havia dito uma vez, tinha afirmado para ela. *"Até lá você vai acreditar que a gente foi feito pra dar certo, Emília Park".* Gustavo tinha mesmo feito aquela promessa imensa e ia simplesmente desistir? Logo ele que nunca jogava palavras ao vento, que nunca falava nada por falar? Logo ele ia desistir do que mais importava?

Não havia mais tempo para permanecer no chão, nocauteado.

Gustavo teria que se levantar de qualquer jeito.



“O que quer que alguém diga
Não importa para mim
Seja quem for que me amaldiçoe
Só olharei para você
Mesmo se eu nascer novamente
Ainda será você”
Now Playing: (It's You)
SUPER JUNIOR

— Eu sei, Murilo. — Emília escutou Lineu falando pelo celular com o pai de Gustavo. Ele tinha saído do quarto, mas ainda dava para escutar. — Mas tenho que preservar minha filha. Sei que o Guto tá mal, mas...

Ele parou de falar. Devia estar levando uma bronca naquele exato momento. Mesmo que Murilo respeitasse muito a hierarquia de idade entre os dois, Gustavo era um ponto que ele virava só pai, não mais melhor amigo. Emília tinha magoado o filho dele e Murilo a faria pagar de uma forma ou de outra, era o que ela achava.

Pensou na loucura que tinha sido aquele namoro falso. Como sempre, ela não mediu as consequências e achou que qualquer problema se resolveria só com o fato de ser querida e mimada, de todos a enxergarem como uma menina inconsequente.

Ela tinha decepcionado todo mundo. Seu pai não tinha lhe dado notícia nenhuma, mas como estavam as bisas naquela história, depois de um escândalo tão grandioso?

Como estava sua avó, seus tios? Seu pai mesmo tinha perdido o trabalho por mais de uma semana só para cuidar dela, ficava atendendo ligações a todo minuto, mal conseguia cuidar de si mesmo. E se Lineu acabasse doente? E se ficasse triste por aquela situação, e se ficasse tão deprimido quanto ela?

Emília começou a chorar com a possibilidade. Seu pai veio correndo, talvez tivesse desligado na cara do melhor amigo.

— Filhinha, olha pro papai — ele pediu. Fez com que ela se sentasse. — Tá se sentindo mal?

— Eu…

Sentiu ânsia de vomitar. Ultimamente, sempre que ficava nervosa isso acontecia, então Lineu já estava com um balde para socorrê-la. Emília vomitou o pouco que comera naquele dia enquanto soluçava, infeliz e sem esperanças.

— Respira fundo. — Lineu acariciou suas costas. — Tudo que você precisa fazer é respirar.

Obedeceu ao pai, forçando seus pulmões a funcionarem direito. Quando se viu mais calma, recostou-se na cabeceira da cama. Lineu estendeu um copo d’água para ela.

— O que te deixou ansiosa? — perguntou.

— Ouvi você falando com o tio Murilo… — murmurou, limpando o rosto.

— Hm… Por causa do Guto?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Gustavo está bem, Mimi. Aquilo foi só o Murilo sendo o pai coruja de sempre. Ele não admite, mas vive por aquele filho, uma manteiga derretida.

Emília tentou rir. Ainda parecia ser um esforço descomunal.

— Tá com saudades do seu namorado? — Lineu acabou perguntando. Era a primeira vez que conversavam sobre isso, seu pai desviava do assunto sempre que podia.

— Ele… A gente terminou.

— É? Não fiquei sabendo.

Impossível, pensou. Seu pai com certeza tinha escutado todas as vezes que Emília falou que queria terminar o namoro. E Gustavo teria contado para todo mundo.

Afinal, ele estava livre. Enfim livre daquele tormento que era namorar Emília.

— Ele parou de vir aqui, então…

— Ah, isso é culpa minha. Pedi que ele desse um tempo pra se recompor. Mas conversamos todos os dias sobre você.

— É?

— Acha mesmo que Gustavo, filho de Murilo Choi, se afastaria à toa? Ele é igualzinho ao pai, um cabeça-dura irremediável.

— Ele… ele chorou tanto da última vez…

— Como se sentiu sobre isso?

Péssima, um monstro.

— Não gosto de ver os outros chorando — resolveu dizer.

— É realmente difícil. Ainda mais ele que nunca foi de demonstrar sentimentos.

— É…

— Mas chorar às vezes é bom, sabe? Lava a alma. Por mais que seja difícil no momento, o melhor a se fazer é deixar uma pessoa que precisa chorar, só chorar.

— Ele chorou porque eu magoei ele…

— Ele chorou porque ficou preocupado com você. Não está fazendo o mesmo por ele agora? Ninguém pode se preocupar contigo ao ponto de chorar?

— Não foi por preocupação. Eu estraguei tudo. As pessoas choram por mim porque eu destruo a vida delas.

— Acha que destruiu a vida do Guto?

— Eu… Todo mundo deve estar bravo com a gente. E ele não precisava passar por isso, eu que inventei essa história.

Lineu ficou em silêncio por um momento. Seu rosto estava neutro e Emília sabia que aquela era a persona de psiquiatra dele atuando, tentando entender a situação. Ele falaria coisas bonitas, colocaria panos quentes para evitar que ela se sentisse culpada. Mas não surtiria efeito daquela vez.

Emília sabia muito bem o que tinha feito.

— Todos estão preocupados com vocês, é só isso — Lineu afirmou.

— Eu decepcionei todo mundo…

— Ninguém sabe o que aconteceu, Mimi. Nem eu sei direito. Tudo que sei é que você teve uma crise e que estamos tratando. Eu, o Murilo, sua bisavó… Todos só estão preocupados com vocês. Ninguém está te culpando de nada.

— Mas o Guto…

— Ele também não falou nada. Tudo que fez nesse meio tempo foi tentar cuidar de você. Se ele está magoado ou aborrecido, não deixou transparecer. Ele só está preocupado, só isso.

É impossível. Não tem como ele não estar magoado comigo. Era difícil acreditar que Gustavo estivesse passando por aquela inconveniência sem reclamar.

— Não acredita em mim? — Seu pai ainda a analisava.

— É difícil de acreditar.

— Por que não conversa um pouco com ele, então? Nada melhor do que ouvir a informação da própria fonte, não acha?

— Ele… ele não vai querer me ver.

— Acha mesmo? Pois aposto que ele vai vir correndo.

Emília nem conseguiu responder. Espremeu os lábios enquanto seu pai pegava o celular. Antes de discar o número, Lineu mostrou o contato de Gustavo para ela.

— O que acha? Quer tentar? — perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça.

Lineu abriu um sorrisinho. Ligou e colocou no viva-voz. Emília engoliu em seco, refletindo se teria que escutar Gustavo a dispensando, criando todas as desculpas do mundo para não vir.

Mas ela merecia isso. Então era melhor escutar logo, acabar com aquilo de uma vez por todas.

— *Sr. Park* — Gustavo atendeu de imediato. — *Alguma notícia? A Mi passou mal? Eu posso...*

— Calma! — Lineu deu uma risada. — Ela está bem. Na verdade, a Mimi quer conversar contigo. Teria como vir pra cá?

— *Agora?*

— Quando for melhor pra você, não precisa...

— *Estou indo agora.* — E desligou, nem se despediu.

— Pra você ver... — Lineu ainda estava rindo. — Quando ele voltar a si, vai ficar se desculpando por dias por ter desligado desse jeito.

Ele... ele nem hesitou. O pensamento cruzou a mente de Emília.

— Agora é esperar. — O pai fez um carinho em seu cabelo. — Mas o que achou da ligação?

— Ele... ele pareceu muito preocupado.

— E um pouco nervoso, sim. Mas não achei que estava irritado. Esse é o único ponto que é fácil de perceber no Gustavo.

— É... Dá pra ver na hora quando ele se zanga.

— Sim. Uma vez o avô dele usou o computador e apagou algum texto que ele estava escrevendo. O Guto não falou muita coisa, mas era óbvio que estava pra morrer.

— Hm... — Ela baixou os olhos, pensativa.

— Então ele está vindo, resolvido. E o que vai fazer quando ele chegar?

— Eu vou... pedir desculpas?

— Não. Você vai respirar. Vai respirar fundo e conversar com ele, vai ouvir o que ele tem a dizer. Só não pode se esquecer de respirar, tudo bem?

— Tá bom…

Lineu a aconchegou na cama, cobrindo-a com o cobertor. Quando saiu, Emília ficou encarando o teto, refletindo nas palavras do pai, tentando se lembrar de cada letra do pouco que Gustavo havia falado no telefone, procurando uma grama sequer de ressentimento.

Seria uma tolice achar que não havia nada ali? Talvez fosse. Talvez fosse só o egoísmo de Emília querendo salvá-la de qualquer coisa.

Mas não havia nada na voz dele, por mais que ela procurasse.

Não havia nada além da voz de alguém que se importava muito com ela.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

— Posso entrar? — A voz de Gustavo soou novamente, dessa vez ao vivo.

Emília não se mexeu. Tinha repensado sobre a história de conversar com ele e se arrependeu. Como a covarde que era, teve medo de escutar tudo que Gustavo estava para dizer, dar de cara com a raiva acumulada de dias, semanas. Então, quando ele por fim chegou, a patética Emília Park se cobriu de novo com o cobertor, como se aquele ato a fizesse desaparecer, como se a transportasse para outra dimensão onde não tinha que encarar a realidade.

Ele se aproximou da cama. Emília semicerrou os olhos com a pequena claridade que surgiu quando Gustavo levantou o cobertor, o suficiente para que pudesse entrar também.

Ficou deitado ali, em silêncio, uma cabaninha ridícula feita com a roupa de cama cobrindo os dois. Estava de lado, então Emília não tinha outra escolha a não ser encarar o rosto bonito dele, os olhos que agora transbordavam sentimento a encarando de volta, esperando a reação dela.

Ainda era difícil acreditar, mas não havia raiva nenhuma ali. Ele estava triste, era um fato, mas seu pai estava certo. Gustavo podia estar sentindo várias coisas naquele momento, mas nenhuma delas era raiva.

Por que isso a deixava mais triste ainda? Ele estava sofrendo por causa dela.

— Guto... — gaguejou.

— Hm?

— Vamos terminar. Por favor.

Gustavo só espremeu um pouco os lábios.

— Por quê? — perguntou. — Por que quer terminar?

— Porque vai ser melhor assim.

— Por que seria?

— Guto...

— Você não gosta mais de mim? É isso?

Emília sentiu as lágrimas voltarem a escorrer. Fungou e limpou o rosto com a manga do pijama.

— Não mente pra mim, Emília — Gustavo pediu. — Só me diz a verdade. Sou capaz de aguentar a verdade, mas não mente pra mim.

— Eu... Eu gosto de você. Muito. Muito mesmo, eu... eu gosto muito de você.

— Então por que quer terminar?

— Porque eu estraguei tudo. Porque eu te magoei.

— Não me magoou.

— Você chorou...

— Eu sei. Isso te deixou assustada?

Ela acenou com a cabeça, concordando.

— Nunca tinha me visto chorar antes? Nem quando criança?

— Não lembro. E como adulto não, nunca.

— Também não me lembro da última vez que chorei. Foi estranho.

— Por isso que...

— Mas não chorei porque me senti magoado, acho que não. — Ele foi sincero. — Era mais... frustração. Fiquei

frustrado por não conseguir te ajudar.

— Por que ficaria frustrado com isso?

— Porque eu gosto muito de você. Muito mesmo. Então tudo que quero fazer é te ajudar.

— Você não tem que fazer isso, não precisa.

— Por que não?

Porque ela não merecia. Uma pessoa que só brincava com a vida das pessoas não merecia nada daquilo.

— Porque essa piscina não é sua pra você pular — concluiu. — Essa aqui é só minha, me deixa afundar. Não tem problema.

Ele ficou em silêncio. Por um momento, tudo que Emília escutou foi o barulho do ar-condicionado. Ondas de desespero começavam a querer tomá-la, então ela fez o que seu pai a instruiu, respirou.

Respirou fundo, respirou várias vezes. Enquanto Gustavo permanecia quieto, Emília só respirava. Era justo que estivesse lúcida quando ele caísse na real, quando chegasse à conclusão de que não tinha mais volta.

E ela se esforçaria por ele. Pelo menos isso, Gustavo merecia que terminassem de um jeito adulto, civilizado.

— Mi…

— Tá tudo bem, eu vou ficar bem e…

— Eu já pulei. Já pulei há muito tempo.

— Guto…

— Piscinas metafóricas ou não, eu já pulei. Não adianta tentar me afastar, eu já pulei.

— Mas…

— Então se a gente tá dentro dessa piscina juntos, vamos sair dela juntos também. É só segurar minha mão, estou esticando ela pra você.

Ele realmente fez isso. Realmente se esticou até alcançar a mão dela, entrelaçou seus dedos. Emília já estava chorando como uma criancinha de novo, mas aceitou o gesto, se aproximou um pouco mais. Quando viu, já estava nos braços dele, agarrada como um filhotinho,

suas lágrimas tão intensas que eram capazes de molhar seu corpo todo.

Aquilo seria ela saindo da piscina? Porque ela queria sair agora. Se Gustavo estava lá dentro também, Emília queria nadar até a superfície e sair de lá para que ambos ficassem seguros.

Piscina metafórica ou não, Emília queria muito sair dela.



“Acho que estamos destinados a ficar juntos
Mesmo que precise de um tempo estarei aqui
Esperando o amanhã chegar
Não haverá mais tristeza
Eu te vejo lá amanhã”

Now Playing: I’ll See You There Tomorrow
TOMORROW X TOGETHER

17/09/2025
18 dias para o Chuseok!

Emília voltou para casa na sexta-feira daquela semana, pediu para ir espontaneamente. Lineu não gostou muito da ideia de início, mas acabou cedendo depois que Gustavo garantiu que não sairia do lado dela pelo tempo que fosse.

Então, no dia 12, Gustavo a levou para o apartamento dela. Estava arrumado mesmo que Emília tivesse passado semanas fora, não havia uma molécula de poeira sequer em lugar nenhum.

Ver todas suas coisas no lugar certo, arrumadas e organizadas, trouxe uma calmaria agradável no coração de Emília. Ela ainda não tinha forças para fazer nada, mas era bom voltar, de certa forma.

Pediu que ele a deixasse em seu closet. Depois se deitou no chão e ficou lá em silêncio, acolhida pela maciez do tapete felpudo, do perfume que sempre preenchia o ambiente. Gustavo, uma hora, lhe trouxe um travesseiro e

um cobertor e construiu quase um ninho ao seu redor. Depois se sentou na cadeira da penteadeira, colocou o notebook na mesa e ficou trabalhando lá, como se nada daquilo fosse estranho ou um pouco perturbador.

A partir daí, sua consciência ficava indo e voltando. Ainda estava tomando remédios demais, então dormir era tudo que conseguia fazer, só acordava quando era hora de comer ou tomar banho. Seu pai lhe visitou na segunda-feira e ajustou sua medicação, mas ainda era difícil se manter acordada. Ela só se viu mais alerta na quarta-feira, dia 17.

Era de tarde quando ela acordou. Gustavo agora estava em uma poltrona que ele tinha arrastado da sala, porque suas costas tinham começado a doer por ficar tanto tempo sentado na penteadeira. Ele levantou os olhos do celular quando a viu acordada, mas não esboçou reação alguma, só ficou observando.

A boca de Emília estava pastosa, parecia que ela não tomava água há meses. Sentou-se primeiro no chão, o cenário se assentando, o ninho que Gustavo tinha criado ali. Passou a mão pelo cabelo e franziu o nariz com a textura, os nós que tinham se formado ali. Devia estar uma bagunça.

Levantou-se do chão. Talvez aquela fosse a primeira vez que se levantava sozinha, Gustavo a levava no colo para tudo, chegava a ser vergonhoso. Contudo, Emília se levantou naquele momento porque queria se olhar no espelho.

Hesitou por um instante antes de olhar. Já sabia que encontraria o rosto fundo e as olheiras, eles eram seus companheiros de longa data, sempre marcavam presença depois de uma crise. O problema era seu cabelo.

Não estava tão emaranhado quando acreditava, Gustavo provavelmente cuidara disso. O problema não era nem esse.

— Mi? — ele a chamou. Ainda não tinha se mexido para fazer qualquer coisa.

— Meu cabelo… — Pela milésima vez, Emília começou a chorar. Já não aguentava mais derramar lágrimas sem sentido, mas ainda não tinha forças para parar de chorar.

— O que tem?

— Ele desbotou… — Soluçou.

A raiz castanha tinha crescido um pouco, mas isso não a incomodava tanto. A questão era que seu cabelo estava quase amarelo, a base descolorida como um fio desencapado.

— Ah — foi tudo que Gustavo disse.

Nossa, que idiota. Emília se repreendeu. *Você fez seu namorado dormir por dias em uma poltrona e agora tá chorando por causa da porra do seu cabelo.*

— Tem recursos pra pintar de novo? — ele perguntou.

Emília fungou, limpando o nariz.

— Eu… talvez eu tenha. Costumo pintar no salão, mas às vezes acontece de… Mas não vou conseguir pintar, eu… Eu não consigo nem ficar em pé direito.

— Hm.

Gustavo se levantou. Foi até ela e a fez se sentar na cadeira da penteadeira para que não se cansasse demais. Depois fez um carinho em seu rosto, seus olhos analíticos a observando.

— Onde estão as coisas? Vou pintar — disse.

— Não precisa…

— Claro que precisa. Só me diz onde estão.

— Você nem sabe como pintar um cabelo…

— Você me ensina. E posso assistir algum vídeo no Youtube, sei lá. — Deu de ombros.

Ela não duvidava muito disso. Gustavo já tinha se tornado especialista em tranças e criação de conteúdo para a internet.

— Vai mesmo fazer isso? — murmurou.

— Vou.

— E se ficar ruim? Nunca fez isso antes.

— Acho difícil, sou muito meticuloso.

Emília acabou sorrindo com aquela declaração absurda, chegou a dar uma risadinha.

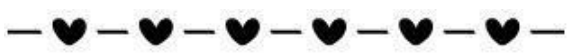
Foi um som lindo. Um cantar de pássaros, sinfonia da natureza. Gustavo se deu conta de que adorava a risada de Emília, mesmo naquela forma curta e efêmera, um pingo de chuva no meio do deserto.

— É só me dizer onde estão as coisas, princesa. — Abriu um sorriso também, tão tímido quanto o dela. — Garanto que vai achar tão bom que vai até desistir de ir no salão depois.

Ela riu de novo, era inacreditável. Pela primeira vez depois de muito tempo, Gustavo se sentiu um vencedor só por assistir aquela cena.

Queria continuar vencendo por ela, todos os dias.

Faria qualquer coisa para que Emília voltasse a sorrir.



— Por que ficou dizendo que era difícil? — Gustavo perguntou enquanto passava a tinta no cabelo dela. Já estava quase acabando. — É literalmente só passar a tinta no cabelo.

— O problema é acertar o tom — Emília explicou. — Eu gosto dele bem clarinho.

— Tsc, fácil demais. Fico até um pouco ofendido por você pensar que eu não conseguiria.

Ela também estalou a língua.

— Se meu cabelo ficar rosa neon, depois conversamos.

— Talvez ficasse bonito.

— Ficou louco?

— Mas gosto dele clarinho também. Parece uma flor de cerejeira.

— Gosta de flores de cerejeira?

— Gosto. Gosto muito de coisas rosas.

— Isso é... um pouco surpreendente? Você sempre se veste com as cores mais sóbrias que existem.

Ele ficou refletindo enquanto terminava a última mecha.

— Nunca pensei em usar uma roupa rosa, acha que ficaria bom? — perguntou.

— Talvez. Ainda não fiz seu teste de coloração, né?

— Nem sei o que é isso, Mi.

— Um dia a gente faz. Prometo que encontro o tom de rosa perfeito pra você.

Gustavo ajeitou o cabelo em cima da toalha nos ombros dela e tratou de arrumar a bagunça que fizera, jogando fora as luvas de plástico primeiro.

— Meu tom de rosa perfeito é o das flores de cerejeira. Do seu cabelo — falou sem pudor nenhum.

Emília ficou um pouco vermelha com a declaração.

— E agora, o que a gente faz? — Gustavo fez a pergunta.

— Tem que esperar uma meia-hora.

Ele fez um meneio com a cabeça. Estavam no banheiro espaçoso da suíte, então Gustavo se sentou na borda da banheira para esperar o tempo estabelecido. Emília estava sentada na cadeira da bancada que havia ali, conferindo o trabalho dele pelo espelho. Pelo que parecia, a tinta estava uniforme.

— Então você gosta do meu cabelo? — perguntou subitamente, curiosa.

— Acho que já te falei isso.

— Sim. É que é tão fora da sua personalidade.

— Como disse, gosto de coisas rosas. Então fiquei muito impressionado quando te vi assim pela primeira vez.

— É engraçado você falar “impressionado”.

— Mas é verdade. Eu ficava querendo tocar no seu cabelo toda hora.

— Sério?

— É. Fiquei meio obcecado. Acho que já te disse isso também.

— Hm...

Remexeu-se na cadeira, tímida.

— E... e o que mais gosta em mim? — Outra pergunta.

— De tudo. Gosto de tudo.

— Isso é um exagero...

— Você é... muito enérgica.

Emília deu uma risada. Adorava as escolhas de palavras de Gustavo. Era tão formal que chegava a ser hilário.

— Para, você acha minha energia um saco — provocou.

— Era difícil compreender de onde você tirava tanta energia. Mas depois que entendi, achei muito agradável.

— O que mais?

— Você é muito segura de si. Faz tudo com uma confiança admirável.

— É? Eu me acho tão insegura...

— Mas não deixa transparecer. Na UFF, todos te veem como uma fonte de apoio, um porto seguro.

— Hm... — Emília se encolheu. Não conseguia se ver dessa forma.

— Você também é muito organizada. Antes de te conhecer melhor, achava que você vivia no caos completo. Mas você é tão meticulosa e analítica quanto eu, tem até uma planilha automatizada de looks e... Eu gostei muito disso, muito mesmo.

— Sério? Pensei que você achava que era coisa de patricinha.

— Pode até ser coisa de patricinha, mas é muito eficiente. E também é seu trabalho, não é? Você se dedica bastante ao seu Instagram de moda.

— É...

— E gosto do fato de você pensar em cada detalhe. Como quando fomos na roda gigante pra tirar fotos. Você me deu opções, me conduziu em todos os momentos e conseguiu fazer tudo de forma perfeita, mesmo com a minha falta de jeito. E sei que não sou fácil de conduzir.

— Achei que você tava pirando naquele dia. — Ela riu.

— Eu tava. E gosto disso em você também. Sou bem ruim em demonstrar emoções, mas você enxerga na hora quando fico ansioso ou preocupado. Quando viro o Gustavo Surtado.

— É que você faz um bico desse tamanho... — Emília separou bem as mãos para demonstrar.

— Sério?

— Não, é microscópico. Mas consigo ver.

Gustavo revirou os olhos, mas riu. Endireitou-se na borda da banheira, esticando a coluna.

— É, gosto disso. E amo o jeito que você trata a minha família, como lida com meu pai. Qualquer outra pessoa o acharia exagerado, até um pouco tóxico. É difícil explicar o peso que é ser de uma família de imigrantes.

— Seu pai é uma pessoa ótima, só se importa muito com o rumo e o futuro da família. E quer muito ver a sua bisavó realizando o maior desejo da vida dela. E ansioso, seu pai é um pouco ansioso.

— É. Mas é difícil explicar o tamanho dessa expectativa ou o quanto isso me sobrecarrega. Sei que eu poderia mandar todos eles pastarem e pararem de cuidar da minha vida, mas é... É sutil. É uma linha sutil que quase ninguém enxerga.

— Você é o primeiro bisneto dos Choi, afinal. Primeiro filho do primeiro filho do primeiro filho. É um nó.

— E você é a primeira bisneta dos Park. Primeira filha do primeiro filho do primeiro filho. Quem mais me entenderia melhor do que você? E nossos pais são melhores amigos, é ainda mais complicado. Mas você navega muito bem entre tudo isso, eu gosto. Me sinto protegido.

O rosto de Emília ficou quente, quase ardendo com a afirmação de que Gustavo Choi se sentia protegido por ela. Gustavo Choi, o primeiro bisneto da família Choi, alguém independente, confiável, maduro e perfeito se sentia protegido por aquela garota que fazia tudo errado.

Era difícil de acreditar, mas por que Gustavo mentiria? De novo, ele não era e nunca foi uma pessoa que mentia, era a pessoa mais íntegra que conhecia.

Então tudo que lhe restava era acreditar que mesmo ela, o infortúnio que arruinava a vida dos outros, poderia proteger alguém como ele também.



— Tá meio… neon. — A voz de Gustavo quase sumia.

Ele estava paralisado em frente ao espelho, olhando para o reflexo dela. Tinha lavado e secado seu cabelo e agora conferia o resultado.

O tom de rosa tinha ficado um pouco forte.

— Só um pouquinho, não ficou ruim. — Emília virou a cabeça de um lado para o outro. — Eu até gostei.

— Mi, meu Deus. — Ele estava desesperado. — O que faço pra corrigir? Ficou neon, estraguei seu cabelo.

Emília deu uma risada. Não tinha ficado tão neon assim, só estava um pouco mais forte do que o habitual. Como ela dissera, era difícil alcançar aquele tom clarinho em casa.

— É só deixar desbotar. Em umas quatro lavagens atinge o tom certo.

— Tá falando isso só pra me consolar?

— Não. É verdade mesmo. Tintas desse tipo desbotam bem rápido, eu tenho que retocar toda hora. Provavelmente eu tinha que descolorir de novo, então pode ter afetado e…

— Vamos lavar de novo, a gente pode ficar lavando até ficar bom.

— Guto, relaxa. Eu gostei.

— Mas você disse que não queria que ficasse neon…

— Não tá tão neon assim, você tá exagerando.

Virou-se no banco para encará-lo de frente. Estava enrolada no roupão felpudo enquanto ele secava seu cabelo. Gustavo parecia desnorteado.

— Tá contemplando sua mortalidade? — Tentou provocá-lo.

— Eu realmente achei que seria bem fácil.

— Mas ficou bom, sério.

— Costumo acertar as coisas de primeira.

— Sempre tem uma primeira vez pra tudo.

Gustavo sacudiu a cabeça, concordando.

— Quer descansar um pouco? — perguntou. — Você ficou muito tempo sentada.

— Ah, é verdade. Estou parecendo uma velha. Uma velha de cabelo rosa neon.

— Para, eu tô mesmo chateado.

Emília ficou rindo enquanto ele a pegava no colo, pronto para deixá-la no closet. No entanto, perto da porta, ele parou e ficou olhando para o cômodo, pensativo.

— O que foi? — ela perguntou.

— Quer dormir um pouco na cama? Sei que o tapete é confortável, mas você tá há muito tempo no chão.

— Hm… Pode ser. Acho que sinto falta da minha cama.

Gustavo corrigiu a trajetória, caminhando até o quarto dela. Primeiro a sentou na cama para ajudá-la a se vestir com o pijama. Quando ela enfim se deitou, ele só a cobriu com o cobertor, afofando os travesseiros e a aconchegando.

— Pronto — falou. — Agora descansa um pouco.

Emília inclinou as sobrancelhas.

— Você também não tá cansado? Tá dormindo numa poltrona há dias…

— Os mesmos dias que você tá dormindo no chão.

— Meu tapete é realmente macio, eu fico bem confortável lá. Você devia ter dormido do meu lado.

— Não queria invadir seu espaço — Gustavo explicou, tímido.

O silêncio ameno tomou o ambiente. Emília se remexeu nas cobertas.

— Deita aqui — pediu.

Ele acabou obedecendo de qualquer forma. Descalçou os chinelos e se deitou ao lado dela sem falar nada. Emília o cobriu com o mesmo cobertor que usava.

Aproximou-se aos pouquinhos, como se não soubesse mais como agir perto dele. Gustavo permaneceu parado na cama, as sobrancelhas levemente esticadas, observando a movimentação dela. Por fim, Emília fez um carinho em seu rosto, afastando as mechas escuras de seu cabelo.

— Senti sua falta, Guto... — admitiu.

— Mas eu tava bem aqui... — Tentou aliviar o clima, mas entendia o significado daquelas palavras.

— É só que... Acho que quem não tava era eu.

Gustavo engoliu em seco, um nó se formando em sua garganta.

— Você... — Emília perguntou baixinho. — Você também sentiu minha falta?

— Eu... — Ele tentou falar da forma mais natural que conseguiu, mas era impossível.

Espremeu os lábios, uma urgência enorme de desatar aquele emaranhado de nós que tinham se formado desde a crise. Seus olhos marejaram e Gustavo pensou que deveria sair da cama para não assustá-la.

No entanto, Emília só limpou o canto de seus olhos, as pequenas lágrimas que escorriam, quase como se não existissem.

— Eu senti muito a sua falta... — A confissão de Gustavo saiu em um murmúrio. Soluçou e Emília colou mais nele, sua proximidade o consolando. — Não sei mais ficar sem você, não sei mais como, não quero mais.

— Guto...

— Você disse que era um exagero eu falar que gosto de tudo em você, mas é verdade, Mi — ele continuou, suas palavras querendo escorrer como suas lágrimas, livres, fortes, rebeldes. — Eu... Eu nunca me senti antes. Sou péssimo com palavras, então nem sei como explicar e...

Emília o abraçou, apertando-o contra o peito. Mesmo o abraço sendo dela, ela se segura ali, querida, protegida, o lugar onde sempre queria estar. E o fato de ele confessar daquela forma era avassalador, não deixava espaços para dúvidas, uma honestidade quase dolorosa. Era como se o que sentia fosse uma força da natureza, algo que Gustavo era incapaz de lutar contra.

— Eu senti tanto sua falta — ele repetiu. — Tanto, tanto, tanto... Eu te amo tanto. Nunca disse isso pra ninguém além da minha família, nunca senti algo assim antes. É assustador, mas... não consigo deixar de querer mais, não consigo parar...

— Eu te amo, Guto... — Emília confessou também, dessa vez mergulhada em mares calmos de afeto. — Eu te amo, eu te amo, eu te amo...

Era estranho falar isso. Emília amava o amor, mas nunca tinha dito aquela frase para ninguém daquela forma, o amor romântico. Achou-se um pouco tola por ter acreditado até agora que conhecia todas as facetas daquele sentimento, todas as probabilidades e possibilidades, os caminhos tortuosos que os levavam até ali, nós nas linhas que ela enxergava tão bem.

Não era só uma linha, agora ela entendia melhor. Era um círculo. Porque não importava o tamanho dele, a distância, seus erros e acertos, infortúnios, tragédias, a química cerebral de sua mente. Uma hora ou outra, Emília daria a volta completa.

Uma hora ou outra, sempre, Emília encontraria Gustavo do outro lado.



“Palavras que são agradáveis de se escutar

São só momentâneas

Preciso do seu coração sincero

Preciso de você”

Now Playing: Whiplash

NCT 127

22/09/2025
13 dias para o Chuseok!

— *Porra* — Gustavo gemeu. Ele mal conseguia respirar. — Mi, espera, pelo amor de Deus.

Emília nem escutou. Estava cavalgando em cima dele, sua cabeça jogada para trás e os olhos fechados, segurando suas mãos sobre os próprios seios. Tinha acelerado bastante, estava quase lá.

E Gustavo estava quase morrendo porque era a terceira vez que transavam naquela manhã e ele já não aguentava mais.

— Meu Deus, porra... — choramingou. Emília gozou e os espasmos dela o colocaram no limite de novo, mas já não lhe sobrava mais tanta coisa assim.

Será que ele ia infartar? Estavam transando sem parar desde o dia que pintou o cabelo dela. Emília teve um pico de energia e agora procurava estímulos de todos os cantos, sensoriais, físicos, intensos. Seu apetite voltou e ela queria comer tudo que via pela frente, fazia misturas estranhas.

Mas depois ficava ansiosa com alguma coisa e vomitava tudo de uma vez só.

Então o estímulo se tornou ele, só ele. Seus toques, sua boca, língua, dedos, ele por inteiro. Gustavo entregaria tudo sem nem pestanejar, mas talvez precisasse de algumas vitaminas para prosseguir.

Porra, acho que fiquei velho... lamentou-se enquanto ela se jogava ao lado dele na cama. Nenhum músculo seu funcionava, tudo estava dolorido ou dormente.

— Eu tô ficando maluca — Emília falou de repente. Também estava arfando, recuperando o ar que lhe faltava enquanto encarava o teto. — Eu simplesmente enlouqueci. Não consigo parar, acho que tô possuída.

— Eu… eu vou morrer de verdade se fizermos de novo. É sério, Mi. Não dá.

— Nunca fiquei assim em uma crise, normalmente nem penso nessas coisas e… Meu Pai do Céu, virei uma safada, uma tarada!

Gustavo ainda não conseguia se mexer quando ela se levantou da cama, rodando pelo quarto, nua e selvagem, procurando a próxima vítima de sua energia.

— Sério, será que isso tudo ferveu meus neurônios? — ela perguntou. Mesmo cansado, ele não pôde deixar de notar o quanto Emília ficava deliciosa daquele jeito, os cabelos revoltos caindo pelos ombros.

— Eu… Eu acho que você tem 23 anos e eu 32, quase 33.

— E?

— Não consigo te acompanhar.

Fizeram contato visual. Emília fitou o peitoral dele subindo e descendo, as marcas de suas unhas ali, arranhões e algumas mordidas.

Lindo, lindo de morrer. Emília já estava pronta para outra.

— Para de me olhar assim! — Gustavo choramingou.

— Tenho culpa se você é a porra de um gostoso? Acho que não. Quem mandou ter esses ombros gigantes?

— Vou te amarrar na cabeceira da cama, mas depois vou sair do quarto.

Emília fez um beicinho.

— Guto, nem eu sei o que tá acontecendo. É como se algo tivesse me corroendo, me devorando, sabe?

Ele soltou um grunhido. Depois se sentou na cama.

— Deita — mandou.

Emília deu pulinhos de excitação enquanto se deitava, recostando-se nos travesseiros. Mordiscou os lábios quando ele se colocou entre suas pernas, separando-as, seu corpo grande quase a sobrepujando. As mãos enormes a seguraram pelas coxas e Gustavo afundou o rosto entre suas pernas, sem perder tempo. Sugou seu clitóris com força, a língua trabalhando em sua entrada, carícias em todos os lugares possíveis.

— Porra, isso... — Sorriu para o nada, apertando o cabelo dele com uma das mãos. — Você é perfeito. É tão bonzinho...

Outro grunhido, pareceu quase um rosnado. Gustavo se levantou do nada e Emília teve vontade de rir da cara que estava fazendo, mas ele a virou de bruços na cama.

— Você precisa sair de casa — ele reclamou enquanto usava os dedos nela. — Senão vai me matar.

— Mas não vai ser uma morte boa?

Levou um tapa na bunda. Pelo visto, ele já tinha se cansado de pegar leve com ela.

— Vai, mas pensei que gostasse de mim.

— Eu amo você, já falei várias vezes.

— Então por que quer que eu morra?

— Acho que quero cada gotinha do seu sangue, deve ser isso... — Deu uma risadinha.

— Você quer é outra coisa...

Puxou o cabelo dela com força ao mesmo tempo que a penetrava. Cansado ou não, ele sempre caía nas

provocações dela, era um fato. Deu estocadas fortes, brutas, rápidas. Emília já estava se contorcendo.

— Então você não tá tão velho assim... — Ainda assim, conseguiu implicar com ele. Levou outro tapa e acabou gozando de novo.

Gustavo foi logo atrás, preenchendo-a, seu sémen escorrendo pelas pernas dela. Estalou a língua, insatisfeito.

— Sério, você precisa sair de casa — afirmou. — Estou ficando senil, nunca lembro de colocar a porra da camisinha. Vou acabar te engravidando.

Emília pensou em fazer uma piadinha, mas ainda estava avoada pelo orgasmo arrebatador. Conseguiu se virar na cama, arquejando profundamente.

Depois cogitou a possibilidade de sair de casa. Estava mesmo com muita energia para gastar e com um pouco de pena de Gustavo. A defesa de sua tese era em dezembro e ele estava preso naquele apartamento junto com a loucura dela.

Mas para onde iria? Sair e encarar a realidade parecia assustador. Ainda mais sabendo o que lhe esperava lá fora.

Uma amostra do que seria era seu Instagram. Estava entupido de mensagens de ódio. Emília se sentiu idiota por nunca ter ligado os pontos, mas todas os nomes de usuários continham as letras *ptkd* de alguma forma. Pedro Takeda.

Eram mensagens infinitas. A rede social filtrava algumas coisas, mas havia mensagens ali que datavam do dia em que ele a atacou. Pedro simplesmente a deixou daquele jeito e a primeira coisa que fez foi entrar no Instagram e odiá-la ali também.

Como sair assim? Lá fora sua culpa estava à espreita, pronta para atacar.

— Acho que é você quem devia sair um pouco de casa — sugeriu. — Não precisa ir pra UFF?

— A Lis tá me cobrindo no laboratório.

— Mesmo assim, não acha que devia ir?

Conseguiu enxergá-lo inclinando as sobrancelhas.

— Não posso te deixar sozinha — Gustavo murmurou.

— Mas eu já tô bem melhor.

— Ainda não acho uma boa ideia.

— Como vai defender seu doutorado assim?

Ele ficou calado por um tempo, refletindo. Depois só deu de ombros.

— Dou um jeito.

— Guto…

— É sério, Mi. Não tem problema.

— Talvez eu possa ficar com meu pai…

Gustavo refletiu mais um pouco.

— Não quero. Quero você aqui comigo.

— Mas você precisa fazer suas coisas…

Chegou perto para se aninhar no peito dele, se encolhendo até ficar menor. Gustavo fez um carinho em sua cabeça, enrolando mechas de seu cabelo nos dedos.

— Quer ir na UFF comigo? — Depois de um tempo em silêncio, ele resolveu perguntar. — Pode ficar no meu laboratório.

— Não quero — Emília falou rápido demais. Do jeito que foi, parecia que tinha vomitado as palavras.

Gustavo franziu o cenho, intrigado.

— Não quer ver seus colegas, como andam as coisas pelo seu laboratório?

— Não. Vou desistir do mestrado.

— Espera, quê?

Emília se afastou dele.

— Talvez não desistir, vou trancar por um tempo — explicou. — Acho que vai ser melhor assim.

— Mas… você ama a sua pesquisa.

— Acho que quero ter outras prioridades a partir de agora.

— Seu Instagram?

Acabou se lembrando das mensagens de Pedro. Engoliu em seco.

— Também não.

— Mi…

— Não quero conversar sobre isso.

— Aconteceu alguma coisa no seu laboratório? — Gustavo acabou perguntando.

Ela não respondeu.

— Você pode me contar qualquer coisa — ele disse. — Sabe disso, né?

— Já disse que não quero conversar! — berrou.

E lá estavam as lágrimas novamente. Gustavo conseguiu abraçá-la e forçá-la a se deitar de novo.

— Tudo bem, não precisamos conversar. Fica tranquila — afirmou.

— Acho que eu preciso de um tempo. Acho que preciso…

Gustavo sabia o que aquilo queria dizer. Ela entraria em um looping de ansiedade e ameaçaria terminar tudo de novo, talvez tivesse outra crise. Ele tinha que ser inteligente.

— Vou pra UFF hoje — disse. — Assim você se acalma e tira um tempinho pra você, tudo bem?

— Você… vai mesmo me deixar sozinha?

Ele nem conseguiu saber se Emília estava aliviada por ele ir ou receosa. Ela estava confusa a esse ponto.

— Sabe que não posso, né?

— Mas…

— Pensei em chamar a Lis e a Jana aqui. Faz tempo que você não as vê. Tem falado com elas?

Muito pouco, ela pensou. Por causa da crise e dos remédios, as poucas mensagens que conseguiu enviar para as amigas tinha sido para dizer que estava viva.

Será que estavam magoadas? Era provável. Deviam achar que Emília era egoísta por ter sumido daquele jeito. E se Jana estivesse mal por causa de Henrique, e se Lis e Dante tivessem tido algum problema? E se Lis tivesse se dado conta de que caíra em sua brincadeira de cupido e ficasse brava com ela?

— Não sei se elas teriam tempo pra isso — falou baixo.

— Claro que têm. Vou ligar pra Lis e perguntar, ok?

Ele nem lhe deu tempo de contestar. Já estava pegando o celular, levantando-se da cama, fazendo planos e bolando estratégias como sempre, o modo operacional que não dava espaços para mais crises. No fim, disse que ia tomar banho e que suas amigas tinham aceitado na hora, que viriam imediatamente.

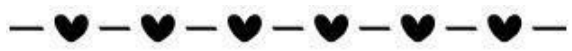
Emília se assustou mais uma vez ao se deparar com o fato de que as pessoas ao seu redor nunca hesitavam quando precisavam vê-la. Primeiro Gustavo e agora Lis e Jana, ninguém nunca hesitava. Até seu pai, mesmo com a saúde mental um pouco frágil, não hesitou em momento algum durante a crise. Sua mente estava um pouco mais clara depois de todo aquele processo, então conseguia enxergar o afeto que seu namorado, sua família e amigos tinham por ela. Ainda assim, nunca deixava de ser surpreendente.

Tinha perdido um pouco as forças, mas conseguiu se levantar para pelo menos parecer apresentável para as melhores amigas. Gustavo saiu do banho naquela hora e a ajudou a se banhar e a se arrumar, atento e um pouco preocupado com a cena anterior.

A crise dela tinha acontecido na UFF, isso era inegável. Tinha acontecido no meio tempo em que ele fora e voltara de Niterói. Agora ele tinha uma pequena teoria de que era algo relacionado ao seu laboratório, talvez com seu Instagram? Alguns pontos não se conectavam.

Não conversaram muito até a hora que Jana e Lis chegaram. A primeira coisa que Emília fez ao vê-las foi obviamente chorar, pedir desculpas pelo que quer que fosse. As outras duas correram para abraçá-la, consolando-a, conversando baixinho até que ela se acalmasse. Antes de sair, Gustavo fitou as três sentadas no sofá, agarradas umas nas outras em silêncio total, só dividindo um calor de amizade até que Emília se sentisse melhor.

E, com um suspiro pesaroso, ele saiu de casa.



— Soube de alguma coisa? — Gustavo perguntou para Dante assim que chegou na UFF.

O mestrando e noivo de Lis ajeitou os óculos e cruzou os braços tatuados sobre o peito, suas sobrancelhas vincadas lhe trazendo um ar ainda mais sério. Gustavo havia pedido que Dante investigasse a possível causa da crise de Emília pelo Instituto. Pensou que ele seria mais discreto que Lis, até mais eficiente, já que era muito observador.

— Não — Dante o respondeu. — Tudo parece normal no laboratório. Fingi procurar pela Mi e só me disseram que ela estava doente.

Gustavo respirou fundo. Tinha vasculhado o Instagram dela durante o trajeto para lá, mas não encontrara nada. Ela tinha parado de postar, mas não havia nada que chamasse sua atenção. E não poderia simplesmente pegar o celular dela e vasculhar suas DMs, procurar por pistas. Era outro beco sem saída.

Os dois estavam na entrada do Instituto. Gustavo caminhou até a portaria, ainda pensativo. Parou em frente à bancada, sua expressão de extrema reflexão lhe trazendo um ar de zangado que fez com que os seguranças se encolhessem.

— Sim…? — um deles perguntou.

— Vocês têm as filmagens das câmeras de segurança dos corredores? — perguntou.

Se algo tivesse acontecido fora do laboratório, as câmeras teriam captado. Talvez fosse um caminho bom a se seguir.

— Nossa, por quê? — o segurança perguntou.

— Obviamente quero ver algumas delas.

— Está fazendo uma investigação?

— Essa informação é irrelevante pra você.

O segurança fez cara feia para ele.

— Tem um mandado, garoto? — questionou. — É policial, por acaso? Se não é, não tem direito algum de ver qualquer coisa. Agora some daqui antes que eu te expulse do prédio, falou?

Gustavo grunhiu, irritado, e foi para o lado de fora de novo. Estava quase espumando de raiva.

— Ahn... — Dante nem sabia o que dizer depois daquela abordagem.

— Porra. — Passou a mão pelo cabelo para dissipar a frustração. — Que merda, eu nem sei...

— Choi! — Os dois ouviram a voz de Martim se aproximando. Ele estava acompanhado da esposa, Tatiana. — E aí?

O casal os cumprimentou. Gustavo apresentou os amigos para Dante, mas sua mente estava um pouco fora do ar pela situação.

— Aconteceu alguma coisa? — Tati perguntou. — Como a Emília está?

— Melhorou um pouco. Mas hoje disse que quer largar o mestrado, que quer largar tudo.

Tati arqueou as sobrancelhas, triste.

— Isso é... Seria uma perda terrível — murmurou.

— É. Ela ama o trabalho dela, mas... Pode ser só a crise, mas fico com medo da Mi desistir de verdade.

— Tem algo que eu possa fazer? Talvez eu possa conversar com ela, a gente se deu muito bem.

Era verdade. Gustavo se lembrou que Tati era como se fosse a Taylor Swift acadêmica para Emília. Se alguém poderia convencê-la a voltar ao laboratório, esse alguém era Tatiana Siqueira.

— É um bom plano — concluiu. — Talvez você possa dizer que quer conhecer o laboratório e a pesquisa dela. Emília teria que sair de casa.

— Faria isso com todo prazer! — Tati se animou. — Realmente quero conhecer a pesquisa dela. Já li os artigos e comentei com meus colegas de trabalho.

— Mas se o que desencadeou a crise foi algo no laboratório dela, talvez seja até perigoso fazê-la voltar — Dante argumentou.

— Acham que algo aconteceu com ela aqui? Que alguém a machucou? — Martim perguntou.

— É uma possibilidade. Estou no escuro, então qualquer variável é válida — Gustavo explicou. — Por isso que estava tentando conseguir as filmagens das câmeras de segurança, mas aquele idiota…

— Não quiseram te dar?

— Ele foi um pouco grosso com o segurança… — Dante soltou um suspiro.

— Então talvez seja melhor dar mais tempo pra Emília se recuperar — Tati sugeriu, preocupada.

— Mas a gente vai embora do Brasil na sexta-feira — seu marido a lembrou. — O plano de você falar com ela iria por água abaixo.

Ele tinha um ponto, Gustavo pensou. Se deixassem passar, perderiam aquela janela preciosa. Mas Dante também tinha dado um ótimo argumento, ele poderia prejudicar Emília ainda mais se a colocasse em um lugar perigoso ou nocivo para sua saúde mental.

— Precisamos da garantia que a crise não aconteceu no laboratório — Dante estava tentando achar uma linha de raciocínio.

— Precisamos que a Tati a convença a voltar — Martim complementou.

— Temos até quinta-feira, no máximo — Gustavo concluiu.

— Seria arriscado demais fazermos as duas coisas ao mesmo tempo? — Tati sugeriu. — Vocês investigam e eu tento convencê-la a vir. Acredito que ela não vá aceitar na

hora, então posso marcar numa data em que vocês já tenham mais informações.

— Não sei como conseguir mais informações — Gustavo admitiu. — O Dante já foi até lá, tudo parece normal. Se ficarmos indo e voltando, vai levantar suspeitas.

— Precisamos das filmagens... — Martim falava mais para si próprio do que para os outros.

De repente, ele soltou a mão da esposa e foi até a portaria. Gustavo ficou observando o amigo se aproximar dos seguranças com um sorriso enorme, o rosto parecendo ainda mais charmoso e amigável por causa de suas covinhas. O olhar do segurança se iluminou ao vê-lo.

— Martim Takahashi! — exclamou. — Pensei que já tivesse voltado pra casa!

— E aí, parceiro? — ele o cumprimentou no mesmo nível de energia. — Ainda não, só na sexta. E é Siqueira agora. Porque você sabe, né? Casei, tô na coleira.

— Porra, pode crer! E o que conta de novo?

Martim se debruçou na bancada e estalou a língua, soltando um suspiro afetado.

— Porra, cara. Vou te falar a verdade. Tô desesperado.

— Por quê?

— Acredita que perdi meus documentos por aqui? Você sabe, a minha esposa é *muito* popular nessa faculdade, então a gente ficou andando por esse Instituto inteirinho. Acho que acabei deixando cair por aí. Pior, tenho medo de que tenham me roubado, porque minha carteira sumiu também.

— Meu Deus!

— O pior é o passaporte. Como vou voltar pra casa sem ele? Tô realmente desesperado.

O segurança inclinou as sobrancelhas, uma expressão cheia de pena no rosto. Gustavo fez uma careta de insatisfação, mas permaneceu longe.

— Quer dar uma olhada nos achados e perdidos? — o senhor perguntou para Martim.

— Já olhei algumas vezes, acho que você não tava por aqui na hora. Mas não achei nada, por isso cada vez acredito mais que alguém roubou. E queria muito encontrar essa pessoa. Vai que ela pegou por engano ou algo assim? Por isso queria te pedir um favorzão.

— O que é?

— Acho que o meu amigo Gustavo já chegou a falar com você, né? Ele tá tão preocupado comigo! Eu queria as filmagens de segurança do prédio.

— Ah, era pra você? Por que não disse antes, garoto?

A careta de Gustavo se aprofundou.

— Acho que ele esqueceu. — Martim sorriu ainda mais.

— Mas você quer as filmagens do tempo todo em que esteve por aqui?

— Não precisa de tudo. Tenho certeza de que a perdi por volta do dia…

Olhou para Gustavo. Ele entendeu o recado.

— Acho que foi no dia cinco — falou.

— Pois é! — Martim falou alto. — Acho que foi exatamente nesse dia! Então só preciso da filmagem desse dia, só isso.

— Posso conseguir pra você — o segurança afirmou. — Mas não agora. As imagens do circuito fechado são armazenadas no banco de dados da universidade. Eu teria que fazer uma solicitação.

— E quanto tempo demoraria? Eu vou embora na sexta.

— Uns três dias? É o máximo que posso fazer. Quinta-feira é dia 26, você disse que ia embora na sexta… É o que dá pra fazer.

— Perfeito! Três dias é ótimo. Você salvou minha vida, cara. Acho que ainda tenho uma caixa de *flødebolle*[15] sobrando lá em casa. Quer uma? É bem gostoso.

— Comida lá da sua terra?

— Direto da Dinamarca, sim. Pelo trabalho, é o mínimo pra agradecer.

Enquanto o segurança comemorava o presente, Gustavo arquitetava os próximos passos. Tati teria que convencer Emília a vir em três dias. E ele teria que investigar as imagens assim que ficassem disponíveis. Tudo teria que ser feito ao mesmo tempo, não havia margem para erro.

Três dias. Gustavo tinha três dias.



“Se eu sair agora será bom
Todas as coisas que encontrarei serão ótimas
Meu coração iluminado, ele funciona
Já está brilhando diante de meus olhos
Então por que hesitar?”

Now Playing: Why

TAEYEON

— Aí você acredita que ele postou uma foto com uma mulher qualquer no dia seguinte que falou que me amava? — Jana estava contando seus diversos infortúnios para deixar a amiga a par de tudo. — E acredita que depois descobri que era a namorada dele? Virei amante, porra! O desgraçado do Henrique me fez virar amante!

Emília estava com os olhos arregalados, espantada com o relato. Lis estava bem ao seu lado no sofá, pintando suas unhas com um tom bonito de roxo.

Suas amigas tinham entrado no modo total de mimá-la até dizer chega. Depois que Emília conseguiu parar de chorar, Jana começou a tagarelar sem parar enquanto assava um bolo, utilizando qualquer coisa que encontrasse na cozinha dela. Já Lis tinha juntado todos seus cosméticos e estava empenhada em criar um spa caseiro. Agora Emília estava com o cabelo hidratado, a pele esfoliada e macia e as unhas feitas.

Parecia pouco, mas ver-se mais arrumada era como renascer para ela. Não havia como negar, Emília ligava

muito para sua aparência, então sempre que tinha uma crise o fato de emagrecer demais e ficar descuidada a deixava ainda pior, como se até a própria dignidade lhe faltasse.

— Quer uma camada de glitter? — Lis sugeriu. Emília fitou os dedos tatuados da amiga segurando os seus, refletindo sobre o quanto elas eram diferentes e mesmo assim iguais. Porque Emília conseguia se lembrar perfeitamente de quando também a ajudara em uma crise.

A crise de Lis tinha quase terminado com Emília jogando um tijolo na casa da mãe dela. Abordagens diferentes, mas uma estava sempre lá pela outra, Jana também. Era ótimo relembrar disso.

— Quero. — Aceitou a sugestão. — O rosa.

Lis ficou satisfeita com a escolha, passando a camada de glitter em suas unhas.

— Sério, minha vontade é de castrar aquele homem! — Jana ainda estava falando. Já tinha assado o bolo e agora cortava pedaços bonitos para servir. — Com uma faca de pão!

— Sério digo eu. — Emília fez uma careta. — Por que tá se sujeitando a isso?

— Porque... Porque ele disse que me amava! Olhou bem nos meus olhos com aquele rosto lindo e infernal e disse que me amava! E agora tá namorando outra!

— Acho que ficou óbvio que ele não te ama de verdade...

— Sim, mas... A castração vai resolver, então.

— Eu até te ajudaria com isso, ando querendo castrar o Henrique há um tempo já.

— Então partiu? A gente sai daqui agora e vai até Icaraí arrancar as bolas dele!

— Podemos tomar um sorvete depois — Lis sugeriu.

— E pegar um sol na praia! Nossa, perfeito!

Emília conseguiu rir. Mas a ideia de sair, mesmo que fosse uma brincadeira, lhe deixou triste de novo.

— Você podia filmar pra mim — murmurou. — Aí eu ia poder assistir.

— Não, você tem que estar lá. A Lis segura um braço e você o outro enquanto eu manejo a faca. Acho que uma tesoura seria melhor.

— Ah, eu… provavelmente vai demorar, então.

— Por quê?

— Acho que vou passar um tempo fora, talvez ficar na casa do meu pai. Não sei se vou conseguir vir pra Niterói.

Lis e Jana se entreolharam.

— Vai trancar o mestrado? — Jana perguntou.

— Acho que vou desistir mesmo — admitiu. — Então não teria motivo pra ficar aqui em Niterói.

— Que isso, amiga? Uma hora você vai melhorar. Tudo bem trancar por um tempo, sua saúde vem em primeiro lugar, mas desistir…

— É só que…

Ficou calada. Era difícil explicar sem entrar em detalhes. Mas o fato era que Pedro e ela tinham entrado quase ao mesmo tempo no mestrado, então obviamente terminariam na mesma data também. E como conviver com ele durante todo esse tempo? Ainda faltava um ano para terminar.

Claro, ela podia trancar mesmo e esperar que ele defendesse. Mas a verdade era que Emília não queria nem colocar os pés na UFF, sua amada universidade. Tinha sido lá que toda aquela história de Besourinha do Amor começara, a fonte de todos seus problemas. Ela sentia vergonha de voltar para o campus, como se devesse desculpas para a faculdade inteira.

— Não quero conversar sobre isso — sussurrou.

As outras duas se entreolharam de novo. Jana voltou a servir a comida e Lis passou a camada de extra brilho para finalizar. Emília se sentiu mal pelo clima ruim e resolveu mudar de assunto.

— Como estão você e o Dante? — perguntou para Lis. Também queria saber como a amiga estava, porque tinha colocado na cabeça de que em breve o noivado dela se despedaçaria quando soubessem que foram juntados por uma péssima cupido.

— Te falei que marcamos a data do casamento? — Lis comentou.

— O quê? Não! Foi agora?

— Por aí. Vai ser ano que vem, dia 30 de março. É uma segunda-feira, mas não tem problema, vai ser pelo menos no civil.

— Por que essa data específica?

— Porque foi nesse dia que a gente ficou pela primeira vez. — Lis ficou vermelha, sorrindo como uma garotinha. — Você lembra? A gente foi no Notas Noturnas, aquele bar da Cantareira.

— Ai, aquela noite foi icônica! — Jana comentou. — Lembra, Mi? A gente tava aqui na sua casa, a Lis tava sem saber se devia ir ou não e a gente teve que quase esfregar a cara dela no celular pra ela entender que o Dante tava caidinho nela! Ai, bons tempos.

— Esfregar minha cara no celular é um exagero...

— Eu lembro — Emília disse.

— Ai, lembra também que você forçou o Dante a tocar guitarra na frente de todo mundo só pra impressionar a Lis? Ai, nossa, eu fiquei toda arrepiada! O gato se esforçou muito mesmo, teu homem é ótimo, Lis. E adoro seus planos mirabolantes, Besourinha.

Ela se encolheu com a declaração. Mas também se lembrava bem daquele dia, da certeza que tivera de que estava fazendo a coisa certa, de lutar pela felicidade de sua melhor amiga. Lis tinha muitos problemas familiares e não se abria com qualquer um, achava que sempre seria preterida por todos. Por isso, Emília se dedicou demais em juntá-la com Dante, porque sabia que daria certo.

Sabia? Ela agora não tinha mais certeza.

— O show de guitarra nem foi o que pesou mais, sabe? — Lis comentava. — Acho que o que fez com que eu me decidisse foi algo que você disse e eu nunca vou esquecer, Mi.

— O que eu te disse?

— Você me disse pra ser sincera com ele. Contar que eu estava com medo e que o Dante me entenderia por ser uma pessoa legal. Eu falei isso pra ele na hora, que tinha medo de me machucar, muito mesmo. Aí ele foi o cara incrível que sempre foi e deu certo.

— Foi nessa noite também que a Lis descobriu que não existem limites pra gozar. Ela chegou a perder o rumo, tadinha.

— Nossa, sim. Eu nunca tinha gozado tanto na vida! — Lis deu uma gargalhada. — E o resto é história. Então agradeço o conselho, de verdade. Acho que eu teria dado pra trás se não tivesse te ouvido, você sabe que sou meio covarde.

— Covarde, não. Cautelosa — Emília a corrigiu.

— Obrigada mesmo assim. Se encontrei o amor da minha vida, foi por sua causa, Besourinha.

Emília tentou sorrir. Mas tinha se emocionado com o relato e começou a chorar de novo, tremendo. Lis a abraçou na hora e Jana veio correndo para acalentá-la também. Ficaram assim até que o celular dela começasse a tocar.

Ela congelou quando viu quem estava ligando.

Dra. Tatiana Siqueira.

— Meu Deus — exclamou. — Meu Deus, Meu Deus!

— O que foi? — Jana perguntou.

— A Tati tá me ligando! Tatiana Siqueira tá me ligando!

— Quem?

— A Dra. Tatiana Siqueira!

— Ah, aquela moça da biologia marinha.

— Aquela moça... — Emília quase se engasgou por tamanho ultraje. — É a Dra. Tatiana Siqueira, prodígio da

UFF, lenda da biologia marinha, rainha dos mares dinamarqueses!

— Ah. Por que ela tá te ligando?

— Não sei! Simplesmente não sei! Meu Deus!

— Que tal atender pra saber? — Lis fez a sugestão.

Emília obedeceu, não podia deixar a Dra. Tatiana Siqueira esperando na linha. Atendeu com os dedos tremendo.

— Alô? — gaguejou.

— *Emília, oi!* — Tati a cumprimentou, animada. — *Tudo bem? O Gustavo comentou que você ficou um pouco doente! Está melhor?*

— Eu, hm... Estou melhorando. — Ela ficou aliviada por Tati ter dito "um pouco". Gustavo não tinha dado detalhes para ninguém de fora pelo visto.

— *Ótimo! Eu tava me sentindo mal de te pedir uma coisa com você doente, então é ótimo saber que já está melhorando!*

— Ah, o que queria pedir?

— *Sabe, eu ando pensando na sua dissertação desde que conversamos naquele dia, lembra? Juro, fiquei obcecada, cheguei a falar com meus colegas da Universidade de Aarhus, mandei seus artigos pra eles... Estou me sentindo péssima pelo incômodo, de verdade. Mas eu tava louca pra conhecer seu laboratório e conversar mais com você.*

— Ah... — O coração de Emília acelerou.

Nossa, isso é... o sonho da minha vida, pensou. Ter seu trabalho reconhecido pela pessoa que mais admirava academicamente era um sonho inacreditável.

Mas ela teria que voltar. Poderia se deparar com Pedro ali, teria que encarar todos seus erros.

— Eu... Acho que ainda não estou muito bem pra sair de casa — disse para Tati.

— *Sério? Nossa, é uma pena... Vou voltar pra Dinamarca na sexta-feira, então pensei...*

— Já vai voltar? E quando... — Pigarreou. Talvez Tati voltasse no ano seguinte. Quem sabe até lá ela já estivesse melhor? — Tem planos pra voltar pro Brasil?

— Não tão cedo, acho. O Ben nasce no fim do ano e talvez eu demore pra voltar, não sei. Não tenho como confirmar, mas provavelmente essa seria nossa única oportunidade de conversarmos um pouco mais.

— A gente pode fazer uma reunião online e...

— Ai, eu queria muito conhecer seu laboratório! Conheço a professora Helena e poderia visitá-la, mas queria ver seus experimentos, os protocolos que usam... Desculpa, eu sou uma louca com essas coisas, acho que fiquei sem dormir por uns dias pensando na sua dissertação.

— Sem dormir? — Emília esticou as sobrancelhas, surpresa.

— Sim! O Martim chegou a me dar uma bronca, disse que era ruim pro bebê e tudo mais. Mas sou assim, Emília. Quando fico com algo na cabeça, fico obcecada até resolver.

Meu Deus do Céu. Emília estaria negando um desejo de uma grávida se recusasse. Em breve seus olhos se encheriam de terçóis e o filho de Tati nasceria com a cara das bactérias que Emília trabalhava.

— Eu...

— Desculpa ser tão insistente, Mi! Posso te chamar de Mi, né?

Eu vou morrer, ela conseguiu pensar. A Dra. Tatiana Siqueira estava a chamando pelo apelido.

— P-pode... Pode sim.

— Ah, que bom. Bem, Mi. Vou te deixar pensar um pouquinho, então! Pensa com carinho, tá bom? É realmente um desejo enorme meu, de verdade. Te ligo de noite pra conversarmos de novo, pode ser?

— Tá... tá bom. Pode ser.

Desligaram. Emília ficou olhando para a tela apagada do celular, sem saber como reagir. Lis e Jana ainda a observavam, curiosas.

— E aí? — Lis perguntou. — O que ela queria?

— Ela quer conhecer meu laboratório, minha pesquisa.

— Nossa! Seu TCC não foi quase todo baseado no trabalho dela?

— Foi.

— Espera! — Jana se levantou bruscamente. — É aquela mulher que você não para de falar quando cometemos o erro de te perguntar sobre sua pesquisa?

— Ela mesma. Descobri que é veterana do Gustavo.

— Meu Deus, sério? Por que não contou isso pra gente?

— Eu... tinha muitas coisas acontecendo na hora.

— E o que vai fazer agora? Você vai, né? Ouvi você dizendo que ainda não está bem pra sair.

— Ela fica até quando no Brasil? — Lis perguntou.

— Até sexta — contou.

— Você tem que ir! — Jana deu um grito. — Sei que ainda está meio mal, mas você tem que ir!

— Eu... Não dá. Não dá, eu...

Voltou a chorar. Já tinha se tornado insuportável. Até quando ela continuaria daquele jeito, até quando ficaria sofrendo?

— Eu já desisti do mestrado, então não tem porquê... — Soluçou.

— Desistiu é o caralho! — Jana berrou de novo. — Escuta aqui, Emília Park! A gente vai ter que esfregar alguma coisa na sua cara pra te fazer entender que não se perde uma oportunidade dessas?

— Vou ter que concordar com a Jana nessa... — Lis se juntou à amiga.

— Mas... Não dá, não tem como...

— Acha que pode ter outra crise se voltar pra UFF? — Lis fez a pergunta que não queria calar. Naquele momento, não lhe restava outra escolha a não ser ser direta.

— Eu... Pânico eu acho que não. Estou medicada e... Acho que não daquele jeito, pelo menos.

— E se você marcar na quinta com ela? Até lá podemos conversar com seu pai e seu psicólogo pra montarmos uma estratégia.

— E se ainda se sentir fraca demais, pode falar com a Tatiana pra conversarem sentadas — Jana disse. — A gente pode ir com você e mostrar tudo, você só fica falando.

— Eu... Já consigo andar e ficar de pé.

— Melhor ainda! Então por que não quer ir?

— Porque eu já desisti...

— Desistiu porra nenhuma! — Foi a vez de Lis gritar. Acabou se levantando também. — Desistir não é uma opção.

— É, sim. É a única que eu tenho.

— Nada disso. Não vamos deixar te perder essa oportunidade de jeito nenhum, Mi. Porque você vai se arrepender depois.

Ela ia, sabia bem disso. Perder uma oportunidade como aquela seria mais um peso amargo em sua cabeça. E ela decepcionaria Tati, não queria que sua nova colega a visse daquele jeito tão patético, alguém que largava tudo para o alto e não pensava em mais nada.

De um jeito ou de outro, Emília acreditava muito no próprio trabalho, sabia que sua pesquisa poderia trazer um impacto positivo para a saúde dos oceanos, ainda mais aliado ao modelo de Tati. Perder uma oportunidade daquelas era realmente um desperdício de recursos, energia, de sonhos.

E Emília não queria desistir, não de verdade. Estava com medo de voltar, mas não queria desistir. Amava seu trabalho, a UFF, todos os amigos que fizera ali, a orla bonita do campus Gragoatá. Por que ela tinha que perder todas as coisas que mais amava? Seu erro tinha sido tão grande assim?

Olhou para Lis, procurando algo que lhe dissesse que a amiga só falou da data do casamento para consolá-la, para fazê-la acreditar que tinha mesmo ajudado, alimentar seu

ego. Mas era impossível não enxergar o quanto ela estava feliz, o quanto estava agradecida.

“Obrigada mesmo assim. Se encontrei o amor da minha vida, foi por sua causa, Besourinha” ela havia dito, estava na cara que era verdade. Então Emília não podia ser tão ruim assim, não tinha como. Ela não tinha sido um infortúnio na vida de Lis, não mesmo.

Então por que Emília tinha que sofrer tanto? Ela tinha errado com Ayumi e Pedro, mas realmente era tudo sua culpa, ela não merecia nem o benefício da dúvida?

Por que continuar sofrendo daquele jeito? E havia Gustavo também, ele ficaria parado no tempo atrás dela se Emília continuasse mal. Ele não merecia ser feliz ao lado dela, apesar de tudo?

— Eu… — murmurou as palavras mais custosas de sua vida. — Tudo bem, eu vou. Na quinta-feira, eu vou.



“Estou rosnando

Rosnando

Rosnando

Se você não se afastar

Vai acabar se machucando”

Now Playing: (Growl)

EXO

26/09/2025
9 dias para o Chuseok!

Gustavo Choi
Martim
Preciso das filmagens
Estou ficando preocupado

Martim Siqueira
Acabei de chegar na UFF
Peguei o telefone do Seu Benício
(É o segurança, aliás)
Não paro de mandar mensagens
Ele disse que já vai me entregar tudo

Gustavo Choi
E a Tati?

Martim Siqueira
Tá aqui comigo

Pronta pra tudo
Vai dar certo

Gustavo Choi
Certo
Mas precisamos de um plano pra proteger a Mi enquanto as duas estão no laboratório
Não vimos as filmagens ainda, não sabemos como foi

Martim Siqueira
Aquele seu amigo grandão tá disponível?

Gustavo Choi
O Dante?

Martim Siqueira
Ele mesmo
Alguma possibilidade de ele ficar de olho nas duas?
Assim, de longe?
Ele é bem grande e talvez seja difícil de não notar
Mas é bem intimidador, acho que serve pro papel

Gustavo Choi
Todas as possibilidades
Vou falar com ele
É um bom plano b
Estou saindo de casa com a Mi
Falo com você mais tarde

Martim Siqueira
Beleza
Vai dar tudo certo, Choi
Talvez não achemos nada nas filmagens
Mas só da Mi ir se encontrar com a Tati é um grande passo
Fica calmo

Gustavo Choi
Pode deixar

Gustavo guardou o celular assim que Emília entrou no carro. A quinta-feira tinha chegado e ele estava decidido em fazer dar certo, ainda que seu plano tivesse muitas pontas soltas. O fato de não saber se o laboratório era seguro ou não o deixava para morrer, mas também não podia perder a oportunidade da presença de Tati para animá-la. Ele teria que trabalhar com o que tinha.

— Como tá a minha cara? — Emilia perguntou, conferindo sua imagem no espelho do carro. — Eu emagreci pra caralho, tô parecendo uma morta.

— Você tá linda.

— Tô falando sério, vê se tem algo borrado. — Olhou para ele. — Chorei um pouquinho banheiro e talvez tenha deixado algo passar.

Gustavo analisou o rosto dela. Emília estava mesmo mais magra, mas já parecia bem melhor.

— Reafirmo: você tá linda.

— Certo, vou acreditar em você. — Suspirou.

Gustavo deu partida no carro. Ficou a espiando enquanto dirigia, atento à condição dela. Emília querer voltar para a UFF era um bom sinal de qualquer forma, mostrava que estava disposta a se reerguer. Por isso, ele estava esperançoso e levemente otimista, apesar de ainda receoso.

E, dependendo do que houvesse nas gravações, tudo poderia mudar de rumo bem rápido.

Se alguém tivesse a machucado, ele não responderia mais por seus atos. Ninguém o faria parar, ele iria até o fim até que o que quer que a tivesse deixado daquele jeito pagasse por tudo.

— Você tá com uma cara... — ela comentou. Gustavo então percebeu que suas sobrancelhas estavam tão juntas que já tinham começado a doer.

Pigarreou, suavizando sua expressão.

— É a única que tenho, você sabe bem — desconversou.

— Mas tá tão... Por acaso vai brigar com alguém hoje na UFF?

— Depende de como as coisas evoluírem.

— Hein?

— Não se preocupa comigo. Não quero que se canse e passe mal enquanto conversa com a Tati.

— Tá... — Emilia suspirou de novo, encarando a vista do lado de fora.

Chegaram na UFF. Gustavo a ajudou a sair do carro e entrelaçou suas mãos, conduzindo-a pelo campus. Quando chegaram no Instituto de Biologia, Tati e Martim já estavam perto da portaria, conversando.

— Mi! — Tati se apressou para cumprimentá-la. — É tão bom te ver!

Emília mal se conteve de animação quando ela a abraçou, porque ainda era inacreditável a maior celebridade UFFiana ser tão amigável com ela. Não conseguiu nem cumprimentar Martim direito, não escutou o que Gustavo talvez dissera. Tati já tinha dado o braço para ela, tagarelando sem parar enquanto a conduzia para o elevador.

Antes de entrar, Emília olhou para o namorado parado em frente à entrada, seu rosto uma máscara como sempre. Mas antes que ela entrasse de fato, Gustavo abriu um sorrisinho para ela, um gesto encorajador. Isso foi suficiente para que ela se sentisse melhor.

Quando as portas se fecharam, o sorriso de Gustavo desapareceu. Semicerrou os olhos para o amigo bem ao seu lado. Ao mesmo tempo, Dante surgia de um dos elevadores, pronto para acatar qualquer pedido que fosse.

— Conseguiu? — Gustavo perguntou para Martim.

— Aqui. — Ele lhe entregou um pendrive. — Do dia inteiro.

— Tenho uma estimativa do horário que pode ter acontecido. Sempre anoto quando termino meus experimentos, então sei a hora que saí. Vamos começar a

partir daí. Podemos assistir no computador do meu laboratório.

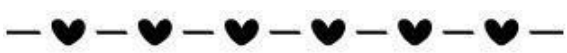
— Certo, conta comigo.

— Dante, fica de olho nelas — pediu para o outro amigo. — Qualquer coisa que acontecer, me avisa.

— Tudo bem. Lis e Jana também estão de sobreaviso. Só não ficaram muito coladas na Mi pra não a sobrecarregar.

— Perfeito. — Olhou para o pendrive em suas mãos e um arrepio atravessou sua coluna. — Então vamos lá.

Ele estava com um mau pressentimento.



Emília não conseguiu abrir a porta do laboratório.

Respirou fundo, lembrando-se de todos os exercícios que seu pai lhe ensinara. E o fato de Tati estar bem do lado dela era como uma âncora que não a deixava ficar demais à deriva. Emília tinha que se manter lúcida e operante.

As portas de todos os laboratórios tinham uma janelinha, então ela conseguiu enxergar bem o lado de dentro. Viu Carlos trabalhando nas bancadas, mas nenhum sinal de Pedro.

— Vamos entrar — falou para Tati, abrindo a porta. — Fica à vontade.

— Obrigada! — Tati sorriu para ela, encorajando-a.

Assim que entraram, Carlos levou um susto, como se visse um fantasma. Largou tudo que estava fazendo e foi falar com ela.

— Mi, meu Deus!

— Ahn... — Deu dois passos para trás, quase trombando com a porta.

Tati já estava com o braço estendido para trás para impedir que se machucasse. Foi aí que Emília notou a expressão dela, olhos afiados captando toda a situação.

— Se machucou? — Tati perguntou.

— Ah, não...

Carlos enfim se deu conta da presença da outra ali, envergonhando-se pela abordagem surpresa demais. Afastou-se das duas e as cumprimentou com um pouco mais de calma.

— Oi, Mi — falou. — É bom te ver. Como você tá? Melhorou?

— Estou, hm… Estou melhorando.

— Que bom! Eu… eu fico feliz.

Emília conseguiu se afastar um pouco da porta.

— Carlos, essa é a Dra. Tatiana. Tenho certeza de que já me ouviu falar dela — falou.

— Dra. Tatiana Siqueira?

— Eu mesma! — Tati estendeu a mão para ele. — Mas pode me chamar de Tati!

— Vim hoje porque ela queria muito conhecer o laboratório — Emília explicou. — Então… A Helena está por aí?

— Acho que já está chegando e…

— E o Pedro?

Carlos e Emília trocaram olhares confusos. Tati franziu o cenho.

— Ele… Ele também não tem vindo — Carlos contou.

— Hm. Ok. — Ela soltou um suspiro aliviado. — Então vamos, Tati.

Passaram pelo IC, mas Emília estava tremendo um pouco. Contudo, respirou fundo mais uma vez, acalmando-se. Não queria perder a oportunidade com Tati de jeito nenhum, então faria de tudo para se manter bem.

Carlos foi atrás das duas.

— Mi, eu… A Ayumi queria falar com você — falou.

Ela ficou toda arrepiada com a menção.

— Carlos, agora realmente não é uma boa hora — gaguejou. Tati estava olhando e ela não queria passar vergonha. — Eu preciso mesmo mostrar as coisas pra Tati, ela vai embora do Brasil amanhã.

— Ok… — Ele engoliu em seco. — É que…

— Carlos, por favor — pediu.

Ele limpou a garganta, aproximando-se com cautela.

— Mi, hoje não é um bom dia pra você ficar aqui — murmurou. — A Ayumi... A Helena tá furiosa com o Pedro, porque ele sumiu e não deu justificativa. Ela mandou que ele viesse hoje, então...

Emília congelou. Seu coração entrou em descompasso e ela começou a suar frio, pensamentos confusos e de pânico começando a entupir sua mente. Tati ainda estava ao lado dela, por isso notou a mudança de comportamento e conseguiu afastar Carlos antes de falar qualquer coisa.

— Respira fundo — sussurrou para Emília. — Vou segurar sua mão e a gente vai sair, tudo bem? Vamos até o banheiro.

— T-tá... Tá...

Fez o que ela lhe pediu. Deixaram Carlos sozinho e caminharam para a saída. Mas quando Emília se viu nos corredores, acabou soltando a mão de Tati e correu para o banheiro feminino.

Dante estava um pouco afastado do laboratório, perto da varanda no fim do corredor, e ensaiou ir atrás dela, mas Tati sinalizou para que esperasse.

— Fica de olho num tal de Pedro — falou. Ele obedeceu, permanecendo no lugar.

E ela foi atrás de Emília.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

— Certo, qual hora você saiu do laboratório? — Martim perguntou. Tinha assumido no computador porque Gustavo parecia um pouco nervoso.

— Anotei 15h30 — murmurou enquanto conferia suas anotações. — Depois fui direto falar com a Mi no laboratório dela.

— Certo, vamos dar uma olhada na filmagem do corredor do terceiro andar nesse horário...

Martim selecionou o arquivo certo e a imagem do corredor apareceu. Gustavo viu a si próprio caminhando por ele e batendo na porta do laboratório, assistiu Emília abrindo a porta e todos os beijos e abraços que compartilharam naquele momento.

A lembrança fez seu coração doer. Eles estavam tão bem…

Em seguida, viu Pedro saindo e falando com eles. Gustavo torceu as sobrancelhas com a memória. Mal se lembrava disso.

— Ok, você foi embora. — Martim ainda acompanhava as imagens. — Que horas veio buscá-la?

Gustavo espremeu os lábios e pegou o celular, conferindo as mensagens que mandara para ela naquele dia. A última, que dizia que ele estava prestes a atravessar a ponte, tinha sido enviada às 17h.

— Eu estava chegando na ponte por volta das 17h — falou.

— Vamos assistir esse período primeiro então. Talvez nesse intervalo ela tenha saído do laboratório.

Martim avançou o vídeo. Quando chegou na parte certa, os dois conseguiram ver Emília saindo com Pedro do laboratório. O mestrando caminhou até a porta corta-fogo das escadas e ela ficou parada ali, falando alguma coisa.

E então Pedro a agarrou pelo braço e a arrastou até as escadas.

Nem Gustavo nem Martim se mexeram. Um tempo da filmagem passou e eles viram Pedro sair correndo por onde tinha entrado, mas Emília não. Depois uma menina de cabelo azul foi até o laboratório de Emília.

— Você… — Martim falou bem baixo, sua voz grave e séria. — Quer que eu veja pra você? As gravações da escada.

— Não. Eu quero ver. — A voz de Gustavo era pura ameaça, ódio, fúria. Seus olhos flamejavam, uma ira contida ali que estava prestes a explodir.

Martim engoliu em seco, mas obedeceu. Trocou o arquivo para as escadas do terceiro andar e foi até o mesmo horário que Pedro a levara até lá.

Gustavo nem piscava enquanto assistia. Viu Pedro gritar com Emília, ela massageando o pulso machucado. Depois o mestrando a imprensou na parede, puxou o cabelo dela e a enforcou com o colarinho da camiseta. Gustavo perdeu a capacidade de respirar quando viu Emília chorando e gritando, implorando que ele parasse.

“O que aconteceu com a sua camiseta?” ele tinha perguntado no dia. *“Ah, eu... enganchei ela sem querer”* as lembranças vinham com tudo agora, o rosto assustado e dormente de Emília, o fato de que ela mal conseguia olhar para ele. *“Meu Deus, se machucou?” “Um... um pouco só. Mas estou bem”.*

Como ele não tinha percebido? Como não tinha notado nada? Estava na cara dele o tempo todo. *“É, você nunca me vê. Né, Emília?”* Pedro também havia falado naquele dia. A resposta esteve na cara dele o tempo todo e Gustavo não tinha visto.

— Eu... — falou entredentes, a raiva esquentando o ar que saía de sua boca. — *Eu vou matar...*

Não conseguiu terminar a frase. Uma mensagem de Dante chegou naquele exato momento.

Dante Krause
Vem pras escadas agora
Precisa ser agora
É urgente



“Vou fazer o que tem que ser feito

Estou mirando em você

Vou te fazer sumir

Já estou em cima de você

Melhor correr”

Now Playing: Armageddon

aespa

— Me solta! — Pedro choramingou, debatendo-se. — Me solta, porra!

Dante nem se abalou. Ajustou a força do braço que segurava Pedro pelo pescoço, o bíceps prendendo a cabeça dele. Com a mão livre, mandou a mensagem para que Gustavo viesse, isso tudo sem derramar uma única gota de suor.

Ele nem sabia se Pedro mesmo tinha feito algo com Emília, mas resolveu não arriscar por causa do tom de voz de Tati. Ele poderia ter problemas se aquele garoto fosse só um pobre coitado, mas acabou não se importando muito. Nem estava machucando Pedro, só o imobilizando.

E Dante era bem rico, advogados nunca seriam um problema. Era um pouco ruim de sua parte pensar assim, mas ele chegou à conclusão de que precisava de medidas mais drásticas naquele momento.

Ouviu os passos de Gustavo e Martim descendo alguns segundos depois que mandou a mensagem e só o soltou

quando o amigo chegou no mesmo andar. Ia contar o que Tati dissera, mas não deu tempo.

Gustavo foi com tudo em cima de Pedro.

O garoto caiu no chão, mas nem isso o fez parar. Montou nele para continuar com os socos, um atrás do outro, os nós de seus dedos abrindo feridas pela força do impacto.

Martim o puxou para trás para que se afastasse e Pedro conseguiu se levantar. Tentou fugir para o andar de baixo, mas Gustavo já tinha se soltado.

— Para! Porra, para! Por favor! — Pedro deu um berro quando foi imprensado na parede. — Pelo amor de Deus!

Gustavo agarrou a camisa dele e o ergueu, apertou bastante, a força que imaginou que aquele infeliz usara em sua namorada multiplicada por mil. Pedro se debateu e se engasgou, chorando e gemendo.

— O que acha disso? — Gustavo perguntou, sua voz tomada pela ira. — Como é estar do outro lado? Porque você fez isso com uma garota da metade do seu tamanho, então deve ser de boa, né? — Deu um soco no estômago dele com a mão livre. — Hein, seu bosta? Me responde!

Não havia chance alguma de responder, ele não queria escutar. Soltou Pedro só para derrubá-lo no chão de novo. Ele caiu de barriga para baixo e tentou se arrastar até a saída.

— Hein, seu merda? — Gustavo rugiu. Já estava partindo para cima dele de novo. — Achou mesmo que podia machucar minha mulher e sair ileso? Você não vai sair daqui vivo!

— Porra, Gustavo, espera! — Martim o segurou por trás. Mas Gustavo era maior que ele e bem mais forte, então certamente não era fácil.

— Me solta, eu vou matar esse desgraçado!

— Por favor, para! Por favor! — Pedro gritou.

Dante tentou ajudar Martim, mas Gustavo se soltou de novo e conseguiu dar mais dois socos antes que fosse

afastado novamente. Dessa vez, foi Dante que o segurou, o que se mostrou mais eficiente. Ainda assim, Gustavo parecia uma besta enfurecida, debatendo-se e espumando, seus olhos vidrados no inimigo.

— Obrigado, obrigado! — Pedro gaguejou para Martim. Talvez achasse que ele estava tentando ajudá-lo.

Tentou usar a deixa para fugir, mas Martim o segurou pela camisa e o jogou no chão de novo. Depois pisou no ombro do garoto para fincá-lo ali, encarando-o de cima com os olhos frios.

— Cala a boca, seu merda — falou. Estava mais calmo que Gustavo, mas ter assistido a violência contra Emília fazia seu sangue ferver. — Senão quem vai te matar sou eu.

— Vocês não podem fazer isso!

— É? Então por que fez com a Emília? — Martim o questionou. — Hein? Por que acha que teve o direito?

— Eu... Ela me iludiu! Aquela puta me iludiu, ela mereceu, ela...

Dante soltou Gustavo. Ele não pensou duas vezes antes de avançar contra Pedro e Martim se demorou um pouco para apartar a briga. Nesse meio tempo, Carlos, o IC do laboratório de Emília, entrou na área das escadas e se assustou com toda a cena.

Ele tinha visto Emília sair correndo e o amigo dela arrastando Pedro para as escadas assim que o mestrando chegou. Ficou alguns momentos tremendo e com medo, porque sabia o que ia acontecer, Ayumi tinha lhe contado sobre o atentado contra Emília.

Sua agora namorada ainda não tinha tido a coragem de agir, afinal, também tinha sido uma vítima de Pedro, tinha chorado por dias, se culpando por tudo, com medo das consequências e sua falta de ação. Então ele ficou buscando uma solução durante todo aquele tempo.

— Carlos, me ajuda — Pedro gorgolejou. Cuspiu sangue no chão, uma cena patética. — Por favor.

— Eu… — o IC gaguejou. — Querem que eu chame a polícia? Posso ser testemunha de tudo que ele fez. Não vi o acontecido, mas a Ayumi me contou.

— Toda ajuda é bem-vinda. — Martim sorriu para ele, quase como se não estivesse segurando Pedro pelos cabelos. — Mas vamos deixar ele ir por agora.

— Não! — Gustavo rugiu. — Eu vou matar esse desgraçado de merda, eu vou matar…!

— É, esse é o problema. Mas não se preocupa.

Pedro se levantou correndo, não perdeu a oportunidade de fugir quando Martim o soltou. No entanto, conseguiu escutá-lo antes de descer até o fim.

— Pode correr o quanto quiser — ele falou, sua voz carregada de uma ameaça gelada. — Você sabe que a gente vai te encontrar.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

— Respira fundo — Martim pediu para Gustavo. — Calma.

O corpo de Gustavo era puro tremor. Ele desabou assim que Pedro fugiu, conseguindo se sentar nos degraus das escadas.

E começou a chorar.

— Vou entrar em contato com meus advogados. — Ouviu a voz de Dante. — Eles são ótimos, já ganhei processos bem importantes com eles.

— Eu e a Ayumi vamos testemunhar! — Carlos gaguejou, ainda muito assustado. Mesmo assim, ele queria muito ajudar.

— Vou conversar com a Tati, ela ainda é muito inserida no movimento estudantil, deve saber bem como agir agora. Foi no perímetro da universidade, temos que levar isso em consideração.

Gustavo fez um aceno com a cabeça, mas sua mente estava longe. A adrenalina estava passando e cena de

Emília sendo atacada rodava em looping em sua mente, quase um pesadelo. Pensou no quanto ela devia ter se assustado, o que fez para tentar se recompor sozinha, os últimos minutos de lucidez antes da crise. Pensou em todas as semanas que se passaram, no sofrimento dela. Emília tinha passado por tudo aquilo e cada grama de pensamento partia seu coração.

— Eu sei que é difícil. — Martim fez um carinho em suas costas. — Mas já passou, tudo bem? Você precisa ser forte pela Emília agora.

— Tá... — Soluçou, respirando fundo. Limpou o rosto, desolado, e se levantou do chão.

— A gente precisa fazer um curativo na sua mão.

— Eu... Não dá, tenho que encontrar a Emília. Acho melhor tirá-la daqui.

— Ela tá com a Tati, está bem.

— Estão no banheiro feminino — Carlos contou. — A Mi acabou correndo pra lá quando soube que o Pedro estava vindo.

— O quê? — O coração de Gustavo acelerou. E se ela estivesse em crise de novo?

— Calma, vou falar com a Tati. — Martim o segurou pelo ombro. — Se ela te vir assim, pode piorar a situação.

Pegou o celular do bolso, ligando para a esposa. Ela não atendeu, mas mandou mensagem.

— Ela disse que está conversando com a Emília — disse. — Falou que ela está bem, só um pouco enjoada. Você não precisa ir agora.

— Mas...

— Gustavo, você está chorando e com a mão toda ensanguentada, tem sangue na sua camisa. Acha mesmo que vai ajudar sua namorada desse jeito?

— Ah. — Olhou para o próprio peito. Havia respingos de sangue por todo lugar, parecia que ele tinha matado alguém. — Acho que tenho uma blusa extra no laboratório.

— Ótimo, então vamos pra lá? Vou ficar me comunicando com a Tati enquanto isso.

— Eu vou atrás do Pedro — Dante declarou. — Não quero que ele fuja pra muito longe.

— Chamei a Ayumi pra cá, nós dois vamos falar com a professora Helena — Carlos disse. — Já chega de ver aquele merda não pagando por nada.

— Isso, tudo vai se resolver — Martim afirmou, conduzindo Gustavo para fora. — Agora vamos cuidar de você.

Gustavo voltou a chorar mais com aquela frase, como uma criancinha. Não era ele quem devia ser cuidado, era Emília. Mas era verdade, ele tinha que se recompor antes de fazer qualquer coisa, senão só ia atrapalhar.

Ele se reergueria, se tornaria mais forte, mais eficiente. Tudo para protegê-la.

Por Emília, ele faria qualquer coisa.



“Eu voo

Voo com você nesse sonho onde a fantasia se espalha

Você se aproxima

E de novo floresce no meu coração”

Now Playing: ( ) (Shangri-La)

VIXX

Tati empurrou a lixeira grande do banheiro até que embarreirasse a porta. Fez isso depois de conferir que só havia Emília e ela ali.

Depois, averiguou o estado dela. Emília estava apoiada na privada de uma das cabines, mas não estava vomitando, só muito enjoada. A possibilidade de encontrar Pedro a deixou nervosa e qualquer coisinha a fazia querer colocar as tripas para fora ultimamente.

Mas ela estava bem, na medida do possível. Talvez fossem os remédios ou a terapia intensiva que tivera naquelas semanas, mas ela não se sentiu próxima de ter outra crise de pânico. Só estava assustada, com medo. Mas sua mente ainda estava sob seu controle.

— Aqui, desde que eu engravidei, sempre levo um remédio pra enjoo na bolsa. — Tati deixou uma caixinha ao lado dela, junto com a garrafa d’água que sempre levava. — Nem depois do primeiro trimestre deixei de enjoar.

— Obrigada. — Emília aceitou o gesto, tomando um dos comprimidos. Conseguiu se acomodar melhor no chão.

Tati entrou na cabine ao lado, sentando-se em uma das privadas. Ficaram em silêncio por um tempo, até que seu celular tocasse.

Tati não atendeu, mas Emília a escutou digitando. Pensou no papelão que estava fazendo na frente dela, em como tinha perdido uma oportunidade única.

Tudo que Emília fazia era errar? Até quando ia continuar assim?

— Tati, eu... — gaguejou. — Me desculpa, eu ainda tô meio doente e...

— Mi, fica tranquila.

— Você queria ver o laboratório e...

— Teremos outras chances de conversar sobre o trabalho, não se preocupa.

— É que... você vai embora...

Emília fungou, infeliz. Agora ia parecer uma criancinha na frente dela e começaria a chorar.

— Eu...

— Emília, farei um convite formal mais tarde, mas ficaria muito feliz se me permitisse ser sua coorientadora no doutorado. — Tati a interrompeu. — Gostaria de participar da banca da sua dissertação também, mas vai ter que ser online.

— Quê?

— Falei sério quando disse que fiquei obcecada pelo seu trabalho. Se a Helena der mole, você vai parar lá na Dinamarca e não vou mais te deixar voltar.

— Você... vai me roubar da minha orientadora? — Riu, sem acreditar naquele absurdo.

— O mundo acadêmico é uma selva, ela vai entender... — Tati riu também.

— Hm, eu teria... Eu teria que morar em Aarhus?

— Se quiser. A universidade onde trabalho dá muito apoio para os estudantes, falo por experiência própria. Mas podemos fazer à distância também. Imagino que você precise ajustar sua logística com a do Gustavo.

— É... E teríamos que fugir escondidos, porque nossas famílias iam querer nos matar.

— Quanto tempo tem até terminar o mestrado?

— Um ano ainda, estou na metade.

— Então tem tempo de sobra, não se preocupa com isso agora. Mas seria um prazer te ter lá. E quero mesmo participar da sua banca.

Emília conseguiu sorrir com a ideia. Trabalhar com Tati seria a realização de um sonho, morar um tempo fora. E com Gustavo então, seria como um conto de fadas.

Era uma realidade bonita de se imaginar.

— O prazer vai ser todo meu em te ter na minha banca, Tati.

O enjoo passou e ela respirou fundo, mais calma.

— Emília — Tati a chamou de novo. — Sei que pode ser desconfortável, mas gostaria que conversássemos sobre o que aconteceu agora há pouco.

— Hm, eu não sei se...

— Sei que é difícil, mas é importante também.

— Não sei se consigo conversar sobre isso...

— Farei perguntas bem objetivas, tudo bem? E se você se sentir mal, a gente para.

— Eu...

Refletiu por um momento. Se quisesse realizar aquele sonho que era trabalhar com Tati, Emília teria que voltar ao laboratório. Se quisesse continuar com a própria vida, com seus desejos e vontades, seguir ao lado das pessoas que amava, Emília teria que voltar ao laboratório. Tudo dependia disso.

Mesmo se sentindo culpada, ela teria que encarar Pedro, teria que enfrentá-lo.

— Tudo bem... — aceitou, sua voz um fio de som.

— Seu colega mencionou um tal de Pedro. Foi esse Pedro que te fez ficar nervosa?

— Foi.

— Ele fez alguma coisa com você?

— Fez... — Emília murmurou. A lembrança daquele dia lhe trouxe lágrimas aos olhos.

— Foi violento com você?

— Ele... Não foi tanta coisa assim, talvez eu tenha entendido errado.

— Pode me contar um pouco sobre o que aconteceu?

— Ele... ele me pediu pra conversar naquele dia, parecia irritado com alguma coisa. Saímos do laboratório e... Ele me puxou pelo braço até as escadas.

— O que mais?

— Aí ele começou a gritar comigo, me xingou... Acho que o pior foi ter me segurado pela camiseta e puxado meu cabelo. Mas não foi tão...

— Ele foi violento com você. Verbal e fisicamente.

— Mas foi por minha culpa, ele tava zangado comigo e...

— Estar zangado justifica uma agressão?

Não, ela pensou na resposta imediatamente. Em qualquer outro cenário, ela não teria dúvida alguma. Mas como era ela, a egoísta que brincava com a vida das pessoas, tudo era possível.

— Eu... Talvez eu tenha merecido — confessou.

— Quê?

— Ele estava zangado comigo porque achou que eu tava brincando com ele, porque odiou me ver namorando. E é isso que eu sempre faço, fico brincando com os outros com essa história de cupido, magoando todo mundo e... Ele machucou a Ayumi por minha causa.

— Você tentou juntar ele com essa Ayumi, foi isso?

— É, mas ele gostava de mim, ficou dizendo que eu era a mulher da vida dele. Foi uma das razões do meu namoro com o Gustavo ter começado, tive que mentir por causa da bagunça que criei.

Esfregou os olhos, sentindo-se idiota por querer chorar de novo.

— Eu arrastei o Gustavo nos meus problemas, a Ayumi, todo mundo. É minha culpa, então acho que mereci isso. Acho que mereci tudo que aconteceu comigo.

Tati permaneceu em silêncio por um instante.

— Ele gostava de você antes de você tentar juntá-lo com a Ayumi? — perguntou.

— Acho que sim... Minhas amigas viviam me dizendo isso.

— Então não acha provável que ele agisse da mesma forma mesmo se você não tivesse feito nada? Digamos que você tivesse começado a namorar qualquer outra pessoa que não fosse ele, não acha que ele surtaria do mesmo jeito, com ou sem a história de cupido?

— Ele... Não sei.

— E algo parecido já aconteceu antes? Leandro me contou sobre sua fama de Besourinha do Amor, você já juntou muitos casais. Algo tão drástico assim já tinha acontecido antes?

— Não, nunca. Mas pode ter sido pura sorte.

— E como junta esses casais? Me explica melhor.

— Eu... Eu vejo pessoas que combinam, converso com elas.

— Você dá conselhos e torce pelo melhor?

— É, acho que sim.

— Pelo que parece, você só age como uma boa amiga. Acha que uma boa amiga merece passar por tudo que você passou?

— Mas eu manipulo as pessoas, brinco com a vida delas...

— Só com conselhos? Já forçou alguém a ficar com outra pessoa?

— Não.

— Então...

Emília refletiu um pouco mais, absorveu aquelas palavras. Conselhos tinham tanto poder assim? Visto dessa forma, a ação de Emília era quase irrelevante no curso da

vida dos casais que juntava, porque cabia a eles ouvirem seus conselhos ou não.

Então por que tinha passado por isso tudo? Por que Pedro tinha feito aquilo com ela? Se Emília era só uma boa amiga, por que mereceria passar por isso? Por quê?

Sentiu as novas lágrimas surgirem. Mas elas queimavam agora, porque eram feitas de pura fúria, de asco, de indignação. Ela não tinha merecido passar por nada daquilo, nada.

Um soluço escapou de sua garganta, raivoso, forte, como se quisesse expelir algo. Outro e Emília mordeu o lábio com tanta força que sangrou. O terceiro e ela sentiu vontade de gritar. Mas não estava em crise, estava com *raiva.*

— Porra — gemeu, rugiu. — Caralho...!

— Respira e solta tudo, vai fazer bem — Tati aconselhou.

— Ele... Aquele babaca, aquele... Ele quase me tacou da escada, se a Ayumi não tivesse chegado, ele... Quero que ele pague, quero que ele pague, *quero que ele pague!*

— E ele vai pagar. Ele vai pagar por tudo que fez.

Ele ia, Emília tinha certeza, faria acontecer. A raiva a impelia a agir, era diferente do pânico.

A raiva seria seu combustível até que não sobrasse pedra sobre pedra.

—♥—♥—♥—♥—♥—♥—

Já era quase noite quando Emília foi se encontrar com Gustavo. Ela tinha passado o resto do tempo em uma conversa com sua orientadora, a professora Helena, junto com Tati, para contar tudo que havia acontecido. Helena não hesitou em ajudar, horrorizada com os relatos, entrou em contato com o departamento e abriu uma diligência, disse que não deixaria nada passar. No fim, Emília saiu de lá

pelo menos com a certeza de que não veria Pedro Takeda tão cedo.

Quando saíram do Instituto, ela fitou a vista do campus já iluminado, a Ponte Rio-Niterói toda iluminada pelos faróis dos carros e os postes de luz. O Rio de Janeiro continuava onde sempre esteve, o Pão de Açúcar, o Cristo iluminado no Corcovado. Era o cenário que amava, Emília estava enxergando de novo.

A brisa marítima agitou seus cabelos e ela deu um abraço para se despedir de Tati. As duas mantiveram as promessas de colaboração e sua nova amiga disse que mandaria um e-mail para o departamento formalizando seu desejo de ser sua coorientadora mesmo no mestrado, ela já estava ansiosa para começar. Emília já tinha um coorientador, era o professor Almeida da biologia marinha, mas Tati afirmou que não havia problema nenhum em ter dois coorientadores. E, se realmente tivesse, Tati convenceria Almeida a dar espaço para ela.

Afinal, ela era a Dra. Tatiana Siqueira, prodígio da UFF, celebridade da biologia marinha, rainha dos mares dinamarqueses. Qualquer um cederia seu lugar para ela, esse foi seu argumento.

Ela já estava em companhia do marido quando disse isso e Martim abraçou Emília também, despedindo-se, o sorriso fofo emoldurado pelas covinhas. Emília ficou assistindo-os ir embora até seu celular tocar com a chegada de uma mensagem de Lis.

Elis Duarte
Ah, bem
Como posso te dizer isso?
Estou na delegacia com o Dante
Não fica preocupada, não é nada demais
Eu acho né
Mas ele trouxe o Pedro do teu laboratório pra cá?
Não entendi nada, mas...

Ah, espera, ele disse que não trouxe o Pedro pra cá
Disse que seguiu ele até aqui, o menino veio correndo se entregar?
Tá com a cara toda fodida, parece que bateram nele
Será que o Dante ficou preocupado quando o viu? Nem sabia que se conheciam
Como ele é do teu lab, achei melhor te contar
Ah, o Dante disse pra eu parar de falar
Enfim, é isso
Como foi com a Tati? Me conta!

Emília arregalou os olhos, sem entender nada. Ia ligar para a amiga, mas ouviu a voz de Gustavo atrás dela. Virou-se imediatamente, encontrando-o saindo do Instituto. Por algum motivo, tinha mudado de roupa e estava com a mão enfaixada.

— O que aconteceu com você? — perguntou com a voz esganiçada.

— Soquei uma parede. — Gustavo só se limitou a dar de ombros.

— Quê?

— Perdi uns dados, fiquei irritado. Mas estou bem. A parede nem tanto.

Emília se lembrou de Lis falando que o rosto de Pedro estava todo machucado quando o encontrou na delegacia, depois se lembrou que Carlos dissera que o mestrando apareceria naquele dia.

As consequências das ações daquele infeliz já tinham chegado?

— Guto... — murmurou, preocupada. Segurou a mão enfaixada com cuidado, perguntando-se o que diabos ele tinha feito para ficar daquele jeito. — Você não...

— Não se preocupa — ele falou. Fez um carinho no rosto dela para acalmá-la. — Tudo vai se resolver, ok?

— Mas e se você acabar prejudicado? A Lis falou que...

Parou de falar. Engoliu em seco, envergonhada por ter passado por tudo aquilo, por ter arrastado Gustavo em todo aquele problema. Era o que Pedro merecia e ela sabia, mas era difícil desviar dos pensamentos catastróficos de uma vez só.

— Você sabe, né? — perguntou. — Sobre o que aconteceu…

Ele fez que sim com a cabeça.

— Eu… — Pensou em se explicar ou se justificar, mas as palavras lhe faltavam. Ainda era muito difícil falar sobre aquilo. — Eu não queria que você se machucasse…

— Está preocupada porque soquei uma parede?

— Não foi uma parede…

— Pra você agora vai ser, tudo bem? Não pensa mais nisso, confia em mim. Já passou.

Ela olhou de novo para a mão dele. Estava começando a inchar.

— Você… socou bastante essa parede.

— Várias vezes. Mas deixei ela inteira, na medida do possível, então não se preocupa.

Emília riu e Gustavo a analisou de cima a baixo, o olhar cauteloso de sempre.

— E você, tá bem? — perguntou, a voz carinhosa e gentil, transbordando afeto.

Emília fez que sim com a cabeça. Não estava tão bem assim, seu corpo ainda tremia. Mas aquele era o melhor que estivera desde a crise. Gustavo sorriu, aquele sorriso que era só seu, a comprovação de seu amor, de tudo que sentia.

Também não parecia tão bem, seus olhos estavam inchados, talvez tivesse chorado. A sensação que Emília tinha era que os dois tinham travado uma batalha muito longa, cheia de feridas que ainda precisavam cicatrizar.

Mas eles ficariam bem. Emília sentia isso.

Gustavo estendeu a mão boa para ela.

— Quer ir embora?

— Quero, tô bem cansada.

Segurou a mão dele. Entrelaçaram seus dedos e Emília se deu conta de uma coisa.

Ela tinha saído da piscina.



“O amor são quatro paredes
Com espelhos preenchidos por você
O amor são quatro paredes
Um labirinto misterioso”
Now Playing: 4 Walls
f(x)

05/10/2025
É dia de Chuseok!

— É, senhoras e senhores! — Emília falou ao microfone. Estava rodando no palco montado para o feriado na mansão, o *hanbok* rosa bonito deixando todos seus movimentos graciosos. — Acreditem se quiserem, mas a Besourinha do Amor voltou, pra alegria da nação!

Todos bateram palmas, muito animados com a presença dela. Aquela era sua primeira aparição na mansão das bisavós desde a crise, então ela quis que fosse em grande estilo. Por isso, ficou fazendo mistério no grupo da família, atormentando seus parentes enquanto fingia não ter certeza sobre participar do evento.

Ela nunca perderia um *Chuseok.* Era o melhor feriado de todos, ultrapassava até o Natal. Eram três dias de muita comida, festas e danças, a comunidade coreana do Rio de Janeiro inteirinha ali.

E ela adorava a atenção, tinha sentido muito a falta disso. Por isso estava dando o melhor de si no palco, ainda

que todos os giros que estava dando lhe deixassem um pouco enjoada.

— Para com isso, pelo amor de Deus. — Gustavo estava bem abaixo do palco, escondido perto das caixas de som, um pouco preocupado. — Você ainda não está totalmente bem, pode acabar caindo.

Emília deu uma risadinha ao microfone. Seu sorriso era tão diabólico que Gustavo fez uma careta.

— Senhoras e senhores, sabem de uma coisa? — perguntou para a plateia. — Acho que está faltando alguém aqui comigo no palco, não acham? Cadê os Choi dessa casa? Por que não fazem coro pro primeiro bisneto da família subir aqui comigo?

— *Gus-ta-vo, Gus-ta-vo!* — Danilo puxou o coro. Dividia uma mesa com Lis, Jana e Dante, então todos eles acabaram se juntando à implicância.

— Eu vou matar você — o dito primeiro bisneto sibilou para ela.

— Ameaças vazias, não caio em mais nenhuma delas — ela falou fora do microfone, agachando-se para se aproximar. — Nosso namoro dura até a meia-noite de hoje, então quero aproveitar meus últimos minutinhos com você.

— Argh… — Revirou os olhos. — Você fala como se a gente fosse terminar.

— Não era nosso prazo? — Emília o provocou. — Ah, pensando agora, a gente não falou se ia terminar no início ou no fim do *Chuseok.* Então, se for no fim, ainda temos dois dias.

— Dá pra parar? — Ele não gostava nem de brincar com a possibilidade de terminarem.

— Tá zangado comigo?

— Se continuar falando sobre términos, vou ficar.

— Hm…

Levantou-se de novo, a aura de raposinha astuta tomando conta de suas feições, aquela que tirava o sono dele.

— Sobe aqui, Gustavo Choi — Emília falou ao microfone mais uma vez. — Acho que a gente tem que esclarecer algumas coisas.

Todos bateram palmas e começaram a gritar mais, então Gustavo não teve outra escolha a não ser se juntar a ela lá em cima, já farto de todo aquele escândalo.

— Senhoras e senhores — Emília falou de novo. — Querem uma emoçãozinha pra começar bem o feriado?

Todos berraram a palavra “queremos”. Gustavo não sabia onde ela queria chegar, mas já imaginava que terminaria mortificado de vergonha por qualquer coisa que Emília fizesse.

— E se eu contasse… — Ela deu mais giros pelo palco, arregalando os olhos e abrindo as mãos como se estivesse se apresentando em uma peça de teatro. — Que meu namoro com o incrível, perfeito e maravilhoso primeiro bisneto da família Choi termina hoje?

A comoção foi intensa. Gustavo fez uma careta, amaldiçoando a vida inteira de Emília Park.

— A gente meio que combinou um prazo pra fazer dar certo, sabe? — ela continuou. — E o prazo ia até hoje, o *Chuseok!* E agora, como vai ser?

— Se terminarem eu vou chorar! — Danilo gritou.

— Eu também! — Jana fez coro.

— Eu mais ainda! — Lis acompanhou.

Em pouco tempo, todos estavam reclamando do possível término deles. Gustavo teve um vislumbre de seu pai em uma das mesas, junto com as bisavós, sua mãe e Lineu. Misook estava com os olhos um pouco arregalados por ter entendido o que a bisneta dissera, mas Eunbi ainda sorria, sem captar a informação. Lineu e Sofia estavam prestes a cair na gargalhada, sem acreditar que aquilo era mesmo verdade.

E Murilo Choi estava tentando matar Gustavo com um só olhar.

— Mas fiquem calmos! — Emília pediu. — Eu não quero terminar. Ai, tenho que confessar que sou perdidamente apaixonada por esse ranzinza aqui. Como pode? O sapo rabugento é o amor da minha vida!

— Eu juro que vou te matar… — ele resmungou.

— Então cabe a ele mesmo, o grande, incrível, formidável, genial, deslumbrante e muito bonito primeiro bisneto da família Choi decretar nosso destino!

Estendeu o microfone para ele. Os olhos dela brilhavam mais do que a noite estrelada e ela abriu o sorriso mais lindo do mundo, tão bonito que deixou seu coração acelerado.

— O que vai ser, Gustavo Choi? — perguntou. — Quer continuar namorando comigo?

Ele pegou o microfone, mas permaneceu calado. Seu olhar permanecia ininteligível e todos da plateia prenderam o ar. Por ser Gustavo ali, eles esperavam qualquer coisa.

— Não — ele disse. — Não quero continuar namorando com você.

Gustavo nem se importou com os gritos que começaram, ficou observando Emília esticar as sobrancelhas, surpresa com a resposta e sem ter o que dizer.

Ela finalmente tinha ficado quieta.

Colocou a mão no bolso da calça. Emília tentou identificar o que estava na mão dele, mas quase perdeu o ar quando o viu se ajoelhando bem diante de si.

Gustavo levou o microfone à boca, um sorrisinho imperceptível colorindo seu rosto.

— Quero que case comigo.

A gritaria tomou todo o espaço, uma bagunça, um alvoroço total. Mas Emília não estava escutando nada, sua atenção estava toda em Gustavo ajoelhado e aquela caixinha aberta na mão dele, a aliança dos Choi bem ali, em sua direção.

— Eu ia fazer isso hoje em um lugar mais privado. — Ele já não falava mais ao microfone. Estava bem irritado, ela conseguiu notar. — Mas você estragou todos os meus planos.

— Eu…

— Então se acha que tem alguma outra escolha a não ser aceitar, saiba que não tem. Não aceito não como resposta.

— Como é?

— Não aceito. E se reclamar, a gente casa amanhã.

— Gustavo!

Ele no fim deu uma risada, a falsa irritação se dissolvendo de seu rosto. Levantou-se do chão e estendeu a caixinha de novo para ela.

— Sei que é meio cedo, a gente acabou de começar, mas… — murmurou, a voz suave. — Tá sentindo?

— O quê?

— Minha linha do amor te puxando. A gente foi feito pra ficar junto, Emília Park.

Emília conseguiu rir, mas já estava tomada pelas lágrimas novamente, tudo que ela andava fazendo até então.

— Então… — Gustavo continuou. — Quer casar comigo?

— Quero… Quero muito, eu…

Não se aguentou. Correu para abraçá-lo, jogando-se nos braços dele, seu porto-seguro, sua fortaleza, seu tudo.

— Quer mesmo se casar comigo? — Chorou em seus braços. Ainda era difícil de acreditar.

Ele semicerrou os olhos, doce, e guardou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela, limpou suas lágrimas com paciência e carinho.

— É o que eu mais quero no mundo — disse.

— Sério?

— Sério.

— Quer mesmo *mesmo* se casar comigo? Do tipo ficar junto pra sempre?

Emília achou que ele em breve se zangaria por ela estar sendo tão repetitiva, mas ele só continuou sorrindo, como se caminhasse em um mundo de sonhos muito bonitos.

— De todos os jeitos que significam estar com você — ele falou.

Roubou um beijo dela. Não se importava mais com o que quer que pensassem dele ou de suas ações, seus passos. Todos tinham a mesma direção, todos tinham como destino final Emília Park. Então nada mais importava.

— De todas as formas, em todos os caminhos, em todas as linhas — sussurrou ainda colado nela. — *Sempre.*

GUTO E MIMI VOLTAM NO CONTO



EM BREVE NA AMAZON E NO KINDLE UNLIMITED!



OLHA, EU NÃO VOU MENTIR. Sempre falam que a gente não pode ter filho favorito, mas admito que, da série, Emília e Gustavo sempre foram meus favoritos, até quando eram só uma ideia. Nem falo tanto do Gustavo, ele é incrível, mas a Emília... Nossa, a Besourinha do Amor nasceu já causando na minha cabeça e eu juro que quase cogitei escrever a história dela antes de Amor em Fase de Testes, mas não dava. Mas a hora dela tinha finalmente chegado e eu pensei que ia ser molezinha, afinal, amo a história. Ledo engano, foi bem difícil. Confesso que a sensibilidade da Mimi mexeu com um troço dentro de mim e tive muitos problemas pra acertar o tom dela, pra deixar ela do jeito que eu queria e tratar todos os assuntos que eu queria de forma responsável e ao mesmo tempo leve, na medida do possível. No fim, fiquei muito satisfeita com o resultado e agora venho aqui humildemente agradecer à todas as pessoas que me ajudaram nessa jornada a jato de Sua Vez, Cupido!

Primeiro, vou agradecer às minhas assessoras. Começo pela Clarysse dessa vez, porque o título foi ideia toda dela! Eu fiquei enchendo o saco delas porque estava com problemas pra arranjar um título legal e no fim de horas e muito choro meu, ela veio com esse que englobou tudo de forma perfeita! Em seguida, agradeço à Ana Vitória e à Sabrina por terem se proposto a ler antes quando eu

estava com muitas dúvidas de como prosseguir com a história e com medo de esconder os sentimentos da Emília pra não ficar dramático demais. E, claro, obrigada por terem me assessorado em mais um lançamento e terem me aturado surtando por tudo e nem brigado comigo por ter esquecido de postar alguma coisa ou ter contado um spoiler que não devia no twitter. Vocês ainda são e sempre serão as melhores assessoras do mundo!

Segundo, quero agradecer às minhas leitoras críticas, Amanda e Maria Flávia, por terem ido ponto a ponto comigo pro livro ficar perfeito. Amanda é minha leitora crítica e sensível desde o primeiro livro e sempre me ajudou muito com a questões de saúde mental dos livros, mas Sua Vez, Cupido! exigiu muito de nós duas e eu só tenho a agradecer por você ter me aconselhado tanto. Agradeço muito à Maria Flávia também, que me ajudou correndo porque eu ainda estava muito insegura com esse livro e me ajudou a ajustar os pontos que ainda não estavam bons e me trouxe muita segurança pra lançar o livro.

Agradeço imensamente e infinitamente às minhas leitoras betas, Mari, Carol, e Emmy. Mari tá sempre comigo e topou ler o livro da Mi mesmo com o prazo curtíssimo ou comigo mandando capítulos de madrugada! Obrigada de novo por ter aceitado e por continuar sendo sempre certeira nos feedbacks. Como disse em AFT, você tem o feeling pra boas histórias! Agradeço à Carol também, por todos os surtos e reações e por ter conversado muito comigo pra ajustar a personalidade da Emília, além de ser a fã número um do Gustavo Surtado. E agradeço muito à Emmy por também ter me socorrido quando eu estava meio surtada com a história e precisava de mais feedbacks pra ter coragem de terminar. Obrigada pela disposição e por ter

gostado tanto da história! Em suma, agradeço muito a paciência e o amor que as três tiveram comigo.

Não posso deixar de agradecer à minha revisora, a outra Amanda. Ela recebe mensagens minhas no WhatsApp e já sabe que eu vou chegar com um livro enorme e um prazo minúsculo. Obrigada por sempre entrar nessas loucuras comigo!

Muito obrigada também ao meu grupo de parceiras de divulgação do livro, por terem amado a estética dele e terem se interessado a espalhar a palavra da Besourinha do Amor! E não posso deixar de agradecer também ao meu grupo de leitoras, o Raquelverso, que sempre conversam muito comigo e surtam com cada spoiler que eu solto, mesmo que eu não possa soltar muita coisa! Obrigada por me incentivarem a continuar escrevendo!

Agradeço muito à minha família. Eles têm sido essenciais nessa minha nova caminhada de autora e não sei se teria conseguido escrever os livros sem a ajuda deles! Obrigada pelo apoio e por não ficarem chateados comigo por eu não sair de casa desde o início do ano porque decidi ser escritora. Talvez a gente se veja no natal, ainda tenho mais livros pra lançar esse ano!

E, por último, agradeço a você, leitor, por ter dado uma chance pra melhor cupido da cidade e o rabugento cadelinha. Espero que tenha gostado e que eu te encontre no último livro da série.

É, o último livro da série, o da Jana! Como será que vai ser? Me matam se eu der spoiler, mas já digo que vai ser uma temporada de muitos encontros, com certeza!

É isso, obrigada e até mais!

Raquel Figueiredo

[1] Oppa ( ) significa “irmão mais velho”, honorífico usado por mulheres ao se dirigirem a seus próprios irmãos ou homens um pouco mais velhos que são próximos a elas.

[2] “Mas papai, eu amo ele!” Ela está citando a música *But Daddy I Love Him,* da Taylor Swift, do álbum *The Tortured Poets Department.*

[3] Comitê de Ética no Uso de Animais

[4] Os Princípios de Russell-Burch (1959) visam reduzir o número de animais usados em experimentos, substituir seu uso sempre que possível e aprimorar métodos para minimizar seu desconforto.

[5] Alfabeto coreano

[6] O Currículo Lattes é uma plataforma brasileira que documenta a trajetória acadêmica e profissional de cientistas, pesquisadores e estudantes, reunindo informações sobre sua formação, projetos de pesquisa, publicações e outras atividades acadêmicas.

[7] Adenosina Trifosfato: Molécula responsável pelo armazenamento e transferência de energia em células vivas.

[8] O besouro-do-amor, na verdade, é uma mosca conhecida como *Plecia nearctica.*

[9] Vestido tradicional coreano

[10] Embora o cérebro pare de crescer no início da adolescência, ele só termina de amadurecer entre os 20 e 25 anos, especialmente o córtex pré-frontal, responsável por planejamento e tomada de decisões.

[11] A cerimônia Gije ( ) é um ritual coreano tradicional para honrar ancestrais, realizada em aniversários de morte e ocasiões especiais.

[12] Citação da Série Bridgerton, segunda temporada. Original: *“You are the bane of my existence and the object of all my desires”*

[13] canja coreana

[14] *Glial fibrillary acidic protein*

[15] Doce dinamarquês composto por uma base crocante de biscoito, geralmente coberta com uma generosa camada de marshmallow e envolta em chocolate.